

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Programa de Pós-Graduação em Teologia

MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

**MISSIONÁRIAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS – CONJUGALIDADE, FÉ E
EXPERIÊNCIA ENQUANTO SOLTEIRAS EM CULTURAS AFRICANAS**

CURITIBA

2018

MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

**MISSIONÁRIAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS – CONJUGALIDADE, FÉ E
EXPERIÊNCIA ENQUANTO SOLTEIRAS EM CULTURAS AFRICANAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia na área de concentração Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Teologia.

Orientador:
Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes.

**CURITIBA
2018**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

August, Mariluce Emerim de Melo
A923m Missionárias evangélicas brasileiras : conjugalidade, fé e experiência
2018 enquanto solteiras em culturas africanas / Mariluce Emerim de Melo August.
– 2018.
208 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2018
Bibliografia: f. 194-201

1. Missionárias – África. 2. Mulheres – Vida religiosa. 3. Fenomenologia.
4. Fé. I. Fernandes, Márcio Luiz. I. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 266.0092



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
Escola de Educação e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Mestrado e Doutorado

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº. 12
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE
MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

Aos vinte e oito dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezoito, às oito horas e trinta minutos reuniu-se na sala 8 de pós-graduação - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Marcio Luiz Fernandes , Mary Rute Gomes Esperandio , Clélia Peretti , Adriano Furtado Holanda e Paulo Sergio Lopes Gonçalves, para examinar a tese da candidata Mariluce Emerim de Melo August, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Doutorado, no primeiro semestre de dois mil e quatorze. Linha de pesquisa: Teologia e Sociedade. A doutoranda apresentou a Tese intitulada: "MISSIONÁRIAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS – CONJUGALIDADE, FÉ E EXPERIÊNCIA ENQUANTO SOLTEIRAS EM CULTURAS AFRICANAS. " A Candidata fez uma exposição sumária da Tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa. A Candidata foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 11 h 30 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes Marcio Luiz Fernandes
Presidente/Orientador


Profa. Dra. Mary Rute Gomes Esperandio Mary Rute G. Esperandio
Convidada Interna

Profa. Dra. Clélia Peretti Clélia Peretti
Convidada Interna

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda Adriano Furtado
Convidado Externo

Prof. Dr. Paulo Sergio Lopes Gonçalves Paulo Sergio Lopes Gonçalves
Convidado Externo

Alex Vicentim Villas Boas
CIENTE
Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*
PRGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao Deus da Bíblia que certamente tem interesse pelo tema.

Aos meus pais que muito enriqueceram minha formação enquanto pessoa e para os quais tenho grande estima e consideração.

Ao meu marido Hartmut, incentivador incansável e companheiro de jornada a quem admiro pela inteligência criadora e fidelidade a Deus.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa taxa durante os quatro anos de estudo.

Ao professor Márcio Luiz Fernandes pela paciência no percurso dessa pesquisa e pelas valiosas contribuições.

Às professoras Clelia Peretti e Mary Rute Gomes Esperandio, bem como aos professores Adriano Furtado Holanda e Sérgio Lopes Gonçalves pelo tempo dispensado na leitura e avaliação, os quais enriqueceram o texto final.

E, principalmente, aos 45 colaboradores da pesquisa, 25 missionárias e 20 pessoas nativas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique pela prontidão com que se deixaram interrogar e pelas respostas sinceras e ricas narrativas do encontro com o campo missionário e das culturas africanas.

MISSIONÁRIAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS – CONJUGALIDADE, FÉ E EXPERIÊNCIA ENQUANTO SOLTEIRAS EM CULTURAS AFRICANAS

RESUMO

Algumas mulheres solteiras de igrejas evangélicas são motivadas e se percebem chamadas por Deus para trabalhos missionários transculturais. Essa pesquisa qualitativa/descritiva teve como objetivo compreender a experiência de missionárias brasileiras evangélicas, enquanto solteiras, atuantes na África, bem como o contexto cultural africano quanto ao valor da conjugalidade e da pessoa solteira. Procurou responder se a conjugalidade afeta sua vida de fé e seu ministério transcultural, tendo em vista a revisão de práticas missiológicas das igrejas. A fenomenologia foi a abordagem metodológica de análise das entrevistas semiestruturadas e gravadas com 25 missionárias evangélicas, atuantes por mais de 3 anos em Angola, Guiné-Bissau ou Moçambique, enquanto solteiras, e com 20 pessoas nativas desses três países. Evidenciou-se a desigualdade de gênero, no machismo legitimado pelo contexto africano resultando em invisibilização das mulheres. A pressão social ao casamento pune a solteirice e a infertilidade, visto que o valor “econômico e espiritual” da mulher está em sua fertilidade. A poligamia segue o pensamento: quanto mais esposas, mais filhos, mais bênção, mais riqueza. Porém, o evangelho, com ações missionárias, pode questionar práticas culturais que desvalorizam a vida. A mulher solteira estrangeira necessita de alguns anos para ganhar a confiança, ser respeitada e aceita. Solidão, saudade, vulnerabilidade por assédio frequente, carência afetiva e sentimentos de inferioridade pela pressão social ao casamento foram apontados como desvantagens. E como vantagens estão: liberdade de horário, autonomia, facilidade e rapidez para atender ao chamado, flexibilidade para viagens e envolvimento cultural mais profundo. Restrições ao envio missionário de pessoas solteiras se mostraram inconsistentes, pois, se comprovou ser possível em obediência ao chamado, mesmo com pouco estímulo e cuidado da liderança, pois, a missão é cristocêntrica e não eclesiocêntrica. As questões da conjugalidade em aberto requerem atitudes de enfrentamento, considerando que, para essas pessoas, o Reino de Deus é maior do que sua escolha pessoal. Os desafios são fontes de sofrimento, de aprendizagem, transcendência de si e oportunidade de crescimento espiritual, porém, podem configurar trauma, adoecimento e diminuição da potência vital. As reflexões sobre a própria convicção conduzem a respostas que vão ao encontro de seus projetos e chamado, onde Deus aparece como a fonte de tudo. Dessa forma, até mesmo a espera por um possível matrimônio entra no horizonte dos planos de Deus. Mesmo assim, as missionárias demandam cuidado, compreensão e acolhimento empático em suas tensões próprias e nas do encontro com o contexto. Por outro lado, mesmo com dificuldades e restrições, a fé, aliada ao cuidado nas atitudes para com a cultura local, constituem um eficaz modo de enfrentamento das tensões culturais e na conquista de espaços de anúncio do Evangelho. E serve de estímulo para as missionárias solteiras e suas igrejas. Futuros estudos sobre o cuidado integral da missionária solteira são necessários.

Palavras-chave: Missionárias solteiras evangélicas. Culturas africanas. Conjugalidade e fé. Fenomenologia.

WOMAN BRAZILIAN EVANGELICAL MISSIONARIES - CONJUGALITY, FAITH AND EXPERIENCE AS SINGLES IN AFRICAN CULTURES

ABSTRACT

Some single women of evangelical churches are motivated, and they perceive themselves called by God for cross-cultural missionary work. This qualitative descriptive research sought to understand the experience of evangelical Brazilian missionaries as single women in Africa, as well as the African cultural context in the value of conjugality and the single person. It sought to answer whether conjugality affects his life of faith and and their proclamation of the Gospel in Africa, with a view to reviewing the missiological practices of the churches. Phenomenology was the methodological approach of analysis of semi-structured and recorded interviews with 25 evangelical missionaries, who have worked or have been active for more than 3 years in Angola, Guinea Bissau and Mozambique, as singles, and with 20 native people from the three countries represented. Gender inequality was evidenced, in the authoritarian machismo legitimized by the African context that results in silence and invisibilization of women. The social pressure on marriage punishes singleness and infertility, since the "economic and spiritual" value of women lies in their fertility and agricultural profitability. Polygamy follows the thought: the more wives, more children, more blessing, more wealth. However, the gospel, through missionary actions, questions cultural practices that devalue life. The single woman needs a few years to gain trust, to be respected and accepted. Loneliness, longing, vulnerability for frequent harassment, affective deprivation and feelings of inferiority, for social pressure for marriage were pointed out as disadvantages. And as advantages are: freedom of time, autonomy, greater productivity, ease and speed to meet the call, flexibility for travel and deeper cultural involvement. Restrictions on the missionary sending of unmarried people have proved to be inconsistent since it has proved that it is possible to carry out the work in obedience to the call, even without assiduous accompaniment of the leadership with encouragement and care, because the mission is Christocentric and not ecclesiocentric. The open issues of conjugality require coping attitudes, considering that for these people, "the Kingdom of God is greater than their personal choice." Reflections on one's own conviction lead to answers that meet his calling, where God appears as the source of everything. In this way, even waiting for a possible marriage enters the horizon of God's plans. Even so, the missionaries demand care, understanding and empathic acceptance in their own tensions and in the encounter with the context. On the other hand, even with difficulties and restrictions, faith, coupled with care for attitudes towards local culture, is an effective way of coping with cultural tensions and achieving spaces for the proclamation of the Gospel through *missio dei*. And this serves as a stimulus for bachelor missionaries and their churches.

Keywords: Woman missionaries evangelical single. African cultures. Conjugality and faith. Phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Declarações relevantes da missinária Ms1 Angola.....	43
Figura 2 - Culturas africanas em Moçambique - Pessoas solteiras nativas	45
Figura 3 - Localização de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique na África.	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Busca por títulos de publicações científicas.....	19
Quadro 2 - Dados das missionárias entrevistadas.	38
Quadro 3 - Dados das pessoas nativas entrevistadas.	39

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
NVI	Nova Versão Internacional
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>

LISTA DE SIGLAS

<i>Apud</i>	Citado por
Coord.	Coordenador
ed.	Edição
Ed.	Editor
<i>et al</i>	Outros autores
f.	Número de folhas
<i>Idem ou Id.</i>	Mesmo autor, mesma obra e mesma página
<i>Ibidem ou Ibid.</i>	Mesmo autor e ano, porém páginas diferentes
Org.	Organizador
p.	Página
Trad.	Tradução
v.	Versículo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ITINERÁRIO DA PESQUISA E ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	18
1.1 AS PESQUISAS ENCONTRADAS NA ÁREA DO ESTUDO	18
1.2 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE ABORDAGEM	24
1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO	32
1.4 O CONTEXTO HISTÓRICO AFRICANO	46
2 HORIZONTES DA DESCRIÇÃO ESTRUTURAL DAS VIVÊNCIAS	52
2.1 “A PESSOA TEM QUE ESTAR CASADA, CUSTE O QUE CUSTAR”	52
2.2 “SE VOCÊ NÃO TEM FILHO, VOCÊ NÃO PRODUZ”	55
2.3 “NA NOSSA CULTURA, O SOLTEIRO NÃO É VALORIZADO”	57
2.4 “ACHAM O CÚMULO EU NÃO SER CASADA SE NÃO SOU DOENTE”	61
2.5 “EU QUERIA TANTO ESTAR CASADA”	69
2.6 “SE É DEUS FALANDO, EU NÃO TENHO COMO DIZER NÃO”	74
2.7 “ENVIEM EQUIPES AO INVÉS DE PESSOAS SOZINHAS”	80
3 A ESSÊNCIA DO MUNDO DA VIDA NA ÁFRICA	83
3.1 O CASAMENTO EM CULTURAS AFRICANAS	84
3.2 O VALOR DA PROcriação E O PAPEL DO HOMEM E DA MULHER	88
3.3 O TABU DA SOLTEIRICE EM CULTURAS AFRICANAS	98
3.4 RAZÕES HISTÓRICAS DA PRESSÃO AO CASAMENTO	107
3.5 AS QUESTÕES DE GÊNERO: HOMEM E MULHER	111
4 AS VIVÊNCIAS INTERSUBJETIVAS DAS MISSIONÁRIAS SOLTEIRAS ...	119
4.1 ACEITAÇÃO DE PESSOAS SOLTEIRAS ESTRANGEIRAS	119
4.2 A MENSAGEM DE PESSOAS SOLTEIRAS ESTRANGEIRAS	124
4.3 OS SENTIMENTOS E IMPRESSÕES DE PESSOAS SOLTEIRAS	128
4.4 AS DEMANDAS DE PESSOAS SOLTEIRAS	135
5 A ESSÊNCIA DO SIGNIFICADO DA CONJUGALIDADE E FÉ	139
5.1 A PRESSÃO DAS MISSIONÁRIAS AO CASAMENTO	139
5.2 A EXPECTATIVA POR CASAMENTO	144
5.3 AFETAMENTO E ENFRENTAMENTO DO DESEJO DE CASAMENTO	148
5.4 A MANIFESTAÇÃO DA POTÊNCIA DA FÉ EM MISSIONÁRIAS	152
5.5 A COMPLETUDE DA FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO	158
6 APLICAÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA A TEOLOGIA	163

6.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE O EVANGELHO E A CULTURA	164
6.2	POSSIBILIDADES DE MISSÕES TRANSFORMADORAS	172
6.3	O ENVIO MISSIONÁRIO DE PESSOAS SOLTEIRAS	176
6.4	O CUIDADO PASTORAL DE PESSOAS SOLTEIRAS	181
	CONCLUSÃO	189
	REFERÊNCIAS.....	194
	APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	202
	APÊNDICE B – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	203
	APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	205
	ANEXO 1 – SUBMISSÃO NA PLATAFORMA BRASIL.....	206
	ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	207

INTRODUÇÃO

No trabalho voluntário que envolve diversas comunidades eclesiais protestantes no sul do Brasil, com pessoas adultas sem cônjuge¹, meu marido e eu temos ouvido muitas histórias, presenciado necessidades e dificuldades de pessoas não casadas, em relação à conjugalidade. Percebemos também a falta de ferramentas de ajuda e cuidado mais específicos para essas pessoas. Nossas pesquisas de mestrado nesta área, que posteriormente se tornaram livros² apontando para necessidades despercebidas pela comunidade eclesial, tem nos conduzido e estimulado a produzir material acadêmico de compreensão e ajuda para esse público e suas igrejas.

O livro Dilemas do Estado Civil - compreendendo pessoas solteiras - aponta que, de acordo com o grupo pesquisado de comunidades protestantes, as pessoas solteiras percebem que a tratativa de pessoas casadas em relação às solteiras, sob a ótica do imperativo do casamento, tem gerado sentimentos de inferioridade e exclusão. Mas, argumenta que, “para muitas pessoas solteiras, o território do casamento é instável, permeado de contradições, questionável e necessita de “reformas” em sua idealização para que se garanta como investimento viável, vantajoso e afirmador da vida” (AUGUST M, 2013, p. 175).

Além disso, algumas obras serviram de inspiração para a escolha do tema de pesquisa sobre pessoas solteiras e culturas africanas. Os livros, “Amor além das fronteiras” (OLIVEIRA, 2014), “Missões e Culturas” (OLIVEIRA, 2008) e “Tropeços na ação missionária” (SILVA, 2011), apontam experiências de missionários e missionárias em seus desafios transculturais. Algumas obras elucidam a problemática do cuidado integral aos missionários e missionárias com pesquisas a nível global de prática de retenção missionária, ou seja, ações que facilitam a permanência de tais pessoas no campo de missões, como: “Cuidado integral do missionário” (O’DONNELL, 2004); “Dignos de cuidados” (TAYLOR, 2008); “Fábrica de Missionários. Nem leigos, nem santos” (AMORESE, 2008); “Missionários Feridos” (VAN DER MEER, 2009); “Valioso demais para que se perca” (TAYLOR, 1998).

¹ Ministério Jovens Adultos. Movimento cristão interdenominacional destinado a pessoas adultas sem cônjuge, com mais de 25 anos. www.jovensadultos.org.

² AUGUST, Hartmut. Potencial Invisível na Igreja. Curitiba: Esperança, 2013 e AUGUST, Mariluce E. M. Dilemas do Estado Civil – compreendendo pessoas solteiras. Curitiba: Esperança, 2013.

Outras obras também tratam do tema do cuidado integral mas, para grupos específicos: “Fragilidade e Força. Mulheres no ministério cristão” (LAMP, 2009) que discorre sobre o respaldo bíblico em relação à função da mulher nas práticas eclesiais; e, outra obra apresenta uma coletânea de artigos, em grande parte escritos por missionários e missionárias solteiros/as sobre seus desafios no campo de missões: “Solteiros, mas não solitários” (VAN DER MEER; MOREIRA, 2017).

O artigo denominado “Processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras de comunidades protestantes” (AUGUST; ESPERANDIO, 2011), publicado num evento da ANPTECRE³, também aborda essa temática. A pesquisa base deste artigo destaca o modo solteiro de ser que implica em mudanças na estrutura dos programas da igreja que contemplem a inclusão e credibilização dessas pessoas para trabalhos diversos, onde a preferência para casais foi constatada.

O desejo de casar continua em aberto para muitas pessoas solteiras que se encontram, normalmente, em celibato temporário como estilo de vida. Por outro lado, a “demora” na realização do sonho de casamento pode gerar tensões que podem afetar, até mesmo, sua vida de fé. Existe também, uma pressão oriunda da postura de algumas agências missionárias cuja preferência imposta, não na teoria, mas na prática, “estimula” o casamento como condição para atuar em campos missionários. Muitas formas de apoio aparecem no sentido de ajudar a pessoa a se resolver, “encontrar alguém” e não em compreender as reais e mais profundas motivações da pessoa solteira ao não casamento.

Segundo pesquisa de August (2015, p. 13), as frustrações de sonhos interrompidos na área da conjugalidade podem abalar a pessoa adulta solteira, inclusive em sua vida de fé, redundando em sofrimento. Porém, essa pessoa e sua fé poderão ser restauradas num trabalho de proximidade sem reservas, no trato pessoal por parte de irmãos e irmãs que corporificam o cuidado de Deus. “Se a fé se consoma em atitudes”, na colocação de August (2012, p. 93) sobre o texto bíblico⁴

³ AUGUST, Mariluce; ESPERANDIO, Mary Rute G. Processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras de comunidades protestantes In: III Congresso Nacional da ANPTECRE, 2011, São Paulo. III Simpósio Internacional de teologia e Ciências da Religião. São Paulo: Seth Design, 2011. p. 1–15.

⁴ Todas as passagens bíblicas deste trabalho, salvo indicação específica, foram extraídas da BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

de 1 Tessalonicenses 1. 2,3⁵, também a igreja deveria rever suas práticas de cuidado e aconselhamento espiritual em prol da pessoa solteira, pois, inúmeros textos bíblicos se apresentam como um testemunho da valorização da vida, independentemente do Estado Civil.

Considera-se o tema relevante para o desenvolvimento científico, cultural e social, pois diz respeito às iniciativas missionárias e ao atendimento às pessoas solteiras atuantes em países de outras culturas e com diversas necessidades em relação à sobrevivência física, emocional e espiritual. Este trabalho traz de novidade o conteúdo da pesquisa baseado em diálogo com diferentes saberes e vivências na área da conjugalidade e fé.

A abordagem metodológica adotada - a fenomenologia como forma de compreensão das culturas e religiões - tem sido utilizada com êxito em várias espécies de pesquisas de campo, incluindo a área da teologia. A leitura de fenômenos culturais e religiosos, nesse trabalho, é adotada dos escritos de Husserl (1859-1938), o precursor da fenomenologia, e na compreensão filosófica que Angela Ales Bello desenvolve dos escritos dele. A autora enfatiza que, em Husserl, o espírito realista da fenomenologia destaca a importância e a centralidade daquilo que “se manifesta”. E, a investigação é orientada pela “percepção do sentido” (ALES BELLO, 1998, p. 12). Foram considerados, também, os escritos do fenomenólogo da religião, o teólogo protestante Van Der Leeuw (1890-1950).

Qual é, por exemplo, o valor atribuído à conjugalidade numa cultura africana? Em que ela difere da cultura ocidental? Em que isso afeta o modo solteiro de ser? Estas são perguntas que requerem análise cuidadosa e são essenciais para a compreensão da questão da pessoa solteira em campos missionários multiculturais⁶.

Os dados para a compreensão fenomenológica da experiência de ser missionária solteira na África foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas, gravadas, com 25 missionárias brasileiras atuantes, enquanto solteiras, em três países africanos de língua portuguesa, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, e com

⁵ “Lembramos continuamente, diante de nosso Deus e Pai, o que vocês têm demonstrado: o trabalho que resulta da fé, o esforço motivado pelo amor e a perseverança proveniente da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo” (1TESSALONICENSES 1.2,3).

⁶ Os termos “multiculturais”, “transculturais” e “interculturais” englobam o convívio entre pessoas de culturas diferentes, como por exemplo, uma missionária brasileira que vive entre diversos grupos étnicos africanos, até num mesmo país, considerando que também no Brasil, são reconhecidas diferentes culturas como tribos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, ciganos, e descendentes de diversos imigrantes europeus e asiáticos.

20 pessoas nativas desses mesmos países. Algumas entrevistas foram realizadas à distância e outras presencialmente. O número aproximado da amostra de 5 a 25 pessoas que experimentaram o fenômeno é recomendado por Creswell (2014, p. 76) para uma análise fenomenológica com vistas à construção de teorias. No final do estudo, o/a pesquisador/a – distanciado do fenômeno - poderá sentir: “entendo melhor como é para alguém experimentar isso” (POLKINGHORNE, 1989, p. 46).

As entrevistas com pessoas nativas serviram para a compreensão fenomenológica do contexto africano, nos países de atuação das missionárias, investigando sobre as percepções sobre a conjugalidade e o sentido de ser pessoa solteira naquela cultura. O sentido que as questões culturais têm para nativos e nativas contribui para a discussão do tema proposto, considerando-se que tal contexto afeta as experiências das missionárias solteiras. Também serviram de dados para a análise fenomenológica, as anotações da observação participante da pesquisadora. Nesse sentido, as descrições da análise fenomenológica têm semelhanças com o procedimento etnográfico. A fenomenologia descreve a partir do sentido atribuído às experiências pela pessoa entrevistada. Já, a etnografia descreve a partir do estudo de um grupo cultural ou de indivíduos dentro do grupo, com base “primariamente em observações e um período prolongado de tempo passado pelo pesquisador no campo” e envolve “a coleta de uma ampla variedade de materiais da rotina dos indivíduos” (CRESWELL, 2014, p. 224, 85).

Para as missionárias foi perguntado sobre seu chamado missionário, sua experiência como solteira em país africano, sua conjugalidade e sobre a percepção de aceitação da mensagem transmitida por ela. As entrevistas com pessoas nativas visaram evidenciar sua percepção do sentido e valor do casamento e da pessoa solteira, atribuídos pela cultura onde as missionárias atuam. Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa, descritiva, de abordagem fenomenológica.

Creswell (2014, p. 72) diz que uma forma de conduzir um estudo fenomenológico é descrever o significado comum, para vários indivíduos, das suas experiências vividas a partir de um conceito ou um fenômeno. E essa forma foi adotada nesse estudo. Assim, buscou-se a compreensão do significado que tem em comum, para as mulheres brasileiras, a experiência de estar em missão na África, enquanto solteiras, e do que significam alguns valores culturais para pessoas nativas.

A análise dos dados foi realizada com o uso do programa de computador “ATLAS.ti”. As ilustrações produzidas pelo programa, a partir dos destaques feitos das transcrições, demonstram a seleção dos conteúdos relevantes para o tema de pesquisa. E permitiram sistematizar as descrições, para cada grupo, o de Angola, o de Guiné-Bissau, e o de Moçambique, do significado da experiência de ser ou conviver com pessoas solteiras de outras culturas e dos valores culturais.

Inicialmente, o projeto de pesquisa contemplava a participação, tanto de missionários como de missionárias. No entanto, dos três missionários solteiros contatados, apenas um aceitou a realização da entrevista. Assim, achou-se prudente priorizar, nesse estudo, a experiência missionária de mulheres solteiras.

A pesquisa está problematizada no questionamento se a fé e a mensagem de mulheres de confissões evangélicas⁷, enquanto solteiras, atuantes como missionárias em culturas africanas de língua portuguesa, poderão estar comprometidas, se não houver a compreensão da conjugalidade não resolvida. Como elas percebem o êxito em relação à sua atuação como solteiras em campo missionário? A hipótese é de que o desejo de se casar continua em aberto para as pessoas que não assumem o celibato definitivo como estilo e vocação de vida, gerando tensões que afetam sua vida de fé, sua mensagem e sua noção de êxito no trabalho de missões. E, em certos campos missionários transculturais, a diferenciação da conjugalidade é mais percebida e pode gerar pressões mais intensas. Presume-se que igrejas, agências missionárias⁸, e também as próprias pessoas enviadas, compreendem pouco as pessoas adultas solteiras e as dinâmicas de vivência de fé que as movem.

A pesquisa demonstrou que o desejo de se casar continua em aberto para as missionárias solteiras. E que as expressões da fé, destacadas das declarações das entrevistas, aliadas ao cuidado nas atitudes para com a cultura local constituíram um forte e eficaz modo de enfrentamento das tensões existentes comprovadas da cultura em relação à conjugalidade e atuação como missionária solteira em campo

⁷ Confissões evangélicas, aqui, são consideradas as Igrejas Batistas, Presbiterianas, Menonitas e Assembleias de Deus, bem como outras denominações evangélicas minoritárias, cujos nomes são omitidos para privacidade das pessoas entrevistadas.

⁸ Agências missionárias, nesse estudo, são consideradas organizações, brasileiras ou em parceria com outros países, criadas para se ocupar com treinamento e envio de missionários/as, bem como, planejamento, abertura e supervisão de campos missionários, em alguns casos, a nível global. Atualmente, existem também, organizações que se ocupam com ações para o cuidado integral de missionários e missionárias em campos transculturais.

africano. Portanto, a fé não foi fragilizada por causa das tensões e sim comprovada como um significativo modo de ajuda por conta dos desafios enfrentados nas mais diversas áreas. E, a compreensão fenomenológica dessas experiências serve de estímulo para as pessoas solteiras que desejam se envolver em missões multiculturais com todos os seus desafios.

Desta forma, pretendeu-se estabelecer um referencial teórico-prático a partir de levantamento em pesquisa de campo, sobre a intenção de casamento para missionárias brasileiras, atuantes em culturas africanas de língua portuguesa, enquanto solteiras, suas consequências para a vida de fé e as formas de enfrentamento adotadas. Pretendeu-se contribuir com iniciativas missionárias brasileiras na África, através de publicações, capacitações, treinamentos, cuidado pastoral e conscientização das lideranças das igrejas, agências e para as próprias missionárias.

Como objetivos específicos, pretendeu-se identificar formas de viver a fé em mulheres brasileiras, em campos missionários multiculturais, enquanto solteiras; Identificar eventuais intenções de conjugalidade não resolvidas, e enfrentamento nas tensões; verificar o significado comum a pessoas nativas sobre o casamento e a aceitação da pessoa solteira na cultura africana; compreender o significado comum da experiência das missionárias com o fenômeno/objeto de pesquisa.

A apresentação desse estudo estrutura-se em seis capítulos. O primeiro se refere ao itinerário da pesquisa, à abordagem teórico-metodológica e ao contexto histórico dos três países africanos representados no estudo. Inicia com um relato das pesquisas com temas semelhantes encontradas em periódicos e no banco de teses e dissertações da CAPES. Trata também da fenomenologia, cujos princípios nortearam a abordagem teórico-metodológica da pesquisa. As considerações sobre a aprovação do projeto de pesquisa no comitê de ética em pesquisa, bem como a pesquisa de campo com a narrativa do andamento do projeto e o percurso percorrido para o levantamento de dados e tratamento dos mesmos com seus temas e códigos, somado às informações sobre o contexto histórico africano complementam o primeiro capítulo.

O capítulo dois contém a descrição estrutural das vivências a partir da elaboração dos significados da experiência das pessoas entrevistadas em suas declarações relevantes. A descrição é elaborada colocando-se entre parênteses toda ideia pré-concebida a respeito dos temas tratados nas entrevistas. É a escuta

das experiências das pessoas a fim de captar a essência dos significados comuns a todos. Os capítulos 3, 4 e 5 contêm a descrição da essência da experiência a partir das descrições textual e estrutural das declarações relevantes das entrevistas. Nesta fase, o aprofundamento do significado das experiências se dá no diálogo com o referencial teórico e com as relações estabelecidas nas duas descrições anteriores, com exemplos literais. No capítulo 3 aparece a essência do mundo da vida africano. No capítulo 4 a essência é das vivências intersubjetivas das missionárias solteiras no encontro com o campo missionário, e no capítulo 5 é a essência do significado comum da conjugalidade e fé. Por fim, o sexto capítulo apresenta as aplicações e implicações para a teologia cristã. Reforça o propósito transformador do evangelho como potencializador da vida dentro De uma cultura e as considerações quanto ao envio de missionárias solteiras para países africanos.

1 ITINERÁRIO DA PESQUISA E ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A compreensão das vivências de mulheres evangélicas brasileiras e enviadas em missão enquanto solteiras, em um contexto africano e as suas respectivas intenções de casamento relacionadas às questões de fé e de interculturalidade⁹ constituem a temática desse estudo. Inicialmente foi feita uma busca de títulos de pesquisas já publicadas em artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, com temas semelhantes. O intuito foi de não duplicar esforços de pesquisa, valorizar as já existentes, bem como detectar possibilidades de referencial teórico para aprofundamento da compreensão da essência da experiência das missionárias.

Em segundo lugar foram apresentadas várias publicações a respeito da fenomenologia, a qual foi escolhida como abordagem metodológica para a análise dos dados de pesquisa, sobretudo publicações na esteira de Husserl. Em terceiro lugar detalha-se o itinerário da pesquisa de campo desde o seu planejamento até a execução das entrevistas com a síntese desses dados.

Por fim, uma pesquisa na internet contextualizou historicamente os locais de atuação das missionárias, sobretudo para compreender melhor as respostas, não apenas a partir das pessoas compreendidas em sua singularidade, mas também na compreensão tradicionalmente histórica. Nessa contextualização, para evidenciar a forma como os próprios africanos se percebem na história, buscou-se os dados preferencialmente em sites oficiais do governo de cada um dos três países africanos abordados, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

1.1 AS PESQUISAS ENCONTRADAS NA ÁREA DO ESTUDO

A revisão de literatura foi direcionada a detectar títulos de resultados de pesquisas publicados com os mesmos assuntos e detectar lacunas do conhecimento que necessitam de novos estudos. Dessa forma, Mendes, Silveira e Galvão *et al.* (2008, p. 759) orientam a utilização do método de revisão de literatura. O resultado

⁹ Interculturalidade, nesse trabalho, se refere ao encontro entre culturas diferentes, especialmente em campos missionários. Nessa linha utilizam-se, também, as expressões “transcultural” e “multicultural”.

se apropriou de uma busca pela internet, na biblioteca eletrônica de periódicos *Scientific Electronic Library Online – SciELO*. E também foram verificadas as teses e dissertações do Banco de dados da CAPES¹⁰. Essa busca foi realizada entre os meses de abril e junho de 2015. Os títulos disponíveis na CAPES são a partir de 2010. O critério de escolha foi por semelhança de temas com o da pesquisa pretendida, com termos de busca predeterminados, os quais se tornaram códigos compondo as categorias temáticas de análise.

A pesquisa à biblioteca eletrônica de periódicos *SciELO* e também ao banco de dados da CAPES utilizou os termos de busca representativos do tema desse estudo, os quais foram posteriormente agrupados em 4 categorias temáticas para apresentação do resultado da análise. Os códigos/ termos de busca das categorias 1 a 3, “Missão na África”, “Missionária solteira na África” e “Conjugalidade” foram pesquisados na área de ciências humanas. Os códigos/ termos de busca da categoria 4, “Fé”, foram selecionados na área da teologia, filosofia e sociologia, refinadas das ciências humanas pela necessidade de síntese devido ao grande volume de trabalhos encontrados, mas não condizente com o tema proposto. As categorias temáticas a partir dos termos de busca e o número de trabalhos encontrados estão ilustrados no quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Busca por títulos de publicações científicas.

Categorias temáticas: Termos de busca	Dissertações	Teses	Artigos	Total
1. Missão na África: missão na África/ outras culturas/ culturas africanas. (Ciências humanas)	32	14	11	57
2. Missionária solteira na África: Missionária solteira/ missionária na África. (Ciências humanas)	70	16	117	203
3. Conjugalidade: Conjugalidade e fé/ matrimônio/ casamento/ solteiro/ solteira/ pessoa sem cônjuge. (Ciências humanas)	273	89	340	702
4. Fé: Vida de fé/ fé. (Teologia, filosofia e sociologia)	115	27	129	271
Total	490	146	597	1233

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Foi encontrado um total de 1233 títulos publicados em forma de teses, dissertações e artigos científicos que foram selecionados para análise do título. Dos 597 títulos de artigos encontrados, 6 foram selecionados para análise do resumo. Da

¹⁰ Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em 9/4/2015.

mesma forma se destacaram 5 dissertações dos 490 títulos encontrados, bem como 3 teses de doutorado das 146 encontradas. Portanto, foram descartados 1219 títulos do total encontrado, por estarem relacionados a outras áreas de interesse, como por exemplo, dependência química e saúde, missões religiosas católicas e missões entre os indígenas. E, também, aumentaria a abrangência do tema, podendo comprometer o foco do estudo.

Com respeito ao tema 1, “Missão na África”, a análise dos títulos e/ou resumos dos 57 existentes com a entrada “outras culturas”, “culturas africanas” e “missão na África” conclui que nenhum se relaciona com a experiência de missionárias solteiras na África, sua conjugalidade e fé, exceto uma dissertação de mestrado de Fiorotti (2012). “Conhecer para converter ou algo mais? Leitura crítica das etnografias missionárias de Henri-alexandre Junod e Carlos Estermann” (FIOROTTI, 2012)¹¹ é o título da dissertação. As duas etnografias missionárias escolhidas por Fiorotti para esse estudo foram produzidas nas, até então, colônias portuguesas, os territórios de Angola e Moçambique. O autor conclui que estas etnografias, além de apresentarem a riqueza das formas de vida das sociedades nativas, sinalizam como se efetivaram as negociações entre estes missionários em suas práticas de missão e seus interlocutores nativos. E apresenta algumas características do contexto cultural africano, especialmente quanto ao papel do homem e da mulher na família e sociedade.

Sob o tema 2, “Missionária solteira na África”, foram analisados 203 títulos de trabalhos com os termos de busca “missionária solteira” e “missionária na África”. Uma tese de doutorado e duas dissertações de mestrado foram selecionadas para análise do resumo. Os demais títulos foram descartados por não encontrarem afinidade com o tema da missionária solteira evangélica ou por se referirem a outros campos missionários como entre os indígenas do Brasil ou América do Sul.

A tese “O simbolismo da individuação no castelo interior” (RUSTON, 2011)¹² optou pelo método simbólico da psicologia analítica como um recurso para o resgate da linguagem e do simbolismo da experiência religiosa e trabalhou com “o processo de individuação e da apropriação das histórias pessoais naqueles aspectos que

¹¹ FIOROTTI, Silas Andre. Disponível em: <<http://docs12.minhateca.com.br/297490149,BR,0,0,SILAS-ANDRE-FIOROTTI.pdf>>. Acesso em 9/4/2015.

¹² RUSTON, Yvone de Rezende. Disponível em: <[http://bancodeteses.capes.gov.br/Palavras-chave:Processo de individuação, self, ego, símbolo](http://bancodeteses.capes.gov.br/Palavras-chave:Processo%20de%20individua%C3%A7%C3%A3o,%20self,%20ego,%20s%C3%ADbolo)>. Acesso em 9/4/2015.

desafiam a compreensão racional”. A tese concluiu que “a imagem do matrimônio espiritual simboliza a união do indivíduo com Deus e reflete a integração do consciente e inconsciente”. E considera também, que “a união com Cristo revela uma fonte poderosa de analogias frente aos impasses da vida e pode nutrir o psiquismo humano com um simbolismo capaz de promover o processo de individuação” (RUSTON, 2011).

A dissertação “Vida consagrada na perspectiva do celibato, diaconia e vida comunitária como um desafio para as igrejas evangélicas” (BORNSCHEIN, 2011)¹³ realiza um estudo bíblico-teológico sobre o tema. Coloca o desafio de tornar a vida da pessoa solteira que se consagra a Deus, conhecida, reconhecida e praticada pelas igrejas evangélicas com sua componente mais controversa entre elas que é o celibato. Na segunda dissertação, “O papel da mulher no cristianismo primitivo: uma leitura do quarto evangelho” (SOUZA, 2012)¹⁴, a autora considera que o papel da mulher foi destacado através do movimento de Jesus com uma prática social e religiosa que contrariava as leis do sistema patriarcal. Conforme o evangelho de João, as mulheres desempenharam um papel de protagonistas, tanto no movimento como na organização das primeiras comunidades cristãs.

Dos resumos analisados sob o tema da missionária solteira na África, ficou evidente a existência de um significado de vida independentemente do casamento como comprova a tese de Ruston (2011) ao compreender os processos de individuação através da experiência religiosa. Nesse sentido, Bornschein (2011) expõe a posição bíblica que defende o dom do celibato desafiando igrejas evangélicas que não estimulam e nem apoiam as pessoas a se consagrarem como solteiras em sua tarefa religiosa. Já Souza (2012) aponta para o exemplo da prática social e religiosa de Jesus no sentido de apoiar a relevância do papel da mulher naquela sociedade patriarcal. Assim, pode-se compreender o anseio de mulheres africanas e até mesmo brasileiras de alcançarem maior espaço de atuação nas igrejas e em seus projetos missionários. Desse modo, ser mulher e ser solteira, segundo práticas de Jesus na Bíblia, não impede uma atuação mais relevante e ativa na sociedade e igreja.

¹³ BORNSCHEIN, Fred Roland. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1931>. Acesso em 9/4/2015.

¹⁴ SOUZA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista de. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?CodArquivo=443>. Acesso em 9/4/2015.

No que se refere ao tema 3, “Conjugalidade”, foram identificados 702 títulos com o tema da conjugalidade com os termos de busca utilizados (matrimônio, casamento, conjugalidade, conjugalidade e fé, solteira, solteiro, pessoa sem cônjuge). Desses títulos foram selecionados cinco artigos para análise, bem como duas dissertações e duas teses por aproximação de temas. Dois artigos com temas semelhantes se destacaram pelo enfoque em como os valores humanos se correlacionam com os atributos desejáveis de um/a parceiro/a ideal, como também na intenção de constituir família. Os artigos considerados são: “Determinantes psicológicos na intenção de constituir família” (MILFONT; GOUVEIA; COSTA, 2006)¹⁵ e “Correlatos valorativos de atributos desejáveis de um/a parceiro/a ideal” (GOUVEIA *et al.*, 2010)¹⁶.

Os outros três artigos também se assemelham com o tema da tese e apresentam potencial de contribuição no sentido de compreender as pessoas solteiras e sua conjugalidade. No artigo “Individualismo e intenção de constituir família” (BORGES; MAGALHÃES, 2013)¹⁷ o estudo indicou que as intensas mudanças socioculturais contemporâneas levaram ao aprofundamento do individualismo nas relações e, conseqüentemente, à alteração nas formas de engajamento dos indivíduos na construção de suas trajetórias de vida. O artigo “Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas” (ABOIM, 2009)¹⁸ apresenta um debate sobre a sentimentalização da conjugalidade e a crescente complexidade promovida pelos processos de individualização. O artigo “Em busca da cara metade: motivações para a escolha do cônjuge” (SILVA; MENEZES; LOPES, 2010)¹⁹ apresenta uma pesquisa empírica na qual constatou-se, tanto a presença de motivações transgeracionais baseadas nos

¹⁵ MILFONT, Taciano L.; GOUVEIA, Valdiney V.; COSTA, Joselí B. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000100005>. Acesso em 3/5/2015.

¹⁶ GOUVEIA, Valdiney Veloso *et al.* Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000100020&lang=pt>. Acesso em 1/5/2015.

¹⁷ BORGES, Carolina de Campos; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000200004&lang=pt>. Acesso em: 3/5/2015.

¹⁸ ABOIM, Sofia. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3/5/2015.

¹⁹ SILVA, Isabela Machado da; MENEZES, Clarissa Corrêa; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24/4/2015.

modelos conjugais parentais, como uma maior busca no outro, por similaridades do que por complementaridades.

“Processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras de comunidades protestantes” (AUGUST, 2012)²⁰ é a primeira dissertação apontada. A pesquisa evidenciou um modo solteiro/a de ser, com necessidades específicas de pastoreio na igreja evangélica protestante que muitas vezes não o considera em sua dinâmica de funcionamento. Já a segunda dissertação é sobre a prática do dote intitulada: “Lobolo(s) no Moçambique contemporâneo: mudança social, espíritos e experiências de união conjugal na cidade de Maputo” (TAIBO, 2010)²¹. Trata das mudanças do ritual do Lobolo no Moçambique contemporâneo. “Os dados etnográficos neste trabalho oferecem oportunidades para falar mais em Lobolos do que no Lobolo, o que resulta das variações que caracterizam o ritual” (TAIBO, 2010).

A tese “Permanências e mudanças: individualismo, trajetórias de vida e família” (BORGES, 2011)²² buscou analisar a transformação dos projetos de vida dos indivíduos nas últimas décadas, atentando especialmente para o lugar que constituir uma família ocupa em seus planos. Já a tese “A solteirice em Salvador: desvelando práticas e sentidos entre adultos/as de classes médias” (ANDRADE, 2012)²³ parte de discussões interdisciplinares “sobre as mudanças na vida pessoal, nas relações de gênero, nos relacionamentos e nos estilos de vida em contexto urbano, que colaboram para pensar os novos sentidos e práticas em torno da ‘solteirice’”.

Enfim, os resumos analisados demonstram a existência de restrições para a escolha de cônjuge que podem estar na gênese da conjugalidade em aberto, em relação às missionárias solteiras, bem como o individualismo, trajetórias de vida e busca de novos sentidos. Considerar esses novos sentidos pode contribuir para a

²⁰ AUGUST, Mariluce Emerim de Melo. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?cod_Arquivo=2134>. Acesso em 9/4/2015.

²¹ TAIBO, Ruben Miguel Mario. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/28420>>. Acesso em 9/4/2015.

²² BORGES, Carolina de Campos. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Perman%C3%A2ncias+e+mudan%C3%A7as:+individualismo,+trajet%C3%B3rias+de+vida+e+fam%C3%ADlia&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&dcr=0&ei=jdJbWtGfEla9wATxjbDQAw>. Acesso em 9/4/2015.

²³ ANDRADE, Darlane Silva Vieira. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14307/1/Tese%20Darlane%20Andrade_A%0solteirice%20em%20Salvador.pdf>. Acesso em 9/4/2015.

compreensão de mulheres solteiras em campos missionários. Também foi evidenciado um modo solteiro de ser em igrejas evangélicas cujo casamento se configura em planos mais distantes e até secundários na vida de muitas pessoas. Ademais, a literatura antropológica sobre casamento, utilizada na pesquisa que Taibo (2010) realiza com relação a prática do dote, ou Lobolo como se diz em Moçambique, tem potencial para aprofundar as análises fenomenológicas das entrevistas com pessoas nativas a respeito das pessoas solteiras e casamento em culturas africanas.

Com relação ao tema 4, “Fé”, dos 271 títulos selecionados para análise destacou-se o artigo “Fé e ideologia na compreensão psicológica da pessoa” (AMATUZZI, 2003)²⁴ que apresenta um estudo teórico que visa discutir fé e ideologia como dimensões psicológicas da pessoa influenciando sua ação.

Portanto, as poucas pesquisas constatadas por essa revisão bibliográfica apontaram algumas preocupações com as questões da solteirice, da consideração e cuidado para com as pessoas solteiras, da consagração de mulheres solteiras em comunidades evangélicas, e do papel da mulher na igreja e em outras culturas. Porém, o tema da missionária solteira e suas questões de conjugalidade e fé no encontro com culturas africanas praticamente não é abordado nas pesquisas existentes encontradas. Dessa forma, é desejável uma pesquisa mais ampla com a temática da missionária solteira na cultura africana e suas questões de conjugalidade e fé no encontro com outras culturas como propõe a temática dessa pesquisa.

1.2 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE ABORDAGEM

As missionárias do Brasil, atuantes em países africanos, enquanto solteiras, possuem experiências ou vivências em comum. Pretende-se compreender melhor o significado das experiências dessas pessoas através da análise de suas próprias percepções, bem como com a análise das percepções de pessoas nativas. Para

²⁴ AMATUZZI, Mauro Martins. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23/4/2015.

esse tipo de investigação, a fenomenologia de Husserl (1859-1938) se apresenta como abordagem adequada.

Creswell (2014, p. 72) concorda que a fenomenologia tem um forte componente filosófico em si, o qual deve ser considerado. Ele se baseia nos escritos do já citado, “matemático alemão Edmund Husserl (1859-1938) e dos que ampliaram sua visão, como Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty”. Em uma pesquisa, no entender de Creswell (2014, p. 75), os pressupostos filosóficos amplos da fenomenologia devem ser reconhecidos e especificados. “Uma fenomenologia fornece uma compreensão profunda de um fenômeno como ele é experimentado por vários indivíduos”, esclarece o autor, e, “conhecer algumas experiências comuns pode ser valioso para grupos como terapeutas, professores/as, profissionais da saúde e políticos” (*Ibid.*, p. 76).

Husserl parte dos atos conscientes, da intencionalidade dos diversos sujeitos, em determinada vivência, para chegar à essência da experiência, ou seja, aquilo que é igual para todos. E, a estrutura dos atos entendidos como vivências, ele chama de estrutura transcendental (ALES BELLO, 2004, p. 50). Em “Investigações lógicas”, Husserl (1975, p. 106) faz o seguinte questionamento: “será que a todas as partes e formas da significação correspondem, também, partes e formas da percepção?”.

A simples percepção, sem o auxílio de outros atos sobre ela edificados, faz aparecer aqui o objeto, aquele que é visado pela intenção de significação, e tal com ele é visado. Por isso, a intenção de significação encontra, na simples percepção, o ato no qual ela se preenche de maneira completamente adequada (HUSSERL, 1975, p. 106).

Todavia, o autor (1975, p. 107) alerta que há casos em que a significação não reside na percepção, ou seja, o que se percebe não transmite o seu significado. Husserl, de acordo com AmatuZZi, se propôs a esclarecer a principal tarefa do caminho fenomenológico para o pensamento humano: o alcance do conhecimento, como são os atos da consciência e como se apresenta o mundo.

Mas, depois, no interior do movimento fenomenológico, vários outros aspectos ou setores da experiência foram sendo abordados. Heidegger (1995) voltou-se para o esclarecimento do ser e da existência; Scheler (1994) abordou os valores; Merleau-Ponty (1942/1972), o comportamento humano; Jaspers (1913/1979) inovou a visão da psicopatologia; Bubber (1977), embora não fizesse parte do grupo original, descreveu fenomenologicamente o encontro humano (AMATUZZI, 2009, p. 96).

Com respeito ao método fenomenológico, Ales Bello destaca sua capacidade de remontar até às origens dos fenômenos e, portanto, “evidenciar as fontes que os produziram”, para além de só descrevê-los na sua manifestação exterior. Husserl, segundo a autora, de modo genial descobriu a origem das várias maneiras de pensar o mundo nas formas em que se configuram interiormente as vivências. Trata-se das experiências da vida ou do mundo da vida, ou seja, do mundo das culturas. A investigação é orientada pela percepção do “sentido” da experiência para a pessoa, e destaca a centralidade daquilo que “se manifesta” (ALES BELLO, 1998, p. 12).

O teólogo e filósofo africano Martin NKafu Nkemnkia considera o mundo da vida como o mais apropriado para o sistema cosmológico, pois, a vida como tal refuta, em geral, qualquer teorização. A noção da força vital é o domínio da vida, o “meio no qual a vitalidade é exercida e exprimida. [...] Nós podemos refletir sobre a vida ou tentar interpretar o mundo da vida elaborando intelectualmente uma teoria sobre o fato da vida”, complementa o autor. Nesse sentido, o africano sustenta que, uma vez nascido, vive-se para sempre, e, “como a vida não se afasta mais do indivíduo, o indivíduo ou a pessoa humana existe no futuro, cada um se encontrando na semente da sua espécie e no espírito de seu criador” (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 157,158).

A fenomenologia desafia a buscar elementos de ajuda na leitura de compreensão das expressões culturais/ religiosas em questões a serem investigadas, como o enfrentamento da conjugalidade em culturas diferentes e suas implicações para as pessoas solteiras em missões na África. Uma ferramenta útil no processo dessa busca, como indica Ales Bello (1998, p. 18), é a arqueologia fenomenológica, a qual Husserl define como a indagação regressiva, envolvendo processos que pretendem determinar o sentido de qualquer coisa. A analogia estabelecida com a escavação do arqueólogo se deve ao trabalho de busca, que “tenta descobrir e reconstruir o caminho através do qual o material ficou sedimentado” (ALES BELLO, 1998, p. 18).

O itinerário regressivo, segundo Ales Bello (1998, p. 19,20), é constituído pela redução do mundo e da natureza à nossa experiência de mundo e da natureza. Husserl, em outros contextos, chama de “esfera da consciência” para onde é remetida essa regressão. Trata-se de evidenciar o significado do que se percebe e submeter à análise crítica. É a “redução eidética, ou redução à essência”. Segundo

Ales Bello, cabe à capacidade cognitiva do ser humano identificar o momento essencial daquilo que se lhe apresenta.

Husserl, em *Investigações lógicas*, esclarece:

Dizemos que dois atos intuitivos possuem a mesma essência quando as suas intuições puras tem a mesma matéria. Assim, uma percepção tem a mesma essência que uma série possivelmente ilimitada de representações na fantasia que representam cada uma delas o mesmo objeto com a mesma extensão de recheio. Todas as intuições objetivamente completas de uma mesma matéria tem a mesma essência (HUSSERL, 1975, p. 84).

De acordo com Ales Bello (1998, p. 25), os fenomenólogos afirmam que a descrição essencial da proposta de Husserl, daquilo que é consciente, “propicia uma base teórica para a demonstração de estruturas – representadas em primeiro lugar pelas experiências vivenciais – que são características do ser humano.” De Husserl, o termo usado do original em alemão, *Erlebnis*, foi traduzido como “experiência vivencial” ou “o que se vive”. Essa experiência é representada por atos da consciência, da interioridade do ser humano, desde a percepção até a recordação, a imaginação, o pensamento e assim por diante. “Com base nas peculiaridades desses atos é possível identificar três dimensões do ser humano: a dimensão corpórea, a psíquica e a espiritual” (ALES BELLO, 1998, p. 25).

Desse modo, as experiências conscientes, quando investigadas, interpretam a realidade que pode ser comparada ao mesmo tipo de experiência em outra cultura, como no caso da conjugalidade e a pressão gerada para o casamento em pessoas solteiras, com tudo o que isso implica.

Ales Bello (1998, p. 36) fala da dupla direção da descrição fenomenológica: uma para o interior do sujeito analisando as experiências vivenciais e a vida da consciência, e a outra que passa pela investigação da intersubjetividade levando à análise das concepções de mundo. O mundo no qual as pessoas vivem, Husserl chamou de *Umwelt*, em alemão, que foi traduzido como “mundo circunstante” (sic) [circundante] da obra em italiano de Ales Bello. E, o que é o mundo para as pessoas ele chama de *Lebenswelt*, o mundo da vida. O seu conceito cultural conecta-se com a vida humana na sua totalidade, tanto individual como também comunitária, em cujo interior se desenvolve o que é individual. A expressão “mundo da vida” é usada por Husserl, de modo particular, “desde a década de 30, mas é preparada por todas as pesquisas realizadas por ele em torno da questão da intersubjetividade” (ALES

BELLO, 1998, p. 38). A autora interpreta o mundo da vida a partir do manuscrito AV14 de Husserl, “O mundo da vida de uma humanidade fechada em si própria”:

A vida natural é a vida de cada eu e, portanto, de todos nós; ela é o terreno a partir do qual expressamos os nossos juízos e construímos as nossas crenças; ela é a vida ligada a uma normalidade “estável”, e por “normal” deve-se entender aquilo que é aceito pelos indivíduos pertencentes a um determinado grupo. O termo “natural”, portanto, pode apontar o que é cotidiano, normal, e tradicional. Com efeito, ter experiências do ponto de vista da vida natural, significa “receber”; nela, todos os interesses teóricos, os interesses de verdades, estão ligados à simples experiência, aos hábitos presentes no âmbito do horizonte do mundo da vida. Por conseguinte, o mundo da vida natural é o mundo da tradição, é o que caracteriza a unidade de um povo, cujos membros têm em comum um conjunto de objetos iguais para todos (ALES BELLO, 1998, p. 46).

D’Onofrio (2000, p. 85) percebe a fenomenologia dos princípios da escola fenomenológica de Husserl, como “um modo de ver” e, ao mesmo tempo, um método. “O método consiste no modo de ver e este modo de ver constitui o método”. A pessoa de formação fenomenológica aproxima-se do texto literário, por exemplo, “com mente pura, afastando de si as influências de qualquer tradição cultural, de qualquer autoridade crítica, de qualquer pressuposição lógica sobre a constituição do objeto artístico, de qualquer modelo de análise preestabelecido”, complementa o autor. É a forma de colocar entre parênteses todas as ideias pré-concebidas a respeito daquilo que se quer compreender.

Nesse sentido, no método fenomenológico se coloca entre parênteses, se faz a redução, “de todos os pré-conceitos e dos conhecimentos já sedimentados e até mesmo da própria existência das coisas, para pôr em evidência, na sua essencialidade, a dimensão da consciência” (ALES BELLO, 1998, p. 45).

Na necessidade de se compreender a mentalidade de outra cultura, por exemplo, especialmente uma etnia africana, Lévy-Bruhl (1857-1939) defendeu essa ideia de um esforço necessário no sentido de se dedicar à análise sem ideia pré-concebida e de se colocar de sobreaviso contra os próprios hábitos mentais:

e tratemos de descobrir os dos primitivos [étnicos] por meio da análise de suas representações coletivas e das ligações entre essas representações. [...] Deixando de relacioná-la com um tipo que não é o dela, procurando determinar seu mecanismo unicamente segundo suas próprias manifestações, podemos esperar não desnaturá-la em nossa própria descrição e em nossa análise (LÉVY-BRUHL, 2008, p. 21).

Severino (2007, p. 115) lembra que a fenomenologia, nascida principalmente na obra de Husserl, vai referir-se a uma experiência primeira do conhecimento, que é a experiência eidética, “o momento da intuição originária, em que sujeito e objeto são puros polos – noético/noemáticos – da relação, não sendo ainda nenhuma coisa ou entidade. É atividade fundante de tudo que vem depois.” E, graças à intencionalidade da consciência, “podemos ter uma intuição eidética, apreendendo as coisas em sua condição original de fenômenos puros, tais como aparecem e se revelam originariamente, suspensas todas as demais interveniências que ocorrem na relação sujeito/objeto”. E, nesse caso, “o fenômeno se manifesta em sua originariedade quando a relação sujeito/objeto se “reduz” à relação bipolar noese/noema, polo noético/polo noemático” (SEVERINO, 2007, p. 115).

Ademais, manuscritos de Husserl demonstram seu interesse pela análise comparativa das várias culturas e por uma compreensão mais profunda das diferenças entre elas (ALES BELLO, 1998, p. 45). O que Husserl deseja é que se possa comparar os diversos mundos e levar a termo uma crítica mediante a qual se chegue a uma verdade válida universalmente, de modo a conduzir à unidade aquilo que é múltiplo, à união de um mundo humano com muitos mundos familiares, dos quais se constitui o mundo verdadeiro. Obtém-se aí, um duplo resultado: o de compreender aquilo que é estranho e o de esclarecer cada vez mais as estruturas do mundo da experiência.

A análise de culturas mais antigas²⁵ é útil para compreender a própria cultura ocidental, “diferente”, mas de alguma maneira ainda ligada a ela através da presença de experiências vivenciais as quais perderam sua significação originária. No entanto, ao adotar o método fenomenológico para a reconstrução da concepção mais antiga do mundo, pode-se “trazer novamente à luz” a tal significação (ALES BELLO, 1998, p. 92). Portanto, a abordagem fenomenológica enfatiza sua atenção na dimensão das vivências constituintes do mundo da vida e permite o exame das experiências e, desta forma, é válido como instrumento para os trabalhos na linha da compreensão cultural.

Segundo Ales Bello (1998, p. 123), em culturas antigas, “toda ação da vida cotidiana está ligada à sacralidade”, assim como os ritos são requeridos em

²⁵ O termo “culturas mais antigas” é utilizado neste trabalho em substituição ao termo “mundo primitivo” utilizado por Husserl, segundo Ales Bello (2004, p. 232), o qual ela, para evitar um sentido pejorativo, usa hoje “arcaico”, se referindo a culturas africanas.

qualquer empreendimento a se realizar. Para descobrir o que dá suporte a esse tipo de mentalidade, e justificá-la, é necessário “remontar às experiências vivenciais que estão na base daquela cosmovisão”, ou em termos fenomenológicos, “é preciso descobrir aquelas configurações particulares do mundo da vida e estudar a sua estrutura”.

É importante ainda, levar em conta a religiosidade e fé para o estudo proposto de missionárias solteiras em outras culturas. Muitas dessas pessoas têm sonhos de casamento ainda latentes e atribuem a Deus, em sua forma de vivenciar a fé, esses sonhos. E como a fé em outras culturas influencia o modo de vida das pessoas na África em relação à conjugalidade? Como se evidenciam? Deve-se ainda levar em consideração que a importância dada ao casamento é uma prática natural da humanidade. Isso pode explicar porque parece tão “anormal” alguém não se casar.

Um fator importante a se considerar sobre as culturas africanas é a valorização da tradição, pois, como diz Ales Bello, “na experiência religiosa africana é evidente a falta de elaboração reflexa que se possa chamar de filosófica, por causa da forte presença da tradição.” Mas, uma caminhada exaustiva em busca da identidade “está sendo feita por estudos ocidentais, sobretudo por missionários/as, sobre costumes, língua e religião da África e pelos próprios africanos sobre suas expressões próprias” (ALES BELLO, 1998, p. 155).

Caso a pessoa solteira receba um tratamento diferenciado em culturas africanas, quem ou o que será a pessoa solteira estrangeira presente nesses campos missionários? Qual é o valor de sua voz? Quais são as possibilidades de aceitação da pessoa e da sua mensagem? Desta forma, cumpre investigar essa forma de afetamento em campo missionário.

Além disso, segundo Ales Bello (1998, p. 171), “o ponto de vista fenomenológico é importante e preliminar, e dele pode surgir uma abertura a respeito de outras culturas.” É possível também uma tomada de posição avaliativa. Ademais, a arqueologia fenomenológica, de acordo com a autora, responde fenomenologicamente a questão das formas de comportamento do ser humano em suas expressões culturais e estuda, tanto a sobrevivência física, como o destino. A fenomenologia tem condições de compreender diferenças entre culturas, principalmente no aspecto social e religioso, de onde surgem as questões a serem respondidas no âmbito da conjugalidade. Como é, por exemplo, a experiência de ser solteira e missionária em contexto africano? Existe algum tipo de pressão para as

peessoas solteiras locais, bem como, para as estrangeiras? Com a fenomenologia, interpretada dos escritos de Husserl, é possível compreender o afetamento em pessoas solteiras, na condição de celibato temporário, em campos missionários multiculturais²⁶.

Segundo AmatuZZi (2009, p. 94), numa abordagem qualitativa, o desenvolvimento “dá-se por aprofundamento e atualização da compreensão e, ao mesmo tempo, pela tentativa de criar uma linguagem comum no consenso de um grupo”. Nesse caso, justifica-se a conveniência de tornar novamente presentes, ou, melhor dizendo, atualizar os significados da experiência atribuídos por esses grupos. O autor defende a ideia de que “fenomenologia é, em primeiro lugar, um modo de se fazer filosofia”. E que, “seguindo o modo fenomenológico de pensar, o lugar em que se chega é próprio; tem a coloração do caminho percorrido”. AmatuZZi, aprofundando, acredita ser possível expressar, assim, a intuição de Husserl: se o ser humano “pudesse considerar sua experiência, com tudo que nela está implicado, abstendo-se do julgamento espontâneo da realidade que ela encerra, ele poderia chegar a conclusões seguras acerca do conhecimento e seu alcance”. E, segundo AmatuZZi, por esse caminho, “seria possível afirmar coisas sobre os atos da consciência, e isso mesmo seria um acesso à verdade que desacreditaria o ceticismo generalizado e daria uma base sólida para as discussões” (AMATUZZI, 2009, p. 94).

Ales Bello (1998, p. 24) considera que a descrição fenomenológica se distingue em três pontos: O primeiro é por ser um procedimento filosófico, o qual não pode configurar-se num sentido indutivo, nem dedutivo, mas se funda na capacidade intuitiva do ser humano ao teorizá-la pela reflexão. O segundo ponto é não se tratar de uma descrição, enumeração ou catalogação, mas, uma captação do significado das coisas. E, o terceiro ponto é não ser uma interpretação, e sim, uma arqueologia visando uma reconstrução. É um desconstruir para compreender o construído. Creswell (2014, p. 72) define um estudo fenomenológico como aquele que descreve o significado comum para vários indivíduos das suas experiências vividas de um

²⁶ Por campo multicultural entende-se aqui como um local onde se convivem várias culturas diferentes. Em países africanos, por exemplo, num mesmo país convivem dezenas de etnias com seus costumes próprios, e, além disso, existem ali estrangeiros e estrangeiras ocidentais de várias tradições culturais e religiosas, além das tradições islâmicas que também fazem missão em territórios africanos.

conceito ou um fenômeno. “O propósito básico da fenomenologia é reduzir as experiências individuais com um fenômeno a uma descrição da essência universal.”

Amatuzzi (2009) sugere alguns passos para o desenvolvimento de uma abordagem fenomenológica com entrevistas em psicologia, porquanto serem passíveis de utilizar em outras áreas das ciências humanas. O primeiro passo é delimitar o objeto e o tipo de olhar pretendido. O segundo é o encontro concreto com o fenômeno, “ir a campo: imersão e convívio”. No terceiro passo, se procede à análise dos dados procurando obter uma visão de conjunto de todo o material, “conectando-se com seu sentido global, em uma tentativa de captar o essencial”.

Os eixos de significado de todo o material coletado ou produzido devem ser concretizados em algo como uma lista de aspectos ou conexões significativas que podem constituir respostas parciais à pergunta da pesquisa. “Toda a análise caminha em direção a uma articulação desses eixos em um texto unificado e consistente”. Esse texto é o resultado da pesquisa, ou síntese, “mas não ainda a conclusão”. A partir daí o pesquisador inicia a construção de uma interpretação mais abrangente do fenômeno, elaborando-se “uma possibilidade de compreensão que vá além daquelas situações individuais ou particulares de onde partiu a pesquisa. [...] Trata-se de construção de teoria” (AMATUZZI, 2009). A abordagem desenvolvida por Creswell (2014, p. 219) acrescenta a inclusão do pesquisador, “trazendo suas experiências pessoais para o estudo, o registro de declarações significativas e unidades de significado, além do desenvolvimento de descrições para chegar até a essência das experiências”.

Nesse estudo qualitativo, a realidade das pessoas e como percebem as questões de vivência de fé e conjugalidade, bem como sua compreensão de êxito no campo missionário, se dá a partir de roteiros de entrevistas com perguntas disparadoras, detalhados no próximo tópico.

1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO

O projeto de pesquisa foi submetido ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da PUCPR em outubro de 2015 e aprovado em novembro do mesmo ano, sob o protocolo de aprovação nº 1.328.066, constante no Anexo 2. O interesse deste objeto de estudo foi compreender como as pessoas solteiras em campos

missionários vivem e se percebem em relação à sua fé, à sua agência missionária/ igreja, à sua conjugalidade e a conjugalidade na cultura diferente onde atuam, bem como sua experiência como solteira no campo missionário.

Foram entrevistados dois grupos de pessoas. O primeiro compôs-se de 26 pessoas brasileiras, de ambos os gêneros, com mais de 25 anos de idade, com pelo menos três anos de experiência como missionárias solteiras, em países africanos de língua portuguesa. Das 26 entrevistas realizadas, foram incluídas, nesse estudo, somente as 25 missionárias entre 35 e 69 anos de idade, perfazendo a média de 48 anos de idade. A entrevista com o único missionário não foi considerada, dada a desproporção entre os gêneros.

Do segundo grupo foram realizadas, inicialmente, 13 entrevistas com pessoas nativas dos países onde atuam ou atuaram essas missionárias, sendo 10 nativos e 3 nativas. Durante o mês de Janeiro de 2018 foi entrevistado um segundo grupo composto de 7 nativas com o intuito de equilibrar a proporção entre homens e mulheres. Dessa forma, o número de entrevistas com pessoas nativas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique foi 20, sendo 10 mulheres e 10 homens. O critério de seleção previu que essas pessoas nativas deveriam residir em seu país de origem ou estar morando no Brasil há menos de 10 anos. Na prática, houve a exceção de um entrevistado nativo que mora há 17 anos no Brasil, pelo fato de que viaja ao menos uma vez por ano para o seu país e mantém laços estreitos com sua família de origem na África e conseqüentemente com sua cultura.

Para o recrutamento de participantes, a princípio, pensou-se em convidar missionários e missionárias através de igrejas e agências de confissão evangélica. Realizou-se então, uma busca, na internet, com os termos “missões” e “agências missionárias”. Nos sites de agências, foram encontradas listas de missionários e missionárias. Em torno de 20% das pessoas relacionadas nos sites são pessoas solteiras.

O próximo passo foi fazer contato, via e-mail, direto com algumas pessoas iniciais, em torno de 15. Não houve resposta ao e-mail. Ao mesmo tempo, de posse do endereço eletrônico das agências, foi enviado um e-mail com apresentação da pesquisadora, de seu envolvimento e interesse pela pesquisa, do teor do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização da Instituição, solicitando indicações e endereços eletrônicos ou número de telefone de colaboradores com o perfil da pesquisa.

Então, após os primeiros meses de tentativas, ora através de sites de agências religiosas missionárias, ora por indicação de algumas pessoas e das que já tinham sido entrevistadas, conseguiu-se uma lista razoável a ser contatada. E, especialmente em países de língua portuguesa, há mais facilidade em encontrar missionárias do Brasil. Por outro lado, apenas 3 missionários solteiros foram indicados, dos quais, apenas 1 manifestou interesse em colaborar.

Assim, a maior parte das pessoas foi entrevistada na África em uma viagem de estudos da entrevistadora, principalmente para esse fim, por três semanas, de 19/9/2016 a 10/10/2016. As entrevistas *in loco* foram realizadas em Moçambique e Angola, países nunca antes visitados pela pesquisadora. Optou-se por não fazer da mesma forma em Guiné-Bissau, por falta de tempo, e por ter sido visitado duas vezes com olhar missionário e já se ter uma ideia de contexto do campo africano ali. Dessa forma, algumas entrevistas com missionárias tiveram que ser realizadas por telefone ou redes sociais.

As entrevistas com missionárias transcorreram melhor em Moçambique, pelo fato de se obter ali o maior número de colaboradoras. No contexto das igrejas, as pessoas nativas se sentiram seguras para dizer, serem gravadas e assinar por estarem amparadas por líderes e pastores com quem tem convívio e já conseguem confiar. Para ambos os grupos, foi esclarecido sobre os riscos de constrangimento ao falar de si, de sua fé, da conjugalidade, de sua cultura, além de algum possível desconforto emocional. Para esses casos, a pesquisadora esclareceu que se dispõe a buscar e prover, para quem quiser, ajuda pastoral e/ou psicológica.

No projeto de pesquisa foi proposto realizar entrevistas semiestruturadas com perguntas disparadoras. Segundo Flick (2009, p. 144), essa modalidade de entrevista tem sido amplamente utilizada, pela maior probabilidade de que “os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto” (FLICK, 2009, p. 153). Além disso, considerando a característica de uma abordagem fenomenológica, “a premissa que consiste em interrogar o fenômeno como se ele estivesse sendo observado pela primeira vez direciona a maneira pela qual o pesquisador irá inserir-se na pesquisa” (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 264).

Para chegar à experiência vivida do sujeito, é necessário que o pesquisador procure colocar “entre parênteses” os conhecimentos adquiridos anteriormente sobre o objeto investigado. É por isso que o método fenomenológico não prescinde das hipóteses; embora a pesquisa necessite

ter uma direção, ela não se deixa conduzir por um caminho já conhecido (*Id.*).

As perguntas nesse tipo de entrevista, segundo Flick (2009, p. 160) são mais ou menos abertas e funcionam como um guia de entrevista. A expectativa é de que sejam livremente respondidas. A pessoa pode e deve decidir, durante a entrevista, quando, em que sequência e quais perguntas irá responder. E faz-se necessária uma mediação atenta e permanente entre o andamento da entrevista e o guia de entrevista (FLICK, 2009, p. 160).

As entrevistas com as missionárias buscaram levantar dados que apontem: como a pessoa compreende sua própria condição de não casada; como ela percebe as diferenças de conjugalidade e fé na outra cultura e sua experiência como solteira no campo missionário. As entrevistas com pessoas nativas buscaram compreender o contexto em que vivem as missionárias no quesito valor do casamento para a cultura africana, da pessoa solteira na cultura e sobre a pessoa solteira estrangeira.

Lothar Käser (2004, p. 204), doutor em etnologia, afirma ser impossível compreender corretamente um comportamento humano sem acrescentar a cultura a lhe conferir o sentido. Ou seja, deve-se compreender da maneira como se é compreendido/a pelas pessoas daquela cultura ou sociedade. Mesmo assim, “dentro de uma cultura e sociedade, uma determinada conduta pode ser interpretada de várias maneiras.”, diz o autor.

Foi elaborado o seguinte guia de entrevista para as missionárias:

- a) Como você descreveria sua experiência como pessoa adulta solteira em campo missionário africano: Pontos positivos e negativos quanto ao fato de ser solteira.
- b) Você já se sentiu pressionada ao casamento? Em qual faixa etária? Quais tipos de conselhos ou comentários você recebe ou recebeu?
- c) Você acredita que existe algum sentimento de inferioridade em pessoas pelo fato de serem solteiras? Por quê?
- d) Como você percebe a ação de Deus com relação ao seu estado civil?
- e) Como aconteceu o seu chamado missionário?

As questões levantadas tiveram o intuito de possibilitar uma descrição ao se identificar as percepções e sentidos atribuídos pelas missionárias em sua experiência. Já, para pessoas nativas, foi elaborado o seguinte guia:

- a) Qual é sua etnia, seu povo?
- b) Qual é o costume de seu povo sobre o casamento?
- c) Como é vista a pessoa que se casa, ou porque a pessoa deveria se casar? Qual é a idade considerada normal para casar? E se demorar para casar?
- d) Como é vista a pessoa que não casa?
- e) Existe alguma relação com o casamento e a fé, alguma força, prêmio ou algo a alcançar com o casamento?
- f) Como são vistas as pessoas solteiras – missionários ou missionárias - de outros costumes, como ocidentais que não se casam?

Entre janeiro e dezembro de 2016 foram realizadas 38 entrevistas. E, no mês de janeiro de 2018 foram realizadas mais 7, totalizando 45. A própria pesquisadora realizou as entrevistas. Dessas, 28 foram realizadas presencialmente e 17 foram à distância, através de telefone ou redes sociais (WhatsApp, Skype).

O grupo de missionárias está ou esteve em campo missionário africano de 3 a 18 anos, sendo o tempo médio de 7,7 anos. Dessas, 19 permanecem solteiras, ao passo que as outras 6 se casaram. Uma casou-se com brasileiro, duas com guineenses, uma com angolano e duas com moçambicanos. Optou-se por entrevistar missionárias que atualmente estão casadas pela possível contribuição no sentido de terem as duas experiências no campo, como solteiras e como casadas. As missionárias entrevistadas continuam atuando na África, com exceção de três que retornaram ao Brasil e de duas que estão atualmente em outros países. Dessas pessoas, 11 são de Igrejas Evangélicas Batistas, das quais, sete são vinculadas à agência missionária “Junta Mundial de Missões (JMM)”, e as outras quatro são autônomas. Cinco missionárias são de igrejas “Assembleia de Deus”, três são de igrejas Irmãos Menonitas, uma de igreja Presbiteriana e, as demais, de outras denominações religiosas. Algumas estão como autônomas e outras dependem financeiramente de várias fontes de renda, incluindo parentes, amigos e um conjunto de igrejas parceiras diversas.

As pessoas atuam como missionárias em diversas áreas, que elas mesmas informaram, como pastora (1), professora (10), professora e gestora (1), professora e pedagoga (1), administradora (1), coordenadora (1), enfermeira (1), enfermeira e educadora (1), enfermeira e professora (1), pedagoga (2), secretária (2), educadora (1) e missionária (2). Essas foram as missionárias entrevistadas, como está sintetizado no quadro 2, da página seguinte. As missionárias estão identificadas de Ms1 a Ms25. Tal identificação partiu de uma lista em ordem alfabética de país de atuação e de nome da missionária. As 20 pessoas nativas entrevistadas foram identificadas como N1 a N20, as quais possuem seus dados sintetizados no quadro 3 da página posterior.

Quadro 2 - Dados das missionárias entrevistadas.

MISSIONÁRIAS - DADOS DAS ENTREVISTAS E ENTREVISTADAS - Ano 2016										
Código	Idade	Profissão	Tempo solteira	Atuação	Estado Civil Atual	Local atual	Entrevista - data/ modo/ duração (minutos/segundos)			
Ms1	69	Professora	10 anos/ 37a48	Angola	Solteira	Paraná	20/mar	Presencial	26	24
Ms2	45	Técnica de enfermagem	6 anos/ 30a36	Angola	Solteira	Outro lugar	04/set	WhatsApp	29	32
Ms3	53	Educadora	18 anos/ 36a53	Angola	Solteira	Lubango	23/out	WhatsApp	19	15
Ms4	44	Professora	3 anos/ 41a44	Angola	Solteira	Luanda	22/set	Presencial	36	13
Ms5	64	Professora	3 anos/ 31a34	Angola	Casada com angolano	Recife	19/out	WhatsApp	16	26
Ms6	42	Pedagoga	7 anos/ 35a42	Guiné-Bissau	Solteira	Guiné-Bissau	05/set	WhatsApp	25	5
Ms7	42	Secretária	6 anos/ 36a42	Guiné-Bissau	Solteira	Guiné-Bissau	21/out	Facebook	13	59
Ms8	41	Professora	5 anos/ 36a41	Guiné-Bissau	Solteira	Guiné-Bissau	05/set	WhatsApp	36	50
Ms9	43	Enfermeira Educadora	5 anos/ 27a32	Guiné-Bissau	Casada com guineense	Guiné-Bissau	24/ago	Presencial	17	63
Ms10	48	Professora	3 anos/ 28a31	Guiné-Bissau	Casada com guineense	Guiné-Bissau	23/ago	WhatsApp	25	29
Ms11	38	Missionária	6 anos/ 32a38	Moçambique Maputo	Solteira	Moçambique Maputo	04/out	Presencial	42	53
Ms12	37	Professora	4anos/ 24a28	Moçambique	Divorciada	Brasil	23/ago	Telefone	50	47
Ms13	51	Missionária	10 anos/ 41a51	Moçambique Nampula	Solteira	Moçambique Nampula	27/set	Presencial	36	44
Ms14	44	Professora	13 anos/ 27a40	Moçambique Cuamba	Casada com Moçambicano	Moçambique Cuambo	29/set	Presencial	21	22
Ms15	35	Professora Pedagoga	4 anos/ 31a35	Moçambique	Solteira	Moçambique	14/out	Skype	28	7
Ms16	54	Pedagoga	6 anos/ 48a54	Moçambique Maputo	Solteira	Moçambique Maputo	07/out	Presencial	24	29
Ms17	40	Coordenadora	4 anos/ 36a40	Moçambique Nampula	Solteira	Moçambique Nampula	30/set	Presencial	23	19
Ms18	56	Administradora	13 anos/ 43a56	Moçambique Maputo	Solteira	Moçambique Maputo	08/out	Presencial	27	11
Ms19	46	Professora	6 anos/ 36a42	Moçambique Nampula	Casada com brasileiro	Moçambique Nampula	30/set	Presencial	43	20
Ms20	65	Pastora	17 anos/ 48a65	Moçambique Nampula	Solteira	Moçambique Nampula	01/out	Presencial	38	58
Ms21	48	Enfermeira Professora	4 anos/ 44a48	Moçambique Maputo	Solteira	Moçambique Maputo	04/out	Presencial	29	54
Ms22	61	Secretária	10 anos/ 51a61	Moçambique Cuamba	Solteira	Moçambique Cuamba	29/set	Presencial	18	15
Ms23	57	Professor/a	6 anos/ 51a57	Moçambique Dondo Beira	Solteira	Moçambique Dondo Beira	15/set	WhatsApp	25	40
Ms24	49	Professora Gestora	9 anos/ 40a49	Moçambique Nampula	Solteira	Moçambique Nampula	30/set	Presencial	34	36
Ms25	36	Professora	8 anos/ 27a35	Moçambique	Solteira	Gâmbia	09/set	WhatsApp	26	24

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Quadro 3 - Dados das pessoas nativas entrevistadas.

NATIVOS/AS - DADOS DAS ENTREVISTAS E ENTREVISTADOS/AS - Ano 2016 e 2018										
Código	Idade	Gênero	Naturalidade	Profissão	Estado civil atual	Local atual	Entrevista - data/ modo/ duração (minutos/segundos)			
N1	38	F	Angola	Professora Psicóloga	Casada	Benguela	25/set/16	Presencial	18	1
N2	40	M	Angola	Missionário	Divorciado	Benguela	25/set/16	Presencial	16	52
N3	41	M	Angola	Professor e pastor	Casado	Luanda	21/set/16	Presencial	19	0
N4	26	M	Angola	Estudante Missionário	Casado	Brasil	23/ago/16	Presencial	18	23
N5	47	F	Angola	Pastora	Casada	Luanda	21/set/16	Presencial	8	2
N6	45	M	Angola	Professor Pastor	Casado	Brasil	21/dez/16	Presencial	32	21
N7	45	M	Angola	Estudante	Casado	Brasil	29/ago/16	Presencial	16	16
N8	29	M	Guiné-Bissau	Estudante Serralheiro	Casado	Brasil	17/mar/16	Presencial	40	1
N9	42	M	Guiné-Bissau	Pastor	Casado	Bijagós	24/ago/16	Presencial	18	27
N10	26	F	Guiné-Bissau	Estudante	Casada	Brasil	17/mar/16	Presencial	49	37
N11	30	M	Moçambique	Funcionário público	Casado	Maputo	08/out/16	Presencial	17	17
N12	31	M	Moçambique	Professor	Casado	Cuamba	29/set/16	Presencial	27	15
N13	23	M	Moçambique	Professor	Solteiro	Maputo	04/out/16	Presencial	8	49
N14	22	F	Guiné-Bissau	Estudante	Casada	Brasil	17/jan/18	Presencial	7	18
N15	29	F	Guiné-Bissau	Do lar	Solteira	Brasil	19/jan/18	WhatsApp	10	34
N16	48	F	Moçambique	Obreira na igreja	Solteira	Maputo	19/jan/18	WhatsApp	30	48
N17	35	F	Moçambique	Do lar	Casada	Maputo	19/jan/18	WhatsApp	15	18
N18	43	F	Moçambique	Do lar	Casada	Maputo	19/jan/18	WhatsApp	11	56
N19	45	F	Moçambique	Empregada doméstica	Separada	Maputo	20/jan/18	WhatsApp	20	50
N20	35	F	Moçambique	Advogada	Solteira	Maputo	20/jan/18	WhatsApp	53	24

Legenda: M (Gênero Masculino)/ F (Gênero Feminino)

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

De janeiro a março de 2017, e em janeiro de 2018, procederam-se as transcrições das entrevistas pela própria pesquisadora, já contemplando a primeira fase do método fenomenológico que consiste na leitura prévia dos dados. Durante a formatação do texto e as correções de ortografia das transcrições, já se iniciou uma

segunda análise, a contemplativa, revivendo-se as lembranças significativas do encontro com o campo.

Sobre o tratamento dos dados coletados, vale lembrar que a análise da vivência como solteira e missionária na África procura compreender o fenômeno, como em Husserl, por meio da perspectiva de pessoas que participam desse fenômeno, até que se chegue o mais próximo possível da essência daquilo que foi vivido pelo grupo. As entrevistas gravadas foram transcritas/digitalizadas no programa de computador “Word”, juntamente com as anotações de um caderno de campo quanto ao contexto e às informações sobre a entrevista, registradas pela pesquisadora. Foi utilizado um arquivo separado para cada pessoa entrevistada contendo os dados da ficha de documentação, as anotações de campo e a transcrição das gravações.

Para as 11 horas e 58 minutos de gravação de entrevistas com missionárias (média de 29 minutos por entrevista), foram investidas 106 horas nas transcrições (média de 4 horas por transcrição). E, para as 7 horas e 30 minutos de gravação com nativos e nativas (média de 22 minutos por entrevista) foram investidas 59 horas na transcrição (média de 3 horas por transcrição). Na leitura de revisão das transcrições, foram omitidos os nomes ou dados passíveis de identificação das pessoas de modo a não comprometer o sigilo prometido, bem como de igrejas e instituições vinculadas a elas. Após as transcrições das entrevistas, procedeu-se algumas leituras gerais, tendo sido corrigidas após nova escuta atenta de cada expressão ou palavra dita e já se obtendo uma visão de conjunto do material coletado, tendo em vista a conexão com seu sentido global.

O próximo passo foi arquivar num disco CD as gravações, transcrições, termos de consentimento e autorizações assinados e escaneados. As gravações, textos digitalizados e os termos impressos e assinados estão em posse da pesquisadora, em local protegido, não sendo, sob hipótese alguma, repassados a terceiros. Segundo Flick (2009, p. 273), gravar os dados, escrever as anotações adicionais e transcrever as gravações transformam realidades interessantes em texto, “e o resultado disso é a produção de contos a partir do campo”.

No processo de análise, Creswell (2014, p. 220) adota os três passos da “redução fenomenológica”, proposta por Husserl. No primeiro passo (*epoché ou bracketing*), o/a pesquisador/a, momentaneamente, se afasta o mais humanamente possível de todas as ideias pré-concebidas para melhor entender as experiências

das pessoas entrevistadas. O segundo passo ele chama “horizontalização”, quando se listam as declarações relevantes para o estudo. E, no terceiro passo da redução fenomenológica, as declarações são agrupadas em temas, ou unidades de significado.

Na sequência, desenvolveu-se uma lista de declarações significativas das entrevistas sobre o relacionamento das pessoas com tópicos do evento, tratando-se cada uma delas como se tivessem o mesmo valor. Agrupou-se em unidades de significado ou temas, utilizando-se das ferramentas do programa de computador ATLAS.ti. Numa abordagem fenomenológica, a descrição das categorias compostas pelos códigos encontrados na leitura mais minuciosa, em análise de entrevistas, dá unidade à experiência vivida, permitindo compreender os sentidos dessas experiências. Creswell (2014, p. 164) percebe várias formas pelas quais os programas de computador podem facilitar a análise dos dados qualitativos. Eles oferecem uma maneira conveniente de armazenamento desses dados (entrevista, observação ou documento de texto) e ajudam a localizar segmentos de texto ou imagens, associados a um código ou tema.

Saldaña (2015, p. 7-11) afirma que as codificações de dados das falas podem ser agrupadas, não apenas por similaridade, mas porque podem ter algo em comum, mesmo consistindo em diferenças. O filtro da codificação quem dá é a pessoa que pesquisa. A codificação é ainda um ato cíclico. As recodificações gerenciam, filtram, destacam e focam os principais recursos dos dados qualitativos para geração de categorias, temas e conceitos, compreensão do significado e/ou construção de teoria. À medida em que se codifica e recodifica, os códigos e categorias se tornam mais refinados. E, quando as principais categorias são comparadas entre si e consolidadas, se começa a transcender a "realidade" dos dados e se progride em direção à temática conceitual e teórica.

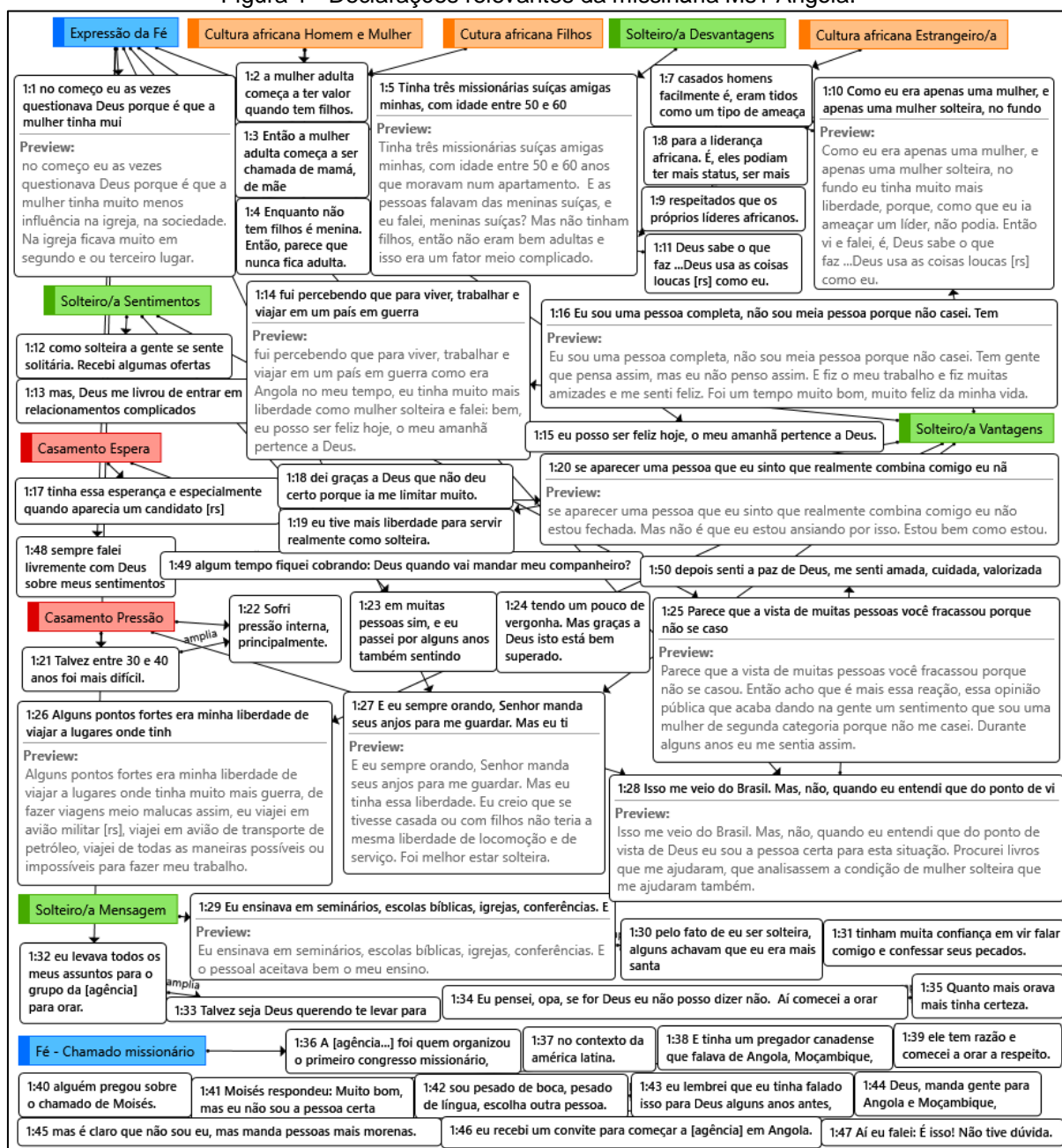
Nesse estudo, os primeiros termos encontrados dizem respeito às questões iniciais da pesquisa, representativos em relação à cultura, chamado missionário, experiência e vivência de fé, experiência de pessoa solteira em missões e expectativas com relação a casamento. No processo de codificação e recodificação com vistas ao refinamento dos códigos e categorias, foram criados dois grupos gerais, culturas africanas e a experiência de missionária solteira. Destacaram-se 4 temas e seus respectivos códigos (16), que foram categorizados como:

- a) Culturas africanas (códigos: casamento; dote; filhos; homem e mulher; pessoas solteiras nativas; pessoas solteiras estrangeiras; aceitação da mensagem);
- b) Missionária solteira na África (códigos: desvantagens; sentimentos; vantagens; maneira de proceder; agência missionária);
- c) Missionária solteira e a conjugalidade (códigos: pressão; expectativa);
- d) Missionária solteira e a sua fé (códigos: expressão da fé; chamado missionário).

Segundo Creswell (2014, p. 156), a partir da elaboração das unidades de significado ou temas, descreve-se “o que” os participantes experimentaram com o fenômeno. Trata-se do que ele denomina “descrição textual” da experiência, do que aconteceu, e inclui exemplos literais. Descreve-se, também, “como” a experiência aconteceu, o qual ele chama de “descrição estrutural”. É uma reflexão sobre o ambiente e contexto do fenômeno experimentado. Finalmente, segundo o autor, redige-se uma descrição composta do fenômeno, incorporando as descrições textual e estrutural. “Esta passagem é a ‘essência da experiência’ e representa o aspecto culminante de um estudo fenomenológico”. Conta-se ao leitor “o que” e “como” os participantes experimentaram o fenômeno.

A descrição textual foi realizada individualmente, de cada participante, a partir das declarações relevantes. Essas foram destacadas e refinadas pelo programa Atlas.ti, como exemplifica a figura seguinte, referente à missionária Ms1 Angola, escolhida para ilustrar a forma como foi realizada para cada respondente.

Figura 1 - Declarações relevantes da missionária Ms1 Angola.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

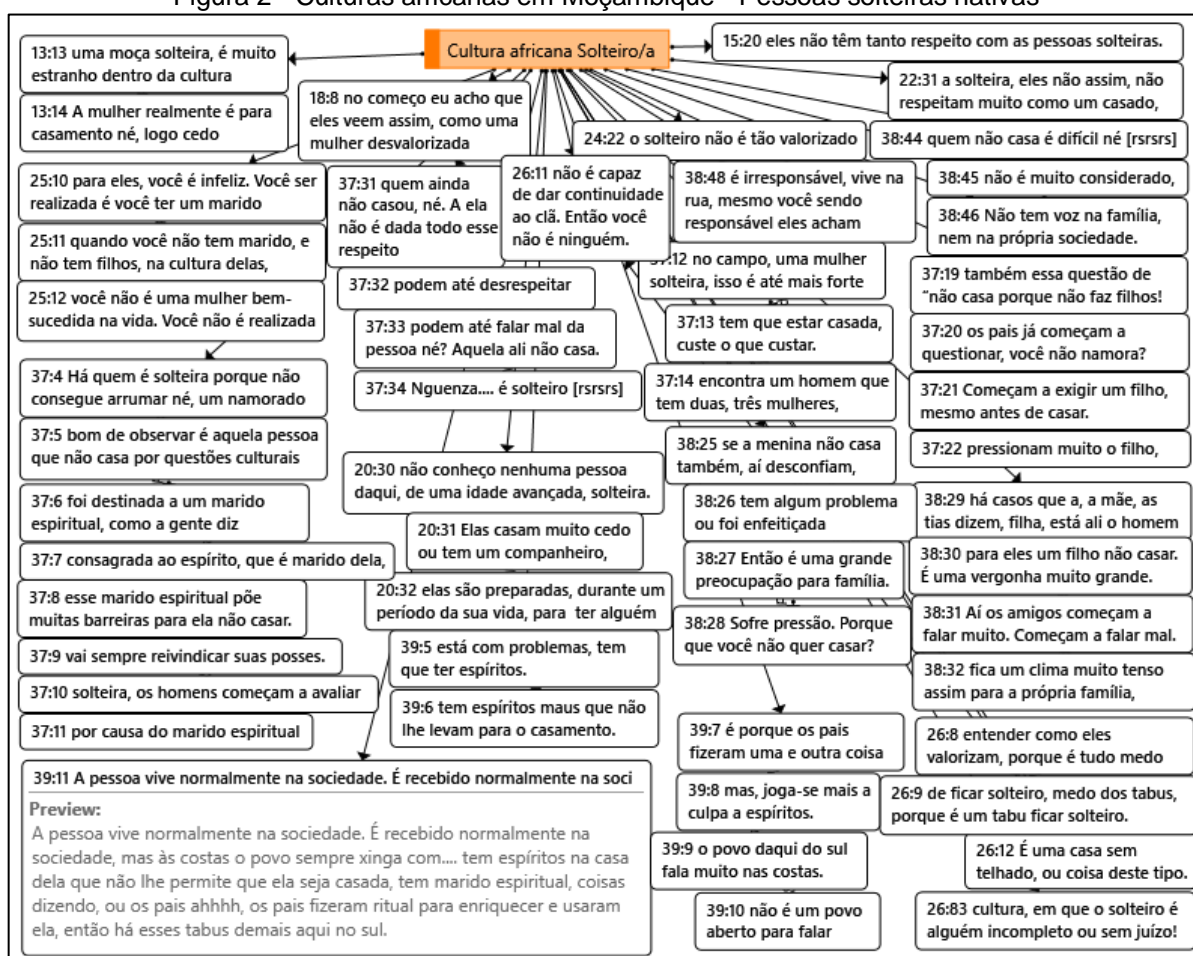
Nas descrições textuais foi respeitada a ordem cronológica das exposições, de forma a apreender e destacar o significado intencionado pela pessoa. Foram realizadas 45 descrições textuais, uma para cada participante. As experiências descritas são das 25 missionárias, sendo 5 atuantes em Angola (Ms1 a Ms5), 5 em Guiné-Bissau (Ms6 a Ms10) e 15 em Moçambique (Ms11 a Ms25). Além disso, são descritas também, as experiências de 20 nativos e nativas, sendo 7 de Angola (N1 a N7), 5 de Guiné-Bissau (N8; N9; N10; N14; N15) e 8 de Moçambique (N11; N12; N13 e N16 a N20). As declarações identificadas nas figuras geradas pelo programa

Atlas.ti, com os números de 1 a 25 se referem a missionárias Ms1 a Ms25, e as declarações de 27 a 46 se referem às pessoas africanas N1 a N20.

Essa etapa formula a compreensão da própria pessoa daquilo que vivenciou com o fenômeno, ou seja, com a experiência de estar trabalhando como missionária solteira na África, ou, no caso de pessoas nativas, de presenciar o trabalho dessas pessoas solteiras, considerando o valor do casamento, e também da pessoa solteira para culturas africanas. Nessa descrição, pergunta-se o que experimentaram, e descreve-se sem a interferência de ideias pré-concebidas.

Na sequência, se procedeu a descrição estrutural geral da experiência vivida e compartilhada nas entrevistas, “como” as pessoas experimentaram o fenômeno. Os aspectos comuns às pessoas entrevistadas foram agrupados em temas, com o intuito de preparar para a terceira descrição de aprofundamento, a da essência do fenômeno. As descrições foram realizadas a partir dos diversos agrupamentos das declarações em comum das pessoas entrevistadas, considerando os temas aflorados da análise no programa de computador Atlas.ti, demonstrado na figura seguinte, que exemplifica as 34 figuras elaboradas para as descrições. Nesse momento, procurou-se ainda não dialogar com o referencial teórico.

Figura 2 - Culturas africanas em Moçambique - Pessoas solteiras nativas



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Por fim, descreveu-se a “essência da experiência”, a qual, segundo Creswell (2014, p. 157) representa o aspecto culminante de um estudo fenomenológico. É uma descrição composta, incorporando as descrições, textual e estrutural da experiência com o fenômeno (CRESWELL, 2014, p. 76).

Nesse sentido, para Creswell (2014, p. 76, grifo do autor), “uma descrição que apresenta a essência do fenômeno é chamada de *estrutura essencial invariante (ou essência)*”. Essa passagem focando as experiências comuns dos participantes, entende que todas as experiências possuem uma estrutura subjacente. Para o autor, esse é o objetivo do fenomenólogo: reduzir os significados textuais e estruturais a uma descrição que tipifique as experiências. É a redução a um significado central. Por fim, se escrevem as sínteses, discussões, implicações e aplicações que, neste estudo, levam em conta a discussão da experiência nos três países africanos (CRESWELL, 2014, p. 220).

A descrição da essência da experiência das missionárias entrevistadas foi dialogando gradativamente com outras fontes de dados, como o referencial teórico e com as falas de pessoas africanas. Dessa forma, procurou-se aprofundar o sentido dessas experiências. Nesta etapa, abandonou-se o parêntese da redução fenomenológica para poder dialogar sobre as intencionalidades construídas e suas relações com os sentidos atribuídos pelos grupos de participantes sobre o tema geral da pesquisa.

Os temas levantados, relacionados às categorias, possibilitaram conclusões e aplicações de interesse do grupo pesquisado e de seus apoiadores. Buscou-se compreender os significados, primeiro para o sujeito, da experiência de estar como solteira em campo missionário africano e depois, para o grupo. Ademais, como a fenomenologia, especialmente na esteira de Ales Bello, não abdica da história para a compreensão de significados, foi realizado um levantamento do contexto histórico africano especialmente dos três países escolhidos para a análise, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, apresentado no tópico seguinte.

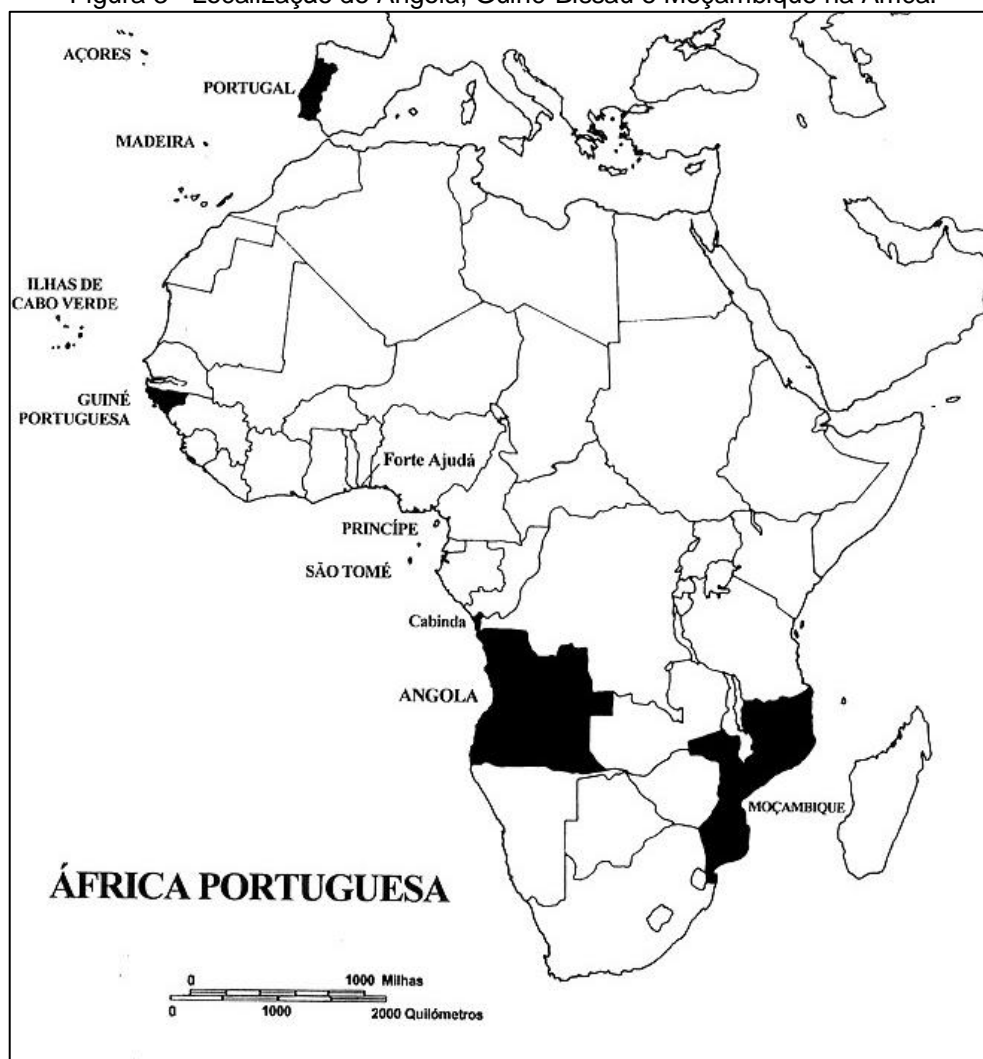
1.4 O CONTEXTO HISTÓRICO AFRICANO

A África encontra-se atualmente num plano de estudos muito especializados. “Preciosos fósseis tem levado os antropólogos a diferentes teorias sobre o continente africano, considerado como o berço da humanidade”. Como parte do legado deixado pela África pré-histórica estão “as relações entre os tipos ‘raciais’ (o termo é controvertido) modernos do continente e o modelo antigo dos grandes grupos antropológicos” (GIORDANI, 2012, p. 252).

Ales Bello (1998), em sua reflexão fenomenológica, não deixou de considerar a história, pois, seus movimentos afetam as constituições do mundo da vida e se encontram nas camadas mais profundas dos modos de ser, de pensar e de agir desde as antigas civilizações e cujos respingos ainda são percebidos naquilo que se mostra no cotidiano da atualidade.

Os três países africanos onde atuam ou atuaram as missionárias entrevistadas fazem parte de antigas colônias portuguesas, Angola (capital Luanda), Guiné-Bissau (capital Bissau) e Moçambique (capital Maputo), conforme ilustra a figura a seguir.

Figura 3 - Localização de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique na África.



Fonte²⁷

Em 1484, os portugueses passaram a conquistar a África. A colônia portuguesa de Angola formou-se em 1575 com a chegada de 100 famílias de colonos e 400 soldados. As principais ações dos portugueses eram explorar os recursos naturais e promover o tráfico negreiro. Com a abolição da escravatura, em 1836 os portos de Angola foram abertos aos navios estrangeiros. Em 1910 inicia-se a exploração intensiva de diamantes e Angola passa a ser mais uma das províncias de Portugal (Província Ultramarina). Os primeiros movimentos nacionalistas de Angola, a partir da década de 1950, promovem campanhas diplomáticas no mundo inteiro em prol da independência. Depois de longos anos de conflitos armados, o

²⁷ Disponível em: <https://1.bp.blogspot.com/-p2TDQPp2oyM/WSyJC9jLeFI/AAAAAAAAA9sw/5Wv5oq9GyycTwTN0tWNN6We-hdnDu-JAQCLcB/s1600/20170529145933_00001.jpg>. Acesso em: 25/1/2018.

país torna-se independente em 1975. A paz foi definitivamente alcançada em 2002, após longos anos de lutas e negociações internas (ANGOLA, 2015)²⁸.

Em Guiné-Bissau, a partir de 1450, os navegadores faziam o comércio dos escravos, do ouro, do marfim e das especiarias. Depois da proibição do comércio dos escravos, em 1915 os portugueses voltaram-se para a exploração agrícola. Portugal desenvolveu pouco as infraestruturas e o acesso à educação no país. O trabalho forçado era praticado. O regime era opressivo, sobretudo com o ditador Salazar de Portugal, em 1926. A população local opôs-se a partir de 1936. Apesar da resistência árdua, foi declarada unilateralmente a independência em 1973. Apenas 5% da população sabia ler. A expectativa de vida era de 35 anos. 45% das crianças morriam antes dos 5 anos. Mesmo com reformas no âmbito da saúde e medidas para o aumento da produção agrícola e diversificação, a economia continuava a depender da ajuda externa. Em 1998, houve combates violentos e cerca de 300.000 pessoas buscaram refúgio em zonas rurais e nas ilhas. A Junta Militar venceu o pleito em 1999, continuando os conflitos, contestações permanentes da oposição, e golpe de Estado em 2003. Em 2005 ocorreram as eleições presidenciais (GUINÉ-BISSAU, 2015)²⁹.

Também em Moçambique, no final do século XV, há uma exploração mercantil portuguesa, principalmente pela demanda de ouro. Inicialmente, os portugueses fixaram-se no litoral onde construíram as fortalezas de Sofala (1505) e Ilha de Moçambique (1507). Só mais tarde, através de conquistas militares apoiadas pelas atividades missionárias e de comerciantes, penetraram para o interior para dominar a produção do ouro, depois do marfim e, por último, de escravos. No contexto moçambicano, as populações *Macúá-lómué* foram as mais sacrificadas pela escravatura. Com a conferência de Berlim (1884/1885), Portugal foi forçado a realizar a ocupação efetiva do território moçambicano. A ocupação colonial não foi pacífica. Os moçambicanos impuseram lutas de resistência até sua independência em 1975. Estratégias de desenvolvimento de uma economia socialista pelos moçambicanos foram inviabilizadas pelas conjunturas regionais e internacionais

²⁸ ANGOLA. Portal oficial do governo de Angola. A história. 2015. Disponível em: <<http://www.governo.gov.ao/Historia.aspx>>. Acesso em: 25/1/2018.

²⁹ GUINÉ-BISSAU. Assembleia nacional popular. História de Guiné-Bissau. 2015. Disponível em: <<http://www.anpguinebissau.org/institucional/historia/historia-guine-bissau/historia-da-guine-bissau>>. Acesso em: 25/1/2018.

desfavoráveis, pelas calamidades naturais e por um conflito militar interno de 16 anos. O endividamento externo obrigou o país a uma mudança radical com estratégia de desenvolvimento a partir de 1987. Apesar do notável crescimento econômico que o país vem registrando, muitos moçambicanos continuam vivendo abaixo da linha da pobreza (MOÇAMBIQUE, 2015)³⁰.

Esse é o cenário histórico recente dos três países africanos participantes do estudo, com menos de 50 anos de independência no ano de 2018, sob algumas décadas de conflitos e guerras, antes e depois.

Os africanos do século XX tiveram que lutar para recuperar sua dignidade e reafirmar sua identidade após cruel deportação, comércio desumano de escravidão global, desarticulação cultural e ocupação forçada pelos poderes das colônias estrangeiras. Foi um século violento. [...] Mais de 50% dos 15 milhões de refugiados do mundo [em 2006] são africanos (ADEYEMO, 2010, p. 1017).

Algumas missionárias solteiras desse estudo atuaram nesse contexto de guerras. Aliado a isso, está o desafio do convívio com a diversidade cultural das civilizações antigas ainda presentes nesses territórios. Segundo Santiago (2012)³¹, a África é composta por estados multi e transculturais. “Isto quer dizer que abriga em seu território diversas culturas, com línguas, costumes e origens diferentes, que muitas vezes extrapolam as fronteiras políticas estabelecidas pelos europeus no século XIX”.

O território angolano já era habitado na pré-história. No início do século VI D.C., povos mais evoluídos, de cor negra, empreenderam uma das maiores migrações da história. Eram os *Bantus*, vindos do norte. Ao chegarem a Angola, encontraram os *Bochmanes* e outros grupos mais primitivos, impondo-lhes facilmente a sua tecnologia nos domínios da metalurgia, cerâmica e agricultura. A instalação dos *Bantus* decorreu ao longo de muitos séculos, gerando diversos grupos que viriam a estabilizar-se em etnias que perduram até aos dias de hoje (ANGOLA, 2015). A língua oficial do país é o português, no entanto, existem outros 42 idiomas regionais. O país, segundo Santiago (2012), é uma exceção dentro do continente africano, pois “a língua europeia vem conquistando cada vez mais espaço

³⁰ MOÇAMBIQUE. Portal do governo. História de Moçambique. Disponível em: <<http://www.portaldo.governo.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique/>>. Acesso em: 25/1/2018.

³¹ SANTIAGO, Emerson. Cultura Angolana. 2012. In Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cultura/cultura-angolana/>>. Acesso em: 25/1/2018.

no meio cotidiano em detrimento das línguas nacionais, o oposto do que ocorre no restante do continente”.

Guiné-Bissau está situada na África ocidental, onde foram descobertas as primeiras evidências da vida humana “(ferramentas e outros produtos manufaturados), 200.000 anos A.C.”, atribuídas ao “*homo erectus*, o antecessor de *homo sapiens* (homem contemporâneo)” (GUINÉ-BISSAU, 2015).

Várias correntes migratórias formaram as etnias de Guiné-Bissau que abrange 36.125 quilômetros quadrados de área, com uma população estimada de 1,6 milhão de pessoas. De acordo com Nóbrega (2003, p. 51), é uma terra de muitas e diversas etnias arraigadas aos seus territórios e às suas culturas. Considerando ser o território pequeno, “a diversidade cultural é extraordinária sendo frequente encontrarem-se povos de língua e costumes totalmente diferentes, separados por uma estreita ria [canal ou braço do mar] ou uma pequena mata”. É um mosaico étnico diversificado e rico, enquadrado pela história, como em poucos países da África. “A polarização étnica é a tal ponto que o país agrega cerca de 30 grupos étnicos e poucos são os que comportam contingentes populacionais significativos”. E não existe uma etnia dominante, mesmo que algumas sejam um pouco mais numerosas (NÓBREGA, 2003, p. 52).

Já, na ocupação de Moçambique, os povos primitivos eram bosquímanos caçadores e recoletores. As grandes migrações entre 200/300 D.C. dos povos *Bantus* de hábitos guerreiros forçaram a fuga destes povos primitivos para as regiões com menos recursos naturais. Atualmente, Moçambique possui cerca de 20 milhões de habitantes. O idioma oficial é a língua portuguesa. Ademais, existem outros 20 idiomas étnicos (MOÇAMBIQUE, 2015).

Além da diversidade cultural propiciada pelas correntes migratórias presentes na história da África, Djaló (2003, p. 21), guineense, doutor em ciências sociais, chama a atenção, em relação à Guiné-Bissau, para a presença de outras populações que, segundo sua origem étnica, cultural e religiosa podem ser divididas em três grupos: um autóctone, “os Paleo-Sudaneses do grupo *Bantou*, geralmente animistas”, e dois de origem alógena. Um deles são os povos “Neo-Sudaneses, *semi-bantous* islamizados ao longo dos dois ou três últimos séculos” e o outro são os “Europeugenos da sociedade dita crioula (pretos e mestiços), nascidos do contato com o [país] colonizador”. E, segundo o autor (2003, p. 22), se faz sentir a dualidade

cultural da situação de contato da atual sociedade guineense, uma tradicional e outra nascida da colonização.

De acordo com Ales Bello (1998), a fenomenologia faz uso da história em seu processo de escavação das estruturas primeiras do fenômeno. Nesse sentido, as questões levantadas da história estão na base da estrutura do pensamento africano que procura defender seus usos e costumes como parte de sua identidade, até mesmo histórica. Essa abordagem é importante para compreender os sentimentos e posturas das missionárias no contato com essas culturas diversificadas, com fortes características não questionadas, mas simplesmente repetidas ao longo das gerações milenares.

Lothar Käser (2004, p. 113) define cultura como uma estratégia para garantir a existência. “Essa estratégia consiste de regras, com ajuda das quais as necessidades podem ser satisfeitas. [...] As regras obedecidas nas ações modeladas pela cultura não são congênitas, mas aprendidas.”, afirma o autor. Nesse processo de “enculturação, a cultura é aceita e integrada na psique do indivíduo”. Além disso, para Käser, “a atividade humana recebe sua fundamentação e seu significado primeiramente da cultura, a qual pertence”.

Essa cultura é o sistema que lhe dá significado às coisas. Isso quer dizer que tudo o que os seres humanos fazem somente parece ter sentido quando eles o relacionam a um sistema cultural como estratégia abrangente para a formação da existência. Sem essa correlação não há significados referenciais. A atividade e atitude humana só adquirem um sentido real e, por isso, sensato, quando vista em relação à cultura, no ambiente a partir do qual é observada (KÄSER, 2004, p. 249).

É com esse olhar que se pretende compreender o significado fundante dos hábitos e regras das sociedades étnicas representadas pelos três países africanos. A breve visão histórica da formação dos povos africanos aponta primeiro para as conquistas dos povos primitivos onde os povos mais fortes dominavam os mais fracos ou os expulsavam de suas terras para tomar seus bens. De forma semelhante acontecia no tempo de Abraão (Gênesis 14) incluindo os povos vizinhos, e também ao longo do Antigo Testamento. Esse contexto, de alguma forma, têm pressionado missionárias solteiras no âmbito da conjugalidade e demanda da fé no enfrentamento, conforme tem sido demonstrado nas descrições desse estudo, principalmente no conteúdo da descrição estrutural apresentada no capítulo seguinte.

2 HORIZONTES DA DESCRIÇÃO ESTRUTURAL DAS VIVÊNCIAS

Os significados das declarações relevantes das entrevistas com missionárias e pessoas nativas são apresentadas na descrição estrutural. Dois grupos temáticos (culturas africanas e missionárias solteiras) sistematizam essa análise das entrevistas, com 7 temas. Nessa descrição se apresentam os resultados, ainda mantendo-se entre parênteses, momentaneamente, até a fase das discussões, todo conhecimento ou ideia pré-concebida a respeito do fenômeno para que se possa captar o significado das experiências. Inicia-se com o contexto africano para compreender melhor o lugar das falas das missionárias em suas experiências.

No grupo denominado “culturas africanas” são abordados os assuntos mais relevantes que surgiram dos destaques das entrevistas, o casamento, a importância dos filhos, do homem e da mulher e a condição de pessoa solteira. No grupo denominado “missionárias solteiras” são destacadas as declarações das missionárias e pessoas nativas em seus principais temas sobre a experiência de missionária solteira em culturas africanas, os desafios, a pressão ao casamento, a questão da fé e restrições ao envio de missionárias solteiras evangélicas em missões para a África.

2.1 “A PESSOA TEM QUE ESTAR CASADA, CUSTE O QUE CUSTAR”

(N11, Moçambicano, etnia *Machangana*).

O casamento formal, segundo as pessoas nativas, é algo de grande importância para a cultura africana. Concede valor, dignidade, *status*, respeito, independência, emancipação e honra à pessoa e, por extensão, aos pais e familiares. Além disso, ao se casar, a pessoa “cresce”, torna-se homem, torna-se mulher, torna-se “grande”. A pessoa casada é considerada responsável, idônea, madura, reconhecida, além de se tornar bem vista e ganhar prestígio na família e na sociedade, dizem pessoas nativas e missionárias entrevistadas.

Destaca-se, também, a questão da boa imagem da família que projeta o filho para o casamento, ao que toda pessoa jovem deve almejar na aldeia. “O pai já tem

aquela situação de dar [bom] testemunho aos amigos: olha o meu filho já casou, já tem dois filhos, e tudo mais”, no entender do angolano N2, *Umbundo*.

As famílias são totalmente envolvidas na negociação com ritos em suas várias etapas. Em Angola, já na fase do alambamento, ou pré-noivado, requisito prévio para o casamento, o pretendente deve fornecer artigos previamente reivindicados, por escrito, pela família da noiva: caixas de refrigerante, de cerveja, tecidos, roupas para a família, junto a uma carta de pedido de casamento, na qual ele vai declarar o amor que sente pela moça com um determinado valor no envelope, de 200 ou 300 dólares. Normalmente, a família do homem contribui financeiramente para as despesas do alambamento para, então, a menina poder ser pedida em noivado. Essa é a primeira parte do ritual do dote, dizem as pessoas nativas.

A segunda parte do ritual é o casamento, para o qual há outra lista de solicitações, acrescidas a um valor em dinheiro que sempre serão negociados previamente entre as famílias e jamais entre os noivos. O dote negociado, de aproximadamente mil dólares, é pago na véspera do casamento “costumeyro”, juntamente com a entrega dos artigos requeridos na fatura do casamento, de acordo com as pessoas nativas. Um angolano da etnia *Macongo* alerta: “Se não tem dinheiro, não procura essa coisa de casar, porque, para nós, se você quer casar, prepara o dote” (N7). Ademais, casamento significa gastos, concordam outras pessoas nativas. Além disso, principalmente no interior, não dão valor ao casamento no civil, e sim ao tradicional. “Tem que se esforçar para fazer aquele casamento tradicional, levar animais, os porcos, cachorro, para poder ter voz” (N14, Guiné-Bissau, mulher, etnia *Pepele*).

Nos três países ainda é comum os pais fazerem as escolhas conjugais para os filhos, e esses devem aceitar. “Se não quiser, você não faz mais parte daquela família”, diz uma guineense *Pepele* (N10). Mas, pessoas nativas e as missionárias, nos três países confirmam as mudanças sobre isso nas cidades, onde os pais já estão deixando por conta dos filhos “homens” escolherem, sendo uma vergonha a mulher escolher, pois o rapaz não vai ser considerado homem (N7, Angolano *Macongo*). Mesmo assim, o filho que respeita a família e tendo já o seu dinheiro, antes de começar o processo do casamento, deve conversar com seus pais. Precisa estar consciente de ser um caminho sem volta e garantir a eles estar pronto mesmo para assumir o compromisso de não se separar, “já que o direito de escolher foi

tirado deles nas cidades”, afirma o nativo N7 da etnia *Macongo*. As meninas, da mesma forma, precisam se comprometer junto aos seus pais, por ser, a separação, considerada “uma vergonha” (N7). E assim se inicia o ritual.

Para as pessoas angolanas, na aldeia, é um pouco diferente do contexto urbano, onde tem que ter condições para casar, porquanto tenha idade. Dão moradia e possibilidades para todos contribuírem, pois, a festa é da aldeia, é da família e não da pessoa. “Ajudar é você pertencer” e recusar ajuda é considerado arrogância, prepotência, afirma o angolano N6 do povo *Quibundo*.

A aldeia constrói a casa, até porque não precisa de muita coisa para construir a casa. É fazer blocos de barro, levantar as paredes e fazer um teto de capim e a casa está feita. A pessoa precisa de quanto em casa para viver bem? Se ele tiver uma panela de barro, resolveu o problema (N6).

Além disso, o casamento tradicional outorga o direito dos pais sobre os filhos. O pai solteiro não receberá o dote de suas filhas, por exemplo, por não ter casado, e não ter pago o dote. Nesse caso, o direito de receber o dote é dos tios, afirma o angolano N7 do povo *Macongo*.

Da mesma forma que um guineense relata ser raro encontrar uma mulher solteira em sua etnia *Bijagós*, a guineense N10, *Pepel*, diz ser difícil “achar uma mulher viúva”, pois, ela deverá ter um segundo marido, nesse caso, o irmão do falecido. E, os filhos gerados com esse cunhado serão considerados do falecido. Se uma viúva não aceitar se casar com o cunhado, será “mal falada”, e considerada prostituta, asseguram várias pessoas nativas. Isso porque, segundo as regras das culturas africanas, é natural a pessoa ser inserida numa família poligâmica.

Na visão de pessoas de Angola, que acreditam ser o dote como um seguro de vida, uma criança órfã passa a morar na casa dos parentes, pelo compromisso firmado no passado, através do pagamento do dote.

Ele é criado como se fosse filho, e dão-lhe todas as condições [...]. Não existem crianças órfãs de pai e de mãe que sofrem porque a família não acolheu. A família tem que acolher porque recebeu o dote (N6 Angola, *Quimbundo*).

Um dos moçambicanos, N12, do povo *Chuambo* conta dos ritos de iniciação, obrigatórios, tanto para os meninos, quanto para as meninas. Acontece num mato fechado, em segredo. Aos meninos ensinam questões da vida, de como tratar a mulher, os filhos, a não maltratar os pais. Ensinam posturas tais como: “Você é o

homem, você é o macho da casa, e a mulher não tem voz [...]. Você está sempre acima da mulher” (N12), além de também ser feito um teste da masculinidade do menino. Para as meninas, as senhoras preparadas ensinam como proceder no casamento. E, lá se enfatiza muito o respeito. Mas, o mesmo nativo que conta isso, fala dos abusos sexuais que acontecem lá, incentivando as meninas a voltarem do ritual estimuladas sexualmente. E isso pode ser a partir dos 11 anos de idade (N12).

2.2 “SE VOCÊ NÃO TEM FILHO, VOCÊ NÃO PRODUZ”

(Missionária Ms11, Moçambique).

A partir das declarações relevantes dos grupos representados, formularam-se os significados de como vivenciam ou vivenciaram as questões culturais africanas em relação aos filhos, ao papel do homem e da mulher. Pessoas nativas e missionárias concordam que as pessoas se casam com objetivos claros de perpetuar a família e terem ajuda no trabalho. Além disso, os filhos vão cuidar dos pais na velhice. O guineense N9, *Bijagós*, fala da importância de garantir a descendência para poder, “digamos, entre aspas, morrer em paz”. Em Guiné-Bissau e Moçambique, também há o estímulo para ter filhos, mesmo sem marido, quando a idade “está a avançar”. Mas, não é recomendado para meninas mais novas, pois algumas nativas dizem ser uma vergonha para a família. Para os centros urbanos maiores, a moçambicana N20, do povo *Macua*, alerta da dificuldade de encontrar um marido quando a pessoa é mãe solteira, por experiência própria e de outras mulheres conhecidas suas. “Ela [a mulher] tem que estar com alguém para dar filhos, para ser reconhecida, para ser valorizada como mulher” (Ms18, Moçambique).

O angolano N7, *Macongo*, esclarece a prática de ser a mulher cobrada sobre a gravidez pela família do noivo em três meses após o casamento, estando sujeita a ser devolvida, caso o noivo não enfrente os pais se recusando a devolver. A infertilidade pode levar ao fim do casamento, quando não cristão. Ou a mulher vai permitir ao homem ter outra esposa para procriar. O angolano N2, *Umbundo*, diz : “A mulher tem que ir, tem que ir [embora]. Tem que ir à família dela porque não está a produzir”. Os dois pilares da salvação considerados pelo povo *Macongo*, segundo o angolano N7, é a fertilidade e a hospitalidade. Ele conta sua própria experiência de

ser pressionado para ter filhos, mesmo tendo decidido, com sua esposa, ir terminar os estudos no Brasil, antes da procriação. Após seis meses de casamento, sua esposa, por não aguentar a pressão de familiares, disse da preferência de ficar em Angola, pois, “a família deela (sic), as tias já começaram a perguntar o que estava acontecendo e disseram” (N7):

Ele não é homem. Está te enganando. Porque ele não é normal. Esse é o tempo para desfazer esse casamento. [...] Eu tiiiive (sic) que adiar a minha viagem, porque ela ficou grávida. Fiquei animado. [...] Esperei até quando o filho nasceu. Aí que amenizou um pouco (angolano N7, *Macongo*).

A família dela queria uma segunda gravidez. “Até o marido da tia dela falou na frente de toodo (sic) muuundo (sic): que homem forte! Nem engravidar está conseguindo. Tem certeza que aquele é filho dele? Se é dele, que faça o segundo filho” (N7).

Segundo um angolano *Umbundo*, N2, é melhor não casar do que casar e não ter filhos. Quem não tem filho é considerado fraco. Não é homem, não é mulher. Já a mulher é considerada aquela que funda a família. Se ela “não casa e não tem filho, não é nada”. Vai viver com os pais, mas não vai ser feliz. “Isso é uma coisa séria” diz o angolano *Macongo*, N7. As meninas em Moçambique já saem do ritual de iniciação se achando prontas para terem filho, e querem mostrar aos rapazes que são férteis, “então, já arrumam logo”, diz a missionária Ms13 (Moçambique). Além disso, questionam constantemente as missionárias, sobre os filhos. “A pergunta básica é: Onde estão teus filhos?” (Ms7, Guiné-Bissau). Pois, para algumas nativas, não precisa ser necessariamente casada para ter filhos. “O filho é como uma machamba, como uma horta. Você precisa produzir. Se você não tem filho, você não produz. Se você não produz, você é uma pessoa inútil” (Ms11, Moçambique). Ela observa, ainda, o fato de acharem que mulher não é feliz, sendo solteira e não tendo filho.

A missionária Ms21 Moçambique menciona: “pode ser solteira, mas tem que ter filho” e conclui, rindo, ser um absurdo para a cultura, a missionária não ter filho. Segundo a missionária de 48 anos, “a mulher [moçambicana] é obrigada a ter filhos, mas não cuida [deles]” (Ms21). Nesse sentido, são poucos os que se importam com os filhos, e esses “são carentes por não terem o amor, o carinho dos pais”, diz outra missionária (Ms13, Moçambique).

A própria mãe e a criança, assim, é muito difícil ver falar com carinho com as crianças, valorizar as crianças. Por exemplo, eu trabalho com educação cristã. O meu projeto é todo voltado para as crianças. Eles não me deixam trabalhar com as crianças, porque as crianças são propriedade do governo. Não é nem dos pais e nem da igreja. É do governo. E eu como uma estrangeira, uma branca formada, tinha que priorizar os adultos e os mais velhos. Jamais as crianças. (Ms16, Moçambique, pedagoga, 54 anos).

Ademais, essa missionária percebe a mulher ser tratada na cultura, como “uma bagagem”.

No carro você não senta ao lado do marido. Os homens se sentam na poltrona de trás e você vai no bagageiro. É exatamente assim aqui em Moçambique. Eu fiquei horrorizada, mas as mulheres estão acostumadas e aceitam ficar em segundo e terceiro plano. (Ms16, Moçambique, pedagoga, 54 anos).

Além disso, as mulheres de Moçambique não gostam da sexta-feira, dizem as missionárias. Pois é o dia em que os homens saem direto do trabalho, vão beber com os amigos e podem “arrumar mulher” (Ms11), e, às vezes, ficam por todo o final de semana. A grande demanda de trabalho pesado e frequente das mulheres também é observada pelas pessoas entrevistadas.

E, a nativa N10, *Pepele* de Guiné-Bissau, em relação à poligamia, concorda que um homem com duas esposas não tem preocupação, pois cada uma vai sustentar seus filhos. Em Moçambique, também é percebido isso.

2.3 “NA NOSSA CULTURA, O SOLTEIRO NÃO É VALORIZADO”.

(angolano N2, *Umbundo*).

Se a pessoa casada ganha *status*, respeito, valor e voz em culturas africanas, de acordo com representantes de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, qual é o valor, então, da pessoa solteira? “Na nossa cultura, o solteiro não é valorizado. É a palavra certa”, diz o angolano N2, *Umbundo*. Como esse respondente é divorciado e sem filhos, percebe a discriminação por causa de sua própria condição. A pessoa solteira, além de não ser bem vista, é desprezada, ignorada e sem voz, por ser considerada imatura para opinar, pois, para “isso já se exige certa maturidade. Aí, essa pessoa não pode”, diz o guineense N8.

Além disso, a pessoa solteira “não é digna de um bom enterro” (N8), afirma um guineense da etnia *Pepele*, o qual confirma uma mulher guineense, N15, acrescentando as implicações da solteirice em sua etnia, também *Pepele*, para as cerimônias de sepultamento “bate choro”. A pessoa não vai ser colocada “naquela [...] tipo esteira que eles colocam. Para nós é muito importante”. E um filho, por exemplo, fica com vergonha quando é impedido de fazer cerimônia de sepultamento de sua mãe por não ter sido ela casada tradicionalmente na cultura (N15).

As pessoas nativas contam das piadas que fazem com as pessoas solteiras. Asseguram que a pessoa se sente ofendida e abandonada, pois “os amigos tiram sarro delas” (N8, homem guineense *Pepele*). “Nguenza, é solteiro [risos]”, diz um moçambicano N11, *Machangana*. A mulher torna-se escárnio para a sociedade, no entender de um angolano *Tchoque*, e por isso, normalmente, buscam para ela um pretendente logo ao nascer. Eles “a ocupam: Você vai ser esposa do filho do tio fulano” (N4). E, se a união acertada não acontecer, consideram uma vergonha para a família, por ser muito grave não cumprir o trato das famílias. Uma angolana do Norte de Uíje relata o que dizem das moças solteiras: “[risos] essa aqui, não amam ela, os homens lhe fogem, não lhe gostam... e fica isolada, se sente mal, porque no meio das pessoas só falam, só fazem assim... [sinal de despeito, de desprezo]” (N5). A maioria das pessoas nativas concorda que a mulher solteira é considerada infeliz, uma vez que a felicidade propiciada pela realização pessoal e sucesso na vida, segundo a cultura africana, necessita de marido e filhos. E as próprias mães aconselham as filhas a terem, pelo menos, filhos, mesmo não se casando.

A imagem social de quem é solteiro, sem ter filho, é muito mais negativa do que a imagem da moça ou do rapaz que nunca se casou, mas tem filhos. [Mesmo assim], a mulher sozinha realmente não tem autoridade (Ms10, Guiné-Bissau).

Outras pessoas dizem existir a pressão e o questionamento em todos os lugares. Dão conselhos e fazem insinuações para procurar parceiro ou parceira, ou ter filhos.

E aquele pai que tem esse filho [...] que não quer casar, e nada, então psicologicamente ele já é derrotado perante a comunidade. Ele criou [...] uma coisa que não está a dar resultado, vamos dizer assim. Como se fosse um negócio que não está a render. [...] o objetivo do pai foi anulado. Foi frustrado (N2, angolano *Umbundo*).

Essa exclusão é percebida, pois, falam claramente ser essa a razão de não estar a pessoa solteira autorizada a sentar para conversar com pessoas casadas que são consideradas responsáveis, segundo a maioria das pessoas nativas dos três países representados. Além disso, concordam sobre a existência de pressão ao casamento, questionamento constante e discriminação da pessoa solteira. “A pressão é máxima. A pressão é muito, muito grande [...]. A pessoa vai sofrer muito problema psicológico em todos os lugares” declara o angolano *Umbundo* (N2), *divorciado*.

[A pessoa solteira] é muito questionada. É tanto mais que há lugares que é capaz de um belo dia te trazerem uma mulher, te trazerem um homem. Porque você ainda não casou? Tem esse jovem, essa jovem que também ainda não casou. Então vocês têm que casar. [...] às vezes, um dos dois vai só por uma questão de obedecer (angolana N1, *Umbundo*).

No entanto, para a angolana N1, antigamente, a família não deixava uma pessoa passar da idade de se casar. Com a modernização, já acontece de muitos homens ou mulheres decidirem adiar, pois vão constituir uma carreira, estudar. Mas, com a idade aumentando, pelo menos, tem que ter filhos.

Então, qualquer um que aparecer, tente. Pelo menos tens os teus filhos. [...] Quando envelhecer, os teus filhos vão cuidar de ti. Normalmente isso passa pela cabeça das pessoas (angolana N1, *Umbundo*).

Para o angolano do povo *Bacongo*, a mulher com mais idade que não se casa é vista como uma pessoa amaldiçoada, como alguém que “tem má vida [...]. Ela é desprezada, é desprezada” (N3). E sua preocupação é muito forte por causa da obrigatoriedade cultural imposta da procriação que vai ficando inviabilizada com o passar da idade. Ela “entra em desespero [...]. Começam a lhe apontar o dedo”. Às vezes as pessoas se forçam a casar “para evitar as fofocas” (N3, angolano *Bacongo*).

Sobre a pressão ao casamento, o angolano N6, *Quimbundo*, faz uma distinção entre o homem e a mulher. Para ele, a mulher não é pressionada [abertamente] ao casamento, mas é desprezada, cerceada, mesmo que não se diga claramente. Mas, pelas atitudes demonstram isso. Ele esclarece ser o homem pressionado, por ter o dever de tomar a iniciativa. Com isso, concordam outras pessoas nativas. Como é a mulher quem deve ser escolhida, por ser considerado vergonha a uma mulher escolher um homem, consideram-na desprezada, porque

ninguém a escolheu. Torna-se uma mulher triste, rejeitada, infeliz (angolana N5 de *Uije*). Com outra percepção, o angolano N3, *Bacongo*, acredita serem as mulheres mais cobradas do que os homens, pois a família deixa de ganhar com ela (o dote). Já, quando o homem não toma a iniciativa para buscar casamento, a família vai se encarregar disso, e ele se obriga a receber a mulher escolhida pela família (N3, *Bacongo*).

Nas aldeias, nos três países, são mais comuns os casos de pais escolherem os cônjuges para os filhos ou filhas, mas, nas cidades, esse direito foi tirado deles, segundo o nativo N7. Mesmo assim, estão sujeitos a todas as regras e formalidades das famílias. Essas precisam concordar com a escolha segundo seus critérios e alto nível de interferência. Uma moça solteira é considerada uma situação muito estranha dentro da cultura, pois, a mulher realmente é conduzida para o casamento, logo cedo, alega a missionária Ms13. Em geral, não é dado o respeito para a pessoa solteira, e podem até desrespeitar, diz o moçambicano N11, *Machangana*. “No campo [aldeia], isso é mais forte”, pois a mulher deve estar casada, “custe o que custar”, complementa ele. E, a pessoa, quando não se casa, torna-se uma grande preocupação para a família.

Quando é uma menina, suspeitam em Moçambique, da existência de algum problema, feitiço, ou questões culturais, “marido espiritual” (N11, *Machangana*), “os pais fizeram uma e outra coisa” (N13, *Maronga*), e “joga-se mais a culpa nos espíritos” (N13, *Maronga*). São considerações que fazem para justificar o não casamento. Um nativo menciona, ainda, o que dizem, entre eles, das pessoas solteiras, por não terem coragem de falar diretamente, no sul de Moçambique. E, discute:

Mas, às costas, o povo sempre “xinga”. Tem espíritos na casa dela que não lhe permite que seja casada, tem marido espiritual, coisas dizendo, ou os pais ahhhh (sic), os pais fizeram ritual para enriquecer e usaram-na. Então há esses tabus demais aqui no sul (moçambicano N13, *Maronga*).

E complementa dizendo que o povo do sul de Moçambique fala muito “nas costas” e não abertamente. Enfim, o contexto cultural africano valoriza o casamento demonstrado em todo o rigor de seus rituais. Ter filhos é fundamental e muito necessário para se manter o casamento, desvalorizando-se dessa forma a pessoa infértil e a pessoa solteira. E esse contexto apresenta-se como um desafio adicional às missionárias solteiras em campos de missões na África.

2.4 “ACHAM O CÚMULO EU NÃO SER CASADA SE NÃO SOU DOENTE”

(Missionária Ms7, Guiné-Bissau, 42 anos).

“É um desafio muito grande” ser missionária solteira na África no entender de Ms18 com 56 anos e vivendo há 13 anos em Moçambique. Nas declarações das missionárias e das pessoas nativas surgem questões que caracterizam vantagens e desvantagens das missionárias brasileiras em estarem solteiras na África. Entre situações apontadas estão as diferenças culturais explicitadas no machismo africano em sua forma de tratar a mulher e a pessoa solteira, na desvalorização e consequente desconfiança do povo local com a pessoa solteira e sem filhos, no assédio constante para casamento com estrangeiro/a e questionamentos sobre as razões de não estar casado/a e não ter filho, percebidas como pressão ao casamento, como demonstram algumas falas.

Acho que [sentimento] de inferioridade não. Mas, assim, uma necessidade, um saber que se fosse casada seria diferente. Outra coisa, ser solteira e ser sem filhos. [...] Quando eu me apresentava, diziam assim, mas não tem filho? (Ms5, 64 anos, Angola).

Então, eu percebo que a nossa vida é vigiada 24 horas (Ms20, 65 anos, Moçambique).

A questão da carência, de estar sozinha no campo, isso dificulta (Ms12, 37anos, Moçambique).

Por causa de preconceito em Moçambique, como admite Ms17, de 40 anos, ela se sentiu desafiada no início, quando tinha 36 anos, a mostrar que mesmo sendo solteira, poderia fazer o trabalho assumido por ela. E via a atitude em alguns pastores (locais), “de simplesmente olhar para você como solteira, e não como pessoa” (Ms17) e deixar de chamar para determinado trabalho na igreja.

Numa aldeia acham estranho quando uma pessoa estrangeira chega solteira. Inclusive são capazes de oferecer uma mulher ou um homem, dizem nativos/as. A angolana N1, *Umbundo*, casada, acredita que um missionário solteiro, em Angola, precisa afirmar sua fé em Cristo, e deixar claro a sua condição em relação ao casamento para ganhar credibilidade. Além disso, o/a missionário/a fica desacreditado/a caso se envolva com alguém fora do casamento, diz o angolano N3, *Bacongo*. Por outro lado, as pessoas nativas dizem que mulheres ou homens locais vão querer se casar com a pessoa estrangeira pela possibilidade de ir junto quando

voltarem ao seu país, de obter *status* e melhorar de vida. Nesse sentido, Missionárias confirmam serem assediadas para casamento.

E, como diz a missionária solteira de 42 anos, “batem muito na porta. Você recebe pedidos, convites” (Ms7, Guiné-Bissau). Quando já tem certa proximidade, chegam se oferecendo, observa o guineense N9, sobre o seu povo *Bijagós*. Então, como diz uma missionária, “tem que ter o pé no chão. [...] Tenho muitas amigas que estão sofrendo porque casaram errado” (Ms9, Guiné-Bissau). As missionárias falam dos casamentos já realizados com africanos, os bem sucedidos e aqueles nos quais as mulheres apanharam do marido e tornaram-se problemáticos. Mesmo assim, uma das entrevistadas de Guiné-Bissau, Ms8, de 41 anos se declara aberta a um casamento com guineense na condição da certeza de ser providenciado por Deus e, não manifestando ele desejo de sair do país para o qual ela tem o chamado como missionária.

A missionária Ms15, de 35 anos, diz ser inconveniente o assédio dos homens moçambicanos na maioria das vezes. Outra missionária, com 46 anos, diz, rindo, “é bilheteinho, cantada, moçambicano atrás de você” (Ms19, Moçambique). Elas dizem também da necessidade de reagir constantemente, de manter o foco naquilo que se propuseram fazer, para não se envolver. Uma das missionárias concorda que as pessoas nativas perguntam sempre se a pessoa é casada, se tem filhos. Mas, ela não percebe como um assédio, mas como um interesse normal que brota neles e falam (Ms18, 56 anos, Moçambique). Da mesma forma, acontece com as nativas solteiras. Uma moçambicana solteira de 45 anos conta como ela precisa estar sempre se protegendo de assédio. “Eu já conheço a manha dos homens moçambicanos. Já tenho a manobra. Quando eles vêm assim, eu tenho que me esquivar assim”, diz ela (N19).

O povo questiona, diz o guineense N9, *Bijagós*: “Como essa menina veio aqui tão bonita, tão nova e não se casou ainda? O que aconteceu que causou ficar solteira? [...] aí acham que estão perdendo tempo”, pois deveriam casar e ter filhos. Um guineense *Pepel*, N8, diz que as pessoas nativas vão respeitar e receber bem as missionárias solteiras e vão ficar felizes. Porém, duas guineenses da mesma etnia, N14 e N15, dizem do receio das mulheres nativas de que as brasileiras estejam indo para roubar os seus homens. Elas garantem já terem presenciado isso em Guiné-Bissau.

O angolano N6, *Quimbundo*, concorda que a mensagem do evangelho é aceita, mas, ao falar para casais, a missionária solteira vai ter dificuldade. As pessoas podem até ouvir e dizer um amém, “mas, no fundo, estão a dizer assim: como é que você que não é casada está a falar para mim?” (N6) Pois consideram que, se a pessoa lida bem com sua família, essa pessoa é boa. Dá para se relacionar. “Se não tem família, se tem dificuldade com a sua família, logo vai ter dificuldade conosco”, explica o angolano N6. Da mesma forma, a missionária Ms8, de 41 anos, fala da dificuldade em ser ouvida em Guiné-Bissau por causa do machismo, onde o homem manda e a mulher obedece. “Já tentaram fazer isso comigo”, diz outra missionária, a Ms7, de Guiné-Bissau com 42 anos. Mas, mesmo assim, dão lugar de honra para ela nas igrejas por ser missionária e a convidam para falar. No entanto, diz ela que acham que deveria ser casada se não é doente e pode ter filhos (Ms7). Outra missionária, hoje casada, considera ser a aceitação da solteira, pelo povo local, condicionada ao tipo de trabalho realizado. Ela, como mulher solteira, atuava em treinamento de obreiros e formação de pastores, mas, procurava não encabeçar as reuniões e as iniciativas (Ms5, Angola).

É necessário conquistar seu espaço e provar o seu valor, e, para isso, estar disposta a lutar, e, ao mesmo tempo, “ser humilde, o suficiente, para entender um mundo machista, onde nem sempre você vai ser valorizada, e sua palavra não tem voz”, diz Ms7, atuante em Guiné-Bissau. Uma missionária solteira em Guiné-Bissau, Ms8, reconhece: “O pessoal aceita, mas a gente percebe que, para a coisa ser mais completa, teria que ser a pessoa casada”. Pessoas nativas moçambicanas também falam da impressão causada pelas pessoas solteiras estrangeiras. Um deles diz, acerca do povo do sul de Moçambique:

[O povo] está mais ligado no foco daquilo que a pessoa traz. Não estão muito ligados na vida pessoal. Apesar mesmo, de se questionarem dentro de si, dificilmente perguntam, mesmo com curiosidade. [...] Se olhou o dedo, e não tem anel, fica aquela questão na mente, mas não tem aquela ousadia de chegar (N13, *Maronga*, 23 anos).

No entender de um moçambicano *Chuambo*, o povo das aldeias não vê com bons olhos alguma pessoa solteira estrangeira, pois, as pessoas nativas valorizam mais a pessoa casada, que “tem mais peso na sociedade” (N12). Às vezes, segundo ele, consideram a pessoa solteira irresponsável, chegando a pensar que só vem

“para abusar sexualmente das pessoas jovens locais”. Ele alega existir essa desconfiança.

Tem aquelas aldeias mais conservadoras. Aí de fato é mais difícil, [...] mas hoje são poucas. Mas tem as mais liberais, mais abertas [...]. Aí já fica mais fácil. Mas, quando a pessoa, o missionário é rejeitado, praticamente, a mensagem que ele traz é rejeitada. Não é bem-vinda [...]. Não estou dizendo que os missionários solteiros não podem vir, venham [risos] (N12, *Chuambo*).

Uma missionária de 65 anos, vivendo há 17 em Moçambique, afirma ser impossível para o povo acreditar que uma moça pode viver sozinha numa casa sem um companheiro (Ms20). Além da pressão ao casamento e da carência afetiva, outro fator apontado como desvantagem da pessoa solteira é “a solidão em certos aspectos e falta de alguém para dividir as tarefas” (Ms15, professora, 35 anos), e “ter que levar tudo sozinha, [gargalhada]. Cansa, cansa, cansa, viu, cansa, [...] às vezes você gostaria de ter um ombro mesmo para [pausa] (Ms24, professora, 49 anos)”.

Além disso, foram evidenciados sentimentos de inferioridade provocados por brincadeiras e comentários diminuidores da pessoa solteira recebidos da igreja de origem no Brasil.

O pessoal começa a brincar [...]. Você releva algumas coisas [...]. Quando chega a passar dos limites, aí, já é meio complicado. [...] Eu não gosto mesmo (Ms25, 36 anos).

[...] estar num grupo de missionários [...] casados, [...] e começaram aquele assunto de casamento, de filho, e eu, tipo, vou falar o que aqui? [...] nesses momentos é que vêm aqueles pensamentos, puxa vida, também tenho que casar (Ms17, 40 anos).

Além do mais, outro fator considerado como desvantagem no trabalho missionário é a ingratidão percebida no povo local. “Você investe, mas nem sempre as pessoas agem como você imaginaria [...]” (Ms8).

Às vezes, você quer que aquela pessoa seja grata pelo benefício que você está fazendo para ela e muitas vezes, elas não são gratas [...]. Mas, aí, você precisa dizer: Eu não estou fazendo para elas, eu estou fazendo para Jesus, aí você se sente melhor (Ms8, Guiné-Bissau, professora, 41 anos).

Uma professora de 44 anos, casada, afirma existir baixa autoestima em mulheres solteiras pelo fato de pensarem: “Eu não casei, porque ninguém viu em mim algo positivo” (Ms14). Outra declaração confirma essa ideia. “Conheço pessoas

assim. Porque não se casaram, se acham feias, que não valem nada, porque ninguém se interessou por elas” (Ms20, pastora solteira, 65 anos).

Mais uma desvantagem apontada por algumas missionárias é a falta de segurança. “Aqui eu não tenho cem por cento de liberdade. Por exemplo, à noite, eu não posso sair sozinha, [por ser solteira e estrangeira]” (Ms21, Moçambique).

Como mulher já tem pouco respeito, como solteira, menos ainda. Não posso sair sozinha na rua. Evitar sair à noite e não é qualquer coisa que eu posso fazer. É difícil (Ms16, Moçambique, pedagoga, 54 anos, residindo há seis na capital).

A missionária Ms12 fala do desequilíbrio no uso do tempo, enquanto solteira, o que a debilitou, por gastar energia demais. “Eu poderia ter equilibrado um pouco o meu tempo”, diz ela rindo, pois, “a gente corre o risco de ficar no ativismo”. Algumas também falam da dificuldade em falar de família e casamento em seus trabalhos missionários, por se sentirem menos capacitadas pela falta de experiência.

Por outro lado, mais disponibilidade de tempo para servir no trabalho missionário e possibilidade de maior produtividade e extensão do ministério são as vantagens mais apontadas por missionárias, relacionadas ao fato de estarem solteiras, como ilustram algumas falas. “Potencial incrível, mais liberdade de trabalhar, às vezes. Ela pode ter um potencial até maior, produtivo” (Ms10, Guiné-Bissau). “No chamado de Deus para certo lugar, você vai pensar só em você” (Ms25).

Sabia que solteira eu dava 100%, mas, quando eu casasse, isso ia mudar. Então eu queria ter a experiência de trabalhar solteira e produzir bastante (Ms9, agora casada);

Eu posso ver mesmo, que eu tenho muito mais tempo para fazer. Muitas vezes eu saio de casa bem cedo e não tenho hora para entrar em casa (Ms11, solteira, 38 anos);

Eu tenho um tempo maior, um tempo livre [risos]. [...] De certa forma, liberdade. Eu posso trabalhar para a obra praticamente cem por cento (Ms21, solteira, 48 anos).

A autonomia e liberdade de decisão refletem pontos positivos da pessoa solteira no campo de missões, resultando em maior alcance como ilustram as seguintes falas: “A gente faz o que dá na cabeça [risos]. Vai para um lado, vai para o outro” (Ms9, agora casada); “Eu não tenho que dar satisfação a ninguém, e nem deixar ninguém. Eu confesso a você que eu gosto muito dessa liberdade” (Ms20, solteira, 65 anos). Liberdade de locomoção e de viajar de várias formas e condições

diferentes sinalizam outras vantagens, pelo desprendimento familiar, de pessoas dependentes, dizem elas.

Acho que a vantagem é essa de ser desprendida do dever doméstico (Ms17, solteira, 40 anos); É muito mais fácil para você se locomover e fazer as suas coisas [...]. Não tem marido, não tem filhos, então eu pude abraçar mais o trabalho (Ms13, solteira, 51 anos); Se eu estivesse casada, não teria vivido tantas experiências fortes com Deus, [...] de ir a lugares mais difíceis (Ms6, solteira, 42 anos).

A missionária Ms1 (Angola) menciona ter sido considerada mais santa por ser solteira, ganhando, com isso, a confiança para que viessem confessar pecados. E outra comenta do baixo custo do sustento, comprovado por ela, para viver na África, por ser solteira (Ms3, Angola). Outras missionárias manifestaram pontos positivos: “Fiz o meu trabalho e fiz muitas amizades e me senti muito feliz. Foi um tempo muito bom, muito feliz da minha vida” (Ms1, Angola); “Você pode ser feliz, ser uma pessoa linda e realizada. [...] Eu aproveitei bastante [quando estava solteira]” (Ms14, Moçambique).

Estar “feliz dentro da vontade de Deus, eu acho que é a melhor coisa”, diz Ms24, professora de 49 anos. “Eu ensinava em seminários, escolas bíblicas, igrejas, conferências. E o pessoal aceitava bem o meu ensino” (Ms1, professora de 69 anos). Outra missionária diz ter começado a amar Angola desde a época dos conflitos e não teve problemas por ser solteira (Ms3, Angola). Uma professora de 44 anos afirma ter sido complicado em Angola como solteira e ter sofrido um pouco no início, mas que aprendeu a lidar com o machismo e, “com o jeito de serem mandões dos homens”. Dessa forma, ela declara que soube respeitar. “Se a gente não mantivesse humildade mesmo, não conseguiria fazer nada. [...] Com essa disposição de ser humilde e de obedecer é que algumas coisas foram vencidas” (Ms4, Angola).

Pessoas nativas gostam do trabalho das missionárias, embora estejam sujeitas a certa desconfiança nos primeiros anos. Para o angolano N7, o/a visitante sempre traz algo bom para o povo. Por isso, é sempre bem-vindo/a, reforça o angolano N7.

Um fator levantado como facilitador do trabalho das pessoas solteiras é o relacionamento criado com o povo. E também a perseverança foi apontada para a boa aceitação da missionária solteira em campo africano. Uma missionária diz ter adquirido a confiança, não pelo fato de ser solteira ou casada, mas por quanto

tempo ela ficava em Moçambique, pois vinha ao Brasil, mas sempre voltava (Ms18, Moçambique). Ela conta como obteve reconhecimento: “mesmo eu não tendo filho, mesmo não tendo marido, eu tratava bem as crianças, porque era um orfanato onde eu estava. Então eu tratava as crianças como mãe” (Ms18, Moçambique).

Para uma missionária em Guiné-Bissau, Ms7, de 42 anos, o fato de ser um pouco mais velha, contribui para a aceitação. “Vem pedir opinião, ajuda, informação”, e, acredita que, por ser mulher, pensam conseguir favores, mais fácil, diz ela. “Eu sempre fui respeitada [...]. Não foi natural, mas eu conquistei com meu comportamento” Diz a missionária Ms20 sobre Moçambique.

As missionárias, na capital de Moçambique, dizem nunca terem sofrido constrangimento. E, por serem mulheres, até facilitam as coisas para elas. Na questão do tratamento recebido, uma delas, solteira, conta:

Primeiro me chamavam de Mulungo, que Mulungo é branco. Então, eu não tinha nome, Mulungo, Mulungo, Mulungo. Aí depois me chamavam de mana, né, [mana tal], [mana tal], [mana tal], depois de uns cinco anos que eu estava ali, todo mundo me chamava de mamá [senhora], porque começou a ter aquela confiança (Ms18, Moçambique).

Também a fé representada pela certeza da direção de Deus quanto ao tempo e lugar de atuação se mostra como vantagem no sentido da aceitação pelos locais, de acordo com várias missionárias. Nesse sentido, uma atuante em Angola, acredita que, em nenhum momento, a mensagem ficou comprometida, “porque tudo tinha a ver com o tempo de Deus para estar naquele lugar. [...] Então as pessoas [...] me recebiam bem” (Ms2, Angola). Em relação à atuação como solteira no campo missionário africano, percebe não ter sido impedida, pois conseguiu realizar o trabalho, e foi respeitada.

A aceitação de uma pessoa solteira estrangeira e da mensagem levada por ela está vinculada à confiança que as pessoas nativas têm nela. Essa confiança é conquistada ao longo do tempo, através de seu modo de agir e se comportar. É uma visão comum à maioria das pessoas entrevistadas. Isso fica claro na fala da missionária Ms20, que vive há 17 anos em Moçambique.

Eu tenho que dar o exemplo, sem ter uma vida dupla escondida. [...] Pode aceitar o celibato e não cair. [A aceitação] não foi natural, mas eu conquistei com o meu comportamento. [...] Eu sempre fui respeitada. Eu sempre vivi, assim, no fundo de quintal de outra pessoa, moçambicano. [...] Eu tenho percebido que as pessoas têm confiança. [...] É claro que não foi da noite para o dia. Mas, o seu caráter fala muito. Estão a olhar o que você faz e não

tanto o que você fala. Vão acompanhar os seus passos no dia-a-dia (Ms20, Moçambique).

Ela percebe que a igreja para e ouve, principalmente quando ela ministra temas relacionados à família. E reconhece: “É uma dádiva de Deus. É ele quem prepara os corações” (Ms20). “Até perceberem que aquela mensagem é fiel, é verdadeira, e é boa para a vida deles, essa confiança leva tempo” (Ms21), e quando a pessoa é solteira, “tem que perseverar” (Ms21), diz uma professora que está há quatro anos em Moçambique. Outra missionária, com 10 anos no campo, considera, como maior desafio, dar conselhos e ensinar as “*mamás*” (senhoras), mas, “estou ensinando aquilo que a Palavra de Deus ensina”, e “todas elas ouvem” (Ms13, Moçambique).

Uma professora, atuante há dez anos, casada há três com um moçambicano, não viu problemas em relação a aceitação da mensagem do evangelho, em seu tempo de solteira, a não ser quando surgia demanda de aconselhamento para casais. E também, quando estava em grupos de mulheres, percebia constrangimento por parte delas. Então, ela se retirava, nessas horas, deixando as *mamás* mais à vontade para resolverem seus assuntos (Ms14). Da mesma forma, Ms19, que agora também está casada, lembra-se de ter primeiro conquistado a confiança para ouvirem-na falar sobre casamento. Outra missionária, de 57 anos, diz não ter problemas para ministrar a qualquer público, o que atribui ao fato de ser mais velha. Mesmo assim, ficam dizendo que ela tem que casar (Ms23, Moçambique).

Ms24, uma professora de 49 anos, se acha inapta para falar a casais por não ter a experiência e somente a teoria. Porém, consegue aconselhar daquilo que recebeu da Bíblia e do que tem estudado. Mas, acha importante ter um casal que compartilhe suas experiências. Ms25, outra professora, de 36 anos achou complicado eles aceitarem o ensino de uma solteira e sem filhos, mas, com o tempo foi mudando devido ao caráter da missionária e da percepção de todo o esforço do trabalho feito. São as “atitudes diferenciadas em nossas vidas [...]. É isso que começam a valorizar” (Ms25, Moçambique).

Uma mulher de 40 anos, diz ser convidada para participar quando tem reunião de senhoras nas aldeias em Moçambique, e lhe “chamam para dar palavra” ou para fazer alguma coisa por já terem esse respeito. “Hoje, é mais tranquilo”, diz ela (Ms17). Uma missionária há treze anos em Moçambique, também acha serem receptivos à mensagem do evangelho, mesmo trazida por pessoa solteira. Mas,

encontra dificuldade no discipulado, em terem “uma conversão genuína, verdadeira e com transformação de vida” (Ms18).

Por fim, Ms20, uma pastora solteira de 65 anos diz ser possível “viver a vida toda sem pecar, sem cair, sem vacilar, sem ter tédio, sem ter depressão, sem ficar uma pessoa antissocial, aborrecida e magoada”. E prossegue, se referindo a Deus: “Eu tenho um marido que não me decepciona, não me trai, não me maltrata, não comete violência doméstica e me respeita. Até aqui, me sinto realizada, alegre, feliz e tranquila” (Ms20, Moçambique).

Portanto, em detrimento das desvantagens em trabalhar como solteira na África, apareceram as vantagens apontadas pelas missionárias, pelo fato de estarem solteiras. A liberdade de tempo, de locomoção e autonomia nas decisões, foram as vantagens mais pontuadas.

2.5 “EU QUERIA TANTO ESTAR CASADA”

(Missionária Ms15, com 35 anos).

Sobre o processo na área da conjugalidade das missionárias, salientam-se temas da pressão e expectativa ao casamento. Segundo declarações destacadas nas figuras correspondentes, a pressão é ativada por situações, perguntas e comentários recebidos, e percebidos como diminuidores da pessoa solteira, e também pelo próprio avançar da idade. Para a maioria das missionárias, a pressão aconteceu ou acontece, e de várias formas, tanto através das pessoas nativas, quanto por pessoas brasileiras. Enquanto uma missionária de 53 anos diz não ter se sentido pressionada o casamento no campo missionário, outra de 45 anos considera a pressão muito grande, como outras com a mesma opinião.

Mais pressão de minha igreja do Brasil do que aqui mesmo em Angola. [...] Porque eu já tinha certa idade, [em Angola] então não me perguntaram. [...] Depois disso, uma irmã disse: vamos casar a mamãe, vamos casar a irmã, vamos começar a conhecer alguns angolanos [...] (Ms4 Angola, 44 anos);

Ter filho é uma coisa, ser casada é outra coisa. Então [risos], tinha esse tipo de pressão. Era mais para ter filho do que, na verdade, ser casada (Ms5 Angola, 64 anos);

Já que você não é casada, faz pelo menos um filho com um africano. [...] A pressão é muito grande realmente e as pessoas estão sempre perguntando por que a gente não está casada [...] (Ms2 Angola, 45 anos);

Eu não tive problema [sobre a pressão para casamento], tanto que para mim passou. Só há pouco tempo que a gente vai [risos] se dando conta [...] que vai chegando a idade [risos]. Os sintomas da menopausa vão chegando [risos]. Aí é que cai a ficha [risos] (Ms3 Angola, 53 anos).

Os comentários geradores de pressão ao casamento foram exemplificados ainda, com as expressões: “tu vais morrer solteira”; “tu és muito exigente”; “você vai ficar, já está velha, não casa” (Ms15, de 35 anos). Uma das missionárias sente pressão ao casamento quando as próprias pessoas, seja na equipe missionária ou na igreja do Brasil dizem, “você tem que casar, vamos orar” (Ms7, de 42 anos), por acharem que a pessoa só é feliz casada.

O tempo todo [pessoas nativas] perguntam [...]. E a pergunta básica é: você é doente? Não pode ter filhos? Não sei, que eu saiba eu posso. Então porque não casou? Eles acham o cúmulo eu não ser casada se eu não sou doente e se eu posso ter filhos. Não há empecilhos do ponto de vista deles, entendeu? A ideia de esperar não existe. Não faz sentido. Então tem uma pressão grande aqui (Ms7, Guiné-Bissau).

De acordo com o nativo guineense N9, *Bijagós*, o povo quando se depara com pessoas estrangeiras solteiras com mais idade, pensa que “não é normal uma mulher naquela idade ficar sem casar.” No entanto, observa ele, as pessoas na comunidade respeitam, mas questionam sobre as razões porque não casou, e os rapazes da comunidade “já ficam se oferecendo” para casar. Buscam pretendentes para as missionárias [...] [risos]” (N9).

Todas as 25 missionárias entrevistadas se declaram abertas a um casamento, desde que atendam algumas condições colocadas por elas. Para Ms3, a possibilidade de um casamento é somente se Deus falar diretamente com ela, mas, no momento, não, embora tenha dito: “querer a gente sempre quer, mas, houve alguns contratemplos e passou” (Ms3, 53 anos).

Ms4, algumas vezes, já sentiu o desejo de se casar, mas sempre orava, pois não queria se casar só porque tem vontade e desejo sexual, e nem para poder dizer que está casada. Esperou pelo momento, no qual, ia aparecer, não o “príncipe encantado”, mas aquela pessoa com a mesma visão. Mas não apareceu, pelo menos até hoje, afirma ela, e alega ser muito difícil os homens entenderem isso. E, para não atrapalhar a vida de ninguém, fez a opção de não se casar. Quando alguém começa a se envolver, costuma perguntar se ele entendeu o chamado, e a pessoa acaba por desistir.

A missionária Ms5, casada, diz não ter orado por casamento, embora tivesse sentido a dificuldade por ser solteira no campo. No entanto, se casou com um angolano e vive um casamento que considera bem sucedido. Quanto às duas missionárias em Guiné-Bissau, casadas atualmente, uma orava para casar, “mas sempre falava: Deus, seja feita tua vontade” e outra orava enquanto sua igreja não mudava a postura, pois não enviava missionária solteira. Ao conseguir ir solteira, não orava mais por casamento e até relutou em aceitar quando apareceu a oportunidade.

O fato da mulher, na cultura, ser respeitada pelo fato de ter homem, contribui para essa pressão, elas dizem. Por outro lado, no Brasil “tem outra forma de cobrar, mas cobram também”. Uma delas acredita que atualmente a sociedade brasileira não cobra mais tanto, “mas você sente isso quando sempre perguntam se eu sou casada, se estou só no campo” (Ms7).

Ms15, uma professora de 35 anos, se sente pressionada pela cultura, por pessoas à sua volta, em reunião de pais, pelas crianças, em perguntas ou comentários. “Você não está casada, então, não quer, já podia estar casada”. Também se sente pressionada pelas pessoas do Brasil com conselhos: “Tem que voltar, senão nunca vai casar. [...] Tem que casar, por que precisa de família, então tem que casar” (Ms15).

Eu já senti em vários momentos essa pressão. “Ah, nos primeiros momentos foi muito difícil porque, sempre tive o desejo também, e ainda tenho”. Na verdade, senti que alguém cutucou em feridas e coisas assim. Então, aquilo me machucava um pouco (Ms15).

A pedagoga Ms17, de 54 anos, também já se sentiu pressionada ao casamento muitas vezes e acredita ser uma coisa possível de acontecer no campo. Uma de 40 anos diz ter sofrido pressão já antes de ir ao campo quando outros missionários diziam: “é bom missionário/a ir para o campo casado/a” (Ms17). E, quanto a Moçambique, ela esclarece:

Aqui, parece que as pessoas confiam mais em quem tem uma família [...] Sempre as perguntas que eles me faziam [eram]: Você não deixou filho no Brasil? Então, como você tem essa idade e não tem nenhum filho? Como você tem essa idade e nunca casou, como assim? (Ms17).

A professora Ms24, de 49 anos, sobre as perguntas: “você ainda é solteira e tal, você não casou, não quis casar, por quê?”, também vê como uma pressão, de

certa forma. E, por causa dessa pressão da sociedade, houve épocas em que Ms15 orava mais em relação a questão de casamento, de Deus mandar a pessoa que realmente tivesse um chamado. Ms19, uma professora casada, de 46 anos, menciona nunca ter sido pressionada por sua igreja, mas sim por amigos, com suas brincadeiras, e conta do que lhe disseram em uma situação.

Você não é muito de dar risada. Quando os camaradas, os irmãos chegam perto de você, você é muito grosseira, muito curta. Não é assim não. [...] Se aqui no Brasil você não conseguiu casar, imagina em Moçambique. [...] E você aí, vai casar quando? Você precisa casar. Fiquei vermelha, não gostei muito (Ms19).

Já Ms20, pastora de 65 anos, diz não ser fácil lidar com a pressão ao casamento, mas procura não dar muita atenção a perguntas, a críticas indiscretas. As pessoas se preocupam muito, diz ela. Assim exemplificam essas falas: “Ah, porque não casou? Porque não casa? Você não tem marido? O seu marido ficou no Brasil? [...] Não sou casada. Como você consegue? Como você faz?” (Ms20); “Em todo lugar tem alguém que quer apresentar, né? [...] É aquela sensação de obrigação [de ser casada]. É um sentimento ruim, não agrada” (Ms21, 48 anos); “Minha mãe até fala: vou ficar sossegada só quando você casar. Eu digo: não vou mexer com isso não. Vou ficar tranquila” (Ms23, com 57 anos).

Ms14, professora casada, de 44 anos, diz que em sua época de solteira em missões, não tinha grandes aspirações por casamento, pois se sentia feliz e realizada. E alega não saber se foi um bloqueio, pois estava noiva no Brasil e decidiram romper por conta do chamado. “Abri mão mesmo dele. Era mais forte o chamado” (Ms14).

Ms16 reconhece que o ideal seria estar acompanhada, “mas não a qualquer preço”. E decidiu ter uma vida normal, “se acontecer tudo bem, se não acontecer, tudo bem”. Na espera por um casamento, diz ter tido várias etapas, e um tempo no qual pedia mais a Deus em oração. Mas, para um possível casamento, acredita que deve ser alguém ligado na mesma visão de chamado missionário para poder trabalhar junto. “Daí eu acho que valeria a pena” (Ms16, 54 anos). Ela entende que seu chamado é para sempre.

Ms18, de 56 anos, diz: “Se eu tiver um marido, glória a Deus, é bem melhor [risos]. [...] É projeto divino [casamento em geral]. Mas, para mim, hoje, tanto pode ser uma grande bênção e uma grande promoção, como pode ser um grande risco”.

Pois viu muito no campo, pessoas que abandonaram o marido nativo e tiveram que voltar ao Brasil por problemas e por não darem conta de manter o casamento.

Ms19, casada com brasileiro, conta que foi para missões decidida a não se casar. “Eu vim aqui para fazer a obra de Deus”, disse ela. Mas, ao ter uma malária muito forte, depois de seis anos, retornou para o Brasil, e conheceu seu esposo, o qual aceitou ir para o campo de missões com ela. Ms20, de 65 anos, diz que, se não é da vontade de Deus que ela se case, está bem, e se vier a se casar, também está bem. Mas explica: “Não é que eu nunca tive vontade casar não”.

E já tive. [...] Eu me sinto muito realizada, então eu relaxei na oração. Se ele não me deu alguém até hoje, é porque, talvez precisasse de mim solteira. Se eu tivesse casada, eu iria me dedicar ao ministério de mãe e esposa. [...] Pode ter me livrado de algo que não iria me trazer alegria (Ms20, 65 anos).

“Eu acho que agora eu sinto mais desejo de casar do que antes [risos]”, afirma a missionária Ms21. Pois, hoje, ela sente mais a falta de um casamento, de uma companhia.

[...] porque antes eu falava, não, não quero, eu vou ficar solteira, porque eu tenho um tempo maior né, um tempo livre [risos] [...] hoje eu já peso os dois lados. [...] se eu casar, vai ser com a bênção de Deus, na hora certa. E não para ter algum benefício, para ter visto, para não ficar sozinha, para não ser chamada de tia, para sua situação financeira melhorar (Ms21, 48 anos).

A missionária Ms22 gostaria de casar, se for da vontade de Deus e acredita que as mulheres sempre têm esse desejo, mesmo que algumas digam que não.

Já apareceu muito, mas a gente tem que saber a vontade de Deus. Se não tiver o mesmo chamado, vai ser muito difícil. [...] Nós temos muitas experiências disso. Vemos muitos casais sofrendo, tem o chamado de Deus, mas não esperou em Deus, se precipitou e hoje ele chora amargamente (Ms22, 61 anos).

Às vezes dá vontade de ter uma pessoa para conversar e tal, mas acho que isso Deus vai suprimindo. [...] Já estou tirando de minha ideia assim de relacionamento, de casamento. [...] pelos meus 18 até meus 30 anos para mim acho que foi mais difícil. [...] Hoje tem que ser assim, muito a confirmação de Deus. [...] Você quer seu tempo, você quer sua vida (Ms23, 57 anos).

Eu sempre tive até muito medo de casar e sair do foco daquilo que Deus tinha para minha vida. [...] Eu falava, Deus, não me deixa Senhor, ser confundida. [...] O ser humano, a gente quer. Quer uma pessoa para estar do nosso lado. [...] Eu falo para Deus, eu quero. [...] hoje eu vejo um esposo, um companheiro, alguém que você possa compartilhar e descansar [...]. Ele levar junto essa carga. Você vai estar com ele (Ms24, 49 anos).

Ms25 diz que se tivesse escolhido o casamento, talvez estivesse frustrada. Se sente tranquila como está, não desesperada para casar. “Eu procuro não esquentar a minha cabeça muito com isso”. E se casaria se fosse dentro da vontade de Deus, e se a pessoa estivesse disposta, realmente, a seguir o que Deus tem preparado (Ms25, 36 anos).

“A gente quer casar, mas com alguém que entenda que a gente pode estar aqui hoje e amanhã em outro lugar aonde Deus mandar” (Ms4 Angola, solteira, 44 anos). A pressão e o desejo de casamento em processo de elaboração fazem parte das demandas das missionárias solteiras que muitas vezes precisam lidar sozinhas.

2.6 “SE É DEUS FALANDO, EU NÃO TENHO COMO DIZER NÃO”

(Missionária Ms1, Angola, 69 anos).

As declarações destacadas nas transcrições das entrevistas relatam como as missionárias percebem a ação de Deus em suas questões de fé. “O Senhor sabe o que é melhor para mim [...]. Eu não quero ser uma solteira triste e nem deprimida e nem querendo culpar Deus, por não ter dado certo” diz Ms9, de 43 anos, assim como relatam outras missionárias.

Durante algum tempo fiquei cobrando: Deus, quando vai mandar um companheiro? Depois, senti a paz de Deus, me senti amada, cuidada, valorizada por Deus [...] Eu posso ser feliz hoje, meu amanhã pertence a Deus (Ms1, 69 anos).

Então eu vi que Deus queria me dar o livramento [um relacionamento que não certo]. Aí eu sei que Deus tem a pessoa certa. Então, eu estou descansada nele, porque eu sei que ele vai fazer [...] ele está preparando alguém para mim (Ms8, 41 anos);

Não tive dúvida que houve uma ação de Deus com relação ao meu estado civil entanto solteira. Eu precisava chegar aqui solteira, pois estaria aqui a pessoa a quem Deus me uniria (Ms10, 48 anos, casada);

Ao estar pressionada no campo, me sentindo só, eu falei com Deus, que se verdadeiramente Deus quisesse uma pessoa que estivesse no coração dele para o meu coração, eu aceitaria (Ms19, 46 anos);

Deus não deixou que eu me relacionasse. De alguma forma, ele mostrou que não era [...] Eu faço como uma análise positiva. E Deus tinha um propósito em tudo. Eu não estava preparada na época. Então eu vi como um livramento. O tempo de Deus para eu me preparar, para crescer, para eu aprender (Ms6, 42 anos).

A fé se expressa na confiança da ação de Deus em favor das pessoas, de acordo com as declarações das missionárias. “Eu pensei, se for Deus, eu não posso dizer não. Aí comecei a orar. [...] Quanto mais orava, mais tinha certeza (Ms1, 69 anos)”; “Casada eu não teria vivido tantas experiências fortes com Deus” (Ms6, 42 anos); “E eu sempre orando. Senhor manda seus anjos para me guardar” (Ms1). E ainda, outras contam de situações do campo de missões.

Aí ele [o líder], nas reuniões, dava as ideias, as minhas ideias. E aquilo que a direção não aceitava de mim, aceitava do pastor e foi a estratégia que Deus me deu para algumas coisas começarem a acontecer (Ms5 Angola); Deus vai buscando os caminhos de trabalhar também. E vai fazendo a coisa acontecer como foi o meu caso. Independentemente do que o sistema dizia, eu vim. [...] Minha igreja não enviava missionária solteira (Ms10, 48 anos);

Fui colocando as coisas assim para Deus [...]. Quando Deus nos chama, ele também nos dá as condições de atender ao chamado independentemente de sermos solteiros, casados (Ms2, 45 anos);

A fé também se manifesta no reconhecimento do cuidado e suprimento de Deus para as missionárias. “Deus sempre cuidou muito e supriu, trazendo para perto pessoas que se tornaram família e me apoiaram e me ajudaram no trabalho, nas decisões, em tudo. Deus cuida” (Ms7, 42 anos, solteira, secretária). Algumas missionárias falam ainda de suas orações em relação à conjugalidade e do que entendem ou esperam de Deus.

Eu fazia lista de como eu queria marido e essas coisas meio piradas. [...] piada, fale para Deus como você quer... Hoje em dia, eu abomino isso [risos]. Tanto que, teve uma época que eu orava por um príncipe, eu escrevia para Deus, de verdade. [...] eu colocava todos os meus anseios, e tinha muitas expectativas. [...] gostava de verbalizar isso com Deus e escrever (Ms12, com 37 anos).

Trouxe-me aqui, porque ele tem um plano, um propósito [...] Você se sente, poxa, mas, o que é que estou fazendo aqui, porque não vou embora [por não ter dado certo uma possibilidade de relacionamento no campo], [...] Deus sempre sustenta e te faz superar e você continua (Ms13, com 51 anos).

Em relação à solidão, as missionárias relatam como conseguem reagir segundo a fé. “Enquanto solteira, eu não me sentia sozinha, e eu vejo a intervenção direta de Deus nesse sentido” (Ms12, 37 anos); “Os momentos de solidão, os momentos de dificuldade, o que te mantém é realmente ter certeza daquilo que Deus quer” (Ms13, 51 anos); “O Senhor me guarda, me ajuda guardando o meu coração, porque a gente sabe que quando se apaixonava, fica cega” (Ms11, 38 anos);

“Eu não preciso de outra pessoa para suprir a minha solidão. Jesus supre todas as necessidades” (Ms18, 56 anos).

Independentemente da experiência boa ou ruim, é entender a ação de Deus [...] eu passava a semana toda, pelo menos as minhas manhãs estudando e lendo a Bíblia, em oração. [...] eu me sentia assim, plenamente amparada por Deus (Ms12, 37 anos).

A minha experiência, é que Deus tem me suprido. Quando lá em Isaías você vê que Deus é o marido e que a solteira terá mais filhos do que a casada, eu tomei posse (Ms20, 65 anos).

O Senhor cuida de mim como pai, como amigo, como marido. Cuidando do meu emocional, do espiritual, do físico, na provisão diária, na proteção. Então, eu nunca perguntei por que eu estou solteira (Ms21, 48 anos).

Enfim, a expressão da fé se manifestou nas falas das missionárias em relação ao desejo de casamento, às pressões culturais, ao cuidado de Deus, à solidão e à segurança física e emocional delas.

A respeito da fé evidenciada no chamado missionário, algumas missionárias atuantes em Angola disseram que sua decisão de ir para a África foi ratificada pela certeza de um chamado de Deus a elas, desde a infância. Três delas, Ms3 (53 anos), Ms4 (44 anos) e Ms5 (64 anos), desde os nove anos de idade já se sentiram chamadas através de eventos missionários em suas igrejas. E, para todas, houve uma espera de vários anos até que surgissem as oportunidades de atuação. Elas contam de eventos sucessivos os quais foram reforçando o desejo de ir, a convicção do chamado, ou o tempo de Deus.

A missionária Ms1, depois de vários anos de preparo e envolvimento com ações missionárias, teve a certeza do chamado para a África ao ouvir uma pregação sobre o envio do personagem bíblico Moisés, e de como ele recusou inicialmente.

[...] eu não sou a pessoa certa. Sou pesado de boca, pesado de língua. Escolha outra pessoa. [...] Eu lembrei que eu tinha falado isso para Deus, alguns anos antes, Deus, manda gente para Angola e Moçambique. É claro que não sou eu, manda pessoas mais morenas [por ser ela de cor branca] [...] Eu recebi um convite para começar a agência [tal] em Angola. Aí eu falei: É isso! Não tive dúvida” (Ms1 Angola).

Sobre o chamado para trabalhar na África, Ms2 conta ter ficado impactada com a carta de uma jovem angolana, publicada em uma revista, na qual fazia um apelo às jovens do Brasil, pois o país estava em guerra, e eles não tinham acesso à Bíblia.

Orei e disse ao Senhor que queria fazer algo por esse povo, comecei a me corresponder por carta com esta jovem [...]. Um dia assisti a um vídeo com o testemunho da [nome de uma missionária] que trabalhou pela [agência tal] durante 17 anos em Angola. Fiquei mais uma vez impactada e entendi claramente que o Senhor estava me chamando (Ms2 Angola).

O chamado de Ms3 iniciou ao estudar sobre missões, além de sua acolhida aos testemunhos sobre missionários de uma organização da Igreja Batista, denominada Mensageiros do Rei, desde os nove anos de idade. Foi aí que ela se apaixonou por missões, sendo que seu chamado começou quando era ainda menina.

Neste mesmo período a gente estudava sobre os missionários, os campos missionários e estudávamos sobre Angola e outros países da África. E eu comecei a amar Angola desde a época em que Angola tinha conflitos, por causa dos testemunhos missionários (Ms3 Angola).

Depois da formação teológica, Ms3 ainda levou alguns anos para poder ir. Ao estar em Angola para conhecer, por 45 dias, obteve a confirmação de Deus de ser realmente ali onde deveria estar. Quanto a Ms4, ela conta da inspiração de ser missionária, por volta dos nove anos de idade ao participar de um culto em sua igreja, sobre a África. Aos 15 anos, ela tomou uma decisão. “Eu quero receber [aceitar] Jesus como meu salvador”. Ela entendeu, nesse dia, que estava recebendo um chamado para aceitar Jesus como seu salvador, e também o chamado para missões na África. “Eu só disse sim [risos]. Eis-me aqui” (Ms4 Angola). Depois disso, conta ter se envolvido com oportunidades de aprender sobre a Bíblia, e não deixou de fazer algo que não fosse especificamente envolvido com missões, evangelização, culto ao ar livre ou projeto missionário.

Ms5 percebeu seu chamado e desejo para missões, também desde os nove anos de idade. Ela ouviu uma mensagem num congresso de “Mensageiros do Rei”, uma organização batista que estudava missões na Bíblia e a vida de missionários. Nesse congresso, um pastor português tinha passado por Angola, e que estava necessitando do evangelho.

Quem sabe o Senhor vai chamar aqui neste congresso alguma mensageira para ser missionária em Angola. Aí eu estava quietinha lá no meu canto e pensei assim no meu coração: Se o Senhor me chamar eu vou. Aí então ele fez o apelo e eu levantei a minha mão como compromisso. Eu tinha 9 anos, mas o desejo permaneceu até os 20 e tal [...]. Mas até conseguir ir para Angola, eu tinha 31 anos (Ms5 Angola).

O chamado missionário para Guiné-Bissau aconteceu de formas distintas para as cinco representantes. Para Ms6, que já estava trabalhando como missionária no Brasil, não foi bem um chamado que recebeu de Deus, mas, uma direção, ao ler sobre “a ordem na Bíblia”, para trabalhar com educação num campo missionário africano de língua portuguesa. Já Ms7, sentiu-se inspirada através de uma conversa que teve com um jovem, em um retiro. E foi direcionada por Deus a trabalhar com sua profissão para missões, como disse ela, ao colocar-se a disposição, tendo desejado algo mais em sua vida. Em sua casa, já foi muito influenciada pelo amor que se demonstrava às missões.

Ms8 foi chamada quando tinha doze anos, através de texto bíblico anunciado por outras pessoas. Ela sonhou com um lugar, e perguntava “Senhor, aonde quer que eu vá?”. Ela ouviu uma voz dizendo claramente: “Guiné-Bissau”. E chegou a reconhecer o lugar do sonho em Guiné-Bissau. Também através de um sonho, Ms9 foi chamada para missões. Já Ms10 percebeu os primeiros sinais de seu chamamento com apenas quatro anos de idade. E a ideia foi amadurecendo ao longo de sua vida.

A expressão da fé transparece de formas diferentes também nos relatos do chamado para Moçambique. A missionária Ms11, por exemplo, percebeu seu chamado missionário quando estava em Moçambique, no final de um trabalho missionário temporário. Diz que saía todas as tardes para orar pelas pessoas da comunidade. E, numa dessas saídas, diz ter ouvido a voz do Deus: “Se eu pedir para você permanecer aqui, você permanece?”.

Ms12 diz que entregou sua vida a Deus para servir como missionária, por ocasião de um retiro espiritual, aos 14 anos, depois de ter ouvido sobre o chamado do apóstolo Paulo no texto bíblico de Atos dos Apóstolos 24: “Em nada tenho a vida como preciosa contanto que eu cumpra o ministério para o qual fui designado, testemunhando do evangelho da graça de Deus”. Ela começou a pesquisar e a viver em função dessa decisão de ser missionária.

A missionária Ms13 declarou: “antes de conhecer a Cristo, já mexia muito comigo, por causa da pobreza, da situação do continente africano”. Então ela conversou com a liderança, buscou detalhes e começou a orar, “pedindo a direção de Deus”. Estava no segundo ano do curso, num instituto missionário, quando Deus realmente lhe falou, mostrando que o trabalho seria em Moçambique.

Ms14 relata que sua mãe sempre priorizava as histórias missionárias em estudos em casa. Ela foi se envolvendo na igreja com atividades sobre missões, pesquisando sobre biografias de missionários/as e complementa: “Deus foi conduzindo, [...] inclinando meu coração [...]. Eu descobri, eu tive a certeza que Deus estava me chamando para cá e abri meu coração e resolvi aceitar” (Ms14).

Ms15 também ouvia histórias missionárias, e lhe chamava a atenção as histórias de “Amy Carmichael”, e desde criança, já pensava: “quem sabe um dia também vou ser missionária”. Participou de viagens missionárias de curto prazo e, com um grupo, na Turquia, ela realmente sentiu o chamado de Deus. “[...] Os campos estão assim, de fato, tem muita coisa para fazer e nós precisamos de pessoas. [...] Resolvi me preparar [...] Eu também vi que posso usar minha profissão” (Ms15).

O chamado missionário de Ms16 foi percebido por ela desde criança, de 4 para 5 anos e aconteceu numa classe de escola bíblica dominical em sua igreja. “Nesse dia eu aceitei Jesus como meu salvador e, ao mesmo tempo, senti o chamado para ser missionária” (Ms16).

Ms17, oriunda de uma família de missionários, diz ter sua família recebido uma profecia de um pastor, sobre ela, quando tinha um mês de idade ao ser apresentada na igreja. Mas, seu chamado mesmo foi percebido aos treze anos de idade. Além disso, alega ter recebido uma palavra direta de Deus, aos 18 anos de idade. Através de um sonho, Deus lhe mostrou ser Moçambique e começou a pesquisar sobre o país (Ms17). Já, a missionária Ms18 relata que, num culto de aniversário de sua igreja, onde se falou sobre missões, aos 28 anos, Deus falou forte ao seu coração. “Então, respondi ao chamado e fiquei aguardando o tempo de Deus. [...] Eu vim para o campo com 37” (Ms18).

Conta Ms19, sobre seu pastor ter lhe chamado para dizer que Deus tinha colocado no coração da liderança da igreja sobre enviá-la para o campo missionário. Ela recusou. Porém, em casa orou a Deus: “Eu estou aqui envolvida com a tua obra e não vejo chamado. Mesmo que doa minha alma, estou aqui para obedecer”, e dentro de um mês estava entrando no avião para Moçambique. Lá, ela reconheceu um lugar do qual havia tido uma visão oito anos antes, com casas de Matiê e mulheres negras.

Ms20 diz ter se convertido e recebido um chamado do Senhor. “Me rendi a ele para ir para onde ele quisesse”. Outra Missionária, a Ms21, diz ter recebido de Deus

“uma palavra muito chave” de Isaías 55.1,2 sobre a qual decidiu ir para missões. “Eu queria fazer algo a mais, em tempo integral. Doar minha vida mesmo” (Ms21).

Ms22 conta que Deus sempre falava com ela e lhe falou muito forte que iria levá-la a Moçambique. Havia recebido uma palavra sobre isso. Depois de ter sido desenganada pelos médicos sobre a recuperação da visão de um dos olhos, disse a Deus: “Se tu me curares e me deres a visão de volta, para onde tu mandares eu irei. E ele me deu a vitória. Restabeleceu-me a visão” (Ms22).

Ms23 diz ter sido convocada pelo Senhor num culto de missões, logo depois de ter voltado “aos caminhos do Senhor” e fala não ter tido muita opção, a não ser obedecer. Foi, inicialmente, por três meses, e Deus colocou em seu coração que aquele lugar era para ela.

Ms24, quando colocou sua vida à disposição de Deus dizendo que estava pronta para fazer o que quisesse, teve como que uma visão, de que estava com a Bíblia na mão, pregando a palavra para pessoas negras. Na hora, colocou sua família como obstáculo. E pediu uma palavra para Deus. E lembrou do texto bíblico de Lucas 14. “Aquele que não deixar pai e mãe por amor de mim, não pode ser meu discípulo. Então percebi que era Deus verdadeiramente falando comigo”.

Ms25 diz que aceitou Jesus e já entendeu que ele tinha algo mais para sua vida e se envolveu em vários projetos na igreja até ir para Moçambique. Assim, são diversas e peculiares as formas como cada missionária se sentiu chamada e como obteve a confirmação de que era de Deus, de acordo com suas convicções.

2.7 “ENVIEM EQUIPES AO INVÉS DE PESSOAS SOZINHAS”

(Missionária Ms12, Angola, 37 anos).

Algumas pessoas dizem ser melhor quando são enviadas pessoas em equipe quando estão solteiras, como ilustram algumas declarações. “Seria muito melhor se eu pudesse trabalhar junto com outras [pessoas]” (Ms15, professora, 35 anos); Solteiro/a, tem que enviar pelo menos em dois ou três, “para você estar em convívio, em grupo com outras pessoas que também são solteiras” (Ms17, coordenadora, 40 anos).

“A agência [tal] negou meu pedido para ser missionária no campo porque, para a África, não enviava mais missionária solteira” (Ms4, Angola). Essa é uma declaração comum em relação a igrejas e agências, mas não se refere a todas, pois algumas missionárias dizem ser apoiadas sem qualquer tipo de diferenciação entre solteiras e casadas. Outra questão, envolvendo a agência, foi observada por uma missionária solteira em Guiné-Bissau. Ela conta que solteiras de outra agência chegam ao campo e se envolvem com qualquer homem da igreja. E, quando ela chegou, teve problemas ao negar pedido de casamento de nacionais. Eles acreditavam que todas as brasileiras iam lá para casar e ficavam revoltados com a recusa dela, pois deveria ser aceito, como aconteceu com as outras.

Uma mulher que está no campo, como autônoma, diz: a “mesma igreja que eu aprendi a amar, a me interessar por missões, não envia missionários/as solteiros/as” (Ms14, 44 anos, casada com moçambicano). Outra autônoma diz ser “tachada como desobediente”, pois, sua igreja não envia pessoas solteiras. “Tem que esperar se casar” (Ms22, 61 anos). Uma professora conta que sua agência perguntou se ela pensava em se casar, por estar indo solteira. “Lógico, se Deus tiver para mim, eu vou casar, se não tiver, eu não vou. A missão não tem que fazer nada. A igreja não tem que fazer nada”, diz ela. Uma professora diz da dificuldade de encontrar pessoas, consideradas por ela, confiáveis entre os moçambicanos, inclusive os que trabalham com ela.

Existe só, unicamente uma pessoa que eu realmente confio. Eu digo assim em questão de dinheiro, também em questão de falar a verdade, de realmente se dedicar ao trabalho. São muito alegres, receptivos, mas nada que seja profundo. Sempre querem agradar o outro. Então, se eu falar uma coisa para o outro que não lhe agrade, mas essa é a verdade, eu prefiro falar uma mentira e agradar a pessoa [se referindo às pessoas nativas] (Ms15, professora).

Num outro aspecto da experiência na África, uma missionária fala do quanto foi importante ler biografias de missionários/as para melhor se ambientar no campo de missões. “Isso foi muito marcante na minha vida. Eu li muitas biografias e até hoje eu leio”, afirma ela (Ms16, 54 anos, pedagoga). Uma das missionárias fala de uma experiência não agradável como solteira de morar junto com um casal de missionários em missões. “A gente dividia as tarefas da casa, mas eu ficava mais livre, então isso incomodava a mulher” (Ms17, 40 anos).

A pessoa deve ter certeza do seu chamado e se está sendo chamada solteira, diz uma pastora, Ms20, pois, “pode ser que Deus tenha o seu marido preparado do outro lado do mundo”, afirma ela. Entretanto acredita que tem que ter a segurança de que vai aguentar e esperar por casamento sem dar mal testemunho. Isso depõe contra o caráter, contra a postura, contra o evangelho. “Se você não tem firmeza, é melhor tratar dessa área, casar-se, organizar-se emocionalmente” (Ms20).

Enfim, algumas questões apontadas pelas missionárias solteiras envolvem as igrejas e agências missionárias. E a principal delas é a restrição quanto ao envio de pessoas solteiras praticada por algumas agências ou igrejas. Outras situações apontadas consistem na dificuldade em moradia de pessoas solteiras com casais missionários; nas vantagens de se enviar pessoas solteiras em equipes; na dificuldade observada por elas de confiar nas pessoas nativas e, ao mesmo tempo, conquistar a confiança dessas pessoas; e na fama negativa de algumas missionárias que se envolveram com namoros inadequados com africanos.

3 A ESSÊNCIA DO MUNDO DA VIDA NA ÁFRICA

Nas discussões presentes nos capítulos 3, 4 e 5, a essência da experiência de missionárias solteiras na África pretende ser compreendida ao se aprofundar o significado comum das vivências para os grupos representados. As estruturas do mundo da experiência foram inicialmente captadas nos passos anteriores da análise, a textual e estrutural, pela intuição eidética que apreende as coisas em sua condição original de fenômenos, tais como se mostram. A relação sujeito/objeto se reduz à relação bipolar “noese/noema ou polo noético/polo noemático” (ALES BELLO, 1998, p. 45). Na fenomenologia é a atividade fundante do que vem depois, a essência da experiência.

Cada pessoa tem a sua percepção, considerando como se apresenta para ela. Mas o fenômeno tem algo que é comum para todas as pessoas. Trata-se da “estrutura essencial invariante” referida por Creswell (2014, p. 76). É a essência, defendida por Husserl (1975), a ser aprofundada com outras pesquisas e experiências anteriores encontradas no referencial teórico.

A partir das descrições textuais e estruturais das declarações relevantes das entrevistas, o estudo fenomenológico busca aprofundar a compreensão do fenômeno com base na experiência do grupo. Para esse aprofundamento, descreve-se o significado comum das experiências com o fenômeno, reduzindo-o a um significado central desse tipo de experiência (CRESWELL, 2014, p. 220). Nesse sentido, a descrição fenomenológica foca no consciente do sujeito, analisando as experiências vivenciais e, da mesma forma, investiga a intersubjetividade, analisando as concepções de mundo (ALES BELLO, 1998, p. 36).

A descrição da essência da experiência em diálogo com o referencial teórico, nesse estudo, acontece em três temas gerais, os quais contemplam o contexto histórico e cultural africano, a experiência de missionária solteira em contexto africano; e a missionária solteira e suas questões de conjugalidade e fé. Nesse capítulo aborda-se a primeira parte da discussão, ou seja, a compreensão da essência do mundo da vida na África. Este consiste na compreensão do valor do casamento para as culturas africanas; o valor da procriação e o papel do homem e da mulher; o tabu da solteirice; as razões históricas da pressão ao casamento e as questões de gênero – homem e mulher.

3.1 O CASAMENTO EM CULTURAS AFRICANAS

“Quando uma pessoa chega numa certa idade, tem que casar mesmo”
(N14, homem, 26 anos, Guiné-Bissau).

A pesquisa com missionárias e pessoas nativas demonstrou a importância do casamento para a cultura africana, com o objetivo pré-estabelecido e obrigatório de procriação para garantia de mão de obra e continuidade do clã. Essa é a regra das comunidades étnicas à qual todos os seus membros, sem exceção estão sujeitos e configuram a força de produção econômica. Nesse sentido, todas as exceções à regra são desestimuladas.

Nativos e nativas dos três países africanos contam, em detalhes, os procedimentos requeridos num casamento. Esse é considerado um ritual metódico, diplomático, complexo e rigorosamente levado a sério pelos países participantes da pesquisa. Demanda expressiva despesa por parte do noivo em virtude do dote, comumente praticado na cultura africana, e é mencionado por todas as pessoas nativas entrevistadas, quando o assunto é casamento. O dote ou Lobolo, como é chamado em Moçambique, ou ainda alambamento como expresso pelo colonizador português, praticado no casamento tradicional, inclui uma soma em dinheiro e diversas listas de produtos previamente requeridos pela família da noiva.

Van Gennep (1873-1957), etnógrafo germânico, estudioso dos ritos de passagem, enfatiza que o casamento tem sempre alcance econômico. Assim, “os atos de ordem econômica (fixação, pagamento, devolução do dote, seja da moça, seja do moço, preço de compra da moça, locação dos serviços do moço, etc) misturam-se com os ritos”. Os mais diversos grupos estão todos, mais ou menos, interessados nas negociações e nos arranjos de ordem econômica.

Se a família, a aldeia, o clã tem de perder uma força viva de produção, moça ou rapaz, que ao menos haja alguma compensação! Daí a distribuição de víveres, de vestidos, de joias e, sobretudo os numerosos ritos (VAN GENNEP, 2011, p. 109).

Com essa ideia, concorda Käser (2004, p. 108). O dote da noiva pode ser interpretado como “uma compensação do grupo que recebe a mulher para o grupo que fornece a mulher, por causa da força de trabalho que esta perde quando uma moça abandona a sua família para se casar”. Em qualquer sociedade o alambamento deve ser interpretado com relação ao sistema global do qual faz parte.

Na África, em alguns casos, o valor do alambamento é considerável, “para poder obter uma esposa para o irmão da mulher” (BROWN; FORDE, 1950, p. 75).

Eu acho que o prêmio é, entre família, se beneficiarem. Há outras moças que são obrigadas a casar, enquanto não querem casar. Mas porque naquela família querem que case, sem o consentimento da moça. Mas, agora as coisas já mudaram um bocadinho. Já começaram a mudar. As moças, agora, já tem outra mente (moçambicana N18, *Machangana*).

A guineense *Pepel*, N15, de 29 anos diz: “como é tradição, você tem que pagar aquele dote, tipo, você vai comprar a mulher porque tem que levar dinheiro”. No entanto, para o angolano N6, *Quimbundo*, o dote não é pagamento pela noiva. O nativo explica a obrigação da família em acolher e sustentar os órfãos em situação de óbito do pai, numa espécie de seguro de vida, por ter recebido o dinheiro do dote. Cada povo tem seus costumes com relação ao dote, dizem nativos/as. E outras diversas razões são apontadas para a sua prática: A mulher é valorizada, respeitada e honrada. A família ganha quando tem uma filha mulher, ao ponto de pressioná-la ao casamento. Essa prática é habitual, tanto nas províncias, como em cidades. Se não cumprir esse ritual, não casa, dizem eles/as.

Além do mais, sociologicamente argumentando, Käser (2004, p. 89) defende possuírem os grupos, em uma etnia, um interesse comum na sobrevivência. “Por trabalharem juntos, eles formam, por assim dizer, a empresa produtiva da qual todos os membros vivem, ou o estabelecimento do qual todos os parentes participam”. Assim, a associação dos parentes possibilita a sobrevivência do grupo. Nesse sentido, Pinho (2011, p. 33), doutor em Ciências Sociais, observa que a monetarização do dote se desenvolveu “na medida em que o acesso ao dinheiro permitiu que o noivo, individualmente, e não mais o grupo de seniores de sua família, providenciasse a oferta, sendo assim, a monetarização caminhou ao lado da individualização”.

Francisco Valente (1985, p. 7-21), padre, estudioso da problemática do matrimônio tribal em Angola, percebendo os abusos da prática mercantil do alambamento, condenou como um costume vexatório da dignidade da mulher africana e por isso, defende sua abolição. E, segundo o autor, com o intuito de retirar o que de “odioso” essa palavra envolve, algumas pessoas defendem que o alambamento é fundamental para abraçar o amor livre, “porque obriga o rapaz a dispende os seus esforços laborais para conseguir uma rapariga”. Assim ela não irá

com qualquer um e sim para aquele que a conquistou e se esforçou por ela. “O alambamento invoca-se assim como meio eficaz contra a dissolução dos costumes e elemento desestabilizador do lar”. A África vive ainda debaixo das estruturas que formaram a mentalidade africana, e “os patriarcas tribais não abdicam de seus direitos” (VALENTE, 1985, p. 21).

Lévi-Strauss (1982, p. 519), filósofo e antropólogo belga, destaca a reciprocidade dos grupos sociais em relação ao dote, e observa a noção de troca complicar-se e diversificar-se entre as diversas culturas. “É sempre um sistema de troca que encontramos na origem das regras do casamento, mesmo daquelas cuja aparente singularidade parece poder justificar-se somente por uma interpretação simultaneamente especial e arbitrária”.

Seja em forma direta ou indireta, seja em forma global ou especial, imediata ou postergada, explícita ou implícita, fechada ou aberta, concreta ou simbólica, é a troca, sempre a troca, que aparece como base fundamental e comum de todas as modalidades da instituição matrimonial (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 519).

O casamento, de acordo com nativos e nativas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, concede valor, dignidade, status, respeito, independência, emancipação e honra à pessoa e, por extensão, aos pais e familiares. Além disso, ao se casar, a pessoa “cresce”, torna-se homem, torna-se mulher. A pessoa casada é considerada responsável, idônea, madura, reconhecida, além de se tornar bem vista e ganhar prestígio.

Em Guiné-Bissau, existem várias classes de pessoas, marcadas por rituais, variando em cada grupo étnico. E, uma classe distinta é a das pessoas adultas, de acordo com Djaló (2013, p. 31), a qual “passa, é claro, pelo matrimônio. É a fase da realização, que permite que a pessoa desfrute de todos estes direitos”. O ritual de passagem mais importante é o *fanado*, onde ocorre a remoção do anel prepucial (circuncisão) dos meninos, e a remoção do clitóris (excisão) das meninas, acompanhado de um período de aprendizagem no mato, em segredo, de onde ambos saem preparados para o casamento. Além disso, a maioria se dá com a declaração do casamento (DJALÓ, 2003, p. 33).

Ademais, a dívida do dote ou de uma parte dele pode se tornar um problema no futuro, segundo o angolano N3, de 41 anos, com implicações para a fertilidade ou felicidade do casal, “porque, em África, casar é fazer filho [...]. Se não fizer filho, não

é casamento para um padrão africano” (N3, *Bacongo*). Com isso, concordam as pessoas nativas. “O bisavô que morreu, aquele nome de Antonio ou João tem que continuar”, esclarece o angolano N2, *Umbundo*.

Essa ideia é ampliada ao se enfatizar a tristeza ao perder uma pessoa idosa da família. “É uma perda muito grande quando morrem, porque sentem orgulho deles”, enfatiza o angolano N7, *Macongo*.

São bibliotecas e bibliotecas em chamas, [...] porque a fonte da sabedoria está indo. A força da família está indo. A inteligência da família está indo. Toda a história, toda a tradição, está acabando. Então é uma perda muito grande (N7, *Macongo*, 45 anos).

Em Nkafu Nkemnkia (2010, p. 176), se confirma essa ideia de que quando um ancião morre na África é como se uma biblioteca queimasse, pois, a palavra de um ancião é como um dicionário. Na realidade, diz-se, por esse motivo, que “o ancião africano é o guardião da sabedoria, o fruto da experiência. Mas toda ela derivada de seu relacionamento constante com Deus”. Ou seja, é um reconhecimento proveniente da experiência do ancião e de seu temor a Deus, afirma o autor.

É importante captar essa estrutura que está na base das práticas tribais em suas experiências vivenciais. Na formação do sujeito estão os processos que formam a mentalidade e os hábitos que ensinam a ouvir, obedecer e até venerar o que dizem as pessoas idosas sobre o que se passa de geração em geração. Mas, como se dá o convencimento? Para persistirem os usos e costumes, a razão por detrás deles faz sentido para quem ouve. Mas, porque faz sentido? É o que pesquisadores/as vêm tentando discernir, e para os quais tentam construir teorias.

A perpetuação das origens e significados dos costumes é uma grande preocupação numa cultura oral. E isso é percebido por um nativo, na maneira como os idosos estimulam seus descendentes à procriação.

E eu lembro que a avó falava assim [...] é melhor ter o filho enquanto eu ainda não morri. [...] se a avó morrer e não ver o neto, então eu levo uma parcela da culpa, um sentimento de culpa. Então as pessoas carregam isso. Faz parte desse valor das tribos (angolano N4, *Tchoque*, 26 anos).

Nesse cenário, o casamento tem a ideia de continuidade do nome da família, para a perpetuação da descendência. Ademais, para ter voz, a pessoa precisa realizar o casamento tradicional, o qual, segundo o guineense N8, *Pepel*, de 29

anos, remete a implicações espirituais, “tem que matar animais [para sacrifícios]” (N8).

O guineense N8, *Pepel*, casado, diz ser uma vergonha a casa não ter um homem. A mulher precisa ter um homem, como regra na comunidade. Tanto que é difícil, de acordo com um guineense *Bijagós*, N9, encontrar uma mulher solteira em sua etnia. Nesse sentido, diz o moçambicano *Machangana* N11, é normal encontrar um homem com duas ou três mulheres, principalmente nas aldeias, pois na cidade, a tendência é de que se tenha uma só mulher, pelo fato de estar mais modernizado. Em Guiné-Bissau a poligamia está intimamente relacionada ao significado do casamento na sociedade tradicional, a procriação e a riqueza. “Bastante comum na família tradicional, a poligamia permite reforçar a unidade do clã, multiplicando os relacionamentos entre os clãs primos.” A poligamia é economicamente rentável, por serem as mulheres as encarregadas da produção agrícola (DJALÓ, 2013, p. 26).

Portanto, sendo o casamento extremamente valorizado na cultura africana, representada por Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, é necessário compreender o fator sobrevivência e questões financeiras imbricadas nas regras e rituais dos grupos. Além disso, a pessoa é dignificada ao aderir à estratégia econômica para sobrevivência do grupo. Assim, se estabelece a pressão social ao casamento. A valorização, na cultura, da pessoa casada tem essas implicações a serem compreendidas por brasileiras solteiras em seu campo de missão.

3.2 O VALOR DA PROCRIAÇÃO E O PAPEL DO HOMEM E DA MULHER

“Em África, filho é riqueza” (moçambicano N3).

Ter filho, para os africanos, é considerado riqueza, principalmente para ajudar no trabalho. É tão importante ao ponto de estimularem missionárias, mesmo sendo estrangeiras solteiras a, pelo menos, terem filhos. E se admiram da postura delas ao condicionarem a maternidade ao casamento como princípio, sobre o qual, pessoas nativas questionam. “Os filhos são espelho do amanhã. É uma coisa muito forte para todo africano”, diz uma moçambicana *Macua*, N20. E, por isso, acredita ser a razão da sociedade não conseguir aceitar uma mulher estéril ou uma mulher sem filho. É muito forte, mesmo na cidade, enfatiza ela, e fala de sua própria experiência.

Estou a falar isso dentro da cidade porque é uma das coisas que eu muito sofri. Eu me lembro que tive minha filha um pouco mais tarde, com 32 anos. Olha, quando eu atingi essa idade, mesmo no serviço, já estavam lá questões, mas já está com essa idade, você não tem medo? Nós somos mulheres, temos nosso relógio biológico. Isso é muito forte mesmo. Você não é muito aceita sem filhos (moçambicana N20, *Macua*, solteira, 35 anos).

Segundo Van Gennep (2011, p. 58), nas populações onde o casamento só é considerado válido depois do nascimento de uma criança, “os ritos de gravidez e de parto constituem os últimos atos da cerimônia de casamento”, e resulta em extenso alcance individual e social. O que, segundo o autor, garante ao pai e à mãe “a entrada em um compartimento especial da sociedade, e mais importante de todos, e que representa, de certo modo, o seu núcleo permanente”.

Inclusive, há os que pedem para guardar o dinheiro até a filha engravidar, especialmente quando o valor do dote é muito alto, de acordo com um nativo angolano *Macongo*, N7. E, por isso, existem povos, os quais, só recebem o dote depois de ter o primeiro filho, enfatiza ele. Outro nativo reforça a ideia da bênção com a procriação.

É uma coisa que vem de geração em geração. Tem uma crença, acredita-se que Deus abençoa nessa medida, quando você casa, quando você tem filho. Se você casa e não está tendo filho, as pessoas vão desconfiar. Alguma coisa dentro está errada com o casal. Inclusive hoje, fala-se de planejamento familiar. [...] Ninguém tem coragem de falar, nem expressar só. Porque acredito que tem muita gente que tem talvez, curiosidade de querer experimentar não quer ter filho, mas existe uma crença na cabeça das pessoas que isso é impensável (angolano N4, *Tchoque*).

“Sendo uma criança normal, quanto mais filhos, mais bênção”, diz a guineense *Pepe* N10. Porém, se nasce com defeito físico, explica ela, atribuem a questões espirituais e maldição. Então, é normal sacrificar a criança. Se o casamento dá status ao homem e à mulher, a procriação, “abre maais (sic) esse leque” diz o angolano *Macongo* N7. Por conseguinte, a impossibilidade de ter filhos está sujeita às consequências da comunidade.

Segundo Mbiti (1991, p. 198), a religião africana equipou as pessoas, “a nível emocional, intelectual e cultural, para atravessarem a vida e enfrentarem as suas múltiplas experiências” quando ofereceram “um modo de interpretar o mundo”, ou seja, “um modo de compreenderem sua própria existência.” É preciso conhecer as crenças do povo africano para poder compreendê-lo, inclusive em seu pensamento. A filosofia, segundo Mbiti (1989, p. 1), “está por detrás do pensamento e da ação de

cada povo, e o estudo das religiões tradicionais conduz-nos àquelas áreas da vida africana em que, pela palavra e pela ação”, é possível discerni-la.

Uma mulher estéril [...] não tem bênção. A salvação não tem. Como é que você vai perpetuar a família? Você está acabando a família. Você é uma maldição (Angolano N7, *Macongo*).

Uma mulher não pode ficar sem ter filho [...] não vai ter respeito nunca [...], toda a comunidade vai desrespeitá-la [...]. Uhhhh, se você não tem filho é coisa muito feio, muito feio [...] você não é nada, nada. [...] Um marido que tem duas mulheres, ou três mulheres.... se você não tem filho e as outras tem filho, isso vai virar um provérbio, um dito para você. [...] Se você brigar com elas, a coisa fica feia do teu lado. Porque elas vão falar todas as coisas desse mundo a respeito de você. Você não é nada. Você é uma vaca “cebada”. Só come, come bem do marido, e não pode ter filho. Fica se engordando. [...] Você não vai aguentar. Há outras que acabam abandonando o marido (Guineense N8, *Pepel, homem*).

A despeito da infertilidade de uma mulher, Lévy-Bruhl (2008, p. 446), sociólogo e filósofo francês, já havia alertado: em grande número de sociedades primitivas, “particularmente entre muitos *bantos*, a esterilidade da esposa é uma verdadeira calamidade, e basta para que o matrimônio seja rompido”.

A plantação de um homem que tenha uma mulher infecunda é ameaçada de nada produzir: é preciso, portanto, que ele se divorcie dela. [...] eles não imaginam que a falta de concepção possa ser devida à parte do homem na fecundação. Ela, sem dúvida, provém de uma causa mística, ou seja, que nenhum espírito-criança aceita se reencarnar, entrando nessa mulher. Esta, desesperada com sua esterilidade, acredita que só poderá se curar suplicando aos ancestrais e às potências invisíveis que se lhe tornem favoráveis, e multiplica ofertas e sacrifícios (LÉVY-BRUHL, 2008, p. 446).

A guineense N10, *Pepel*, confirma ser muito triste não ter filhos. “Na família mesmo da mulher, vão fazer piadas. Vão falar para o homem: separa dessa mulher. Ela não dá filho”. É normal, também, fazerem cerimônias quando não tem filhos, diz ela. Nesse sentido, se a mulher tiver filhos e um marido que responda por ela, passa a ter autoridade, voz e pode se impor na sociedade, diz a missionária Ms10, casada com um guineense há 17 anos e residente há 20 anos em Guiné-Bissau. Porém, até que ponto ela tem voz se a do marido sempre prevalece? Talvez somente com as crianças, com as solteiras e outras mulheres.

Ao mesmo tempo em que é importante ter filhos, algumas missionárias em Moçambique observam não existir um relacionamento afetivo, de cuidado, entre mãe e filho. E “não valorizam os filhos, nem dão o amor necessário e a disciplina.

[...] Não existe um abraço, um beijo no rosto. É muito difícil ver”, diz Ms21 de Moçambique.

E a criança, quando vem, é mais como um objeto de trabalho. Mesmo sendo mais um que vai precisar comer, mas, por exemplo, é mais um que vai andar quilômetros, ou para pegar água, ou para pegar lenha, ou para cuidar do mais novo que já está vindo na barriga (Ms18, Moçambique).

Mesmo assim, pessoas nativas concordam ser um grande problema quando a pessoa não tem filho. E muitas pessoas vivem amargamente por causa disso, principalmente as mulheres, diz um moçambicano N12, *Chuambo*.

Os vizinhos gozam [zombam] da pessoa. É algo mesmo muito mal, a mulher se sente mal. É por isso que muitas pessoas vão para os feiticeiros. Vão para os curandeiros aí, mentirosos, para tentar ter filho. Porque, se você é casado e não tem filho, aí o povo menospreza você. O povo fala muito de ti (moçambicano N12, *Chuambo*, casado, 31 anos).

Dessa forma, atribuir aos espíritos a responsabilidade pelos alvos não alcançados faz parte da dinâmica do povo africano. Essas realidades, afirma Lévy-Bruhl, são as mais reais. “Sua fé se exprime tanto em seus atos mais insignificantes como nos mais importantes. Toda a sua vida, toda a sua conduta são impregnadas por ela” (LÉVY-BRUHL, 2008, p. 20).

Segundo Van der Leeuw (1956, p. 517), o comportamento do povo se estrutura num costume, ou hábito. A observância dos poderes da vida, dos tabus, das purificações, das obrigações culturais e demais demandas do poder sobre a vida constituem o hábito. Por natureza, o costume é religioso, pois é a manifestação do temor, do medo diante do sobrenatural. A observância dos poderes da vida está a meio caminho entre a simples etiqueta, a boa forma e os bons costumes. “Em ambos, ela sempre vai mais além. A boa forma é a sua embalagem vazia. A moralidade pode se reportar a um princípio autônomo ou basear-se na demanda do poder”, afirma o autor.

Para manter o controle e seu poder, o homem, em Moçambique, é aquele que manda e não hesita para “chambaquear”, bater na mulher, diz a missionária Ms24. A cultura machista é percebida na maneira como os homens se relacionam com as mulheres, tanto na esfera governamental como na própria igreja [cristã] estabelecida, e no seu “jeito de serem mandões”, declara a missionária Ms4 em Angola. Segundo um guineense *Bijagós*, N9, “mulher não fala nada. Mulher não tem direito”. Entretanto, segundo ele, a mulher tem um “papel muito determinante” na

educação dos filhos e nos cuidados com a comunidade. Nos rituais de iniciação de “fanado”, onde jovens recebem instruções para se integrar na sociedade, em passagens de uma idade a outra, elas fazem parte.

Nesse sentido, a própria mulher assimila esses valores culturais ensinados, aceita e ensina a aceitarem, no papel de educadora dos filhos e instrutora nos rituais de iniciação. Ela passou por isso e não hesita em garantir que as pessoas mais novas também passem. Assim se perpetuam as práticas culturais sem questionamento, mas por hábito.

Sobre a fenomenologia da iniciação, Elíade (1992, p. 151) considera a criança ignora todas as experiências da tripla revelação da iniciação: a do sagrado, a da sexualidade e a da morte. Já o iniciado as conhece, assume e integra em sua nova personalidade. O autor tenta esclarecer alguns aspectos essenciais dos ritos de passagem. O indivíduo morre para sua vida infantil, profana, não-regenerada, e renasce para uma nova existência, santificada. Torna-se um homem que sabe, que conhece os mistérios, a ciência, “que teve revelações de ordem metafísica”. Durante seu treinamento na selva, aprende os segredos sagrados, os mitos. A iniciação equivale ao amadurecimento espiritual (ELÍADE, 1992, p. 152).

Assim, poderia se dizer que as pessoas que não optam pelos rituais de iniciação, como é o caso das pessoas que se convertem ao cristianismo, estão sempre sujeitas a serem consideradas imaturas entre seu povo, e de certo modo, profanas. Para Elíade (1992, p. 161, 162), nas diversidades de religiões, permanece um elemento comum, um invariante definido como “o acesso à vida espiritual implica sempre a morte para a condição profana, seguida de um novo nascimento”. O autor lembra, inclusive, do apóstolo Paulo quando se refere aos seus filhos na fé (Tito 1.4; Filemon 10). O autor não cita, mas pode ser lembrado ainda o que Jesus fala a Nicodemos. “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo” (João 3.3) e ainda: “Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito” (João 3.5).

Segundo Ales Bello (1998, p. 94), concebendo a fenomenologia como arqueologia dos significados culturais, indo mais a fundo, numa regressão à esfera das experiências vivenciais e “à redução dos significados culturais a essas experiências, permite-se captar as estruturas de base das próprias experiências vivenciais”. E ainda mais, quando se junta com as diversas configurações em que

historicamente se apresentam. “Desse modo, tanto a unidade quanto a multiplicidade, para usarmos uma nossa expressão conceitual, são justificadas.”

Assim, ao considerar os processos históricos pelos quais os povos africanos passaram recentemente com a sobreposição da colonização europeia, John Iliffe (1995, p. 307), historiador britânico, especialista em história da África, observa, no âmbito das possibilidades de mudança nas relações conjugais, “a resistência que as mulheres demonstraram, [...] afastando a noção de que o colonialismo destruiu uma antiga tradição”. Segundo o autor, “os contos podiam enaltecer o amor romântico e os tribunais coloniais podiam realçar o livre consentimento” para a escolha do cônjuge, mas, “o casamento continuou a ser essencialmente uma questão de estratégia familiar e não uma questão meramente íntima”. Nesse sentido, só uma minoria optava pelo casamento cristão, que intimidava por não permitir a poligamia e o divórcio. Desse modo, a estrutura de base que se capta nessa vivência é a convicção do dever de perpetuar a estrutura familiar tradicional.

Nos centros urbanos influenciados pela cultura colonialista, algumas mudanças são percebidas em relação ao desestímulo da poligamia institucionalizada. Porém, surge uma espécie de poligamia informal, reafirmada da dominação do machismo, onde novamente a mulher fica em desvantagem, quando não é a esposa legítima, por não ter seus filhos assumidos em caso de gravidez, como no caso dos casamentos poligâmicos.

Alguns respeitam as esposas, mas, tem outros que fazem filhos e dispensam suas esposas. Acabam ficando com a amante. Mas, mesmo assim, a vida deles passa a ser essa, amante para amante, porque acaba sendo como um vício [...] Existem alguns que vivem com todas, que assumem. [...] Na minha província é comum o homem ter uma mulher, mas, têm amantes. E as amantes eles não assumem. Eles só querem brincar (*moçambicana N16, da província de Zambézia*).

A moçambicana N16 percebe que são poucos os homens cavalheiros que cuidam bem de suas esposas e as respeitam, pois, a maior parte são muito machistas. “Eles estão por cima, são mais autoridade. Em casa, a mulher, ela é submissa. Quer dizer, ela não tem palavra. Ela não pode dar ordens” (N16). A moçambicana *Machangana* N18, casada, de 43 anos diz que depende de como a pessoa foi educada. Ou seja, os comportamentos machistas são aprendidos e replicados.

A resposta de uma moçambicana foi incisiva ao ser perguntada se o homem pode fazer o que quiser da mulher: “Claro! Por exemplo, se ela não lava a roupa dele, não cozinha, não faz o trabalho de casa, é motivo de lhe dar porrada” (N18). Uma moçambicana *Macua*, solteira, N20, tem consciência de como o homem costuma tratar a esposa. “Hoje o casamento, se não é cristão, [...] há muita infidelidade. [...] É um caos, infelizmente. É uma coisa assim que, chegou na África, e está todo mundo assustado, da maneira como isso veio devastar”. Ela não se referiu à forma autoritária com que os homens tratam as esposas e sim à infidelidade, fruto da modernidade, a qual elas consideram pior. Além disso, “o homem sempre vai à caça. Essa é uma das características do homem africano. Mas, a mulher não pode negar [...] Ela já está lá disponível para isso. Recusa, praticamente não existe para *Macua*” (N20).

As missionárias percebem que, na cultura, a mulher trabalha muito. E, um moçambicano, N12, afirma o mesmo e não concorda com essa situação, por já ter consciência dessa exploração.

Às vezes você vê uma família, o pai, a esposa e filhos eles vão plantar uma machamba que é a roça. A mãe está com o filho aqui no colo, às vezes tem outro filho aqui no pescoço, e ainda mais com um filho na barriga. Ela carrega a enxada dela e a enxada do esposo....e, as vezes, com mais alguma questão, as vezes uma pequena colheita ela carrega e o esposo está lá.... Ele vai à frente a escutar rádio e ela está a vir atrás, toda ela pesada. Então são estas questões que eu vejo como algo negativo (moçambicano N12, *Chuambo*).

Uma missionária de 44 anos, Ms4, confirma isso, sobre Angola, bem como uma moçambicana separada de 48 anos, Ms21.

Então você vai encontrar, às cinco horas da manhã, a maioria na rua são mulheres. Elas já acordaram, já fizeram o mata bicho, e elas não estão [carregando] pouco peso. É muito peso [...]. E a gente vendo, olha lá, tem um homem ao lado daquela mulher. Ela está com uma bolsa pesada, está com um menino do lado, com uma trouxa na cabeça e um bebê nas costas. Mas, o homem é incapaz de pegar a bolsa. Incapaz, não pega. Aqui em Luanda, quando eu vejo um pai com um bebê no colo, eu falo, ai meu Deus, graças a Deus, isso está mudando (Missionária Ms4 em Angola).

[A mulher] tem que sair da machamba e já chegar em casa e tem que acender o fogo para poder cozinhar. Porque lá o fogão não é a gás e nem elétrico. É mesmo à lenha, a carvão! Então, tem que chegar da machamba com as coisas na cabeça, tirar as coisas que ela trouxe, cuidar das crianças, fazer o almoço. [...] Ainda tem que receber o marido, cuidar do marido, e tudo isso (N16, moçambicana).

Lévy-Bruhl (2008, p. 316) apresenta uma explicação para a divisão desigual do trabalho agrícola entre os gêneros. Segundo ele, em algumas situações os homens até fazem alguma coisa, como abater as árvores no terreno a ser cultivado e algumas operações preliminares ou finais, mas os trabalhos agrícolas propriamente ditos serão executados apenas pelas mulheres. A razão disso, segundo Lévy-Bruhl, “é porque elas representam, em seu grupo social, o princípio da fecundidade”.

Para que os campos e as árvores cultivadas produzam, é preciso que entre eles e os membros do grupo social que deles cuidam, se estabeleça uma participação; é preciso que a fecundidade passe para eles, e, por conseguinte, que esses membros do grupo levem em si mesmos seu princípio. Os homens poderiam, de fato, nos campos, se afadigar tanto ou até mais que as mulheres, revolvendo as glebas com muito mais força, semear e replantar com tanto ou até mais cuidado: trabalho perdido! A terra iria produzir apenas a contragosto e fracamente. As bananeiras, as palmeiras, permaneceriam quase estéreis. Apenas o trabalho das mulheres torna fecundos os campos e os jardins, porque é a seu sexo que deve essa força. Sendo esta, a razão dessa divisão do trabalho, seu caráter místico se torna intangível. Supondo que os homens quisessem reivindicar essa dura tarefa, eles não poderiam realizá-la com sucesso. As próprias mulheres, por outro lado, temendo a fome, não concordariam em renunciar a ela (LÉVY-BRUHL, 2008, p. 316).

Para Elíade (1992, p. 117), a sacralidade da mulher para vários povos primitivos depende da sacralidade da Terra. “Concepções místicas correspondem as crenças relativas à fecundidade espontânea da mulher e seus poderes mágico-religiosos ocultos, que exercem uma influência decisiva na vida das plantas”. Para o autor, o fenômeno social e cultural conhecido como matriarcado está ligado à descoberta da agricultura pela mulher. “Foi a mulher a primeira a cultivar as plantas alimentares. Foi ela naturalmente que se tornou proprietária do solo e das colheitas” (ELÍADE, 1992, p. 118).

Fiorotti (2012, p. 62) destaca um texto etnográfico de Junod (1944, p. 351) o qual apresenta uma experiência de um missionário morávio, o Rev. Bachmann sobre a aparente exploração da mulher em Moçambique, entre os lagos de Tanganica e Niassa. E Fiorotti se admira com a coragem de Junod ao apresentar em sua etnografia, uma mulher nativa interpelando um missionário.

“Um certo dia em que chovia aos cântaros”, ele observou uma família vindo da “machamba”. A mulher caminhava com um grande molho de lenha à cabeça. Sobre a lenha, havia um cesto com milho, batata, feijões e a enxada. Às costas, levava o filho mais novo, e atrás, seguiam as crianças. Por último, vinha o pai

protegido por um guarda-chuva. O missionário pregou sobre isso em seu sermão de domingo à tarde e, para sua surpresa, os homens ficaram embaraçados e as mulheres indignadas. Durante a semana, a cena se repetiu.

No domingo, ele falou novamente. Depois, uma mulher veio lhe dizer de algumas atitudes dos brancos com as mulheres, as quais, ela não compreendia. Entre esses nativos, os homens lavam a roupa, costuram e consertam para elas e para os filhos, disse ela. E os brancos deixam tudo isso para as mulheres e nem pensam em ajudá-las. Segundo a mulher, os antepassados, tanto dos brancos como dos africanos, distribuíram o trabalho do homem e da mulher. Então, era melhor deixar assim. Além disso, complementa ela, o evangelho não deve se preocupar com essas coisas, pois elas não querem ser consideradas preguiçosas, como os brancos também não (JUNOD, v. 1, 1944, p. 351).

Käser também aborda a desigualdade. “Existem masculinos e femininos, de várias gerações, com uma proporção diferenciada de experiência de vida.” Por terem funções diferentes, as expectativas dos demais formam as obrigações que os indivíduos participantes de um grupo aparentado devem cumprir perante os outros (KÄSER, 2004, p. 89).

Fiorotti (2012, p. 46) destaca, da etnografia que o missionário Junod (1944, p. 1) faz do povo sul-africano *Tsonga*, o ciclo de vida do homem e da mulher.

Junod dividiu a vida do homem *Tsonga* em 7 etapas: (a) infância, (b) juventude, (c) ritos da puberdade, (d) casamento, (e) idade madura, (f) velhice, e (g) morte. E a vida da mulher em apenas 3 etapas: (a) antes do casamento, (b) casamento e vida conjugal, e (c) velhice e morte.

O próprio Fiorotti não comenta essa distinção em sua pesquisa, mas, chama a atenção quando se refere ao ciclo da mulher ao dizer, “apenas 3 etapas”. Parece intrigante, contudo, considerando o machismo presente nas culturas pesquisadas, é justificada para a cultura essa maior complexidade ao se tratar de um homem africano. Os esforços missionários na argumentação contra a poligamia, tão praticada entre os povos africanos, são explicitados por Junod (1912, v. 1, p. 271-279) sob as lições da história bíblica de Léa e Raquel em Gênesis 29.15-35. Fiorotti evidencia que os alunos de Junod, “nativos convertidos ao cristianismo, que possivelmente ouviram sua argumentação, ainda apresentavam mais argumentos favoráveis à poligamia do que contrários, tais como:”

(1) a confirmação de alguns provérbios (“uma única mulher não constrói uma povoação”, “não basta um só dedo para meter os grãos de milho cozido na boca” e “uma só flecha não é capaz de matar uma serpente”), (2) ter várias mulheres é a glória do chefe de uma aldeia, (3) o polígamo pode ser generoso e dividir seu alimento, pois recebe um prato de comida de cada esposa, (4) se a primeira esposa morrer, não ficará sozinho, (5) se a primeira esposa adoecer, não faltará comida, (6) as mulheres podem dividir o trabalho, (7) o polígamo tem muitos filhos, (8) com a poligamia não há mulheres solteiras. Já os argumentos contrários seriam: (1) A poligamia causaria aborrecimentos por conta do ciúme [...], (2) a poligamia facilitaria a bebedeira por conta da grande quantidade de cerveja produzida na aldeia, (3) deixaria o polígamo orgulhoso, (4) seria custosa por conta do imposto pago pela palhota de cada esposa, e, até mesmo, (5) deixaria o homem mais fraco por conta dos excessos sexuais (FIOROTTI, 2012, p. 88).

John Iliffe (1995, p. 308) destaca que, a despeito da colonização, as mulheres colheram benefícios das mudanças nos domínios religioso e educativo. Elas ocuparam certos cargos políticos no regime colonial, enquanto os homens “vexados pelo domínio europeu, às vezes, reagiam maltratando as mulheres para afirmarem seu poder, em especial na África meridional”. O autor também afirma que o cristianismo surtiu efeitos ambíguos, porque embora tivesse dificultado o divórcio para as mulheres e aumentado os riscos de uma viuvez sem apoios, as suas escolas fomentaram a emancipação, aumentando a idade para o casamento, alargando horizontes e permitindo o acesso ao emprego.

Assim, parece que proporcional ao aumento de oportunidades para as mulheres, em contrapartida, as atitudes autoritárias por parte dos homens também se evidenciam. E, apesar de tudo, de acordo com a missionária Ms24, a mulher não consegue sobreviver sem o marido. Porém, algumas missionárias, a exemplo da Ms25, observam estar mudando essa visão dentro de Moçambique, pois, é possível ver mulheres na universidade estudando, dirigindo, trabalhando em uma empresa. E, as meninas já não estão casando tão cedo nos centros urbanos pelo fato de estarem buscando maior formação escolar, que mostra outras possibilidades para as mulheres. Nesse sentido, tem aumentado o número de universidades em Moçambique, nos últimos anos, segundo a Nativa *Macua*, N20.

Não é fácil para um observador tecer algum tipo de opinião sobre regras tão diferentes entre culturas diversas. Cabe, nesse caso, considerar a empatia, o colocar-se no lugar da outra pessoa e perceber a intencionalidade dos comportamentos estudados, como são premissas da fenomenologia.

3.3 O TABU DA SOLTEIRICE EM CULTURAS AFRICANAS

“Você vai ouvir muita piada sobre você” (N10 Guiné-Bissau).

De acordo com essa pesquisa, a pessoa solteira é considerada irresponsável, incapaz, criança e é declaradamente não bem-vinda entre as “pessoas adultas”, as casadas, o que a torna pressionada a resolver sua situação de não casada. Por conseguinte, o casamento, para a cultura africana, tem o poder de tornar a pessoa adulta e responsável, ou seja, habilitada ou capaz de participar dos eventos, debates e decisões importantes da comunidade.

Para Van der Leeuw (1956, p. 28,29), tabu são os objetos, pessoas, épocas, lugares ou práticas carregadas de poder. “Tabu é uma forma de alerta: atenção! O poder foi represado e agora é necessário se cuidar”, afirma o autor. E o comportamento do ser humano deve levar em conta este poder, reconhecer a distância adequada e cuidar da sua própria segurança. Tabu é a evitação de um ato ou de uma palavra expressa, por medo diante do poder. Ferir um tabu não tem nenhum castigo como consequência, porém uma reação automática do poder – causa e consequência. Tabu significa, na verdade, proibição e revela um poder como algo a ser evitado. A proibição de algo se manifesta antes do mandamento (VAN DER LEEUW, 1956, p. 31,34). Nesse sentido, tabu se coloca como alguma coisa grave. E, não casar é considerado grave, demandando sérias consequências já vislumbradas nesta pesquisa. Para a cultura africana, é um tabu a pessoa ficar solteira. Na explicação sociológica de Van Gennep (2011, p. 126) para o esquema dos ritos de passagem, “o casamento, uma vez consumado, faz a moça e o rapaz entrarem na categoria das mulheres e dos homens socialmente adultos [as]”.

A cultura africana não valoriza as pessoas que não se casam. A pessoa é desprezada, ridicularizada, cerceada e pressionada ao casamento por não ser uma opção aceitável, na sociedade, ficar solteira. E várias são as ações para se resolver o problema do risco de não casar. Ou se escolhem cônjuges, desde a infância e até mesmo na idade adulta, ou se pressiona e cerceia em todo o tempo, ou então se socorre com os espíritos. A prática dessas ações, ou de uma parte delas depende de cada grupo étnico. Mas, de alguma forma, a pessoa solteira é advertida sobre sua inconformidade com as regras do grupo e precisa tomar providências para chegar ao casamento. A necessidade de se pressionar ao casamento também

implica em vergonha para a família, pela sensação de fracasso e dívida com o grupo. “A pessoa mesmo fica com vergonha”, diz a guineense N10, *Pepele*. E está relacionada ao objetivo de procriação, necessário ao sistema econômico tribal, e para a continuidade da família e etnia.

Para Käser (2004, p. 141), principalmente em sociedades étnicas, a sua economia e o seu modo de vida são possíveis apenas se os membros cooperam uns com os outros dentro de um grupo firmemente consolidado. “Se não houver ligação com um grupo, o indivíduo não é capaz de levar uma vida satisfatória e, em determinadas circunstâncias, não conseguirá, nem mesmo, sobreviver”. Então, a pessoa sente vergonha³² de ser diferente, afirma ele. Além disso, “o prestígio de cada pessoa tem importância muito acentuada. Prestígio é o contrário de vergonha”. Então, é o reconhecimento aos olhos dos outros que confere um lugar de destaque no grupo (KÄSER, 2004, p. 143).

Nesse sentido, torna-se obrigatória a preservação da boa imagem da família construída sobre os negócios que dão certo. E o casamento dos filhos é um deles. Por conseguinte, “o homem que não casa, é ‘Zé ninguém’” diz a angolano *Macongo* N7, por ser considerado sem valor. E, seguindo o pensamento de Käser, precisa providenciar o “direito” de reconhecimento do grupo, em detrimento da vergonha de não estar contribuindo com as prioridades da comunidade.

De acordo com a guineense N10, *Pepele*, os pais, por causa da vergonha, costumam providenciar um casamento para a filha, no interior, com um homem velho, a fim de mostrar para a sociedade que realizou o “casamento tradicional” requerido pela sociedade local.

Casamento é o marido que paga o dote para a família da mulher. Mas, se o pai pega a filha dessa idade [que demorou a casar] e leva para um homem velho para fazer essa cerimônia, o pai tem que comprar tudo e levar. (Guineense N10, *Pepele*).

³² Numa perspectiva teológica sobre a dinâmica da vergonha, Haught (1998, p. 257) lembra que a Bíblia apresenta a perspectiva da salvação em termos de eliminação da vergonha. “Tirarei a vergonha deles” é a promessa constante de Deus ao povo de Israel. “O sentimento da vergonha é obstáculo para qualquer adequada da sadia necessidade humana de senso de liberdade e de importância. Portanto, uma teologia da revelação deve perguntar como a vida na presença de Jesus vence o senso de vergonha e restitui o reconhecimento do valor interno da pessoa”. As ações e ensinamentos de Jesus, segundo Haught (1998, p. 264), implicam a derrubada de qualquer sistema de heroísmo que nos leva a experimentar vergonha de nós mesmos. “Se através da fé na revelação de Jesus fôssemos capazes de chegar a uma posição mas aceitável quanto ao nosso lado vergonhoso, também seríamos libertados da compulsão de projetá-lo nos outros”.

A pessoa solteira não tem opinião e nem voz. O angolano N6, *Quimbundo*, de 45 anos, cita o exemplo dele próprio, pois, quando solteiro acima de 25 anos, entre os seus tios, falaram “que ele não devia era conversar”, por não ser considerado responsável. Nesse sentido, “no meio de uma conversa de adultos, [nem] que seja uma conversa informal, não pode falar. Porque ele está num ambiente de pessoas casadas e responsáveis, e essa pessoa não é”, explica o nativo N6.

Por ser vista como alguém sem responsabilidade, e não digna de confiança, a pessoa solteira não pode participar de decisões sérias em torno da “fogueira” diz o angolano N2, *Umbundo*, e explica ser esse um lugar e momento muito importante para sua tribo. A palavra da pessoa solteira não tem peso por não ter experiência com família, com filhos e por ser considerada não digna de respeito.

Nos óbitos, na fogueira, a conversa é só sobre você. Você é chamado para explicar porque está nessas condições. [...] a tia vai vir, os irmãos, as irmãs por pressão, então é complicado, muito complicado (angolano N2, *Umbundo*).

É desonroso e constrangedor não poder participar dos espaços públicos que são sociais. E qualquer ação de desprezo sofrida pelas pessoas solteiras, como diz o guineense N8, *Pepel*, “é grande revanche” pelo fato de não estarem ainda casadas. Então a pessoa se obriga a casar para ter aceitação, valorização e respeito no grupo, onde as regras são infringíveis. Dessa forma, se é possível considerar essa uma regra praticada por mais tribos, pode-se concluir, ser mesmo difícil convencer todo um sistema que não quer nem ouvir uma pessoa solteira. Além disso, “todas as atividades e modos de comportamento são bons quando servem para a conservação do grupo, e maus se ameaçarem a existência deles” (KÄSER, 2004, p. 146).

Segundo os antropólogos do Reino Unido, Brown e Forde (1950, p. 22), todos os membros de uma comunidade estão interessados na observância dos costumes sociais e das regras de conduta e “aprovam ou desaprovam a conduta do seu companheiro mesmo quando ela não os afeta pessoalmente”. Desse modo, os próprios membros do clã se prestam ao patrulhamento em prol da unidade do grupo e equilíbrio do sistema.

Em muitos lugares da África, ainda não existe a opção de ser pessoa solteira. “Eu não conheço nenhuma pessoa daqui, de idade avançada, solteira. Elas casam cedo ou tem um companheiro”, afirma a missionária M20, residente há 17 anos no

norte de Moçambique. Os ritos existem como parte desse sistema de constrangimento às regras do grupo. Os ritos de passagem, em Guiné-Bissau, segundo Djaló (2013, p. 30), “são mecanismos de socialização que atribuem a cada membro da comunidade as suas obrigações, os seus direitos, a sua posição social”.

[Os ritos] definem a orientação e a aprendizagem dos hábitos, dos costumes, e da tradição. Eles reforçam, assim, em cada membro da coletividade, o sentimento de coesão, o dever de solidariedade, de assistência mútua, excluindo qualquer forma de individualismo (DJALÓ, 2013, p. 30).

Nesse sentido, é difícil a aceitação de um modo de viver que se caracterize como individualista ou de vontade própria. Além do mais, há casos, nos quais a mãe e as tias oferecem um homem para a filha, pois “é uma vergonha muito grande” não casar. “Aí os amigos começam a falar muito. Começam a falar mal. [...] Fica um clima tenso, assim, para a própria família”, diz o moçambicano N12, *Chuambo*. E um angolano afirma:

Eles consideram que é um problema espiritual. Tem que ser tratado. Tem que ser banhada, eles falam. Vai ter que tomar banho para tirar toda a maldição que tem sobre ela quando não casa. Você tem muitos problemas, e também, torna-se escárnio para a sociedade (angolano N3, *Bacongo*).

Lévy-Bruhl (2004, p. 261) concorda com essa afirmação quando diz que numa sociedade antiga como a africana, “se um indivíduo, uma família ou um grupo social for provado por uma desgraça, ou sofrer uma série de desventuras ou fracassos, a causa disso jamais será atribuída ao acaso”. Segundo ele, em numerosas sociedades africanas, “a suspeita de feitiçaria logo será levantada”, e haverá a necessidade de uma purificação.

De acordo com os nativos e as nativas, as pessoas solteiras são desprezadas e ridicularizadas de diversas formas. “Toda gente vai ignorar você. Você não é nada, você não é nada”, diz o guineense N8, *Pepei*. Costumam zombar da pessoa solteira. Isso dizem várias pessoas nativas rindo ao lembrarem as expressões usadas, no dialeto de cada etnia. É “bem engraçado”, diz o guineense N8 que não quis mencionar a expressão por não lembrar bem. Falam mal e chamam de *Nguenza*, afirma o moçambicano N11, *Machangana*, rindo. A pessoa solteira não é vista como alguém. Segundo a moçambicana N18, também *Machangana*, a pessoa solteira é considerada *Canzacai*. Significa, essa expressão, uma pessoa que só quer ficar em

casa [dos pais], E é “uma expressão ruim” usada para zombar da pessoa solteira. “Então a pessoa é obrigada a ceder” (moçambicana N18, 43 anos).

Eu vou falar da minha história. Eu casei-me muito tarde, com 27 anos. [...] Então aquilo estava a gerar problemas. Já estavam a começar a me chamar de nome, de *Canzakai*. Só que o problema é que eu ainda não tinha achado a pessoa certa. Tinha família que queriam casar comigo, só que eu não queria. Porque eu não queria um casamento encomendado. Eu queria namorar e conhecer a pessoa como ele é (moçambicana N18, *Machangana*).

Outras moçambicanas também, como a N16 que é separada de 48 anos, alegam que às pessoas solteiras são referidos adjetivos não agradáveis, ao que concordam as guineenses. Quando passam dos 25 anos, sem casar, é um problema. “Talvez ela não presta. [...] Ela não quer casar, só quer ficar assim, [...] é vadia” [...]. O pessoal não entende e chama de nomes, “e isso não é bom” (N14, guineense *Pepel*). E não lhe são delegadas responsabilidades porque “não merecem”, por serem irresponsáveis, afirma a guineense N10 de 26 anos.

Além de ouvirem coisas desagradáveis, as pessoas solteiras também sofrem, por serem incomodadas por qualquer homem, seja casado ou não, ressalta a moçambicana N16 que é separada do marido.

Eu estou sofrendo, mas como eu sou mulher de Deus, eu sou forte. Uma palavra só é o suficiente para a pessoa ir dormir e pensar de novo. [...] já tentaram muitas vezes, mas não estão a conseguir porque eu já conheço a manha dos homens moçambicanos. Já tenho a manobra. Quando eles vêm assim, eu tenho que me esquivar assim (moçambicana N16, separada, 45 anos).

Outra moçambicana solteira, N20, *Macua*, percebe que antigamente era mais forte isso, que a solteira era considerada “a mulher de todos”. E, ao mesmo tempo, uma ameaça para uma mulher casada. “Se estavam reunidas as mulheres casadas, as solteiras não podiam nem chegar perto, porque, o teor da conversa em si não dizia respeito a uma mulher solteira” (moçambicana N20, *Macua*).

Moreira (1948, p. 278), etnógrafo português, escreveu sobre o que pensam das pessoas solteiras entre os povos *Fulas* de Guiné-Bissau, onde a prática do celibato, embora não considerada vergonhosa por eles, é criticada com ironia. “No homem significa incapacidade e na mulher é sintoma de vida pouco limpa”, afirma.

As culturas pesquisadas se orientam pelo sentimento de vergonha, decorrente das ridicularizações e constante rebaixamento em todos os lugares e em

público. Dessa forma, a noção de pertencimento e conseqüente aceitação como pessoa responsável e de valor se dá pela sujeição às regras da comunidade quando a obrigatoriedade do casamento. Nesse caso, as tribos não concordam com a ideia de que a pessoa não se case.

Käser explica que sociedades com indivíduos orientados preferencialmente pelo sentimento de vergonha, como é o caso de povos africanos, têm estruturas mais rigorosas, muitas vezes até hierárquicas.

Tendem a unificar opiniões, escalas de valores e padrões de comportamento. Os seus membros são obrigados a subordinar sua liberdade individual, suas opiniões e suas necessidades aos interesses do grupo. Eles são 'menos importantes' do que os demais (KÄSER, 2004, p. 136).

Além disso, devido às regras rígidas nos vínculos sociais, as pessoas solteiras se sujeitam por constrangimento e por serem proibidas de qualquer sentimento de repúdio aos parentes. Segundo Nkafu Nkemnkia (2010, p. 180), para um africano, ter um vínculo de sangue significa que a pessoa jamais pode renunciar a fraternidade paternal ou maternal. "Nem a maldade de um parente consanguíneo pode modificar a estima e amizade profunda entre os irmãos de um mesmo pai e de uma mesma mãe".

A família africana é sempre uma família alargada. O grau de parentesco se estende até que cada membro da grande família venere suas raízes ancestrais. Eles estão na base do perdão de qualquer comportamento dos membros de determinada comunidade de consanguíneos. E é por isso que os vínculos de sangue são mais fortes que qualquer forma de amizade. Na verdade, existe outro provérbio que diz: "é o teu amigo que te mata" (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 180).

Então, o direito de revidar ou se defender das ofensas e ridicularizações dos parentes é negado à pessoa solteira por conta da mentalidade do povo africano. Além disso, na África, uma mulher solteira é colocada numa situação de dependência em todos os sentidos. "Ela vive sob a autoridade da sua família, e é essa que lhe dispensa proteção. Normalmente, se ela é morta ou ferida, o seu tutor ou os seus parentes podem exigir uma indenização" (BROWN; FORDE, 1950, p. 69). Nesse sentido, se explica a rendição das filhas aos pais ou tutores.

Além do mais, de acordo com Käser, os interesses individuais dentro do grupo étnico não são estimulados e são até proibidos, pois não podem viver solitários ou isolados. A pessoa sente vergonha de ser flagrada como alguém que

quer ser diferente. E se sente obrigada a conformar-se e enquadrar-se no grupo (KÄSER, 2004, p. 143). Ao mesmo tempo, a pessoa deve se comportar de forma modesta e discreta. “Quem for indiscreto, deve ficar com vergonha e arrepende-se, perdendo imagem e prestígio”. Com isso há uma pressão enorme sobre cada indivíduo para refrear e reprimir o seu desejo de autorrealização. “Muitas vezes eles são obrigados até a humilhar-se para demonstrar que estão submetidos aos interesses grupais” (KÄSER, 2004, p. 144).

Conforme Nkafu Nkemnkia (2010, p. 193), a cultura e a identidade africana se caracterizam por uma união íntima e vital à família, à tribo e a Deus. “O ponto de partida não é o eu, mas o tu, o nós, a coletividade da comunidade e da tribo”.

E a primazia da coletividade e do grupo sobre a individualidade resulta que o pensamento africano conhece uma pluralidade de expressões. Tal pensamento é, antes de mais nada, coletivo. O indivíduo não pode se organizar ou se realizar exceto na comunidade, no clã e na tribo. Isto seria como um peixe fora d'água. O significado do eu, do ego emerge à luz dos outros. Tal condição conduz a um pluralismo comunitário que se opõe ao individualismo e à primazia do eu diante da primazia do nós (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 194).

Segundo o autor, “a comunidade existe, o indivíduo existe. O indivíduo existe, a comunidade existe”. Essas afirmações atestam a relação entre todos e com o todo, numa espécie de união vital para o povo africano. A relação entre indivíduo e comunidade, entre as pessoas com a natureza e com Deus permite compreender os vivos e os mortos como membros da família atual. “Para um africano, uma vez que se é nascido, pode-se modificar unicamente a idade e o lugar, mas não se morre jamais, graças à bondade do criador” (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 194).

Assim, sondando ou escavando o que está na raiz do pensamento africano, conclui-se praticamente não existir a possibilidade de aceitação para uma pessoa ao decidir-se permanecer solteira em sociedades étnicas como as dos grupos pesquisados. Culturas africanas justificam isso com a necessidade de manutenção dos interesses grupais que estão na esfera da procriação como garantia de permanência do grupo e sua sobrevivência, e do compromisso de perpetuar as regras dos antepassados.

Segundo Fiorotti (2012, p. 64), Junod, em sua etnologia, apresentou o que ele chamou de “axiomas da mentalidade primitiva” ou “filosofia dos *Tsongas*” que supostamente estariam na base de todos os seus ritos religiosos. Esses seriam três:

(1) “o semelhante age sobre o semelhante e produz o semelhante”; (2) “a porção dum conjunto, age sobre o todo”; e (3) “as palavras pelas quais exprime, com ênfase, um desejo, produzem o resultado desejado”. [...]

E, após Junod expor esses axiomas, ele os desqualifica como absolutamente falsos. [...] “O rito mágico pode ter um resultado positivo na medida em que sua realização dê, àquele que o realiza, maior confiança em si mesmo, produzindo, assim, uma autossugestão favorável ao êxito da operação”. [...] “os ritos mágicos são irracionais e ante o progresso da civilização e da ciência, estão condenados a desaparecer” (JUNOD, 1944, v. 2, p. 349 *apud* FIOROTTI, 2012, p. 64).

Dessa forma, a respeito do rigor com que as pessoas são tratadas, especialmente as mulheres, mulheres inférteis, e as pessoas solteiras na cultura africana, descartando-se qualquer possibilidade de projetos individuais, por serem contrários aos interesses econômicos e sociológicos do grupo, daria para olhar de outra forma a posição de Junod, nesse ponto específico apresentado por Fiorotti.

Por conseguinte, ao se considerar a noção de subjetividade como um processo produzido pelo contexto familiar e social, é perfeitamente compreensível essa tônica destacada pelos três axiomas dos povos *Tsonga* apresentados por Junod: (1) “o semelhante age sobre o semelhante e produz o semelhante”; (2) “a porção dum conjunto, age sobre o todo”; e (3) “as palavras pelas quais exprime, com ênfase, um desejo, produzem o resultado desejado”.

Em relação à conjugalidade, é possível reconhecer não distinções entre formas de se viver solteiro/a e casado/a. Em culturas africanas, no geral, não há essa distinção do estado civil, uma vez que a pessoa solteira, divorciada ou viúva, principalmente a mulher, é imediatamente inserida em outra família poligâmica como uma das esposas. Moreira (1948, p. 281), em sua etnografia, observou que sempre existiu a milenar prática do levirato e vigora ainda soberanamente na tribo *Fula* de Guiné-Bissau. Nessa prática, “um irmão herda as mulheres do irmão falecido juntamente com os bens que este deixou”, como explica o autor. Tal prática, segundo ele, “deriva da necessidade imposta pela criação e sustento dos órfãos e das viúvas que ficam a cargo do herdeiro, evitando a dispersão da família e mantendo a concentração da propriedade familiar”. Assim, a questão social do amparo às viúvas, por exemplo, é resolvida. Desta forma, *a priori*, não faz sentido o papel de pessoa não casada como acontece em culturas ocidentais.

Uma das moçambicanas, a N20, *Macua*, acredita estar vivendo numa época em que ela mesma não sente pressão, por ser solteira na capital, como no passado. Atribui ao fato de estarem as coisas mudando na sociedade.

Naquela época, talvez a pressão seria muito maior em mim. Estaria extremamente desgastada. Mas, hoje eu digo assim, puxa, não queria viver naquele tempo. Estou muito bem agora [como solteira]. Estamos numa sociedade que respeita, reconhece, entende. Tenho minha liberdade [...] não incomoda ninguém (N20, mulher solteira, 35 anos).

Porém, essa nativa admite estar numa condição de escolaridade e financeira favorável por ter estudado na faculdade e ter um bom emprego, além de morar em um lugar privilegiado na capital moçambicana. No entanto, fala de uma contrapartida que lhe preocupa. “Na sociedade em geral, uma mulher solteira trabalhadora é uma ameaça para um homem. Ela tem muito pouca chance de conseguir um homem para casar” (N20). Outra moçambicana diz que agora, nas cidades, as pessoas jovens querem fazer faculdade e só casar mais tarde. Mas, “para o pai, ele não vê isso como boa coisa. Poucos pais apoiam e dizem sim, filho, tens que realizar teu sonho” (N16).

Para uma guineense *Pepel* de 22 anos, mesmo a mulher tendo uma formação, uma condição de vida, se não tiver marido, não é respeitada na sociedade (N14). Algumas moçambicanas falam das consequências negativas, quando as mães pressionam suas filhas solteiras há mais tempo, por terem se ocupado com formação escolar, a terem filhos, mesmo solteiras. Elas acabam cedendo ao apelo da mãe e ficam com o fardo de terem que criar o filho, sozinhas.

Principalmente na minha cidade, tem muitas mães solteiras mesmo [...] Eu acho que é mais comum na cidade, porque no campo, os homens, eles casam. [...] E na cidade já não, os meninos, os jovens querem mais é aventuras e quando se envolvem com uma menina, eles já não querem tomar a responsabilidade (moçambicana).

Enquanto algumas declarações falam da quase inexistência de pessoas solteiras na África por causa do constrangimento da solteirice, outras dizem, principalmente em Moçambique, nos centros urbanos, que existem atualmente, mais moças solteiras. Para a moçambicana N20, os conflitos contra o colonialismo e depois 16 anos de guerras internas, nos quais morreram muitos homens, contribuíram para aumentar o número de solteiras, o que não é normal entre povos africanos.

Especialmente em igrejas evangélicas na África, percebe-se a existência de mulheres solteiras. E uma explicação que normalmente dão, é por não se sujeitarem à poligamia, diminuindo as opções de casamento. Outra explicação, já levantada

nesse estudo, para dificultar a ocorrência de casamentos é o fato de muitas serem mães solteiras, estimuladas pela própria família. Da mesma forma, existem pessoas que vivem maritalmente por não terem condições financeiras de assumir o dote exigido, de acordo com esse estudo.

Enfim, a solteirice para a cultura continua se apresentando como um tabu, mesmo considerando as mudanças sociais da modernidade. Toda a forma de repressão da condição de pessoa solteira é mantida através da desvalorização, ridicularização e cerceamento, numa cultura cuja consciência é orientada pela vergonha. E é esse o contexto que não pode passar despercebido para as missionárias solteiras, as quais, às vezes, estão sujeitas a serem identificadas com essa condição das solteiras africanas, e do que representam para o grupo local, mesmo que haja um tratamento diferenciado para pessoas estrangeiras. Da mesma forma, o evangelho de Cristo liberta o ser humano da vergonha à qual está sujeito quando busca sua significação. E isso porque Jesus provou seu amor e aceitação do ser humano quando deu sua vida na cruz em favor da humanidade.

3.4 RAZÕES HISTÓRICAS DA PRESSÃO AO CASAMENTO

“Porque eu tenho que casar? Você tem que casar porque a gente casou. Seus avós casaram. Você tem que casar” (N14, mulher, guineense *Pepele*).

Tanto as pessoas nativas e, sobretudo as missionárias estão sujeitas à pressão ao casamento por constrangimento e para conseguirem voz, mesmo que restrita, na sociedade, considerando as diferenciações de gênero. As respostas das entrevistas apontam alguns dados interessantes de práticas geracionais irrefletidas, a exemplo da fala da guineense N14, *Pepele* de 22 anos, que acredita ser devido à repetição de tradições. “Acho que é uma ideologia mesmo, criada por nossos ancestrais. [...] É só isso mesmo, pois não tem nenhum fundamento”. Segundo a moçambicana N20, *Macua*, solteira, a cultura determina os padrões e as meninas ficam praticamente cegas, achando que está tudo certo.

Como se diz, no mundo dos cegos, quem vê é rei. A cultura é assim. Pronto, é assim. Ensina-mos assim. Vamos continuar assim. Tu acabas acreditando que a mentira é verdade. Praticamente tu não tens chance de sancionar, ou seja, de criticar, de ver onde está o erro, porque os teus pais, os teus avós, teus bisavós, tua mãe, fizeram a mesma coisa. Não és

isenta a isso. É uma coisa que vem de geração. Somos assim, seremos assim e morreremos assim (moçambicana N20, 35 anos).

Brown e Forde (1950, p. 43) concordam que a continuidade da ordem social em sistemas de parentesco africano “depende da transmissão das tradições, do conhecimento e da arte, das maneiras e da moral, da religião e do gosto, de uma geração à outra”.

No povo *Macua* tem um ritual em que todos os anos as mulheres são levadas para a mata e lá são ensinadas essas normas, os rituais, o estilo de vida, a cultura em si, o modo de viver [...] Mas, hoje, esse ritual tem sido muito pouco aderido. Infelizmente, [rs] muita coisa está a se perder (Moçambicana N20, 35 anos).

As pessoas, no seu cotidiano, pouco compreendem o que está na profundidade de hábitos construídos através das gerações, forjando as subjetividades. As escavações na história de instituições, como as rotinas em torno do casamento, constituem elementos importantes de análise destes fenômenos culturais, segundo Ales Bello. Para a filósofa, do ponto de vista social, já se sabe que o papel de subordinação das mulheres esteve sempre atrelado à praxe matrimonial e pelas normas do direito romano. Entretanto, é curioso observar que a mensagem revolucionária de Cristo sobre a mulher torna-se um ponto fundamental para difundir novas práticas e costumes, a partir do Novo Testamento.

E como se trata do comportamento do Homem-Deus e o cristão deve imitar Cristo, podemos nos admirar do fato que justamente nesta direção ele não tenha sido imitado imediatamente. A história do Ocidente cristão não é, neste aspecto, muito diferente daquela de outras culturas, mesmo que a mensagem contenha uma novidade de conotações radicais (ALES BELLO, 2004b, p. 87).

Para compreender o casamento africano, Brown e Forde (1950, p. 63) recordam que a ideia moderna do casamento é recente e certamente excepcional produto de um desenvolvimento social particular. Segundo os autores, na Inglaterra primitiva, como na África atual, também havia um ajuste de preço para desligar a donzela de sua família com promessas de determinadas obrigações e juramento perante Deus. Já, na Inglaterra anglo-saxônica, era um pacto em que intervinham dois grupos de parentes. Quando a igreja tomou o controle da vida social, o casamento passou a ser um assunto seu, e os noivos entravam num pacto com Deus para permanecerem unidos até a morte (BROWN; FORDE, 1950, p. 63, 64).

Valente (1985, p. 13) se refere ao conceito de casamento, tal como foi instituído em sua origem, no livro de Gênesis. Ele acredita que o casamento natural era alicerçado na livre escolha dos cônjuges. Posteriormente, mantida ou não a lei natural, a consulta e anuência dos pais passaram a envolver razões de conveniência social e econômica para os familiares. “Se a união era inevitável, porque não aproveitar dela para optar pela preferência de um pretendente que lhe oferecesse certas vantagens?”, comenta o autor. Os filhos amoldaram-se aos desejos e conveniências dos patriarcas. Submeteram-se, “convencidos ou vencidos” pelas necessidades da tribo, e desligaram-se da liberdade de escolha, segundo Valente (1985, p. 14). E, dessa forma, se solidifica o casamento tribal. “Era assim nas monarquias e assim no continente africano.” O casamento tribal na Europa se chamava casamento de nobreza onde “o costume se fez lei.” Na Europa, já não se fala mais nesse tipo de casamento, mas ainda existe na mentalidade africana. “Transformar a aliança conjugal em aliança social, não será perverter o conceito inicial do casamento?” (VALENTE, 1985, p.15). Nesse sentido, considerar as alianças tribais acima dos instintos e impulsos do coração, “despersonaliza a pessoa que irá servir de objeto a essas alianças” (VALENTE, 1985, p. 43).

É uma questão importante para compreender até que ponto se pode passar despercebido, num fazer missionário, um costume como esse, de casamento sem a possibilidade de se escolher livremente o próprio cônjuge, pela conveniência dos pais. Ainda mais pensando que não faz muito tempo que o ocidente viveu esta mesma realidade. As razões históricas de conveniência social se colocam na justificativa dos costumes antigos repetidos sistematicamente, como na questão de certas práticas de rechaço à solteirice, poligamia, pagamento pela noiva e privação da liberdade de escolha de cônjuge.

Segundo Valente (1985, p. 35), “o problema do matrimônio tribal” é fruto de características psicológicas que formaram a alma africana, cuja transformação abalaria todo um passado. “O problema coloca-se, antes de mais nada, na preconizada identidade africana”. Os anciãos, muitas vezes, não compreendem “a estruturação de uma nova sociedade matrimonial, independentemente de seu domínio sobre ela” e, os jovens, formados nessa sociedade tribal, ficam receosos de entrar numa outra possibilidade desconhecida.

A pressão ao casamento sofrida pelas pessoas nativas é compreensível por conta dos valores culturais enraizados na predominância do machismo. Porém, é

necessário perceber ainda, no itinerário regressivo, através da história, a gênese da pressão que vem das famílias e igrejas brasileiras sobre as missionárias solteiras, a qual gera sentimentos de incompetência e de inferioridade, como evidenciam as seguintes declarações: “As pessoas, às vezes, estão mais desesperadas do que eu [...]. Realmente a gente fica triste. Em alguns momentos a gente fica abatida” (Ms2, 45 anos); “Em todo lugar tem alguém que quer apresentar, [...] é aquela sensação de obrigação. É um sentimento ruim, não agrada” (Ms21, 48 anos); “Família pressiona, igreja pressiona. [...] Você chega ao campo e acaba recebendo essa pressão. E as pessoas ficam falando, mas você não casou ainda com essa idade [...], e fica todo mundo querendo te casar” (Ms25, 36 anos).

Ao estudar sobre as possibilidades da origem da prática de desvalorização da pessoa solteira no Brasil, Maia (2007, p. 15) se reporta ao contexto social orientado pela política de constituição do estado republicano no Brasil durante a primeira metade do século XX. O Estado procurou implantar “um projeto de progresso e emancipação fundamentado nos princípios da modernidade que teve sua centralidade na família conjugal legalmente constituída pelo matrimônio burguês”, afirma a autora. Para cumprir este propósito, a lei rezava que a mulher casada só poderia trabalhar fora com o consentimento do marido, sobre o qual, os discursos da época não recomendavam. Foi construída uma ideia de que seria honra para o marido poder sustentar a esposa. As mulheres casadas eram praticamente impedidas legalmente de trabalharem fora, até a promulgação da lei de 1962³³ (MAIA, 2007, p. 15).

Neste contexto, as mulheres que se mantivessem solteiras celibatárias tinham mais autonomia do que as casadas para buscar trabalho remunerado e formação acadêmica. Muitas fizeram opção pela vida solitária como forma de assegurar essa autonomia, mesmo sendo amplamente criticadas e desestimuladas pelos discursos depreciativos da época. E foi, sobretudo, “para esse tipo de celibatária que se dirigiam os discursos sobre a solteirona como uma mulher egoísta por excelência” (MAIA, 2007, p. 205).

Nesse sentido, foi construída uma imagem negativa da mulher solteira e da vida de solteira. Essa mentalidade persiste ainda em muitas famílias e igrejas brasileiras, aflorada nos comentários e brincadeiras ofensivas (encalhada, titia,

³³ O Estatuto da Mulher Casada, lei 4.121 aprovado em 1962 revogou mais de 10 artigos do código civil de 1916, em decorrência das pressões feministas nos anos 60 (MAIA, 2007, p. 283).

solteirona). E isso demanda em enfrentamento emocional constante por parte das pessoas solteiras. Muitas formas de expressão do pensamento social sobre a mulher solteira dessa época estão na base dos sentimentos de inferioridade e pressão ao casamento em mulheres solteiras brasileiras.

3.5 AS QUESTÕES DE GÊNERO: HOMEM E MULHER

“Ela é quem carrega a água, busca lenha, faz a comida.
Ela é quem vai para a machamba [roça] plantar” (Missionária Ms18, Moçambique).

Em culturas africanas, as questões de gênero na distinção social entre o masculino e o feminino são destacadas tanto nas declarações das missionárias solteiras, quanto de pessoas nativas, especialmente no que diz respeito ao comportamento machista de constante imposição masculina. Participantes dos três países africanos, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique afirmam que o casamento dignifica o homem e a mulher. Ambos passam para uma classe superior onde serão considerados “alguém”. Porquanto, a pessoa solteira não é alguém por não fazer sentido sua existência e função na estrutura social e econômica africana. Ela é, portanto, duramente penalizada.

No entanto, mesmo na ascensão social através do casamento, são visibilizadas grandes diferenças em relação aos gêneros masculino e feminino. O menino se torna homem com o casamento e a menina se torna mulher. Mas, para o casamento fazer sentido, ambos são pressionados a ter filhos para dar continuidade ao clã, propiciar mão de obra, adquirir experiência com família e assim poder ter voz na sociedade. Com o casamento, o homem africano adquire o direito de posse e autoridade sobre a mulher e sua prole. Essa posição masculina, reforçada nos ritos da puberdade, tanto das meninas quanto dos meninos, “via de regra” e costume, se impõe às mulheres à custa de coerção e agressividade verbal e física. “Aplicam-se sanções” pelo líder comunitário, no caso de desobediência da mulher, segundo a moçambicana *Macua* N20. É o que as próprias pessoas de culturas africanas chamam de machismo ou comportamento machista.

Moreira (1948, p. 278) assim descreveu suas impressões sobre a posição social da mulher entre o povo *Fula do Gabu* em Guiné-Bissau:

Não conseguimos vislumbrar nenhum resquício de afetividade emotiva ou de idealismo na vida conjugal [...] e [o homem] não exclui a possibilidade de aumentar seu harém com outras aquisições. A ela compete todo o serviço campestre. O trabalho do homem é desbravar o campo destinado à sementeira [...] que normalmente se resume a uma queimada. [...] E quando o marido é letrado, mouro grande ou leitor do Alcorão, todo o peso do trabalho recai sobre a mulher. [...] A mulher *Futa-fula* vive num estado de servidão doméstica (MOREIRA, 1948, p. 278).

Cumpre não passar despercebida a questão de gênero nas relações sociais de povos africanos. Gênero é conceito-chave hoje para a ciência, atesta Peretti (2011, p.14), sendo que já está em uso há pelo menos três decênios. Esse conceito vem atravessando fronteiras além das disciplinares, das ciências humanas e sociais. Pois, segundo a autora, rompeu os muros da academia, “invadiu os movimentos sociais e as práxis de todas as ordens, ocupa espaço crucial nas discussões internacionais e é tema e demanda central das várias agências nacionais e globais para o financiamento de pesquisa e desenvolvimento” (PERETTI, 2011, p. 14).

As subjetividades vão sendo formadas nas relações sociais de cada cultura, de onde são transmitidas as normas, os usos e costumes. E, segundo uma nativa de Moçambique, quando não se questiona o conteúdo e a forma daquilo que foi instituído, as regras são sempre as mesmas. “Porque sempre foi assim”, e pronto, assunto encerrado, não se discute (N20, *Macua*). Pode-se dizer que certas marcas das subjetividades foram formadas e, sucessivamente transmitidas por séculos e até milênios. O temor aos antepassados que instituíram as regras é uma das causas do medo do questionamento e outra causa já mencionada, é a manutenção do sistema econômico e social.

Nativas concordam que as regras em relação às qualificações atribuídas ao gênero são transmitidas pela educação no lar, como exemplifica a fala desta nativa ao se referir ao modo como o homem trata a mulher em sua cultura.

Ele [o homem] como viu o pai, a maneira como o pai tratou a sua mãe, ele também faz a mesma coisa. Eu sou quem mando na casa. Você é mulher e teu trabalho é esse, esse e esse. E eu sou homem e meu trabalho é esse, esse, e esse. Então fica assim dividido. Mas, a mulher acaba ficando mais sobrecarregada porque ela tem ainda que ir à machamba, tem que cuidar das crianças (moçambicana Ms21, separada, 48 anos).

De acordo com Peretti (2011, p. 14), a categoria de gênero, sob o ponto de vista ético e político, “convida a assumir a existência de desigualdades entre homens

e mulheres” como condição para se alcançar “uma sociedade crescentemente mais justa, pela transformação das normas e valores culturais”.

Através do casamento e da maternidade, a mulher africana alcança dignidade, honra, valor e voz. Com isso concordam as falas de missionárias e de pessoas nativas. Mas, até que ponto? Segundo se capta do anúncio dessas falas, acrescidas de outras das mesmas pessoas, honra, dignidade e valor se limitam a um direito de não ser pressionada, humilhada, ridicularizada, cerceada e rechaçada pela sociedade, por ter saído da condição de solteira. Ela deixa de ser constrangida pela vergonha da solteirice que a retrai e imobiliza.

Nesse sentido, o homem também sofre enquanto solteiro. É lhe cobrado o dever de buscar o seu direito de “homem” sobre a mulher. É uma tarefa dada, obrigatória. Ele precisa galgar essa posição através da paternidade e do casamento, para o qual deve trabalhar para providenciar o dote do casamento tradicional, o único que tem valor para muitas etnias africanas. Existem, é certo, as exceções crescentes em alguns contextos urbanos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, exemplificados por recentes movimentos nacionais e ações missionárias. O processo parece lento até pela dificuldade da adesão até das próprias mulheres. De acordo com Nóbrega (2003, p. 51), em Guiné-Bissau, mesmo que o conjunto de etnias viva pacificamente, há conflitos de culturas e desejo de mudança dentro das sociedades tradicionais. “O êxodo massivo de jovens para o meio urbano ou as alterações nas relações de trabalho rurais que começam a substituir a cooperação familiar pela contratação de mão de obra”, comprovam essa tendência.

Ales Bello (2011, p. 292) lembra que uma filosofia e uma teologia sobre a mulher têm suas raízes nos primórdios da era cristã, e, “no campo da cultura ocidental, a questão se delineia na autoconsciência das mulheres nos últimos dois séculos”. Porém, até o decênio de 1980, segundo a filósofa, distinguam-se o pensamento feminino e o pensamento feminista, “reservando a esse último o papel de distinção ‘agressiva’ em relação ao masculino, de conotação prevalentemente irreligiosa, se não decisivamente ateia” (ALES BELLO, 2011, p. 323).

O termo feminismo entrou na teologia bíblica mais recentemente, elaborada por mulheres, “em primeiro lugar no ambiente protestante e, depois, no católico”, segundo Ales Bello (2011, p. 323). Ela considera tratar-se de “uma descoberta da raiz religiosa cristã, a partir da qual se moveu e questão feminina”. E cita alguns nomes significativos da teoria feminista como, Mary Dayle no final dos anos 1960, e

na sequência, Letty Russell e Rosemary Ruether nos anos 1970, sob o pano de fundo da Teologia da Libertação. No ocidente, as mulheres reivindicam seus direitos e tem mais liberdade de decisão. “Com o movimento feminista, a posição da mulher mudou. Ela conseguiu galgar status social, exercer cargos e funções, antes só permitidos aos homens” (BEZERRA, 2017, p. 157).

Vale lembrar que, de fato, são relativamente recentes os movimentos de redenção feminina e que na América do Norte e Brasil teve o seu ponto alto na década de 1960, onde foram visibilizados e ganharam adesão de cada vez maior. Já são mais de 50 anos desse movimento e, no Brasil, ainda existem os excessos nas relações homem e mulher, demandando delegacias da mulher e leis como “Maria da Penha”. É de fato um processo moroso de mudança de mentalidade, mesmo no ocidente, sendo possível somente pela conscientização e educação perseverante.

Nesse sentido, uma das moçambicanas fala de um movimento em prol da emancipação da mulher em seu país ocorrido concomitante com a luta pela independência de Moçambique.

Porque viram que a mulher estava a sofrer demais. Houve uma organização das mulheres para emancipação da mulher moçambicana para andarem em províncias, em zonas, em distritos, em localidades. Eu, por exemplo, já percebo que está diminuindo a desvalorização da mulher em Moçambique [...]. A mulher estava a passar mal. A mulher era considerada como um cão mesmo. A mulher era considerada como escrava. [...] Já faz mais de 20 anos [que aconteceu o movimento]. A nova geração nem sabe que isso aconteceu. A minha geração sabe. Até eu fui uma que participou (N19, moçambicana).

De fato, em 1973 aconteceu em Moçambique a I Conferência Nacional da Mulher Moçambicana. Foi redigido um documento/discurso pelo então presidente da república, Samora Machel, viúvo de Josina Machel, falecida em 1971. Ela fundou um destacamento militar feminino que participou na guerra pela independência de Moçambique. Ela foi inspiração para os movimentos feministas da época. O dia de sua morte, 7 de abril, se tornou o Dia da Mulher Moçambicana. O discurso de Samora Machel se tornou um instrumento de estudo para que a nova geração de mulheres se engaje através da Organização da Mulher Moçambicana (OMM). Destaca a necessidade e dificuldades no processo de emancipação da mulher³⁴.

³⁴ MACHEL, Samora. 1978. A libertação da mulher é uma necessidade da revolução. In Nova Cultura. Disponível em: <<https://www.novacultura.info/single-post/2017/12/11/machel-a-libertacao-da-mulher-e-uma-necessidade-da-revolucao>>. Acesso em: 29/1/2018.

Ela é explorada até pelo explorado, batida pelo homem rasgado pela palmatória, humilhada pelo homem esmagado pela bota do patrão e do colono. [...] As mulheres sentem essa dominação, sentem a necessidade de modificar a sua situação. [...] a dominação exercida pela sociedade, asfixiando-lhes a iniciativa, impede-as frequentemente de exprimirem as suas aspirações, impede-as de conceberem os métodos da sua luta (MACHEL, 1973).

Ou seja, a mulher dominada não sabe como lutar. O documento citado também expõe razões da alienação da mulher, o qual compara, como ponto de partida, à opressão e exploração imposta, a exemplo do colonialismo opressor e violento sobre o povo africano que aceitou como normal (MACHEL, 1973). O mecanismo de alienação da mulher é apontado como idêntico à opressão moral do racismo, como forma suprema da humilhação e do desprezo para possibilitar a subserviência à classe dominadora.

Possuir mulheres é possuir trabalhadores gratuitos [...]. Casar-se com muitas mulheres na sociedade de economia agrária torna-se um meio certo para acumular muitas riquezas. Daí a importância da poligamia nas zonas rurais de economia agrária primitiva. A sociedade, compreendendo que a mulher é uma fonte de riqueza, exige que um preço seja pago, [...] “lobolo”. A mulher é comprada como se fosse um bem material, uma fonte de riquezas. Comparada com o escravo, [...] a mulher oferece duas outras vantagens ao seu proprietário: é uma fonte de prazer, e, sobretudo, é uma produtora de outros trabalhadores (MACHEL, 1973).

Os ritos e cerimônias na cultura africana aparecem como o veículo principal de transmissão dos conceitos da sociedade sobre a inferioridade da mulher, a sua subserviência em relação ao homem, acentuada pela própria educação familiar, afirma o documento. “É a este nível ainda que se propagam numerosos mitos e superstições que se destinam objetivamente a destruir o espírito de iniciativa da mulher; e reduzi-la à passividade”. O elemento explorado “já não consegue imaginar que possa existir uma possibilidade de libertação, e ele próprio se torna em agente difusor da resignação e passividade”. Assim, “a contradição antagônica não é entre a mulher e o homem, mas, sim entre a mulher e a ordem social” (MACHEL, 1973).

A autoridade marital, a frequente brutalidade do marido, a sua recusa sistemática em tratar a mulher como seu igual, constituem fontes de atritos e contradições. [...] Homens e mulheres são produtos e vítimas da sociedade exploradora que os criou e educou. É contra ela que mulheres e homens unidos devem combater. [...] A base científica e cultural permite à mulher assumir uma concepção correta das suas relações com a natureza e a sociedade, destruindo assim os mitos gerados pelo obscurantismo que a oprimem mentalmente e a privam de iniciativa (MACHEL, 1973).

De certa forma, Machel defende a necessidade de um envolvimento maior da mulher na vida da sociedade e isso através do conhecimento científico que ela deve adquirir. Também foi reforçado que o conjunto destas necessidades não é exclusivo da mulher, porque o homem, também como ela, aparece alienado ainda que de forma diferente. Ele defende que a luta não deve ser entre homem e mulher e sim de ambos contra o sistema que os produziu.

Iniciativas para a libertação da mulher têm sido destacadas também em Angola e Guiné-Bissau e outros países africanos com presença cristã, diferente daqueles com expressão mulçumana. E um dos maiores empecilhos percebidos na abertura de mentalidade para modos de vida mais justos é a propagação dos mitos e ritos tradicionais “sagrados” e resistentes ao questionamento. Eles deveriam não ser derrubados, mas sim desconstruídos e analisados os elementos de sua construção e depois reconstruídos de forma a dignificar de fato a vida humana.

Para Van der Leeuw (1956, p. 469), mito é uma palavra pronunciada que possui um poder específico na medida em que é repetido. Exatamente como o procedimento sagrado que é repetido também está na essência do mito que ele reconta. A descoberta do parentesco próximo entre mito e rito não apenas levou à compreensão atual de mitos anteriormente incompreensíveis, mas também clareou a própria natureza do mito. Inversamente, o mito torna crível o rito, afirma o autor.

Fica evidente, mais uma vez, a necessidade de mudança de mentalidade através da compreensão do mito que precede o rito. Isso se dá pela reflexão e ensino sobre novas formas de pensar e compreender as relações justas e saudáveis entre homem e mulher. E isso, para que se unam contra os mecanismos de exploração da sua dignidade e direito à vida livre e criativa. Nesse sentido, as missionárias estão num campo onde o Evangelho precisa e tem o poder de entrar na cultura e trazer luz sobre as áreas a serem revistas para a promoção da vida.

Mesmo com as iniciativas já conhecidas para a conquista de igualdade de gênero, é comum encontrar ainda dezenas de mulheres carregando seus filhos nas costas e grandes bacias com mercadorias pesadas ou feixes de lenha, tanto em distritos, quanto em centros urbanos, inclusive nas capitais em seus comércios de rua. Isso presenciei em visita a Angola e Moçambique em 2016. Não que não possam fazer, mas, parece injusto que o homem não seja autorizado pela cultura a dividir essa carga. Uma das entrevistadas nativas lança sua concepção do que ela

ainda percebe da sociedade de Moçambique, e reconhece como o papel do homem invertido quando é a mulher que carrega peso.

O homem e a mulher vão para a machamba. Os dois vão capinar, mas, na volta para a casa, a mulher tem que carregar um monte de lenhas na cabeça, um bebê no colo, a enxada do homem, a capanga do homem, quer dizer, ela está com um monte de carga por cima dela. E o homem simplesmente não tem nada. Não pode carregar peso. Estás a perceber o que é isso? É o papel do homem invertido. Ela não pode deixar o homem assim. O homem não pode lavar prato, não pode varrer casa. São coisas que, se o homem fizer, a mulher vai ser penalizada [...] Se alguém vir uma coisa dessas vai denunciar ao líder comunitário, e a mulher vai ser chamada e sancionada, porque não pode ser (moçambicana N20, *Macua*, 35 anos).

Ao mesmo tempo, ela reconhece um processo de mudanças na cultura em decorrência da globalização e redes sociais. “Hoje, a mulher já estudou, [...] é mais independente. [...] A cultura já não tem aquela força. Porque isso tudo era imputado”.

Até a minha avó tem *Facebook* [rs]. [...] Já podemos ver o quanto a mente dela mudou. O quanto isso já influenciou os usos e costumes da cultura. [...] Só os analfabetos é que ainda mantém esses usos e costumes da própria tradição do povo. [...] Só agora nós conseguimos ver, uau, puxa, estamos a carregar um fardo que não é nosso. Estamos a fazer um papel que não passa de um papel do homem invertido. Hoje é que conseguimos ter esses olhos críticos, de ver a coisa como ela é, e dar nome (N20, 35 anos).

No entender dessa moçambicana, a desconstrução dos usos e costumes do povo local parece ser irreversível na medida em que as mulheres estudam e conseguem dar nome àquilo que percebem como injustiça na relação homem e mulher. Ao mesmo tempo, a cultura é um refúgio identitário para o povo africano. Cabaço (2007, p. 431), doutor em antropologia social, identifica que, depois da independência de Moçambique, a cultura e as identidades individuais ou coletivas continuam a representar, como no período da ocupação colonial, um refúgio para os povos moçambicanos. Nesse refúgio, mulheres e homens buscam novas formas de harmonia com o espaço e o tempo “de que se vão descobrindo interlocutores, estabelecendo outras redes de solidariedade, apropriando-se de experiências diferentes, reinventando tradições, reorganizando, a própria ação” (CABAÇO, 2007, p. 431). A questão do papel invertido do homem e da mulher é debatida atualmente em sala de aula, diz uma moçambicana.

Temos leis, normas que vem para vincular isso. Para, de alguma forma, corrigir esses erros, esses usos e costumes. [...] Estamos, cá a dizer direitos humanos, direitos da mulher, emancipação da própria mulher. Então acaba

ferindo de alguma forma esses usos e costumes. [...] Pouco a pouco já vamos chegando a esse ponto entendendo que precisamos mudar. (N20).

De acordo com Esperandio (2001, p. 74), a subjetividade é assumida por indivíduos em suas existências particulares. “Eles podem se apropriar dela (como um pacote a ser consumido)”, da mesma forma como a recebem ou, “com criatividade podem apropriar-se dela, transformando-a, vivenciando, assim, um processo de singularização. Ou seja, o processo de subjetivação é uma processualidade sempre em aberto, em movimento, constituída em reciprocidades que se conectam” (*Id.*). Enfim, a subjetividade foi formada e continua sendo afetada pelo meio onde se estabelecem as relações sociais e deveria sempre ser questionada e redirecionada em prol da qualidade de vida, especialmente de grupos menos favorecidos.

Outra situação que retrata a questão de gênero, nesse estudo, é em relação a quase inexistência de homens solteiros evangélicos no campo missionário. A missionária Ms20, de 65 anos, e 17 de missões transculturais diz: “para um homem, às vezes, é mais difícil ele se cuidar, [...] e cuidar da vida dele pessoal, comida, casa, roupa, lavar, passar”. Nesse sentido se percebe uma ideia aprendida de que o homem não é capaz de dar conta de si, e talvez ele mesmo tenha aprendido que não consegue. De outra forma, quando ele consegue se cuidar não seria considerado homem? Há um problema de construção sociocultural de gênero onde se define e se legisla sobre o papel do masculino e do feminino também presente na cultura ocidental e que precisa ser questionado.

Enfim, diante do quadro de desigualdade ainda presente entre homem e mulher em algumas áreas onde o contrário seria desejável e justo, a igreja, portadora da mensagem do Evangelho como expressão da vontade de Deus, pode criar dispositivos facilitadores de vida para todas as pessoas, especialmente mulheres e pessoas solteiras africanas, em espaços de afirmação da vida. Através de ações missionárias, como o ensino, a igreja pode favorecer a ruptura do que é instituído no meio cultural visando proporcionar espaços de mudança e restauração da dignidade, de fato, das pessoas. Afinal, elas também foram o alvo do amor de Cristo, provado na cruz.

4 AS VIVÊNCIAS INTERSUBJETIVAS DAS MISSIONÁRIAS SOLTEIRAS

A essência da experiência das pessoas entrevistadas mostra ser possível atuar solteira num contexto africano, mesmo sendo ele altamente punitivo com as pessoas solteiras de sua própria sociedade. Neste capítulo é apresentada a segunda parte das discussões que trata das vivências subjetivas das missionárias solteiras em contexto africano, buscando a essência dessa experiência. Nas seções são apresentados temas como o tratamento diferenciado das pessoas estrangeiras pela cultura local, aceitação da mensagem de missionárias solteiras pelas pessoas nativas, os sentidos e demandas que vão além das vantagens e desvantagens de estar solteira na África e questões de interesse para agências missionárias.

4.1 ACEITAÇÃO DE PESSOAS SOLTEIRAS ESTRANGEIRAS

“É mesmo questão de tempo para conseguir o respeito” (Ms25, Moçambique).

Para as pessoas estrangeiras solteiras há outra forma de tratamento nas culturas africanas, diferente daquele dado às pessoas nativas solteiras, em virtude da consideração positiva com visitantes, segundo algumas declarações. Se a tolerância para a aceitação da pessoa nativa é quase inexistente, com a pessoa estrangeira, mesmo solteira, a situação é diferente, especialmente com missionárias, para as quais não é aplicado o mesmo rigor de cobrança sobre a conjugalidade, por estarem a ensinar para o bem, enfatiza a angolana N1. Respeitam a pessoa por ser de outra cultura e, desse modo, não estar obrigada ao costume local. É notório um tratamento diferenciado entre pessoas solteiras nativas e estrangeiras. Mesmo assim, algumas nativas de Guiné-Bissau falaram do receio das mulheres africanas de perderem os homens nativos para as missionárias solteiras.

A visão de missionárias é um pouco diferente com respeito a essa aceitação pelo povo local, ao considerarem suas próprias experiências no campo de missão. Por serem solteiras e sem filhos, a conquista do respeito, confiança e valorização custaram alguns anos de convívio e um constante cuidado na maneira de proceder e de tratar as pessoas nativas. “É mesmo questão de tempo para conseguir o

respeito” (Ms25, 36 anos, 8 em Moçambique); “Eu tenho o respeito deles. [...] acho que depende muito da postura da mulher, do respeito que ela impõe” (Ms24, 49 anos, 9 em Moçambique).

Aqui, parece que as pessoas confiam mais em quem tem uma família, e [...] acabam julgando quem é solteiro [...]. Está solteiro mesmo? Será que não está a receber homens nas madrugadas? [...] eu tive que deixar bem claro para eles que não tinha nada disso (Ms17, 40 anos, 4 em Moçambique).

Eu tenho a confiança do povo, mas, no primeiro momento é difícil. [...] você é solteira, é estrangeira, é mulher e ainda não tem filhos! [...] está fazendo o que aqui? [risos] (Ms21, 48 anos, 4 em Moçambique);

Segundo Käser (2004, p. 285), os nativos não conseguem estabelecer a confiança ao simplesmente fazerem perguntas ao estrangeiro. “O problema para os nativos está antes na forma como os desconhecidos reagem a determinados setores e aspectos da cultura nativa”, afirma o autor. A declaração de uma missionária confirma essa ideia. “Estão a olhar o que você faz, e não tanto o que você fala” (Ms20, 65 anos, 17 em Moçambique).

Além disso, a pessoa solteira, mesmo tendo idade, é considerada criança, e, por conseguinte, sem voz. Há missionárias que se sentiram nessa posição, ao chegarem a Angola. “Infelizmente, como mulher solteira, não tem muita credibilidade”, diz Ms3, a partir de Angola. Nesse sentido, Van der Meer (2004, p. 279), depois de um tempo em seu período em Angola, percebeu ter algo positivo em estar como solteira, pois, missionários casados homens facilmente eram tidos como um tipo de ameaça para a liderança africana, no contexto de igreja. E isso não se aplicava às mulheres.

As pessoas nativas, ao se depararem com a pessoa solteira estrangeira, acham que tem filhos e marido no Brasil, por ser difícil, entenderem porque elas ainda estão solteiras. E, por conta dos padres já existentes na África, o angolano N2 e a moçambicana N16 afirmam estarem já acostumadas com pessoas estrangeiras solteiras. Então, nesse caso, consideram normal não se casarem. Mas, não deixam de sentir compaixão por essas pessoas solteiras, observa um angolano. “É uma dor para eles pensar nessa situação. Coitado, está a sofrer. [...] Há casos que eles te dão assim, uma proposta [...], se você mudar um dia a tua ideia, tem uma menina para casar” (Angolano N2, *Umbundo*).

Pessoas nativas aceitam e respeitam as mulheres solteiras estrangeiras, no entanto, não consideram uma situação normal, continua o angolano N2. “Também

oferecem homem para quem quiser. [...] Conhecemos o fulano, o fulano, dá para você, ou não?”. Por outro lado, a guineense N15 fala do preconceito que ela observa das mulheres da cultura em relação às missionárias solteiras:

A maioria que vai para Guiné-Bissau, missionária solteira, fica dando aquela querença [impressão] [...], namora aqui um pouco e se vai, namora um pouco e não dá bom nome [...] o pessoal fica com aquele preconceito na cabeça (guineense N15, *Pepele*, 29 anos).

Ademais, pessoas nativas pensam que a pessoa solteira, mesmo estrangeira, não dá valor para a família. E o guineense N9 afirma: “nunca acreditam que você está 100% solteiro/a. Não aceitam. Ou você dá umas fugidinhas, algumas coisas”. E, em outra perspectiva, nativos/as estranham o fato do missionário não “arranjar” mulher dentro da sociedade. E, o angolano *Bacongo*, N3 afirma ficarem espantados: “como é que alguém consegue passar anos e anos sem ter mulher, e a mulher também, sem ter homem? Se admiram”.

Os outros dizem, [...] eles namoram entre eles, quer dizer, eles não acreditam que na, na capacidade humana pode aguentar muito tempo sem mulher. Porque em África, [...] há poucas distrações, então, a sexualidade tornou-se uma distração (Angolano N3, *Bacongo*).

Ainda sobre a confiança do povo que deve ser conquistada pelas missionárias pelo fato de serem solteiras, apareceu outra forma apontada para estabelecer essa confiança. Além do tempo de convívio é o fato de sempre voltar, quando se viaja ao Brasil. A missionária Ms18, em Moçambique, passou por essa experiência, pois as próprias pessoas lhe disseram isso. Foram mencionados, também, o modo de agir, o respeito, a adoção do costume nas vestes, a maneira de tratar os homens e as mulheres, como facilitadores dessa conquista da confiança das pessoas nativas.

Em geral, segundo Käser, em sociedades sem escrita existem dificuldades em atribuir ao estrangeiro um papel que faça sentido. “É especialmente difícil atribuir um papel inteligível às mulheres solteiras, tanto agentes de desenvolvimento quanto missionárias”, afirma o autor.

Não são capazes de conceber uma mulher que, sozinha, viaja para tão longe de casa, que ainda não tenha se casado, nessa idade, ou que nem ao menos apresente um membro masculino da família – irmão, primo ou tio – que seja responsável por ela. Há sociedades em que os homens nativos não podem entrar em contato com uma mulher desconhecida não casada quando não há nenhum familiar dela por perto. Se essa situação se prolongar, as mulheres nativas tentarão, às vezes, eliminar o problema,

tentando forçar a desconhecida a casar-se com um dos homens da aldeia. Essa é a situação ideal para os nativos. [...] Muitas vezes, a problemática do papel é amenizada quando um parente masculino dela lhe faz uma visita (KÄSER, 2004, p. 285).

Nesse sentido, duas missionárias, Ms8 de Guiné-Bissau e Ms2 de Angola, mencionaram se sentir uma extraterrestre no contexto africano por ser estranho ao povo a possibilidade de ficar solteira. O estranhamento das pessoas nativas fazem as missionárias solteiras se sentirem diferentes. Oliveira (2008, p. 112) é da opinião de que os aspectos negativos da cultura de origem precisam ser identificados e questionados, pois eles interferem diretamente nas dificuldades enfrentadas por missionários e missionárias quando precisam se relacionar com outras culturas. “Muitos problemas que sofremos ou causamos poderiam ser evitados se conhecêssemos melhor a maneira como nos comportamos e a forma como nossas atitudes são interpretadas pelos povos que convivem conosco”, afirma o autor.

Van der Meer (2004, p. 275) também sugere reconhecer as diferenças culturais e respeitar as regras da outra cultura na maneira de se comportar, se vestir e nos limites de proximidade e toque, para as mulheres não serem vistas como de moral duvidosa. Ela soube de moças e rapazes que foram adotados por famílias da comunidade, “onde encontraram uma base de apoio social e emocional, que se colocam em sua defesa diante da sociedade”. E, acredita haver lugar para missionárias solteiras, desde que orientadas e que aprendam a conhecer e respeitar as normas culturais de outros países para uma integração mais suave e respeitosa.

Nativos e nativas concordam que há certo respeito com pessoas portadoras da “Palavra de Deus”. Elas são vistas como alguém superior. Porém, o fato de ser solteiro ou solteira é algo ainda sem resposta para o povo local. As falas aqui se mostram contraditórias. Talvez elas sejam vistas como alguém superior para algumas pessoas locais e não no geral. Isso explica porque algumas missionárias não percebem isso, e pelo contrário são vistas com estranhamento e custam alguns anos para se sentirem respeitadas.

A questão fica dentro da cabeça da pessoa [...]. Eles têm certo respeito [com missionários/as] porque, nas tribos, respeitam muito a Palavra de Deus. Porque, a pessoa que chega trazendo a Palavra de Deus é olhada com muito respeito. Mas ainda existe este questionamento. Eles não olham bem isso, como uma coisa que precisam saber o que está a acontecer porque é algo diferente [risos]. [...] Inclusive, isso foi uma experiência que eu acompanhei [quando serviu de guia a um grupo de missionários/as em Angola]. Eles falaram: esse pessoal ensina coisas boas, mas porque não casam? Então eles ficam se questionando (N4, angolano *Tchoque*).

É preciso entender as regras da cultura, reforça a missionária Ms2 de 45 anos. “Entendendo essas regras, as portas acabam se abrindo. [...] Acabei sendo aceita na comunidade”. Mas, segundo ela, foi um processo enfrentado com perseverança, muita paciência e muita fé, acrescido da adoção de uma postura séria na maneira de se comportar, de se vestir e de conversar com os homens e com as mulheres (Ms2, missionária dos 30 aos 36 anos em Angola).

Segundo Käser (2014, p. 254), para que colaboradores estrangeiros/as possam ser compreendidos/as, “devem organizar seu comportamento de tal maneira que o outro lado, com o seu próprio quadro de explicações, possa reconhecer em quaisquer casos” a motivação da pessoa. O autor reconhece ser difícil, mas considera essa a única solução. Da mesma forma, devem conhecer a respectiva cultura, junto com todas as suas estratégias para viver e sobreviver. O autor aconselha levar em conta que “a habilidade necessária para compreender o comportamento humano nada mais é do que o reconhecimento de uma relação entre o efeito (o comportamento) e uma causa (a finalidade, o motivo, a intenção)”. O problema disso é o fato de, normalmente, só se enxergar o comportamento, pois os motivos, intenções e finalidades estão escondidos nas pessoas observadas. Por conseguinte, é necessário ter mais cuidado ao se compreender outra cultura quanto mais ela tiver distante da sua própria cultura (KÄSER, 2004, p. 253).

Segundo Van der Meer (2009a, p. 56), existem mulheres solteiras servindo a povos tribais e vivendo isoladamente. “Normalmente, só com o passar do tempo são aceitas pelo povo, que a princípio as vê como invasoras, como uma ameaça”. Uma vez conquistadas, a confiança e a amizade, conseguem servir com fidelidade e amor.

Portanto, na cultura africana, a pessoa solteira estrangeira necessita de um tempo de convívio para poder ser respeitada e aceita. Pessoas nativas precisam compreender o papel dessas pessoas para poder lhes fazer sentido por ser estranho à cultura. Demoram a acreditar que a pessoa consegue ficar solteira sem namorar e ficam desconfiados/as, achando que escondem algum relacionamento. Mesmo assim, o rigor na aceitação não é o mesmo do que para as pessoas nativas. Há uma consideração positiva com as pessoas estrangeiras, que em alguns contextos são vistas como superiores, segundo declarações de nativos/as. E, na experiência de missionárias, a confiança e o respeito demoram alguns anos para se estabelecer.

Enquanto não ganham a confiança dos locais, existe a dificuldade de serem ouvidas por serem mulheres e solteiras, segundo algumas declarações de missionárias, tornando o trabalho delas mais difícil e até sofrido, estando sujeitas ao desânimo.

4.2 A MENSAGEM DE PESSOAS SOLTEIRAS ESTRANGEIRAS

“Para eles eu já sou alguém que sabe” (Ms15, Moçambique, 35 anos)

As missionárias, ao falarem de sua percepção da aceitação da mensagem do evangelho anunciada por elas, bem como delas mesmas, mencionam a cultura formal e machista dos africanos como um fator complicador. Também, a falta de valor da pessoa solteira na cultura contribui para a dificuldade de aceitação. Embora se perceba a diferenciação para as pessoas estrangeiras, ao ponto até de tentarem casamento com elas, existe uma contrapartida para superar as diferenças. A restrição na atuação de pessoas solteiras como missionárias acontecem em assuntos específicos de casamento, para os quais as pessoas nativas valorizam a experiência na prática, ou seja, de pessoas casadas. Pessoas entrevistadas relatam os meios de ultrapassar essas barreiras e obter sucesso no trabalho. “Tem que estar comprometido/a mesmo, tem que ter um bom caráter. [...] Senão, é problema” (angolano N2, *Umbundo*, 40 anos). “[A pessoa solteira] vai correr o risco de, a todo o momento, pôr em dúvida a sua fé, o seu comportamento, [...] a sua seriedade naquilo que faz, [...] pelo fato de ser solteiro/a” (angolana N1, *Umbundo*, 38 anos).

A pessoa solteira é alvo de desconfiança entre os povos nativos. Para uma angolana, um missionário solteiro trabalhar com as jovens ou mulheres, já não é bom, por causa da questão do machismo presente na cultura.

Quem é esse homem que não tem mulher, que vai falar com a minha mulher? [risos] [...] Tem medo porque o missionário às vezes é visto como aquele que saaaabe (sic) muita coisa. Mas nós aqui não sabemos. Estamos a aprender com o missionário. Ele fica muito próximo da minha mulher, quem sabe a minha mulher vai gostar dele (angolana N1, *Umbundo*).

Quanto às missionárias solteiras, a nativa diz que elas podem causar problemas para os maridos. “Ela seria, então, bem recebida pelos homens e não muito bem recebidas pelas esposas desses homens. Porque ficaria, assim, como

uma ameaça. Ela é solteira, então temos que cuidar bem de nossos maridos” (N1). E uma mulher guineense *Pepe!* tem uma impressão semelhante a respeito das missionárias solteiras.

Quando chega uma pessoa solteira, aí todo mundo desvaloriza. A maioria que foi lá, não se deu bem. Porque a pessoa casada tem mais responsabilidade. Tem filho e marido para cuidar e não vai ficar assim, namora, dá em cima das pessoas. E vai ser mais respeitada. [...] Vai poder aconselhar um casado porque você já sabe de casamento e você pode dar conselhos para casais. [...] Vai poder conversar mulher com outra mulher e o marido não vai ficar com ciúme porque você já é casada e já sabe as coisas de mulher e tem mais respeito (N15, mulher, 29 anos).

Para uma missionária, atualmente casada, “ser solteira é bastante difícil, pois, às vezes, você não é ouvida” (Ms5). E declara ser muita coisa negativa em relação à cultura, e se sentia completamente desautorizada para falar por estar solteira na faixa dos 32 anos em Guiné-Bissau, percebendo que, se fosse casada, seria diferente.

No entender do guineense N9, *Bijagós*, uma pessoa solteira vai encontrar muitas dificuldades, pois, “se fizer muita amizade, esta amizade vai ser confundida”, e acrescenta que seu povo prefere mesmo a pessoa casada. “Aí, você terá voz”, enfatiza ele. De acordo com Van der Meer (2004, p. 279), uma moça em culturas africanas é considerada menina quando ainda não tem filhos. “Por outro lado, uma mulher é chamada de mãe ou mamá quando tem filhos, significando que se tornou adulta, respeitada”.

Nesse sentido, para Lévi-Strauss (1982, p. 522), a maternidade é uma relação não somente de uma mulher com seus filhos, mas desta mulher com todos os outros membros do grupo, para os quais não é mãe, mas irmã, esposa, prima ou simplesmente estranha em relação ao parentesco.

O mesmo se dá com todas as relações familiares, que se definem, simultaneamente, pelos indivíduos que englobam e também por aqueles que excluem. Isto é tão verdadeiro que os observadores muitas vezes se impressionaram com a impossibilidade que os Indígenas demonstram de conceber uma relação neutra, ou mais exatamente a ausência de relação. Temos o sentimento - aliás, ilusório - que a ausência de parentesco determina, em nossa consciência, esse estado. Mas a suposição de que possa ser assim para o pensamento primitivo não resiste ao exame. Cada relação familiar define certo conjunto de direitos e de deveres, e a ausência de relação familiar não define nada. Define a hostilidade. Se alguém quiser viver entre os *Nuere*, deverá proceder à maneira deles. Deverá tratá-los como uma espécie de parentes, e eles tratarão também a pessoa como uma espécie de parente. Direitos, privilégios, obrigações, tudo é determinado pelo parentesco (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 522).

Ms5 confirma a ideia de não ser respeitada ou considerada quando estava solteira em Angola na faixa dos 32 anos. “Eu falava as coisas, incentivava e tal e diziam: A menina [fulana] está dizendo assim, assim. A menina [fulana] é porque eu não era casada ainda, não era senhora, e eles não valorizavam muito” (Ms5, professora, Angola). E outra missionária fala de sua experiência de aceitação entre o povo moçambicano.

O respeito, eu só recebi mais tarde, não no começo. [...] Isso só com as pessoas com quem eu convivo melhor [...]. Outros que me veem na rua, assim, eles continuam desconfiando e não acreditam que [risos] isso vem assim, ser normal. [...] Eles respeitam muito mais uma mulher que, por exemplo, atrás carrega o seu filho e ainda carrega uma bacia na cabeça e mais, faz um trabalho duro. [...] Então, faça isso, faça aquilo, vamos supor, tem uma mulher casada, com filhos, isso eles aceitam de uma maneira melhor (Ms15, professora, 35 anos, Moçambique).

Algumas missionárias também falaram dessa dificuldade e, às vezes, se sentiram incapazes nessa área, acrescentando o fator “cultura machista” e desvalorização da pessoa solteira nativa por não ser considerada adulta e por não ter experiência para falar e opinar.

Na área de aconselhamento familiar, eu sinto um pouco de dificuldade na igreja, na área de implantação de um ministério com casais, [...] porque a gente gostaria, mas aí infelizmente como mulher solteira não tem muita credibilidade. Porque você fala teoricamente, mas na vida... Então, a única dificuldade que eu tenho aqui é nessa área (Ms3, educadora, 53 anos, Angola);

A gente sabe da importância de um casal, [...] eles tem a experiência, a prática. Eu tenho a teoria. Eu não tenho o que passar para eles disso (Ms24, professora, 49 anos, Moçambique).

Algumas pessoas nativas acreditam que a pessoa solteira e sem filhos não poderia falar e aconselhar casais, noivos e namorados, pela falta de experiência. E um dos angolanos citou um provérbio comum em sua aldeia, para justificar essa ideia da inadequação da pessoa solteira nessa área.

Veja só o provérbio que está na minha aldeia, que diz assim: se você quer pedir um conselho a alguém, pergunte a alguém que já tem experiência. Quem não tem experiência, não tem algo para falar. Então, o que é mais importante? É o conhecimento? Não. O mais importante é a experiência. Logo, se a pessoa não tem experiência, então, ela não pode dizer coisas para a gente [...]. Então, os conceitos numa cultura oral, ela se perde rápido. Mas, se você conta uma história, e a história tem a ver com fatos, né? Então as pessoas acabam entendendo melhor. Então, nesse sentido, [...] não tanto assim como nas aldeias, no interior, até nas cidades, encontra-se essa

dificuldade dessa pessoa, de repente medir o que você fala, pela tua experiência, e não pelo teu conhecimento (N6, angolano *Quimbundo*).

Para Nkafu Nkemnkia, os provérbios africanos são parábolas da vida e contém uma finalidade didática e pedagógica. “Eles têm o propósito de transmitir, sob a forma de um conto, a sabedoria”.

Neles são conservados os valores da tradição e o *etos* de ser africano. Os provérbios são inseridos nos rituais. [...] Para as conversações noturnas, o ancião ou o mestre da vida ensina as crianças o significado dos mitos e dos contos. Mas, quando isto não é possível, eles são transmitidos às novas gerações por intermédio de provérbios, sendo que somente quando a criança for adulta, poderá compreendê-los por si mesma (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 175).

Dessa forma, os ensinamentos e a perpetuação de comportamentos são aprendidos e repassados de geração em geração com pouca possibilidade de questionamento, como confirmou a moçambicana N20, *Macua*, solteira de 35 anos. Mesmo em meio a essas dificuldades, todas as missionárias reconhecem que conseguiram fazer bem o seu trabalho. Elas atribuem o sucesso à fé de que Deus chamou para esse trabalho, e deu as condições e estratégias para executá-lo. Uma missionária de 35 anos diz não ter tido dificuldade com o ensino da mensagem bíblica por estar solteira, pois dão mais valor para quem estudou numa escola bíblica. “Então, o importante é que eu já estudei a Bíblia. Para eles, eu já sou alguém que sabe” (Ms15, professora, 35 anos, 4 em Moçambique).

No entanto, por mais que a mensagem do evangelho seja bem recebida, a maioria das missionárias sente dificuldade em assuntos para os quais consideram ser mais adequado falar quem tem a experiência, no caso, os temas ligados a casais e famílias. Mas, as pessoas nativas aceitam bem a mensagem do evangelho condicionada à confiança, adquirida ao longo do tempo, ao conhecer e aprovar as atitudes da missionária. A aceitação da mensagem do evangelho proclamada pelas missionárias solteiras para nacionais dos três países representados está relacionada à consideração positiva que os povos nativos têm das pessoas estrangeiras, com a maneira de proceder delas, com o contexto local, e com o tipo de trabalho. Mesmo assim, não é sem dificuldade e algum tipo de sofrimento para a missionária.

4.3 OS SENTIMENTOS E IMPRESSÕES DE PESSOAS SOLTEIRAS

“O campo exige muito de você, então cansa mais rápido [...]. Onde predomina a autoridade masculina é bastante difícil ser respeitada” (Ms7, Guiné-Bissau, 42 anos).

Missionárias solteiras tendem a se posicionar em relação às implicações de seu Estado Civil no trabalho missionário, tentando equilibrar vantagens e desvantagens, ou pontos positivos e negativos em atuar como solteira na África. No entanto, seus sentimentos capturados das entrevistas evidenciam demandas mais profundas que vão além de buscar o equilíbrio entre vantagens e desvantagens de pessoas solteiras no campo de missões.

As desvantagens de estar como missionária solteira na África são apontadas pelas próprias pessoas pesquisadas. E se resumem em: pressão ao casamento, sentimento de inferioridade, desvalorização da pessoa solteira e sem filhos pelas culturas locais, assédio dos nativos, vulnerabilidade, falta de segurança, falta de privacidade e machismo no campo de missões.

Para eles aprenderem que você é séria, que aquele pastor é sério, é muita coisa. Porque eles acham que o pastor tenha talvez a namorada brasileira. A missionária ali do lado é namorada dele, está entendendo? (Ms19, Moçambique, 46 anos).

A missionária Ms8, solteira de 41 anos, menciona ter momentos “em que você se sente só, e quer ter alguém. Você está carente e aí pode querer se envolver.” Além disso, continua ela, “às vezes, nas brincadeiras, tentam diminuir a pessoa solteira, e tem pessoas que se sentem abaladas”, como se fossem de fato incompletas. Ela fala com relação a colegas do Brasil, pois, os nacionais, embora tenham suas convicções sobre a pessoa solteira, “não falam”. No entanto, como ela mesma diz, fazem suas orações a Deus por ela, “porque estão confiantes que Deus vai lhe mandar um marido” por ser importante para eles.

Algo elucidado pela missionária Ms1, contribuindo para um sentimento de inferioridade e de inaptidão da pessoa solteira é a opinião pública, na cultura brasileira, a respeito da conjugalidade. É como se o fato de não se casar demonstre fracasso, diz a missionária. E, “acaba dando na gente um sentimento que sou uma mulher de segunda categoria porque não me casei. Durante alguns anos eu me sentia assim”, afirma Ms1 de 69 anos. Além disso, sentimentos de inferioridade e pressão ao casamento afloram em virtude de comentários e conselhos recebidos de

peças da própria família e igreja do Brasil. São percebidos por elas como desvantagem da pessoa solteira.

E gente te diz: então isso, então aquilo. Tem horas que você fica pensando: você deve ter alguma coisa diferente, ou então, [...] você é muito feia, você tem algum problema, algum defeito, então [dizem]: emagrece para ter menos 20 quilos, [...] no final, você descobre que aquilo é só mesmo coisa da tua mente (Ms4, 44 anos).

Falam que eu fiquei para titia, que sou solteirona, que sou muito exigente e que estou escolhendo muito (Ms2, 45 anos).

Aí, às vezes, eu deixava aquilo me atingir. [...] Teve uma pessoa próxima de mim que falou que sou incompleta por não ser casada (Ms6, 42 anos).

Eu cansei de ouvir das minhas amigas [...] essas brincadeiras desagradáveis. Não gosto [...]. Ah, eu me sinto como “Zé ninguém”, como uma pessoa que nunca vai casar (Ms19, 46 anos).

A pesquisa de August (2013, p. 159) demonstrou que a própria linguagem utilizada para se referir às pessoas sem cônjuge na família e na igreja, deveria ser revista, principalmente aquelas com noções pejorativas que reforçam estigmas: solitárias, solteironas, enalhadas, entre outras, pelo fato de produzirem sentimentos de inferioridade.

Nesse sentido, Van der Meer (2004, p. 283), por conhecer a situação de pessoas solteiras, concorda que as pessoas do Brasil brincam muito e nem sempre as brincadeiras são apropriadas e respeitadas. “As missionárias solteiras querem o respeito devido [...]. Querem compreensão com sua condição de solteira, que muitas vezes é fruto de seu compromisso com a obra missionária e não uma opção de vida”.

Querem apoio, inclusive em oração, e muitas continuam abertas para um casamento. Mas não gostam do tipo de piadas ou de sugestões que as desvalorizam. Há pastores que visitam suas missionárias, empolgados com o ministério, buscando novas fronteiras, querendo conhecer a terra em que elas trabalham. Fazem algumas brincadeiras sobre o fato de que ela ainda não resolveu seu “problema” ou que não encontrou ainda um solteiro naquele país. Não param para ouvir, para orar com ela, para procurar entender suas lutas e dar um apoio pastoral – e essas são as atitudes que as missionárias solteiras esperam de seus pastores (VAN DER MEER, 2004, p. 283).

Além disso, segundo August (2013), “corremos o risco de, ao comentar, estar atrapalhando as reflexões e a comunicação da pessoa com Deus”. As pessoas solteiras que buscam em Deus estão atentas às suas respostas. Comentários não proféticos, ditos ao acaso podem confundir e gerar falsas expectativas. É mais útil às

peessoas solteiras, ter alguém que caminhe com elas e se empenhe em ouvi-las muito, sem querer logo achar uma solução. A ajuda é no sentido de organizar seus pensamentos, motivações e restrições, com o máximo de respeito por seus sentimentos, como fazem terapeutas ou conselheiros/as sensíveis (AUGUST, 2013, p. 104).

Outra situação desagradável apontada por Ms2, uma das missionárias atuantes em Angola, é ao que está sujeito a acontecer na convivência com casais de missionários brasileiros, por causa de ciúmes de esposas, percebidas nas piadas. A missionária Ms2, de 45 anos, trabalha com três casais e admite a necessidade de saber lidar com esta situação, e considera ser constrangedor, causando tristeza porque, segundo ela, “como solteira, às vezes, você é vista como ameaça”, enfatiza ela.

Van der Meer (2004, p. 276), que também é missionária solteira, conta de uma amiga que foi a um encontro de missionários/as da mesma agência sua e aconteceu das esposas de missionários de outras nacionalidades terem reserva com ela por ser brasileira solteira. “Estavam muito na defensiva e queriam mantê-la longe de seus maridos”. Ela era vista como um perigo. “Assim, continuou a servir muito solitária e sem apoio, apesar do bom entrosamento e da boa aceitação por parte dos nacionais”, afirma a autora.

Para August (2013, p. 81), é muito difícil manter a fé quando se caminha sozinha, sem um lugar de plena aceitação. Há evidências de uma distinção, imaginária ou não, entre a condição de pessoa não casada e casada para conquistar um lugar de atuação mais relevante em comunidades evangélicas brasileiras. “Há também sinais de demérito a pessoas não casadas, causando nestas o constrangimento. Onde está seu lugar de aceitação, que não é percebido por elas?”, questiona a autora.

Em sua experiência ao longo de treze anos em Angola, Ms2, de 45 anos, afirma não ser uma caminhada fácil por estar solteira, considerando a “questão hormonal [...], questões físicas, mesmo de sonhos, de tudo”. Por conseguinte, “havia dias em que estava ótima, e outros dias mais difíceis, mais complicados”, e considera importante a maneira como se vive. Ela cogita, ainda, a existência de “batalha espiritual muito grande” e a “tentação muito forte” o tempo todo, que precisam ser vencidas (Ms2, Angola).

O psicólogo clínico americano Gary Collins (2004, p. 434) relata que seu trabalho de aconselhamento detectou alguns problemas causadores de sofrimento entre pessoas solteiras: solidão, autoestima, identidade e orientação na vida, sexualidade, instabilidade emocional, irritação, raiva, medo e outros. E isso não poderia passar despercebido pelas pessoas que convivem com solteiros e solteiras.

Além do mais, em equipes mistas de missionários e missionárias, geralmente a liderança é masculina, “mesmo quando se trata de homens menos experientes e menos maduros. Parece que a mulher solteira é sempre vista como uma pessoa útil, mas incapaz de liderar” (VAN DER MEER, 2009, p. 54). Também aqui é percebida uma questão de desigualdade de gênero enraizada em muitas igrejas no Brasil.

Por não ser respeitada na cultura local, uma mulher sem um homem, uma missionária, em Guiné-Bissau, se sente pressionada a sair dessa situação sendo necessário “ter muito equilíbrio de Deus e saber que, o tempo de Deus vai chegar”, diz Ms8 de 41 anos, se referindo à espera por um casamento a ser providenciado por Deus. Além disso, a pessoa solteira fica exposta a propostas, convites e muitos pedidos, concorda a maioria. Fica mais vulnerável, desprotegida. “Desperta o interesse dos homens e a curiosidade das mulheres” e faz sentir-se, “no mínimo, desconfortável”, confessa Ms10 de 48 anos, atuante em Guiné-Bissau.

Em muitas culturas, a mulher ainda é vista como o objeto do desejo do homem, como uma propriedade que ele tem poder de controlar. Ela não tem direito de escolha, de decisão, de expressar a sua individualidade, de ser uma pessoa autônoma. A casada que tem sobre si o sobrenome do marido é protegida, respeitada. A solteira é pressionada para se casar. Tem dificuldade de convivência social, porque é sozinha, vista como se fosse desamparada, porque ninguém se interessou por ela, porque não tem um homem para protegê-la (BEZERRA, 2017, p. 157).

A questão do assédio com interesse de casamento, por parte dos nacionais, é citada pela maioria das participantes. “Deixa uma condição de vulnerabilidade, quando vem até nós, ter que reagir” (Ms12, 37 anos, Moçambique); “Nós estamos sendo assediadas. [...] Eu conheço muitos casamentos aqui que, no meio do caminho [silêncio de lamento]” (Ms11, 38 anos, Moçambique);

Você tem que ter muita determinação. Eu evangelizando e uns camaradas brincando com a minha cara. [...] Não deixam de me insultar, chamar de *Muzungo*, bonitinha [risos], quer casar comiiiiiiiigo? (sic) [risos]. E você tem que relevar (Ms19, 49 anos, Moçambique).

Você sozinha no campo e ser o tempo todo atacada, entre aspas. [...] Os homens vem mesmo atrás de nós. Homens da nacionalidade do país onde

you are, men of other nationalities, who are not Christians, who do not invite. There are moments when you are strong. There are moments when you feel more needy (Ms2, 45 years, Angola).

Os casamentos de missionárias com nacionais africanos que se comportam dentro de seus padrões culturais acabam criando dificuldades para as brasileiras, afirma Van der Meer. “Todas as brasileiras [em Angola] recebiam constantes pedidos de casamento, algumas tinham até 20 candidatos lutando para conquistá-las. [...] Isso não é pecado, não é errado, mas, também não é fácil”, devido às diferenças culturais (VAN DER MEER, 2004, p. 277).

Uma das lutas de uma mulher solteira é o próprio desejo de constituir família, de ter filhos. “Quando a mulher solteira leva a sério o chamado para servir ao Senhor, não é qualquer casamento que ela vai aceitar”, diz Van der Meer.

Se sua prioridade é casar, ela pode, com a graça de Deus, encontrar um companheiro com visão e chamado semelhantes, ou pode entrar num casamento que significa o fim de seu ministério. Conheço pessoas assim, mais ou menos felizes no casamento, mas com um sentimento de insatisfação por terem se afastado do chamado (VAN DER MEER, 2009, p. 55).

Para Käser (2004, p. 101) são as diferentes estratégias de organização “que exigem grau mais elevado de tolerância entre parceiros de culturas diferentes, o que onera o matrimônio com cargas adicionais, desestabilizadoras e ameaçadoras”. Para o autor, as diferenças mais sensíveis se referem “aos valores e às expectativas relacionadas aos diferentes papéis, inclusive da parte dos parentes. Importante não são as diferenças raciais em si, mas diferenças de cultura”.

O fator segurança também foi apontado como desvantagem de estar solteira no campo de missões. A coordenadora de 40 anos, Ms17, residindo há quatro anos numa cidade ao norte de Moçambique, também percebe problemas com a segurança, se referindo à moradia. “Estrangeiro/a é muito [visado/a]. Tem muito assalto, muita coisa que acontece”. Além dessa desvantagem, a carência e a solidão foram apontadas como complicadores do ministério de pessoa solteira, quando dizem:

Essa tristeza, essa distância, essa solidão, [...] então, é não deixar vencer. Mas vencer a solidão e superar, [...] com outras coisas que podem trazer alegria (Ms18, solteira, 56 anos);

Você não tem pai aqui, você não tem mãe, não tem amigo. [...] Não é fácil você conviver com a solidão (Ms19, casada que permaneceu dos 36 aos 42 anos como solteira no campo).

As desvantagens de estar, como solteira, no campo missionário africano estão associadas aos sentimentos de solidão, saudade, vulnerabilidade, carência afetiva, e de inferioridade por causa de comentários diminuidores da pessoa solteira, da pressão ao casamento e das questões culturais. Além disso, as missionárias solteiras são vistas como “meia-pessoa”, “extraterrestre” e menos que os homens em vários aspectos: Menos respeito, menos crédito e menos autoridade.

Mesmo considerando as restrições da cultura, foram apontadas as vantagens em estar como missionária solteira em países africanos. “A Solteira tem um potencial incrível” (Ms11, Moçambique). A liberdade de tempo, locomoção e autonomia foram as mais sinalizadas. “Eu vejo essa diferença, que a solteira vai produzir muito mais” (Ms11, 38 anos); “Ser solteira não é ruim, porque você é uma pessoa livre. [...] O/a solteiro/a é diferente. [...] Cuida das coisas do Senhor, a palavra de Deus diz” (Ms22, 61 anos); “[Risos] Cem por cento, 24x24, todo dia, toda hora disponível para fazer o que é preciso” (Ms18, 56 anos); “Tem mais tempo para se dedicar. [...] Sem preocupação de cuidado de alguém da família. Você pode estender mais o teu ministério [...] assumir mais compromisso do que um/a casado/a” (Ms6, 42 anos). Assim dizem as missionárias.

Van der Meer (2004, p. 280) também considera como vantagens “em áreas como a comunhão com Deus, o serviço, o relacionamento e integração com os nacionais e a liberdade para viajar”. Por outro lado, pode ser um problema quando as pessoas esperam que a solteira esteja sempre disponível para servir. “Pois, a solteira também tem seus limites e deve ter liberdade e apoio para poder estabelecê-los”, diz a autora.

A liberdade para responder ao chamado mais rápido em obediência a Deus, sem ter que negociar com a família, a possibilidade de alargar a atuação na obra missionária e poder de decisão são fatores considerados como vantagens também. “Talvez ele [Deus] me quisesse solteira porque eu sou livre. Eu saio à hora que eu quero. Eu chego a hora que eu quero” (Ms20, 65 anos); “O chamado de Deus para certo lugar, você vai pensar só em você. [...] É muito mais fácil você obedecer a Deus e ir aonde Deus mandar. [...] Liberdade de estar podendo responder a esse chamado mais rápido” (Ms15, 35 anos); “Porque você quer definir tua vida. Então

não vai ser um homem, um casamento que vai me dizer até onde eu posso chegar” (Ms4, 44 anos).

É importante destacar que aspectos apontados como positivos nas vantagens de ser pessoa solteira são atributos valorizados, e até desejados, por elas mesmas como: independência, liberdade, harmonia, sem sujeição a outras pessoas e autonomia, entre outros (AUGUST, 2013, p. 128).

A liberdade de locomoção é também um ponto forte destacado por algumas delas. Ms1 diz que foi melhor estar solteira em Angola, pois, acredita que se estivesse casada ou com filhos, não teria a mesma liberdade de locomoção e de serviço, no seu tempo de missionária.

Alguns pontos fortes eram minha liberdade de viajar a lugares onde tinha muito mais guerra, de fazer viagens meio malucas. Assim, eu viajei em avião de transporte de petróleo, viajei de todas as maneiras possíveis e impossíveis para fazer meu trabalho. [...] E eu sempre orando, Senhor, manda seus anjos para me guardar. Mas eu tinha essa liberdade (Ms1, Angola);

A prioridade do apóstolo Paulo à obra missionária, apontada por ele como uma vantagem de ser solteiro foi lembrada pela missionária Ms11. Além disso, foi dito por Ms1, outra missionária, que, em face de pouca consideração e valor da pessoa solteira frente à autoridade de pessoas casadas, elas conseguem realizar o trabalho sem serem vistas como uma ameaça para a liderança africana.

Existem também os sentimentos aflorados nas declarações que se associam a determinados momentos explicitados por elas. Ms11, de 38 anos, se sente feliz e “radiante de alegria”, contribuindo na comunidade. “Parece que eu me acostumei tanto em ser solteira”, acrescenta. E, não concorda com os comentários sobre a necessidade de ter um homem para se sentir completa.

Eu posso ser feliz hoje, o meu amanhã pertence a Deus. Eu faço o meu trabalho hoje. Eu sou uma pessoa completa, não sou meia pessoa porque não casei. Tem gente que pensa assim, mas eu não penso assim. E fiz o meu trabalho e fiz muitas amizades e me senti feliz. Foi um tempo muito bom, muito feliz da minha vida (Ms1, 69 anos, Angola).

Enfim, liberdade de horário, de locomoção, de decisão, disponibilidade de tempo, maior produtividade, facilidade e maior rapidez para atender ao chamado missionário, flexibilidade para viagens, adaptações a contextos mais difíceis, envolvimento na cultura de forma mais profunda, facilidade em criar raízes no país e

não precisar dar explicação, são vantagens de estar no campo missionário como missionária solteira, apontadas por elas. No entanto, a relação das missionárias solteiras com as demandas culturais mostra pontos sensíveis profundos cuja consideração requer que esteja muito além de pesar as vantagens e desvantagens para propiciar cuidado emocional e espiritual a elas.

4.4 AS DEMANDAS DE PESSOAS SOLTEIRAS

“Decide, ou permanece solteira, ou casa e é desligada. E muitas foram desligadas”
(Ms4 Angola).

Nas declarações relevantes das missionárias aparecem demandas específicas de pessoas solteiras envolvendo as agências e igrejas que enviam pessoas para missões na África. Algumas falam sobre agências que não enviam pessoas solteiras ao campo de missões. Outras, quando enviam, condicionam à assinatura de um termo se comprometendo a não casar por determinado período no campo. Muitas entrevistadas estão como autônomas no campo missionário, pelo fato de suas igrejas não enviarem pessoas solteiras. E foram para atender ao chamado de Deus. Elas se sustentam com recursos próprios e apontaram razões porque algumas agências não enviam missionárias solteiras.

[Missionárias] chegavam em Angola e casavam. [...] A cultura diferente, o choque, inclusive algumas apanharam do marido e aí entrava uma questão do governo. É uma questão de países. [...] Então, decide, ou permanece solteira, ou casa e é desligada. E muitas foram desligadas. Outras, graças a Deus tiveram sucesso. [...] Até conheço muitas, mas, a maioria delas, apanhava do marido (Ms4, 44 anos, Angola).

Para Van der Meer (2009, p. 52), a mulher no ministério em igrejas protestantes é um assunto debatido e ainda desperta preconceitos e, se for solteira, o tema é ainda mais delicado. “Há líderes que pensam que as mulheres são frágeis demais, ou instáveis demais, ou que Deus sempre escolhe os homens para liderar o ministério cristão”. Ela assegura que há bases bíblicas para dar espaço às mulheres capazes e dotadas. Por conseguinte, “as mulheres solteiras, muitas vezes, são bem ativas no contexto da igreja local quando se sentem acolhidas e respeitadas. Quando sentem o preconceito, a atuação fica bem mais difícil” (VAN DER MEER, 2009, p. 55).

Van der Meer, “visitando vários campos missionários, especialmente campos difíceis em selvas, onde há guerras e falta de liberdade, ainda fica mais evidente a presença maior de mulheres solteiras”. Ela afirma que não é que elas tenham escolhido ficar solteiras, mas, escolheram obedecer ao chamado (VAN DER MEER, 2009, p. 52).

Que base bíblica podemos usar para afirmar as solteiras em seu ministério? O único critério bíblico para alguém exercer qualquer função no corpo de Cristo é que lhe seja dado o dom para isso (Rm 12.6). Em nenhum lugar do Novo Testamento sugere que Deus dá dons com base no sexo da pessoa ou em seu estado civil. [...] Os dons espirituais são dados a qualquer crente sem exceção (1Co 12.7; 1Pe 4.10). O Espírito dá dons diferentes, fornecendo uma rica diversidade de ministérios na igreja (1Co 12.8-10; Rm 12.6-8)” (VAN DER MEER, 2009, p. 57).

A missionária Ms11 fala de pessoas solteiras conhecidas dela que escreviam relatórios com atividades fictícias no campo, porque ninguém estava acompanhando o trabalho. Ela considera que seria prazeroso para as missionárias serem assistidas pessoalmente, pela igreja ou agência. Ms24, de 49 anos, se referindo a um sentimento de abandono por parte da agência ou liderança da igreja, afirma com pesar: “Até essa questão da prestação de contas, a gente sente falta”. Ou seja, nem para isso ela percebeu interesse de seus superiores. Da mesma forma, Ms12, professora, conta que, nos contatos de pessoas da igreja e líderes da missão, tinha a impressão de que se fosse casada produziria mais no campo de missões. E isso a pressionou muito a um casamento, o qual, no final terminou em divórcio.

Já a Ms21, por exemplo, considera que a missão deve ser partilhada e há uma responsabilidade por parte de quem envia (a igreja, a agência, os pastores) de exercerem um acompanhamento. Na verdade, a missionária adverte da necessidade de cuidar de quem cuida, para que possa exercer o ministério de modo mais eficaz:

Porque esquece de perguntar como é que você está. [...] É muito raro. Ou pergunta por obrigação, não sei, talvez. Mas, melhorar na comunicação, sabe? [...] A minha comunicação é cobrada. Mas a deles, [...] o pastor ou a pessoa líder [...] do ministério de missões, da igreja perguntar como é que a pessoa está. Vai bem? Vai bem sua família? Vai bem seu estado espiritual, entre você e Deus? [...] Eu sinto falta, sabe? [...] Como está seu emocional? Porque aqui a gente vê muita tristeza nas famílias, muito problema, muita dificuldade. Então nosso emocional fica abalado. Tem uma mulher que está morrendo de AIDS. O que posso fazer por ela? Eu posso orar e tal, mas de toda forma, atinge, sabe? [...] Tem uma mulher que o marido botou fogo nela e morreu carbonizada.

Você sente, gente, uma impotência. Um tio sequestrou uma criança de um mês, um mês não, um ano, pra conseguir dinheiro do pai. São histórias

horrorosas. A mãe fugiu e deixou um bebê de um ano pra trás. Não quer saber do filho. Isso abala seu emocional, então é legal você compartilhar com outro. E a igreja não pergunta como você está, como está a comunidade que você trabalha, como que está a igreja que você trabalha.[...] Como está seu trabalho? Eu dou aula para mulher. Ensino a ler e a escrever. Como estão suas alunas? Não quer saber. [...] o dinheiro também não cobre seu emocional, seu espiritual, esse vínculo de amizade. Esse vínculo de cuidado, de amor, um para com o outro, fica no ar (Ms 21, 48 anos).

Esta falta de atenção advertida pela missionária por parte da igreja mostra o risco do formalismo presente no ambiente eclesial. Parece necessário perceber que o primeiro juízo deve nascer na própria casa de Deus conforme o questionamento de Barth: “nossa recusa em examinarmo-nos primeiro pode significar unicamente que nós não estamos satisfeitos com a promessa, que nós não creremos” (BARTH, 2004, p. 99). Entretanto, é impressionante ver com que sensibilidade a missionária se diz afetada pelas vivências de sofrimento das famílias e das comunidades. O sobressalto fundamental nasce dos lábios da missionária: ‘o que posso fazer?’, mas ao mesmo tempo questiona uma igreja que não pergunta pelos seus ministros.

Já, outra missionária, a Ms5, considerou sua agência “completamente excelente” em termos de apoio e provisão de suprimentos necessários em termos de alimentação e saúde, no período em que ela estava como solteira em Angola. Além disso, quando ela foi para a África, a missão já havia alertado da possível dificuldade por ser solteira. Por outro lado, afirmou que sua agência não enviava homens solteiros. A Ms18, de 56 anos, conta que sua agência missionária lhe orientou a comunicar qualquer coisa que surja em questão de emoção ou em seu coração e a ser transparente para evitar distorção do chamado. Ela concorda e alerta: “É uma área que a gente tem que cuidar muito”.

Há muitas pessoas que entraram num relacionamento assim e não foi bem. Não só é a diferença de cultura, mas é problema emocional. [...] A gente não pode vir com nenhuma pendência para o campo, seja emocional pessoal, seja uma questão emocional com a família [...] em todas as áreas, né? Financeira tudo. [...] Precisa de alguém para a gente confiar, para estar nos aconselhando (Ms18, 56 anos).

Outra missionária concorda com a necessidade de tratar mais o emocional, porque muitas pessoas “vêm para o campo e se envolvem [emocionalmente] [...] e acabam se frustrando. [...] Nem todo mundo tem o foco” (Ms19, 46 anos). Ms21, de 48 anos também diz ser importante o cuidado com o emocional.

Aqui a gente vê muita tristeza nas famílias, muito problema, muitas dificuldades. Então nosso emocional fica abalado. Tem uma mulher que está morrendo de AIDS. O que posso fazer por ela? Eu posso orar, e tal. Mas de certa forma atinge, sabe? (Ms19, Moçambique).

A área de casamento necessita de cuidado por parte da agência em termos de aconselhamento, diz uma missionária casada, pois, é preciso estar preparada se quiser “viver com uma pessoa de outra cultura” (Ms9, 43 anos). A pessoa deve ser aberta a conselhos e receber a visita da liderança de missões ou do pastor para se sentir animada. “Porque missionário/a já enfrenta muita luta no campo. Não dá nem para descrever [...]. Isso é muito difícil, e não fica bem não ter aquele apoio da igreja”, acrescenta a missionária Ms9.

Algumas missionárias consideram melhor que as agências enviem pessoas solteiras em equipes para o campo de missões, por causa da solidão a que estão sujeitas. Nesse sentido, Richardson (2008, p. 262) afirma que missionários/as de hoje querem, precisam e detectam uma boa comunidade. Ele tem observado, em sua experiência, que sentimento de pertencer é mais importante para as pessoas do que um trabalho ou localização específica. Por isso, recomenda um trabalho em equipe no campo missionário. Mas, numa equipe que apresente um compromisso mais profundo entre os membros onde o desejo por um desenvolvimento mútuo e encorajamento são permanentes. Nesse tipo de equipe, que o autor chama de equipes de terceira dimensão, são focadas as tarefas individuais e também dos membros. “Jesus exibia esse tipo de amor e preocupação pelos membros de sua equipe”, afirma ele.

As entrevistadas, ao falarem de agência missionária, afloram a questão de reservas quanto ao envio de pessoas solteiras ao campo de missões. Por outro lado, citam a falta de acompanhamento mais próximo da liderança do Brasil, com estímulo e prestação de contas. A questão do envio de missionárias solteiras necessita de um novo discernimento em algumas igrejas, ao se constatar o que é possível realizar, quando há a obediência fiel ao chamado, pelas próprias pessoas solteiras.

Existem ainda as questões de conjugalidade e fé a ocuparem as missionárias solteiras, cuja essência dessa demanda precisa ser discernida para o próprio cuidado delas. Essa parte da discussão é abordada no capítulo 5, a seguir.

5 A ESSÊNCIA DO SIGNIFICADO DA CONJUGALIDADE E FÉ

A essência da experiência de missionárias quanto ao fato de serem solteiras pode ser compreendida ao se aprofundar o significado comum que tem para elas do valor da conjugalidade, do desejo de casamento, da fé no enfrentamento de suas tensões e da relevância e prioridade do chamado missionário para elas. Esse significados se propõem a serem melhor compreendidos sob as temáticas da pressão ao casamento; expectativa por casamento; afetamento e enfrentamento do desejo de casamento; manifestação da potência da fé; e a completude da fenomenologia da religião.

5.1 A PRESSÃO DAS MISSIONÁRIAS AO CASAMENTO

“Aqui a pressão é muito grande”.
(Ms24, solteira, 49 anos).

Uma missionária solteira de 43 anos enfatiza a importância de ir para o campo de missão multicultural com a questão da conjugalidade bem resolvida, alegando o risco de envolvimento inadequados (Ms18). A pressão ao casamento, seja da cultura de origem ou da cultura local, está presente, com maior ou menor intensidade nos relatos da maioria das missionárias. Algumas pessoas percebem mais intensamente quando provocada por sua cultura de origem, outras da cultura local, e, ainda outras se sentem pressionadas pelas duas culturas.

Algumas falas são destacadas sobre sentimentos aflorados no contato com situações da cultura local e comentários de pessoas casadas, sejam brasileiras ou não, quanto ao fato de serem solteiras: “Meia-pessoa e incompleta” (Ms1); “Meio extra-terrestre” (Ms2); “um tanto descredibilizada” (Ms3); “limitações no ensino sobre família” (Ms4); “desautorizada [despropriedade]” e “menina sem voz, enquanto solteira” (Ms5); “Inferiorizada” (Ms6); “desrespeitada – a gente fala e eles rebatem o tempo todo” e “doente por ser solteira” (Ms7); “ET [extra terrestre]” (Ms8) e “incompleta”; “solidão e saudade” (Ms9);

Outras pessoas se sentem “sem autoridade [para opinião e decisões em reuniões, mesmo formando pastores]” (Ms10); “Incompleta”, “sem valor” e “inútil”

(Ms11); “Sozinha; “incompleta”; “inferiorizada” (Ms12); “Dificuldade em aconselhar e dar ensino para as mamás” (Ms13); “Constrangimento” por parte das “mamás” em falarem de assuntos conjugais” e “dificuldade em aconselhamento de casais” (Ms14); “Pouco respeitada” (Ms15); “Pouco respeito” (Ms16); “Desconfiança” (Ms17); “Desvalorizada” e “Desconfiança” (Ms18); “Zé ninguém e inferiorizada” (Ms19); “Vigiada o tempo todo” (Ms20); “Sem importância” e “qualquer um” (Ms21); “Não respeitada” (Ms22); “Não valorizada” e “excluída pelos casais da equipe” (Ms24); “Infeliz” e “não realizada” (Ms25). Além disso, alguns sentimentos provêm de um desejo, ainda em aberto de casamento, em vários estágios do processo de espera.

Por conseguinte, o pensamento sobre a inferioridade de pessoas solteiras com relação às casadas e sua aparente dívida com a “normalidade”, já foi detectada em pesquisas como a de Amador e Kiersky (2003) e August (2012). Segundo August (2012, p. 90), no entender das pessoas solteiras protestantes brasileiras, as pessoas que não casam são consideradas “anormais” ou “problemáticas”, imaturas, menos capacitadas, não dignas de confiança, infelizes, egoístas, fracassadas, inferiores e incompetentes.

A pressão ao casamento em forma de perguntas, conselhos e cobranças, tanto de nativos, quanto de pessoas do Brasil, apontada pela maioria, provocam sentimentos desagradáveis: “Tem que casar porque precisa de família, então, tem que casar. Já senti vários momentos essa pressão. [...] Aquilo me machucava um pouco” (Ms15, solteira, 35 anos); “Às vezes eu ouvia umas gracinhas, ah, tão inteligente, missionária, conhece tantos lugares, porque não casou, deve ter algum defeito” (Ms4, solteira, 44 anos); “Então, em qualquer lugar que você vai, eles [dizem], como assim, você não é casada com essa idade [risos]. Você ainda é solteira, e tal, você não casou, não quis casar, porque?” (Ms24, solteira, 49 anos).

O pensamento já mencionado sobre a inferioridade da pessoa solteira no Brasil nasceu de um projeto sociocultural da Nova República, em meados do século XX. E foi assimilado em forma de reforço do estigma, forjando as subjetividades. “Um processo de subjetivação diz respeito à produção de um modo de existência, à produção de estilos de vida e de relação com o outro e com o mundo” (ESPERANDIO, 2008, p. 18). Por conseguinte, os processos de subjetivação conduzem a diferentes configurações, de acordo com a cultura, com o tempo e com o espaço e perpassam trajetórias da vida individual, social e cultural, bem como a eclesial. Muitos comportamentos excludentes nas culturas são criados e

amplamente disseminados para reforçar ideologias. São, portanto, necessárias algumas décadas para erradicar um comportamento, mesmo depois de ampla conscientização popular. É o caso dos comentários diminuidores da pessoa solteira e até da mulher, dos quais as pessoas ainda sofrem na cultura brasileira mesmo depois de décadas dos movimentos feministas nos anos 1960.

Na pesquisa de August (2012, p. 105), pessoas adultas solteiras, com algumas exceções, têm-se percebido à margem de suas comunidades eclesiais por se considerarem inaptas para uma atuação mais ativa nessas comunidades, decorrentes de sentimentos de inferioridade produzidos por comentários e conselhos sobre sua solteirice (AUGUST, 2012, p. 107).

A missionária Ms15, de 35 anos considera ser, em Moçambique, a pressão muito mais forte do que no Brasil. “Isso não é bem visto mesmo. Então a pressão é muito, muito grande. [...] Eles não conseguem sobreviver sozinhos [risos]. Acho que esse é um dos grandes motivos [da pressão à pessoa solteira]”, diz ela. Diante desse cenário, as pessoas nativas lançam perguntas para as mulheres estrangeiras, pois, “é algo que precisam saber, por não estar explicado para elas”, no dizer do angolano N4, além de apresentarem pretendentes e fazerem propostas. São as formas de pressionarem as pessoas estrangeiras. E são formas diferentes das utilizadas para as próprias pessoas nativas, as quais são cerceadas e desprezadas.

“De alguma maneira, me sentia pressionada”, diz a missionária Ms12, de 37 anos, ao lembrar-se dos contatos da missão e de algumas pessoas da igreja. “A impressão que dava é que se eu estivesse casada eu iria ser mais rentável, ministerialmente, no campo” explica ela. Era como se fosse limitada enquanto solteira. Ela acredita ser mais pela questão do gênero e não por ser solteira, a sensação de ministério incompleto. Cita, ainda, a pressão na sociedade, e menciona um livro chamado “Fatos do Divã”, onde a pessoa é condicionada a realizar um casamento com um final feliz, provocando em leitoras solteiras um sentimento de inferioridade e a sensação que não está completa por não ter se casado, diz a missionária.

Para uma autora do contexto norte americano, McCulley (2008, p. 21), o fato de não ter uma resposta boa e incisiva para um dos mistérios da vida, que é o casamento bem-sucedido, tem a sensação de estar tentando descobrir algo de errado com ela por estar solteira. As tentativas de ajuda em forma de conselhos, perguntas, já chegaram a provocar-lhe, como afirma, “uma lenta ebulição de

desespero em minha alma”. Isso demonstra a imposição do casamento também no contexto americano.

Além da pressão ao casamento através de perguntas, conselhos e cobranças, as ações no sentido de ajudar a ‘resolver a situação’ das pessoas solteiras resultam em sentimentos de inferioridade e incompetência. A missionária Ms2, de 45 anos contou duas, de algumas situações geradoras de pressão que lhe aconteceram. Uma foi através de seu pastor, na última vez em que esteve no Brasil. Ele queria muito “resolver meu problema [gargalhada]”. Ele lhe mostrou uma lista de 20 itens de compatibilidades e qualidades de certa pessoa. Ela o considerava um bom rapaz, mas não tinha vocação, e nem intenção em relação ao ministério. Numa outra situação, uma amiga convidou um rapaz, lhe chamou na casa dela e “preparou tipo uma cilada”. Deixou-lhe sozinha com ele. Conversaram, mas o rapaz não tinha nenhuma vocação. Ela confessa não ser fácil lidar com a pressão.

A tratativa percebida de pessoas casadas em relação às solteiras, sob a ótica do imperativo do casamento, tem gerado sentimentos que refletem um território despotencializado, como comprovou a pesquisa de August (2012). Para muitas pessoas solteiras, “o território do casamento é instável, permeado de contradições, questionável e necessita de “reformas” em sua idealização para que se garanta como investimento viável, vantajoso e afirmador de vida”. Isto se dá pelos modelos depreciados de casamento que se apresentam em muitas famílias de convívio próximo dessas pessoas solteiras (AUGUST, 2012, p. 107). Além disso, alguns lugares eclesiais são observados como não adequados às pessoas solteiras, “configurando a prática de um discurso que é produzido silenciosamente, mas é percebido e assumido por muitos/as solteiros/as de uma forma acrítica, próprio de um modo de subjetivação dominante” (AUGUST, 2012, p. 108).

No entender dos terapeutas americanos Amador e Kiersky (2003, p. 26), com experiência de mais de 20 anos em terapias com pessoas solteiras e, sendo pesquisadores nessa área, as pessoas solteiras deveriam compreender suas próprias expectativas de casamento para poderem fazer escolhas mais autônomas e, com isso, tirarem de si a pressão.

As pessoas solteiras pesquisadas reconhecem serem aceitas por Deus em sua condição e ter seu próprio valor. Mas, as pressões ao casamento provocam ou já provocaram instabilidades emocionais e sentimentos de inferioridade e inadequação. Isso acontece até encontrarem uma justificativa que reforce o seu

valor próprio como expressa a fala de uma professora de 69 anos, a Ms1: “Isso me veio do Brasil. Mas, não quando eu entendi que, do ponto de vista de Deus, eu sou a pessoa certa para essa situação”. Ou seja, se compreendeu como aceita por Deus, e, por conseguinte, amenizou-se a pressão ao casamento.

Para August (2013, p. 150) ao estar dentro do lugar da aceitação, a pessoa solteira sente-se livre do constrangimento, pois recebe a confirmação de seus valores, mesmo necessitando um esforço para não ser “excluída, diferente”, em detrimento do casamento. Mesmo assim, na pesquisa de August (2013) as próprias pessoas solteiras atribuem um alto valor ao casamento.

O casamento é a meta a ser alcançada para ganhar credibilidade no grupo, bem como, status na sociedade, confiança, vida plena e feliz, compartilhamento, companheirismo, motivação para vencer na vida, autoconfiança, senso de responsabilidade, competência, crescimento como pessoa, maturidade, realização, sucesso, altruísmo, normalidade, poder novamente conviver com amigos e amigas que já se casaram [...] (AUGUST, 2013, p. 149).

Essa similaridade entre as duas pesquisas se explica pelo fato de serem ambas com pessoas de comunidades evangélicas. E a diferença é o acréscimo de outra forma de pressão nas missionárias estabelecidas em países africanos, aquela das pessoas nativas por desconhecerem um sentido para a pessoa solteira. E, quando se examina aquilo que causa pressão às pessoas solteiras nativas, evidencia-se a cobrança do grupo por “extrema e intensa” vergonha, pela ridicularização e diminuição de forma direta pelas palavras e ações. Já, na cultura brasileira, o sentimento de inadequação e dívida é provocado por perguntas constantes “em tons de cobrança”, por brincadeiras mais sutis, porém diminuidoras da pessoa.

Nesse, sentido, a fé na certeza da vontade de Deus e a prioridade do chamado, consoante a várias declarações das missionárias, se tornam mais relevantes do que o desejo de casamento em si. Foram as pistas que surgiram nos processos mais elaborados e detalhados de algumas falas.

August (2013, p. 148) percebeu nas pessoas solteiras de comunidades protestantes uma subjetividade construída que pede por reorganização no âmbito pessoal, eclesial e social. Porquanto, Esperandio (2001, p. 86) afirma que as subjetividades “vão constituindo seus territórios – existenciais, institucionais,

sociais... em movimentos permanentes de organização, desorganização, reorganização.”

O fato de ter sido evidenciado o rechaço às pessoas solteiras, tanto na cultura africana, quanto na brasileira, indica um sinal de questionamento do que é instituído nessas culturas e redundando em desconforto por parte das missionárias em sua condição de solteiras, que poderia ser minimizado. As expectativas a respeito do casamento vêm ao longo da vida, desde a infância. “Determinados modos de existência, produzidos no contexto social, e em especial em contextos eclesiais, podem trazer sentimentos de exclusão às pessoas solteiras” (AUGUST; ESPERANDIO, 2011, p. 6).

5.2 A EXPECTATIVA POR CASAMENTO

“A gente tem os nossos desejos, e aquele conflito”
(Ms11, 38 anos, Moçambique).

A expectativa ou uma abertura ao casamento, em maior ou menor intensidade, foi constatada em todas as missionárias pesquisadas. E, ao mesmo tempo, foi evidenciado que a prioridade ao chamado não pode ser comprometida para essas pessoas, se colocando, portanto, como condição à conjugalidade. A missionária Ms4 já chegou a ficar na expectativa para casar quando alguém se aproximou e parecia ter a visão do chamado. Mas, ela foi orando e vendo os sinais de que aquela pessoa não está comprometida com o Reino, então, não lhe ajuda, disse rindo.

A gente quer casar, mas com alguém que entenda que a gente pode estar aqui hoje e amanhã em outro lugar aonde Deus mandar [...] você entende que o Reino é maior do que sua escolha pessoal (Ms4, 44 anos);

Eu tenho vontade, mas não com uma pessoa que atrapalhe o meu ministério. Aceito, se a pessoa for uma coisa assim, bem prepara por Deus (Ms6, 42 anos);

Se aparecer alguém que eu sinto que realmente combina comigo eu não estou fechada. Mas, não é que eu estou ansiando por isso. Estou bem como estou (Ms1, 69 anos);

Deus sabe o que faz, mas seria interessante [...] pela companhia [...]. Não adianta fazer muita coisa... você tem que esperar o tempo de Deus (Ms7, 42 anos);

Se fosse para abdicar de tudo isso por causa de um esposo, talvez para mim, seria um pouco difícil, porque eu gosto de estar aqui, gosto do trabalho que faço, então eu me sinto sim realizada. [...] É lógico que para mim seria bom se tivesse um esposo (Ms13, 51 anos).

Missionárias falam de um processo e uma fase mais difícil na espera pelo casamento. “O meu maior pico de guerra, de conflito interior [...] [foi] pensar, nossa, mas eu declarei tanto que eu ia me casar com 26 anos” (Ms11, 38 anos); “Talvez entre 30 e 40 anos foi mais difícil. [...] Sofri pressão interna, principalmente” (Ms1, 69 anos); “Se fosse quando eu tinha menos idade, talvez eu me abatesse [...] falava assim, eu tenho que casar até tal idade, aquela ansiedade [...] e orava e orava, e tudo, e campanha” (Ms8, 41 anos).

Normalmente, os desconfortos pelo fato de pessoas não estarem casadas acontecem depois de ultrapassarem a idade estipulada por elas mesmas para o casamento. Isso comprovou a pesquisa de Amador e Kiersky (2003) e August (2013). É necessário revisar esses projetos, muitas vezes forjados pelos discursos da sociedade. De modo geral, missionárias estão abertas a um casamento, mas colocam algumas condições para viabilizá-lo. Ms6 de 42 anos diz ter vontade de se casar, mas não com uma pessoa que “atrapalhe” o seu ministério e que seja alguém preparada por Deus. Outra missionária, Ms8 de 41 anos, se casaria com alguém que tenha um chamado missionário para o mesmo lugar. Poderia ser um guineense não desejoso de sair de seu país, sendo que acredita ter Deus a pessoa certa para ela. “Estou descansada nele, porque eu sei que ele vai fazer”. Confessa estar esperando, “mas eu não estou no desespero [risos]” (Ms8), e diz não se abater, pelo fato de ter a sua convicção.

Uma professora de 44 anos, Ms4, pensa sempre que, se a pessoa não tem a convicção do chamado, “alguma coisa não está igual”.

Se houvesse alguma possibilidade de casar, eu me casaria, mas também acho que não priorizei isso. [...] Mas, é claro, se aparecer alguém que tivesse o mesmo pensamento em missões, olha, é algo que mexe com meu coração que é do Reino (Ms8, 44 anos).

As pessoas solteiras protestantes da pesquisa de August (2013) idealizam o território matrimonial com muito mais rigor conforme seus critérios de escolha de um parceiro. Esse rigor tende a contornar os temores em arriscar-se, mesmo querendo um casamento e até sofram por causa disso. “Então parece que elas mesmas criam,

em algum momento, os dispositivos que (des) idealizam o casamento” (2013, p. 121).

No caso de missionárias, aparece, em primeiro plano, o temor de comprometer o chamado missionário. E, em segundo plano, afloram outras questões como o medo do desrespeito, da violência, da infidelidade, da perda de autonomia e a liberdade tão aclamada quando o assunto é vantagem de estar como pessoa solteira. “Eu não vou trocar o meu pai amado por alguém que não tem respeito” (Ms4, 44 anos); “Eu sempre dizia, eu não quero me casar cedo, não, não quero me casar porque eu não quero homem para me trair (Ms19, 46 anos); “Você quer definir tua vida. Não vai ser um homem, um casamento que vai me dizer até onde eu posso chegar” (Ms4, 44 anos); “Eu tenho um marido [se referindo a Deus] que não me decepciona, não me trai, que não me maltrata, que não comete violência doméstica, que me respeita [...] Eu confesso a você que eu gosto muito dessa liberdade” (Ms20, 65 anos), afirmam as missionárias.

Em seu processo de espera por um casamento, uma professora de 37 anos, a Ms12 diz ter orado muito, fazendo listas de características de um futuro marido para fazer um pedido específico a Deus.

Sempre escrevi muita poesia [...], escrevi cadernos e mais cadernos, tanto que, teve uma época que eu orava por um príncipe. [...] Eu escrevia para Deus de verdade. [...] Eu colocava todos os meus anseios, e tinha muitas expectativas (Ms12, 37 anos).

Hoje, ela considera a possibilidade de um casamento, como ajuda no ministério e para não se sentir sozinha, mas tem ressalvas. E, a falta de uma referência de casamento saudável, acredita ser ela a causa de não ter uma vontade tão aberta. Ela conta um pouco de sua experiência quando estava no campo missionário.

Como eu tive uma experiência de casamento que não foi saudável, eu penso muito. Existe certa condição de defesa. Até foi uma experiência bem traumática. Eu me casei com um nigeriano em Moçambique. Ele se apresentou como um cristão, como uma pessoa extremamente delicada. Sofri todo tipo de abuso e violência, tanto física, como psicológica. [...] Isso me trouxe muitos medos (Ms12, 37 anos).

Outra missionária sentiu dúvidas até de seu chamado e da vontade de Deus para ela quando a possibilidade de um relacionamento não deu certo.

viver numa outra cultura, então tem as dificuldades, a solidão [...] Tem a fase quando você gosta de alguém, como aconteceu mesmo aqui, mas não aconteceu, [...] você se sente, poxa, mas o que é que estou fazendo aqui, porque não vou embora, mas Deus te faz superar. [...] Não quer dizer que não estou aberta. [...] Que seja alguém que realmente ame a obra do Senhor, porque isso é algo que eu amo fazer (Ms13, 51 anos).

A missionária Ms15, a mais nova das entrevistadas, com 35 anos, acredita que Deus ainda vai providenciar um casamento a ela, e por isso está mais confiante do que em anos anteriores.

Existem sempre momentos onde eu chorei diante de Deus, onde eu falei, Deus, mas eu queria tanto um homem, eu queria tanto estar casada. [...] Realmente eu chorei diante de Deus e coloquei este meu clamor para Ele. [...] O Senhor vai fazer as coisas andarem. Estou muito confiante. [...] Claro que eu tenho vontade, mas não é um desespero [...], pois, não é isso que vai me trazer alegria (Ms15, 35 anos).

Para Amador e Kiersky (2003, p. 81) as pessoas têm outros desejos que entram em conflito com o desejo de casar. Por isso é necessário identificar as razões para estar solteiro e os sentimentos produzidos pelas expectativas de casamento. Quem quer se casar, deve entender porque quer. Eles afirmam que há uma escolha em pauta e assim que as pessoas entendem que são elas mesmas que estão optando e por quais motivos, as portas se abrem e suas opções se multiplicam. Por conseguinte, segundo August (2013, p. 123), as respostas com relação à solteirice estão nelas mesmas. Precisam evidenciar quais desejos entram em conflito com o desejo de casar, para poderem encontrar paz. O fato é que, além de outras aspirações que entram em conflito com o desejo de casar, há ainda as condições que indicam a necessidade de singularização dentro da possibilidade do casamento, “descartando tudo o que pode interferir em projetos pessoais aparentemente bem definidos”, afirma a autora.

As declarações das missionárias pesquisadas refletem condicionantes ao casamento, às quais, não negociam, tais como: mesmo chamado missionário, pessoa preparada por Deus, segundo a vontade de Deus, fidelidade, sinceridade e transparência. Nesse sentido, Van der Meer (2004, p. 289) alerta sobre os riscos de casamentos com pessoas inadequadas, pois, para muitas solteiras, “a perspectiva de continuar solteira e de não ter filhos assusta muito e o casamento parece a solução de um grande problema e o preenchimento de um grande vazio”. A autora considera um casamento transcultural acaba sendo um desafio muito grande para

quem escolhe esta opção, por demandar disposição de trabalhar sempre e junto com o/a parceiro/a.

Muitas mulheres ficam solteiras nos campos missionários e “algumas se casam com pessoas nacionais; às vezes com pessoas com compromisso sério de servir ao Senhor, mas, outras vezes, com pessoas com um testemunho duvidoso, o que tem causado muito sofrimento”. Ela confirma que, “continuar solteira traz solidão, pressões ou ameaças. Apesar de tudo, muitas têm servido com eficiência, tem se integrado muito bem na cultura local e tem encontrado alegria e satisfação no ministério” (VAN DER MEER, 2009, p. 54).

Buscar um sentido na vida para ocupar o tempo e compreender a vontade de Deus para a fase da existência como solteira, tem sido opções para pessoas cristãs viverem uma vida de contentamento. Para o psiquiatra Frankl, cada pessoa tem sua própria vocação ou missão específica na vida. Precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. “Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular quanto a sua oportunidade específica de levá-la a cabo” (FRANKL, 1985, p. 98).

Assim, em virtude da fé bíblica de aceitação por Deus e o se dar conta de seu potencial como pessoa solteira, expressos nas vantagens para o momento vivido, emerge a autoaceitação. É resultado de um processo, às vezes de alguns anos, de avaliação das restrições de um casamento para o alvo desejado e da falta de argumentos convincentes da superioridade de uma vida de casado/a. A autoaceitação leva as pessoas a um lugar de descanso e entrega de sua conjugalidade, mesmo permanecendo abertas a uma possibilidade de matrimônio com suas restrições e condicionantes (AUGUST, 2012).

Nesse sentido, importa para essas pessoas estarem livres para cumprir, com propriedade e satisfação, o chamado de Deus para o campo de missões, pois, para muitas dessas pessoas solteiras, como exprime uma delas, “o Reino de Deus é maior do que sua escolha pessoal” (Ms4).

5.3 AFETAMENTO E ENFRENTAMENTO DO DESEJO DE CASAMENTO

“Aquela vontade de casamento está saindo aos poucos. Deus está trabalhando”
(Ms23, 57 anos).

A expectativa de casamento existe para essas pessoas solteiras no campo de missões. Pode-se dizer que é a essência do fenômeno em relação à conjugalidade. Mas, o que parece diferenciar de uma pessoa para outra é como percebem o afetamento e a forma de enfrentamento. Esse é necessário com o intuito de não comprometer os propósitos, tanto pessoais como das instituições responsáveis por um empreendimento dessa natureza.

Com relação aos riscos decorrentes da situação de vulnerabilidade no processo de expectativa a um casamento, as próprias pessoas entrevistadas apontam pistas para o enfrentamento das tensões. O ideal seria ir para o campo de missões com o tema da conjugalidade resolvido, diz uma pedagoga de 42 anos, Ms6. “É muito importante a pessoa ter aquela firmeza porque, se ela vier assim, sem estar bem resolvida, pode se envolver. Vai dar muitos problemas”. Essa declaração de Ms6 faz sentido quando se considera outras declarações sobre os muitos casos ocorridos de envolvimento com locais e de casamentos mal sucedidos que redundaram em sofrimento para as pessoas envolvidas e fracasso da investida missionária.

Por outro lado, foram mencionados os processos de amadurecimento acontecidos no período do campo missionário, necessários ao próprio enfrentamento, e que demandam tempo e uma caminhada. E, segundo algumas pessoas, é nessa caminhada que Deus “vai trabalhando”. Todas as situações de enfrentamento são decorrentes da fé, exemplificadas nas expressões destacadas. Os desafios são fontes de sofrimento, e podem ser meios de aprendizagem, crescimento, transcendência de si e oportunidade de desenvolvimento espiritual. Mas pode ser também fonte de configuração de trauma, de adoecimento, de diminuição da potência vital.

A pressão para o casamento “existe, com certeza, em todo o tempo”, declara Ms11, de 38 anos. E, a pergunta sempre foi, “será que vou me casar? Ao mesmo tempo eu tentava dar uma resposta para mim mesma: Casar é fácil, mas, difícil é você achar alguém” (Ms11). Uma missionária de 42 anos afirma: “há 10 anos, [quando tinha 32, antes de ir para Guiné-Bissau], eu me cobrava e não entendia o processo” (Ms6). Ela reconhece ter ficado muito decepcionada, por um namoro que não deu certo, até ter outra perspectiva, e entender ser o tempo de Deus para lhe preparar e ensinar. Concluiu que não estava preparada na época, e aceitou como um “livramento de Deus”.

Ms1 afirmou, descontraidamente e até com risos que, em vários anos de sua vida, ela tinha a esperança de encontrar alguém para casar, especialmente, quando aparecia um candidato. Mesmo tendo fases de sua vida (entre 30 e 40 anos) em que ansiava por um casamento, ela acabou concluindo ser o casamento uma limitação no tipo de trabalho que realizava em Angola num contexto de guerras, quando as dificuldades eram principalmente os deslocamentos e riscos em alguns lugares. Dessa forma, se dar conta de suas prioridades contribui para o sucesso no enfrentamento.

Uma missionária admite, com risos e gargalhadas, que o processo de espera pelo casamento nunca é tranquilo, por sempre existir os períodos de crise, com choro e tristeza, conforme explica:

Principalmente porque, quando você é solteira, sempre aparecem os pretendentes. [...] eu quero sair com você e tal... [...], então é uma situação difícil, você sozinha no campo e ser o tempo todo atacada, entre aspas [...]. Mesmo que havia momentos que eu questionava, mesmo que havia momentos que eu chorava, que eu me sentia triste por estar sozinha, mas eu sentia o tempo todo a presença e o consolo de Deus na minha vida de uma maneira muito sobrenatural. E isso foi o que aos poucos acalmou meu coração (Ms2, 45 anos, e 6 em Angola).

A oração a Deus como forma de expressar o desconforto e descontentamento com a conjugalidade, com questionamentos e lágrimas, na certeza de Deus estar ouvindo e participando do consolo, abrandando, aos poucos (por se tratar de um processo), os sentimentos profundos da alma de uma pessoa. É uma forma de enfrentamento utilizada por algumas pessoas.

Em Moçambique “é o primeiro lugar que eu sinto falta de realmente ter uma companhia, porque significa muito ser casada aqui”, diz Ms16, uma pedagoga de 54 anos. “É um preconceito muito grande e pela primeira vez nesses 33 anos de ministério que eu sinto essa necessidade”, confessa a missionária Ms16, que já vive há 6 anos em Moçambique. Nesse sentido, o casamento é um valor cultural tornado necessidade. É um processo de subjetivação, de formação ou até “formatação” do sujeito.

A maioria das pessoas entrevistadas falou sobre sua conjugalidade, seus sonhos, desejos e em como tem lidado com isso sendo solteira no campo de missões. Perceber as vantagens e possibilidades da pessoa estar solteira para determinados tipos de serviço, acalma a ansiedade e traz conforto na espera.

Algumas vezes eu me peguei chorando sim, e falando assim: Deus, eu quero um marido, eu preciso de um marido. Eu sou sozinha no campo. Até que, quando eu passei essa fase de um ano no campo, eu comecei a me alegrar por ser solteira. Eu via o quanto eu era disponível [...] Eu quero, mas não é uma ansiedade. [...] Se acontecer, amém. Mas, se não acontecer, eu estou muito feliz em poder fazer o que eu tenho feito até hoje [...] Com certeza, como toda mulher a gente tem os nossos desejos, e aquele conflito. Em algum momento você pensar, uau, ou você olhar para um casal na rua e, ai que lindo este casal! Então isso passa sim, na minha cabeça. Não vou dizer que não passa (Ms11, 38 anos).

Durante algum tempo fiquei cobrando: Deus quando vai mandar meu companheiro? Mas também depois senti a paz de Deus, me senti amada, cuidada, valorizada por Deus (Ms1, 69 anos).

“Eu coloco muito diante de Deus, [e] diante da liderança”, diz Ms18, de 56 anos, pois acredita tanto na bênção, quanto no risco de um casamento, sendo que considera importante não esconder nada de Deus e ter alguém aconselhando. Nesse sentido, falar faz parte do processo, mesmo considerando não ser fácil encontrar quem ouça sem reservas e preconceitos, logo querendo dar um jeito na situação (AUGUST, 2013). Ms20, uma pastora de 65 anos diz ter “tomado posse” de um texto bíblico de Isaías onde diz ser Deus o marido, e a solteira terá mais filhos do que a casada. E assim dizem outras missionárias: “Já faz muito tempo que não oro em relação a isso. Deus está sempre no controle de todas as coisas” (Ms25, professora, 36 anos); “Não devemos nos precipitar. Esperar no senhor porque ele quer o de melhor para nós” (Ms22, solteira, 61 anos);

Ele é meu marido e acabou. [...] se não é a vontade de Deus que eu não me case, estou bem, [...] eu oro a Deus, eu não quero a tua vontade permissiva. Eu quero a vontade expressa [...] a tua boa, perfeita e agradável vontade seja feita na minha vida. Eu orava [pelas amigas] até conseguir um namoro e casar. Eu pleiteava a causa, para que a pessoa não caísse (Ms20).

Farias³⁵ (2017, p. 63), sem pretender generalizar, diz que tem observado um padrão de comportamento entre as brasileiras solteiras as quais ela tem contatado em seu trabalho missionário. Enquanto se preparam para o campo, geralmente parecem muito independentes e animadas, desejando ir rapidamente ao campo missionário e trabalham muito para isso. “Em nossas conversas, intencionalmente procuro sondar seus sonhos e expectativas sobre o casamento e ter uma família. A maior parte das respostas que eu ouço, são espirituais”. Ao observar essas

³⁵ Verônica Farias faz parte da liderança do Cuidado Integral do Missionário – CIM/AMTB. Ela atua nas áreas de avaliação e acompanhamento psicológico, ensino e produção literária sobre o cuidado.

mulheres quando retornam ao Brasil depois de alguns anos, “muitas começam a se queixar do fato de serem solteiras”.

Elas agora encaram a situação como um fardo e uma fonte de angústia. Sinto o desapontamento em seus corações e um cansaço causado pelas pressões impostas pelos campos missionários sobre a mulher solteira. [...] Ouço com frequência, como é difícil viver sozinha vendo famílias com crianças crescendo à sua volta. Algumas mulheres experimentam sentimentos de arrependimento ou amargura em seus corações. Algumas vezes, pude perceber um ressentimento sutil contra Deus por trás de suas palavras. Posso ouvir o tique taque do relógio biológico da mulher. Com o passar de cada ano, a fertilidade vai escapando. Em geral, quanto mais perto dos 40 anos uma mulher vai chegando, mais ela se preocupa com a solidão e o ninho vazio. É um processo natural (FARIAS, 2017, p. 63).

Enfim, o enfrentamento na pressão e expectativa da conjugalidade depende de atitudes da própria pessoa no sentido de examinar suas prioridades e elaborar suas restrições utilizando os meios presentes e possíveis que estão à sua disposição. Expor seus questionamentos e indignações para Deus em forma de oração, súplicas e lágrimas, e também para pessoas dispostas a lhe ouvirem sem reservas, são práticas detectadas na descrição das entrevistas. Também a busca de respostas em textos bíblicos, conselhos ditos com sensibilidade e as reflexões sobre a própria convicção conduzem às respostas que vão ao encontro de seus projetos e chamado para missões.

5.4 A MANIFESTAÇÃO DA POTÊNCIA DA FÉ EM MISSIONÁRIAS

“Eu olho muito aquela palavra de Paulo. Ele diz que um solteiro vai cuidar melhor das coisas do Senhor” (Ms11, 38 anos, Moçambique)

Expressões sobre a fé característica de cada missionária aparecem na maioria dos relatos delas, ao falarem de eventos diversos, tais como, chamado missionário, atuação como solteira no campo de missões, proteção, suprimento e, principalmente, consolo na pressão e expectativa ao casamento. Para várias delas, a fé se manifesta em forma de referência a algum texto bíblico. “Quando lá em Isaías, você vê que Deus é o marido e que a solteira terá mais filhos do que a casada, eu tomei posse” (Ms20, 65 anos); “Naquela hora, eu pedi uma palavra a Deus. E ele deu Lucas 14: [...] aquele que não deixar pai e mãe por amor de mim, não pode ser meu discípulo” (Ms24, 49 anos).

O significado que tem a fé em Deus para as missionárias pode ser deduzido a partir de suas declarações sobre a espera pelo casamento, os relacionamentos afetivos não concretizados, o chamado e o direcionamento para o campo africano e seu envolvimento com as diferenças da cultura em relação à mulher e à pessoa solteira. De acordo com o entendimento predominante da tradição cristã, McGrath (2005, p. 287) fala de dois aspectos da fé, tanto epistemológicos quanto soteriológicos. Ou seja, segundo o autor, a fé “tanto diz respeito à forma como as coisas (especialmente relacionadas a Deus) que podem ser conhecidas, como também à compreensão da salvação”.

As atitudes dos seres humanos em relação à sua religião são uma mistura de intenções e emoções diante dos diversos conteúdos da fé, segundo Käser (2004, p. 196): “veneração e entrega, temor, obrigação ética, empenho para controlar e dominar as forças supostamente superiores dentro de cada um. Entre as atitudes há duas, de cunho emocional, que possuem uma importância toda especial: veneração e entrega de um lado, temor de outro lado”. No entender do autor, “esses elementos são encontrados em tantas religiões que se criou o costume de falar de *fascinosum* (aquilo que é impressionante) e *tremendum* (aquilo que mete medo), características do religioso e santo, em geral”.

Nesse sentido, Rudolf Otto (1869-1937) designa o teor qualitativo do numinoso (que do misterioso recebe a forma) por um aspecto distanciador do *tremendum* com a majestade. “Por outro lado, ele parece algo atraente, cativante, fascinante, em curiosa harmonia de contraste com o elemento distanciador do *tremendum*”. Para Otto, toda a história da religião atesta essa harmonia contrastante, esse duplo caráter do numinoso, começando, no mínimo pelo estágio do “receio demoníaco”.

Trata-se, na verdade, do mais estranho e notável fenômeno da história da religião. O que o demoníaco-divino tem de assombroso e terrível para a nossa psique, ele tem de encantador e sedutor. E a criatura que diante dele estremece no mais profundo receio sempre também se sente atraída por ele, inclusive no sentido de assimilá-lo. O mistério não é só o maravilhoso [wunderbar], mas também aquilo que é prodigioso [wundervoll]. Além de desconcertante, é cativante, arrebatador, encantador (OTTO, 2011, p. 68).

A declaração da missionária Ms1 é um exemplo desse duplo sentido expresso por Otto. Ela afirmou a respeito daquilo que entendeu ser uma resposta de oração:

“Se é Deus falando, eu não posso dizer não”. À primeira vista parece manifestar um receio de desobedecer a Deus (o numinoso ao qual se refere Otto) e, ao mesmo tempo, esse medo é de perder algo que ela gostaria muito. Ou seja, a satisfação de se perceber reconhecida por Ele em sua obediência ou mesmo até agradá-lo como expressão de gratidão.

Elíade (1992, p. 163) defende que o ser humano religioso assume um modo de existência específica no mundo, e apesar do grande número de formas histórico-religiosas, “este modo específico é sempre reconhecível. [...] O *homo religiosus*, acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o *sagrado*, que transcende esse mundo, mas que aqui se manifesta.”

Assim, nessa pesquisa, as expressões relacionadas à fé contribuem para caracterizar a vida de fé. Os próprios relatos sobre o chamado missionário de cada uma das missionárias dizem muito do conteúdo da fé praticada por elas. E se apresentam como “alavancas” que as impulsionam e sustentam no campo missionário multicultural com toda a sua diversidade e desafios.

Para Käser, “atividades com motivação religiosa são largamente determinadas pelas atitudes influenciadas pelas emoções. Mas, as noções de conteúdo de sua religião também têm efeito sobre as atividades religiosas” (KÄSER, 2004, p. 196). Nesse sentido, para a maioria das pessoas entrevistadas, o conteúdo da fé se baseia fortemente em textos bíblicos que direcionam, confirmam e consolam aquelas que se inspiram na Bíblia como palavra de Deus.

Um relato de uma das missionárias mostra a força da crença na confirmação de algo ser da vontade de Deus, através de um texto bíblico recebido em forma de inspiração. A moça, já tendo certeza de seu chamado para missões, começou a gostar de um rapaz interessado nela. E recebeu uma palavra bíblica quando estava decidida a falar com ele sobre seus sentimentos.

Deus me deu uma palavra em Cantares: “Conjuro-vos ó filhas de Jerusalém que não acordeis, nem desperteis o amor até que este o queira”. [...] eu falei, Deus não pode ter falado isso aqui comigo. Isso deve ser coisa da minha cabeça. Mas, fui com essa decisão de conversar com ele. Naquele dia, ele também veio: Preciso falar com você. Eu não estou te enrolando. Eu estou orando nesses quatro meses. Estou lutando com Deus, porque Deus falou para mim que você tem um chamado e que eu não vou poder te acompanhar. E que ele vai te levar para muito longe. Mas eu não estou incluído neste chamado. [...] Então para mim, ali foi a primeira vez que eu entrei em contenda com Deus por causa dessa palavra que ele me deu. Porque ele falou uma coisa que eu já sabia. Mas, ouvir dele foi terrível para mim (Ms17, 40 anos).

Dessa forma, textos bíblicos têm sido tomados como a voz de Deus em forma de anúncio, confirmação e advertência em situações específicas e para pessoas específicas. E tem servido de orientação e alívio na ansiedade pela decifração do chamado para missões e a expectativa da conjugalidade, bem como em outros eventos mais cotidianos. Por conseguinte, para Tillich, “a fé no Deus todo poderoso é a resposta à busca de uma coragem que seja capaz de vencer a angústia da finitude”.

A coragem última se baseia em nossa participação no poder último de ser. Quando invocamos com toda a seriedade o “Deus todo poderoso”, experimentamos uma vitória sobre a ameaça do não-ser e experimentamos uma corajosa afirmação da existência (TILLICH, 2011, p. 278).

A potência da fé em Deus experimentada pelas missionárias é manifestada em várias expressões destacadas: “[Deus] dá sabedoria”, “nos capacita a fazer aquilo que ele quer de nós”; “cuidado de Deus”; “ele chama para fazer”; “consola”; “está presente na vida da pessoa”; “conduz a vida da pessoa”; e “concede autoridade espiritual”.

Também expressa em “como” Deus age: “no tempo de Deus”; “como diz a Palavra”; “de maneira sobrenatural, extraordinária”; “trabalha o assunto no coração da pessoa”; “tem suas formas de agir”. A ação de Deus, pelas declarações, requer uma contrapartida da pessoa: “Com muita fé em Deus”; “obediência”; “colocar a vida diante do altar do Senhor”; “se entregar a ele”; e “responder ao chamado”.

Para Van der Leeuw (1956, p. 208), a ciência da religião analisa o que acontece quando uma pessoa pratica uma religião, faz uma oferenda, ora. A fé vem a uma pessoa a quem aconteceu algo, que teve uma experiência. E a fenomenologia descreve como a pessoa se relaciona com o poder. Não se pode esquecer que essa pessoa somente determina ou altera seu comportamento depois de ter sido tocada pelo poder. Por isso, se pode falar, depois desse toque, de uma vida santa, porque a vida da pessoa que se inclina em direção ao poder, primeiramente foi tocada pelo poder. “Na medida em que ela se direciona ao sagrado, ela tem parte no sagrado”.

Por outro lado, o ser humano é atuante. Nesse sentido, além daquele toque que se observa na ação das pessoas em nome da fé, que move as pessoas para um campo missionário, expressa pelas missionárias, sobre seu chamado para missões,

é possível perceber a mesma fé em declarações referentes a outros temas. Relacionam a fé aos diversos eventos da vida, tanto antes como depois, na experiência com o campo de missões.

Van de Leeuw (1956, p. 537) entende que a servidão a Deus é curvar-se sem restrições debaixo da força do poder. A pessoa que se reconhece como dependente do poder, e que no ato religioso precisa dar forma a essa dependência, escolheu essa servidão, o reconhecimento sem reserva desta dependência. “Alguns versículos expressam essa submissão incondicional: Salmos 116.16; Filipenses 1.1; Tito 1.1”, de acordo com Van der Leeuw.

Para o autor, uma expressão como “servo de Deus”, contém, não apenas uma submissão integral, como também a disposição ao serviço, à obediência. “A servidão se aproxima, aqui, ao seguir a Deus (*nachfolge*)”. A obediência é ouvir a palavra decisiva de Deus. A vida é compreendida como o cumprimento dessa palavra, se o sentido está na decisão. Todo querer tem uma obediência como pressuposto (VAN DER LEEUW, 1956, p. 538).

A maioria das pessoas expressa sobre suas questões de conjugalidade permitindo transparecer, de alguma forma, a sua fé, e sua disposição de obediência, de ser serva, mesmo que em contenda com Deus, na maneira como dizem fazer suas orações, naquilo que esperam de Deus. Para Van der Leeuw (1956, p. 523), cada dogma, cada prática de culto somente poderá ser compreendida como reflexo de uma experiência. “Cada prática, cada representação é a expressão de uma aflição, de uma libertação, uma dor, uma felicidade” de acordo com o autor.

Algumas declarações revelam orações de diálogo aberto e insistente com Deus sobre a questão da conjugalidade, até perceber uma ação dele e entrar num descanso, em forma de rendição e entrega. A missão é, antes de tudo, algo que tem Deus mesmo como o protagonista e iniciador. Os relatos ilustram vivamente a força desta dimensão e, por sua vez, mostram o quanto à compreensão que as missionárias tem a respeito da missão não está diretamente ligada a coisas a fazer, mas ao chamado onde Deus aparece como a fonte de tudo. Dessa forma, até mesmo a espera por um possível matrimônio entra no horizonte dos planos de Deus: “Eu era aberta à vontade de Deus. E aí ele me deu no tempo certo” (Ms9, 43 anos, casada). Outra missionária fala do rompimento de um noivado com alguém do qual ela amava, por conta de entender que o chamado para missões era mais importante para ela. Depois desse rompimento, ela acredita ter ficado reticente em outras

aproximações de pessoas com interesse em se relacionar com ela, e com intenção de casamento.

É tipo assim, eu não quero sofrer novamente. [...] eu sofri por conta de que eu gostava dele. Abri mão mesmo dele. [...] Era mais forte o chamado. Eu tinha convicção de que Deus estava me trazendo para cá. Então oramos e decidimos romper o relacionamento (Ms14).

O relacionamento com Deus se manifesta nas petições, no “clamor”, na “contenda com Deus”, “no choro diante de Deus”, no pedido de socorro, na expressão de gratidão, na demonstração da esperança, da confiança, na possibilidade de renúncia de seus sonhos de casamento, e, principalmente, na sujeição ao que entendem ser a vontade de Deus para sua vida. Tilich explica essa relação, no sentido de que, por mais diversos que sejam os tipos de fé, “fé como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente inclui o amor e determina a ação. Fé é o poder que baseia, tanto o amor como a ação.”

[...]E uma vez que a fé leva necessariamente à ação e ação pressupõe comunhão, o estar possuído incondicionalmente somente é legítimo quando ele se realiza numa comunidade de ação. [...] A vida da fé é vida da comunhão da fé; isso não vale somente para as atividades e instituições comunitárias, mas também para a vida interior de seus membros (TILLICH, 1980, p. 76).

Assim, as missionárias agem por convicção e amor àquele que antes as “toca” e as impulsiona para a vida, tanto interior como comunitária. Uma missionária, cuja igreja tinha como regra não enviar missionária solteira, acredita que Deus “fez a coisa acontecer”, como foi no caso dela. Depois de alguns anos, conseguiu ser enviada solteira, independentemente “do que o sistema dizia”, pois, “Deus vai buscando os caminhos para trabalhar” (Ms10, Guiné-Bissau). Nesse sentido, elas agiram com sua fé, como no texto de hebreus 11.1: “Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos”. E, uma secretária afirma: “Depois de alguns anos, a igreja aceitou que eu viesse solteira” (Ms7, Guiné-Bissau).

As declarações das missionárias se referem a Deus das mais diversas formas, intensidades e frequência. E o significado da fé se expressa nas narrativas dos eventos relacionados à sua experiência no campo missionário, desde o chamado até o enfrentamento de situações. É percebida na estratégia para tratar com as diferenças culturais, continuar desenvolvendo o trabalho iniciado, lidar com a

pressão e desejo de casamento, com o sentimento de inferioridade, na proteção, suprimimento e cuidado, e ao capacitar e dar condições para atender ao chamado.

5.5 A COMPLETUDE DA FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO

“Eu oro muito Romanos, quando lá ele fala: a tua boa, perfeita e agradável vontade seja feita na minha vida” (Ms20, 65 anos).

Tem sido evidente que a completude da fenomenologia da religião supera as convenções sociais em relação à obrigatoriedade do casamento e a aversão à solteirice. Em detrimento a todas as formas de pressão social ao casamento através de preconceitos culturais sofridos, as pessoas solteiras se superam por conta de suas prioridades e de sua fé. Entretanto, não acontece sem luta e sofrimento por causa da convicção maior de entender o que consideram ser a vontade de Deus para elas. A contrapartida de ceder aos apelos das convenções sociais é se render ao apelo divino como projeto maior de vida, acreditando ser este validado e desejado por Deus. E, para isso cumpre descartar todos os outros projetos e sonhos que se interpõem nessa trajetória do alvo a ser alcançado, como exemplificam essas duas declarações da mesma pessoa de 42 anos. Uma se refere ao desejo para missões atribuído a Deus e o outro a resignação com esperança em relação ao casamento. “Deus levou meu coração a desejar algo mais” (Ms7); “Não adianta fazer muita coisa... você tem que esperar o tempo de Deus” (Ms7).

Se o poder tem uma forma e se move numa direção compreensível para o ser humano, este pode segui-lo, diz Van der Leeuw (1956, p. 551). Este seguir não é um comportamento inconsequente, autônomo como às vezes “é compreendido em contextos evangélicos quando ali é pregado o puro seguir a Jesus (*nachfolger*)”. Seguir significa sempre a união da vida do que segue com a vida daquele que é seguido. “Quando eu sigo alguém, eu decido repartir a sua vida, seu destino, sua vitória, sua derrota, seu ganho e sua perda e tornar isso meu. Eu decido conectar a minha vida à sua e deixar minha capacidade se desenvolver na capacidade do outro”. Assim, também “Paulo prega o seguir a Cristo num sentido prático cúltilco: ‘Se nós morremos com Cristo, então cremos que também viveremos com ele’ (Rm 6.8)” (VAN DER LEEUW, 1956, p. 551).

Para as missionárias solteiras, consoante sua expressão da fé e seu desejo de entrega de projetos pessoais, inclusive de casamento, considerar a vontade de Deus em relação às circunstâncias da vida faz todo sentido. Algumas se apoiam na provisoriedade das circunstâncias para encontrar descanso em situações não desejáveis. “Outro dia ouvi uma mulher esclarecendo que não é solteira, mas “está solteira”, afirma August (2013, p. 77). É uma atitude que em alguns casos mostra a provisoriedade consciente do estado civil. “E penso como McCulley (2008), que há um desafio para essa fase da vida, de buscar de Deus nossa tarefa enquanto não vem a oportunidade de casamento para aqueles que assim esperam”. Existem tarefas nas igrejas e obras missionárias para as quais o fato de ser solteiro ou solteira favorece. “Devemos procurar nossos dons para servir em qualquer circunstância de nossa vida. Pois, “é tempo de procurar o lugar para investirmos nossos dons. É também uma forma de não paralisarmos” (AUGUST, 2013, p. 77).

A possibilidade de casamento está presente na lista de desejos de todas as pessoas entrevistadas, com intensidades diferentes. Algumas das pessoas já pensam até não ser melhor um casamento. Mas, mesmo assim, entregam nas mãos de Deus. “Se ele quiser, tudo bem, se não quiser, também está tudo bem”. Para todas as entrevistadas, o casamento não pode comprometer o chamado para missões que é prioridade.

É algo que mexe com meu coração que é do Reino. [...] [Mas] Eu não vou trocar meu pai amado por alguém. [...] Você entende que o Reino é maior do que sua escolha pessoal. [...] Eu não queria alguém parecido comigo, mas queria que entendesse que o Reino de Deus é mais importante e que aceitasse, e que tivesse a ousadia de se envolver com a obra neste nível (Ms4, 44 anos).

Nota-se, ao longo dos relatos das missionárias uma forte convicção de que tanto o chamado missionário quanto a própria relação com a questão do casamento deve ser colocado no horizonte maior do Reino de Deus. Esta perspectiva faz sim com que as missionárias compreendam que a missão não está atrelada ao simples projeto das igrejas e das próprias agências, mas a função é de testemunhar o Reino de Deus. Dessa forma, compreendem também que a própria afetividade – expressa acima por meio da palavra ‘coração’- tem conexão com esta dimensão reinocêntrica. O que é impressionante notar é a descoberta que elas fazem - como estrangeiras no campo missionário - de que a igreja e o próprio coração devem estar orientados

totalmente para o horizonte do Reino de Deus. Assim declara uma mulher cuja igreja não aceitou enviá-la por ser solteira e foi como autônoma: “Não é fácil nós vivermos pela fé; [...] a gente tem que ter coragem e tem que obedecer aquilo que Deus quer” (Ms22, 61 anos).

O amor a Deus presente nessa declaração condiciona outros desejos. Para Tillich (1980, p. 74), “o amor é o poder no fundamento último de todo ser, o poder que impulsiona o ente para além de si à re-união com a outra pessoa e, em última análise, com o próprio fundamento do ser, do qual se encontra separado.” Nesse sentido, ele considera a fé como estar possuído “por aquilo que nos toca incondicionalmente”. A ela se subordinam todas as preocupações provisórias. “A preocupação incondicional empresta a todos os outros interesses a sua profundidade, direção e unidade, fundamentando assim [o ser humano] como pessoa”. (TILLICH, 1980, p. 76).

Ms15, uma professora de 35 anos diz ter Deus colocado uma paz muito grande em seu coração ultimamente, e percebe que, se essa é a vontade de Deus, de ela ficar solteira, vai aceitar. E, no momento, reage bem aos comentários, agradáveis ou não, de outras pessoas, sobre isso, pois é Deus quem vai mostrar, se vai casar ou não. Sobre sua oração por casamento, ela diz já ter chorado e colocado seu “clamor” diante de Deus por querer estar casada. “Volta e meia eu oro, Deus, seja feita a tua vontade” (Ms15). Outras missionárias passaram por sentimentos semelhantes.

Assim que eu cheguei ao campo, algumas vezes eu me peguei chorando, sim, Deus, eu quero um marido, eu preciso de um marido. Eu sou sozinha, [...] Você não precisa ter um homem para ser completa. [...] Fantástico, eu acho, saber que Deus tem cuidado desta área da minha vida. Porque eu acredito que, seja só Deus, mesmo (Ms11, 38 anos).

O amor a Deus e ao chamado missionário tem estado presente ao longo das declarações das missionárias. Esse amor sugere a entrega de si e de seus desejos numa atitude de rendição conquistada ao longo do tempo com a maturidade. Para Tillich (1980, p. 75), a expressão direta do amor é a ação. “Teólogos já discutiram como a fé pode resultar em agir. Isso é possível porque a fé encerra amor e porque amor se manifesta em ação.” Segundo o autor, o amor é um elemento da própria fé, quando a fé é entendida como aquilo que nos toca incondicionalmente. “Fé inclui amor, amor vive na ação: Nesse sentido, a fé se realiza em ‘obras’. Onde houver

preocupação incondicional, ali também existe o desejo ardente de realizar essa preocupação”. Nesse sentido, “preocupação – na significação original da palavra – inclui o desejo de agir; mas, o tipo de ação depende do tipo de fé”.

No tipo místico o amor une através da negação do eu; no tipo ético o amor transforma através da afirmação do eu. Uma ação baseada no amor do tipo místico tem caráter predominantemente ascético; uma ação que emana do amor do tipo ético tem a tendência de amoldar a realidade. Em ambos os casos a fé determina o tipo de amor e o tipo de ação. Esses são exemplos para polaridades fundamentais do caráter da fé; mas ainda há muitos outros (TILLICH, 1980, p. 75).

Ms16, uma pedagoga de 54 anos, diz ser seu chamado missionário para sempre e suas orações por casamento tiveram várias etapas. Às vezes pedia mais a Deus, alguém para poder trabalhar junto, que tivesse a mesma visão, e, às vezes, “deixava quieto”, como expressou. O relato de Ms2, de 45 anos, ilustra uma expressão de fé que contribuiu para o descanso na questão da conjugalidade. Por volta dos 35 anos, no campo missões, ao se sentir muito triste e angustiada, fez uma oração: “Olha Senhor, [...] não quero mais saber de casamento” (Ms2) e ficou meio aborrecida. E naquela noite, teve um sonho:

E nesse sonho eu estava numa cachoeira, sentada numa pedra, no lugar da queda d'água mesmo e eu via as pessoas muito desesperadas tentando me salvar e as pessoas estavam tentando encontrar um jeito de me salvar e me tirar daquela situação. E aí, nessa confusão toda, apareceu um helicóptero do nada e desse helicóptero desceu uma pessoa e me tirou dali daquela situação. Então, quando eu acordei, eu entendi que não era a tentativa das pessoas de me casar que ia resolver meu problema, mesmo que tantas pessoas queriam me casar [o pastor, amigos e todo mundo], me apresentavam gente, me pressionavam. Mas eu entendi, naquele dia, que a solução vinha do céu. E aquele helicóptero [rs] [...] me mostrava que tudo o que eu precisava vinha do céu, e a partir daquele momento eu tranquilizei meu coração entendendo que a solução vinha do céu e não das pessoas (Ms2, 45 anos).

As pessoas entrevistadas esperam por um casamento, e, ao mesmo tempo, não abrem mão daquilo que tem sido o sentido de sua vida, por mais difícil que se apresente essa entrega, por entenderem que não há outra coisa a fazer.

Deus sabe o que faz, mas seria interessante. Não adianta fazer muita coisa. Você tem que esperar o tempo de Deus. [...] É um tempo de espera. Às vezes cansa. Às vezes, você reclama. Mas a princípio... você tem que esperar. Não temos o que fazer (Ms7, 42 anos).

Consideradas na totalidade e na sua convergência, as missionárias mostram uma fé muito viva e realista. Elas estão colocadas na coragem de suportar os riscos de viver como estrangeiras e sob uma condição pouco favorável em termos de preconceito, mas o tipo de enfrentamento só pode ser dado pela paixão pelo incondicional e pela coragem de ser:

Ao mesmo tempo há em toda fé um elemento de certeza imediata, que não está sujeita à dúvida, à coragem e ao risco – a certeza do próprio incondicional. A pessoa experimenta o incondicional em paixão, medo, desespero e êxtase; mas ele nunca o experimenta de modo direto, mas sempre no encontro com um conteúdo concreto. O incondicional é experimentado no, com e através do conteúdo concreto, e apenas o espírito que investiga analiticamente o pode compreender teoricamente (TILLICH, 1980, p. 67).

Por esse caminho, o autor chega a definir a fé “como o estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” (TILLICH, 1980, p. 67). Enfim, a fé que chama as missionárias solteiras, das mais diversas formas, para o campo de missões, é a mesma fé que sustenta, protege, direciona e faz se relacionar com Deus. Em nome dessa fé, e do amor ao conteúdo dessa fé, há um caminho de resignação e entrega de todos os outros sonhos, pois, para as missionárias, “seja feita a vontade de Deus”.

6 APLICAÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA A TEOLOGIA

A análise fenomenológica da experiência de mulheres em missão na África enquanto solteiras e das impressões de pessoas nativas a respeito de aspectos culturais africanos, especialmente do casamento e da condição de pessoas solteiras apontou algumas questões que demandam reflexão teológica, bem como ações missionárias e pastorais.

As questões culturais apareceram de forma expressiva nas entrevistas. A situação da mulher africana, do machismo, da infertilidade e da solteirice desafia a igreja cristã em missão e aponta para busca de possibilidades de missão transformadora que promova a vida plena decorrente do Evangelho de Cristo. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10.10). Da mesma forma, as questões levantadas da análise fenomenológica sobre a atuação de missionárias solteiras na África apontam pistas com relação à conjugalidade, à potência da fé e às possibilidades de atuação como solteira. E atesta a necessidade de revisão constante das práticas missiológicas, em termos teóricos e práticos, por parte das agências missionárias e igrejas chamadas ao envio.

A missão não é primordialmente uma atividade da Igreja, mas um atributo de Deus. Deus é um Deus missionário [...]. Desse modo, a missão é compreendida como um movimento de Deus em direção ao mundo; a Igreja é vista como um instrumento para essa missão. A Igreja existe porque existe a missão, e não vice-versa. Participar da missão é participar do movimento do amor de Deus para com as pessoas, visto que Deus é uma fonte de amor que envia (BOSCH, 1991, p. 390).

Dessa forma, é preciso pensar as implicações desta pesquisa – no horizonte da teologia da missão – a partir das principais categorias destacadas e evidenciadas pelos depoimentos colhidos das missionárias. Em primeiro lugar, destaca-se o horizonte da cultura africana; em seguida a perspectiva da conjugalidade e da transmissão da fé. Isso ficou evidente na pesquisa, na coragem das missionárias, principalmente as que foram para o campo de missões como autônomas.

6.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O EVANGELHO E A CULTURA

“Para o cristão, há a grande esperança da redenção: a ordem primitiva pode ser restaurada por Cristo pelo seu ensinamento e pelas suas ações” (ALES BELLO, 2011, p. 331).

O contexto africano é considerado pelas próprias pessoas nativas, como sendo de demasiada valorização do casamento institucional ou tradicional como falaram algumas pessoas. E, mais ainda, existe a obrigação de gerar filhos o mais breve possível para tornar válido o propósito do casamento, garantir descendência e aumentar a força de trabalho. Nesse sentido, a ascensão econômica do marido é viabilizada pela poligamia, considerando que as mulheres são, em geral, responsáveis pela força do trabalho agrícola. Nesses interesses econômicos, descarta-se qualquer possibilidade da não concepção, punindo-se a infertilidade da mulher. Esse contexto cultural é no qual as missionárias convivem com todas as tensões decorrentes sendo solteiras e sem filhos.

Questões de desigualdade de gênero foram levantadas, bem como o rechaço à solteirice para privilegiar a instituição do casamento. A missionária Ms1 inclusive, conta que questionava a Deus sobre a pouca influência da mulher na sociedade em Angola, o que lhe gerava grande tristeza. Em geral, a postura da mulher africana é de rendição consciente ao machismo intencional, violento, agressor verbal e físico, na forma de fazer valer os interesses próprios e do grupo. Essas são algumas situações culturais que necessitam de discernimento da teologia bíblica com vistas à ação missionária efetiva. Ou seja, que faça diferença onde houver necessidade de transformação promotora de dignidade.

Algumas pessoas tentaram penetrar nas tradições da África, nos ritos, na religião, mitos e provérbios, e estudaram, sobretudo as línguas e idiomas como forma de ampliar a compreensão da alma africana, afirma Nkafu Nkemnkia. “Entre essas contribuições, a experiência e os trabalhos dos missionários são de uma importância particular.” Essas pessoas, embora engajadas num sistema religioso próprio, não hesitaram em pesquisar aspectos positivos e os valores de ser africano. Esses missionários, na medida em que estudavam as línguas locais, se davam conta da complexidade da cultura africana e da dificuldade de compreender seu pensamento (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 40).

Teologicamente falando, “a situação de tensão existente entre o homem e a mulher é consequência do pecado, e esse último não se pode atribuir somente à mulher” como acontece numa leitura superficial dos textos bíblicos, segundo Ales Bello (2011, p. 331). Mas implica a responsabilidade de ambos, do homem e da mulher. Ela lembra que do pecado cometido deriva a subordinação da mulher em relação ao homem e um consequente desequilíbrio em razão de sua escolha. Todavia existe a esperança da redenção propiciada por Cristo (ALES BELLO, 2011, p. 331).

Nesse sentido, vale lembrar textos bíblicos que reforçam a ideia de remissão do primeiro encargo da lei em Moisés sobre a desobediência do homem e da mulher. Pode ser citado o texto de Atos dos Apóstolos 13.38, “[...] quero que saibam que mediante Jesus lhes é proclamado o perdão dos pecados”, como também, Romanos 8.1, “agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus”.

Valente (1985, p. 184) coloca uma questão: “qual seria a atitude de Cristo e o conteúdo de sua mensagem se ele se dirigisse expressa e diretamente ao povo africano *Banto*? A resposta estaria dada. A mesma resposta e a mesma mensagem”. O povo africano, segundo o autor, está dentro dos escritos bíblicos, não só pela sua posição geográfica, mas também pela sua participação direta a respeito deles.

Moisés nasceu e cresceu no Egito, terra africana. [...] Miriam e Aarão censuravam Moises por causa da mulher etíope com quem tinha se casado. [...] Nos livros posteriores a Moisés, não faltam alusões à rainha de Sabá e às terras de Ofir, nem na vida do povo de Deus nos tempos da diáspora. [...] Cristo nasce e um dos reis magos era proveniente da África. Jesus foi levado para o Egito para ser protegido da fúria de Herodes. Em Atos dos apóstolos há um batismo de um etíope (VALENTE, 1985, p. 185).

Quando Valente aborda questões do matrimônio tribal, ele afirma que são as exigências dos evangelhos que se devem examinar para depurar o matrimônio tribal. “Essas [exigências] e não outras, nem ocidentais e nem romanas. Cristo anunciado [...] e presente em África, na sua igreja, é ao mesmo tempo o centro divergente e convergente de todas as culturas” (VALENTE, 1985, p. 194). A luz do Evangelho, segundo Valente (1985, p. 195), convida os valores africanos a serem examinados. E aparecerão dados negativos, mas também positivos. “Os positivos aceitam-se e os negativos, ou se esclarecem ou se rejeitam, mas com toda a franqueza e sinceridade”. Para o autor, “urge começar por não temer esmiuçar tudo o que o

matrimônio tribal envolve e encobre, quer o ponto de vista usos e costumes, quer na religiosidade que lhe está inerente” (VALENTE, 1985, p. 195). Ele reconhece que, pretendendo as pessoas africanas regulamentar-se pelas leis do passado, estão “vedando aos filhos os benefícios alcançados pela permuta de culturas” (VALENTE, 1985, p. 196).

Quando as tradições culturais não condizem com a vida abundante proposta por Cristo, Ele mesmo diz em Marcos 7.8: “Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens”. Como um exemplo disso, Valente (1985, p. 197) considera a situação de servidão da mulher africana e diz: “a doutrina do Evangelho, que elevou a dignificou a mulher na Europa e no mundo cristão, convida agora os povos africanos a elevá-la e dignificá-la também”. O autor concorda que hoje, em alguns contextos, é a própria mulher africana que o exige, “desejosa de corresponder a sua missão de esposa, de mãe e de cidadã de uma pátria nova, para que lhe sejam reconhecidos os seus direitos e não apenas os seus deveres” (VALENTE, 1985, p. 197).

Para o teólogo africano Bediako, as escrituras não são apenas um relato da história e religião de Israel e da igreja primitiva. “Também registram a relação de Deus com seu povo e com sua cultura, sendo elas mesmas, fruto desse envolvimento”. Nesse sentido, “as escrituras servem de parâmetro ou modelo para incentivar, identificar e controlar todos os envoltimentos subsequentes do evangelho com a cultura na relação divina-humana contínua que caracteriza a nossa fé” (BEDIAKO, 2010, p. 3).

Quando David Livingstone pregou na África no século dezenove, diz-se que ele sempre se referia à Bíblia como “a mensagem do Deus que vocês conhecem”. Em outras palavras, as Escrituras falam a nós porque falam sobre nós (BEDIAKO, 2010, p. 3).

Sobre o papel e a posição da mulher em muitos países africanos, surgiram na pesquisa algumas expressões que demonstram a atitude diminuidora e excludente do gênero feminino, tais como: subserviência; escrava; um cão; uma bagagem; trabalhos pesados; sem voz; sancionada; apanha do marido; sofre infidelidade; tem valor relativo quando casa; quando tem filhos; compartilha o marido; sustenta seus filhos; é desprezada, devolvida e rechaçada quando infértil; pressionada, escanteada, cerceada e ridicularizada quando solteira; é dada ao cunhado quando viúva; sem apoio dos pais para estudar e adiar projeto de casamento.

O angolano *Umbundo* N2 enfatiza, em vários momentos, a maneira como as pessoas solteiras são desvalorizadas constantemente em todos os lugares, inclusive dentro das igrejas, sobre as quais acredita terem assimilado da cultura local. Pessoas solteiras em igrejas cristãs africanas não têm oportunidades para servir, como exemplifica essa declaração:

Mesmo para dar um cargo na igreja, a prioridade é para os casados. [...] Para o solteiro, só se não tiver ninguéeeem (sic) que vai fazer o tipo de trabalho. O solteiro aí pode fazer, mas tem que se sair bem [risos]. Eles têm que se sair muito bem. [...] É mais cobrado. E qualquer erro que você cometer, [...] só o fato de você ser solteiro, é por isso que ele cometeu esse erro, porque é solteiro, é solteiro. E se fosse casado ele não ia cometer esses erros (N2 Angola, homem).

Em igrejas estabelecidas na África, surgem situações como a falta de oportunidade para ajudar nos serviços ministeriais oferecidos por ela quando a pessoa é solteira, mesmo sendo homem, como declarou o angolano N2. Para ele, igrejas evangélicas assumiram da cultura a desestimulação da solteirice ao negar tais oportunidades às pessoas solteiras. No entanto, o que se observa nos relatos das missionárias é que a pressão ao casamento que elas sofrem por parte de suas igrejas do Brasil demonstra a diferenciação entre pessoa solteira e casada existente também nas igrejas evangélicas brasileiras. Isso faz sentido, uma vez que as igrejas são frutos de ações missionárias que levam consigo muitos de seus costumes de origem.

E, segundo Ms1, atuante em Angola, em muitas igrejas evangélicas, as mulheres também ficam em segundo plano, principalmente quando se trata de exercer algum cargo de liderança e até mesmo do cuidado pastoral que elas demandam. Isso se deve à priorização das demandas masculinas em decorrência do machismo cultural africano. Nesse sentido, as próprias pessoas afetadas pela discriminação poderiam se colocar como profetas que apontam e denunciam nas igrejas principalmente, as práticas excludentes não ensinadas nos evangelhos e buscar seu lugar de atuação no Reino de Deus. São ações difíceis, mas necessárias para a implantação do evangelho em sua plenitude. Também foram difíceis tais ações para os profetas de Israel nas demandas de seu tempo.

De acordo com Njoroge (2010, p. 1508), em razão das profundamente enraizadas atitudes e práticas hierárquicas patriarcais e sexistas, e da liderança exclusiva do gênero masculino, em muitas igrejas na África, as mulheres tem um

papel crítico e profético a desempenhar, “agitando as águas e falando a verdade, afirmando sua humanidade e dons conferidos a elas por Deus – não para seu próprio proveito, mas por causa da integridade do Evangelho”.

Muitas mulheres continuam a afirmar seu pleno potencial e tem assumido papéis de liderança. Como a mulher samaritana (Jo 4.1-42), quando as mulheres na África bebem da água oferecida por Jesus, elas saem para testemunhar a palavra da verdade em seus lares, vilas, comunidades e igrejas com determinação, ousadia, coragem e humildade. Algumas têm fundado igrejas, pregado, ensinado teologia cristã e traduzido as escrituras para as línguas africanas (NJOROGE, 2010, p. 1508).

Assim, é possível perceber a transformação libertadora que o evangelho propicia quando este penetra na cultura e a filtra, como no caso dessas mulheres do relato de Njoroge. E assim, muitas outras questões da cultura, como a poligamia e violência masculina, deveriam ser decifradas pelo ensino do evangelho. O desafio, portanto, está em “compreender o comportamento humano da maneira como ele é compreendido pelos membros da referida cultura e sociedade”, considerando que, mesmo dentro da mesma cultura e sociedade, uma determinada conduta pode ser interpretada de várias maneiras, segundo suas intenções de base (KÄSER, 2004, p. 250). A característica do pensamento africano é de ser principalmente antropocêntrico. O ser humano é o centro da vida, visto que ele é o único vivente que quer saber, e está a se colocar questões significativas, que se engaja e sobretudo, que procura o sentido da vida e de tudo que acontece e existe (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 135).

Segundo Bediako (2010, p. 3), para que o evangelho possa ser considerado relevante para as culturas africanas é importante, nesse processo, evitar a simplificação excessiva dessa relação entre evangelho e cultura. Nesse sentido, “reconhecer a centralidade das escrituras para nossa identidade não significa demonizar nossa cultura tradicional”, afirma o autor. Isso fazem, como diz Bediako, muitos empreendimentos missionários empenhados em levar o evangelho a outras culturas, mas, revestidos de sua própria cultura, desprezando completamente a dos povos e serem evangelizados, como se ali, em nada, Deus estivesse presente.

Nossa cultura é nossa cosmovisão, ou seja, é fundamental para nossa compreensão de quem somos, de onde viemos e para onde estamos indo. [...] Precisamos permitir que as escrituras tornem-se intérpretes de quem somos no sentido concreto e específico de nossa identidade dentro de nossas culturas e tradições. [...] A aplicação das escrituras à nossa cultura é um processo gradativo de união devida. Nossa cultura em particular é

tocada pela ação de Deus, que constrói, ao longo da história, comunidades constituídas do seu povo nas quais somos incluídos. Assim como nossas tradições, nossa história e cultura específicas (BEDIAKO, 2010, p. 4).

Para Bediako (2010, p. 4), a cultura em particular é tocada pela ação intencional de Deus que constrói ao longo da história, comunidades constituídas do seu povo, nas quais somos incluídos, assim como “nossas tradições, nossa história e culturas específicas. Aos poucos, participaremos de uma semelhança familiar que não é medida segundo particularidades étnicas, mas segundo o próprio Cristo”, afirma o autor.

E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancem a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade atingindo a medida da plenitude de Cristo (Efésios 4.11-13).

A moçambicana N20, *Macua*, de 35 anos percebeu que alguns elementos enraizados na cultura africana não eram promotores da dignidade humana e eram até “um pouco escravizadores”. Por outro lado, constatou a necessidade de discernir, filtrar e estudar o que há de positivo presente nas próprias raízes:

Mas, olhando para onde a sociedade está indo, o mundo descartável que estamos indo, eu digo puxa, tem coisas que a cultura dá falta. Vai fazer falta a nossa cultura porque nós precisamos aqui filtrar a informação. Usar o que é útil e tirar o que é inútil. Mas, agora, o que está a acontecer é que o povo já não sabe quem é. Não tem bases. Perdeu a identidade [...] quando eu estudei a cultura e filtrei, eu vi que, apesar de tudo isso, havia moral. [...] Tem coisas extremamente valiosas que o povo deixou para trás e hoje a gente sente falta disso. Sentimos falta disso. O respeito com os mais velhos. O respeito com os pais. O próprio vestuário, como se portar dentro da própria sociedade (N20, Moçambicana, *Macua*).

Ela, convertida ao cristianismo, percebe a gravidade de simplesmente extinguir a identidade cultural de um povo sem avaliar e se preocupar com o que poderia ser preservado em prol de sua identidade, sendo possível mesmo à luz do evangelho.

O [povo] *Macua* não deixa para trás sua capulana [pano colorido africano envolto na cintura da mulher em forma de saia]. É uma coisa assim que a gente herdou. É uma coisa muito importante para uma mulher africana, especialmente a *Macua*. [...] Capulana é uma coisa que dignifica uma mulher. Mas, hoje vamos para uma sociedade, que já parece que a capulana está a ficar para trás (N20, Moçambicana, *Macua*, 35 anos).

Jesus não deixou a sua cultura. “Era judeu e sabia os usos e costumes do povo judeu e não abriu mão disso. É aquilo que precisamos ver”, esclarece a moçambicana N20. “Não temos que abrir mão, pois depois, o que nós vamos ser? O povo é identificado pelo que é. A minha diferença me fará dizer quem sou eu. Identifica-me”. Segundo a nativa, “aquilo que me faz diferente de ti, me identifica. Hoje o povo está a atirar isso para trás. São coisas que eu até certo ponto não concordo” (N20, Moçambicana, 35 anos).

As formas dos usos e costumes variam de clã para clã, de tribo para tribo. Mas, seu conteúdo e propósito permanecem idênticos. Por meio de seus usos, o indivíduo e a coletividade entram em contato com a divindade e é possível reconhecer pelas suas práticas a qual povo ele pertence. “Os ritos e os costumes caracterizam um povo e seu modo de pensar” (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 34).

Na questão da invisibilização das mulheres, a abordagem do texto bíblico na ótica do gênero, uma possibilidade de hermenêutica utilizada a partir do século 20 em função do machismo até então exacerbado em diversas culturas ocidentais, “procura dar visibilidade às mulheres e aos grupos oprimidos, bem como denuncia estruturas de poder e discursos que legitimam a inferioridade e submissão das classes oprimidas” (ARTUSO, 2011, p. 99). Para o autor, o ensino prático de Jesus em relação às mulheres como pessoas excluídas e sem voz, foi libertador. “Revela que ele agiu na contramão da sociedade da época. Veio para resgatar a dignidade das pessoas, ao tomar partido em favor dos pobres, doentes e excluídos, entre eles as mulheres”. Em análise de dois textos, Mc 5.21-43 e 7.24-30, Artuso (2011, p. 100) afirma que a boa nova de Jesus é colhida por aqueles e aquelas sem nome, sem voz e sem vez na sociedade da época. Em Marcos 5.21-43 aparece um conflito religioso e cultural, entre o puro e o impuro, entre o cumprimento das leis religiosas e a defesa da vida.

Jesus, ao ser tocado, assume a impureza da mulher. Ela faz Jesus assumir a condição de marginalizado, porque se deixou tocar. Com isso se solidariza com a mulher ao permitir o toque, o que era proibido por lei (Lv 15.19-25). Jesus entra em conflito com a sociedade que exclui e marginaliza a mulher, considerada impura por causa do fluxo de sangue. Ele mostra que o projeto da defesa da vida está acima da lei e não teme misturar-se com o povo, deixar-se tocar, em meio a multidão (ARTUSO, 2011, p. 109).

No texto de Marcos 7.24-30, Jesus expulsa o demônio da filha de uma mulher siro-fenícia que vai até ele suplicar-lhe pela cura. O relato deixa transparecer um conflito religioso e cultural entre judeus e estrangeiros.

Estes são desprezados, são os 'cãezinhos'. Em primeiro momento eles não têm prioridade e direito de participar da mesa dos filhos. A prioridade é atender aos filhos (judeus) e depois os de fora (gentios – os cãezinhos). [e a mulher sabe disso]. Ela vai a Jesus e o desafia para uma abertura à missão “*ad gentes*”, quando diz a Jesus: ‘também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. [...] Mulheres e crianças não eram contadas. Os estrangeiros eram desprezados. Jesus age na contramão da mentalidade da época e rompe os preconceitos contra as mulheres e os estrangeiros. [...] A prática de Jesus inclui no Reino os últimos da sociedade (ARTUSO, 2011, p. 113).

Enfim, dada à característica de novidade das “boas novas” no Evangelho da graça de Deus em Jesus Cristo, as práticas culturais não conseguem passar despercebidas e são, inclusive, flagradas pela luz do discernimento que denuncia ações que impedem a vida abundante da qual toda criatura deveria participar. Assim, o Evangelho conclama os movimentos missionários ao anúncio e denúncia de práticas excludentes e diminuidoras da vida, ao mesmo tempo em que acolhe e abraça as pessoas de boa vontade. É o que afirma Knitter sobre a questão do significado de possibilitar às pessoas se converterem ao Reino de Deus. “Um missionário que encheu uma igreja com convertidos sem procurar mudar uma sociedade que perdoa morte de mulheres por causa de problemas de dote ou o trabalho escravo de crianças que ficam como fiança por causa de dívidas é um fracasso” (KNITTER, 2010, p. 152).

A missão, no sentido cristão e teológico, requer que se responda à vontade e ao projeto de Deus encarnado em um determinado tempo e lugar concretos. O que as entrevistas com as missionárias mostram, por sua vez, são as transformações de mentalidade e a compreensão de uma missão mais consoladora e comprometida com as realidades de violência contra as crianças. Isso, as missionárias pretendem reverter com a educação. Preocupam-se em relacionar a mensagem do Reino com a situação humana concreta, principalmente na periferia e nas aldeias. É o caso da Ms20 em Moçambique quando afirma: “O meu ministério aqui é mais nas aldeias do que dentro da cidade. Eu ajudo a igreja sede, mas eu estou mais nas aldeias e eu gosto disso. Cada dia uma aldeia, ali no meio do povo, as crianças, eu me sinto muito realizada” N20.

6.2 POSSIBILIDADES DE MISSÕES TRANSFORMADORAS

“O evangelismo autêntico sempre é contextual” (BOSCH, 2002, p. 498).

Para Kirk (2006, p. 110-114), o evangelho é transmitido através da cultura, ou seja, é mediado pelas práticas culturais. Por isso, as pessoas deveriam ouvi-lo em sua própria língua (At 2.8). “Os autores bíblicos usaram a cultura para comunicar a mensagem. [...] A igreja primitiva teve que encarar algumas questões complicadas da cultura” e não ficou alheia a elas. “Uma das mudanças mais poderosas trazidas pelo evangelho foi a abolição da distinção entre puro e impuro (Mc 7.19; At 10.15)”. Segundo o autor, a distinção ética e cultural, quando exercida corretamente, “reflete a rica diversidade da vida humana e permite que as pessoas tenham um senso de segurança ao serem capazes de se identificar com um grupo que tenha sua própria história, costumes e tradições”. Mas, os valores culturais devem ser avaliados à luz do evangelho que valoriza a vida e dignidade de cada ser criado por Deus. Nesse sentido, são válidos os valores da cultura que dignificam a vida humana e seu criador.

Omonisaye (2012, p. 157-160) observa que a religiosidade se manifesta nas culturas de diversos povos da África. E, os valores culturais que não estão necessariamente contra os ensinamentos do Evangelho deveriam ser considerados e vistos como ação do Espírito Santo trabalhando por diversos caminhos. O autor considera que o sincretismo religioso não é ordenado pelo Espírito, mas conduz e impulsiona à inculturação e evangelização da cultura. A igreja é chamada a permanecer em verdade frente à opressão política, corrupção e fraudes dos líderes. Os próprios líderes religiosos são chamados a serem testemunhas vivas dos valores que defendem e praticam. Esse é um potente instrumento de evangelização que a África e o mundo inteiro necessitam. O Espírito leva a igreja a converter-se em voz dos que não tem voz, assim como o Espírito ungiu Jesus para proclamar a boa nova aos pobres e oprimidos, conforme Lucas 4,18: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos".

O evangelho não tem uma cultura de residência permanente, afirma Bediako (2010, p. 4), pois, na apropriação das experiências e lutas de um contexto, à luz da

leitura e experiência das Escrituras “em nossa língua mãe, descobrimos que outras narrativas cristãs esclarecem nossa própria história. Pois, nossa língua materna é a língua na qual Deus fala com cada um de nós”. Nesse sentido, “Deus não fala em uma língua sagrada, mas numa língua comum.” Assim, todos podem ouvi-lo “e entender que seu evangelho se refere a nós e que fomos convidados a ingressar numa comunidade constituída de membros de todas as nações, tribos, povos e línguas (Ap 7.9)” (BEDIAKO, 2010, p. 4).

A pesquisa demonstrou que questões culturais africanas internalizadas, especialmente os valores de gênero e rechaço às pessoas solteiras impactam o ser-fazer de missionárias na África, à luz do Evangelho que se coloca como potência de transformação. Isso se percebe especialmente porque as missionárias são mulheres e são solteiras. Precisam de alguns anos para conquistar o respeito e a confiança do povo local. Sujeitam-se à autoridade masculina e nem sempre são ouvidas.

Além disso, a violência praticada às mulheres africanas redundava em silêncio e invisibilização delas. Surgiu na pesquisa um caso de trauma por violência física e verbal num casamento transcultural³⁶ entre uma missionária e um nacional. A missionária Ms12 foi violentada sexualmente e agredida constantemente com espancamentos, além de ser muitas vezes rebaixada com palavras e expressões degradantes. Ela necessitou de terapia para dar conta da enfermidade emocional, além de tratamentos médicos para a violência física. Ademais, algumas missionárias comentaram de amigas suas que também sofreram agressão física em casamento transcultural, mesmo que existam casos de casamentos que deram certo como os de quatro das missionárias entrevistadas.

Para Bosch (2002, p. 492), missão significa a igreja enviada ao mundo para amar, servir, pregar, ensinar, curar, libertar. O paradigma missionário medieval não constitui, em geral, um quadro aprazível. “Durante mais de um milênio a Europa exerceu o papel de cruzado. Mas, ainda assim, uma autêntica cultura cristã evoluiu, não só na Europa como também muito além de suas fronteiras” (BOSCH, 2002, p. 283). As agências missionárias baseadas no voluntariado surgiram no final do século XVIII (BOSCH, 2002, 413). As práticas de agências missionárias ocidentais sofreram uma revisão fundamental nos “campos de missão” tradicionais. “Os missionários não vão mais como embaixadores ou representantes do poderoso

³⁶ Por casamento transcultural entende-se aqui uma união de homem e mulher de culturas distintas, nesse caso, uma brasileira com um africano.

Ocidente a territórios submetidos a nações brancas e cristãs. Eles se dirigem, atualmente, a países, muitas vezes, hostis ao evangelho” (BOSCH, 2002, p. 437).

Cabe à igreja tentar redescobrir a essência de sua natureza e vocação missionárias, pois, pelas possibilidades do Evangelho, ela tem condições de responder criativamente aos desafios com os quais se confronta. Nota-se, pela análise das expressões significativas das missionárias entrevistadas que, ao serem desafiadas em sua missão transcultural, conseguiram desenvolver um tipo de experiência eclesial muito rica. O sofrimento no campo gerou experiências de esvaziamento de si mesmas produzindo respostas inteiramente novas como por exemplo, entender que é necessário o trabalho em equipe, e que é preciso que haja a visita dos líderes da igreja e uma melhor preparação do ponto de vista antropológico e cultural para enfrentar os desafios missionários.

Também hoje, Cristo está onde se encontram as pessoas famintas e as enfermas, as exploradas e as marginalizadas. O poder de sua ressurreição impele a história humana para seu fim, sob o lema “Eis que faço novas todas as coisas!” (Ap 21.5). Como seu Senhor, a igreja em missão precisa tomar partido pela vida e contra a morte, pela justiça e contra a opressão. [...] A fé cristã jamais existe senão como traduzida para dentro de uma cultura (BOSCH, 2002, p. 509, 535).

Num encontro entre duas culturas é preciso levar em conta o que Nkafu evidencia. O ser humano por ser social, é capaz de relacionar-se com seus semelhantes, com o mundo e com Deus, seu criador. A multiplicidade de indivíduos faz com que a vida se dissimule na dialética da coletividade ou da comunidade. Conforme esta concepção, o senso da vida de um indivíduo é encontrado dentro e no relacionamento com o outro ou outros. “Não faz sentido perguntar quem eu sou sem ter conhecimento total do outro que me responde. Dizer eu significa dizer o outro. Dizer nós significa dizer ser humano” (NKAFU NKEMNKIA, 2010, p. 124).

As comunidades de fé, segundo Schneider-harpprecht (1998, p. 330), são chamadas a lembrar que “o grito de Jesus na cruz identifica a situação dos cristãos, da humanidade e da criação, articula e defende o desejo da vida, liberdade, justiça, paz e amor como essência ainda ausente do ser”. Nesse sentido, “a afirmação da ressurreição de Jesus Cristo e da vinda do Reino de Deus formula essa essência que é motivo da esperança cristã para o mundo inteiro”, complementa o autor. Enfim, o evangelho não pode e não fica indiferente diante das injustiças, por exemplo, independentemente dos valores culturais.

Em sua experiência, a missionária Foyle (2017, p. 21), no sentido de entender e ser entendido/a pelo povo local, afirma que explicar nossos costumes ao povo local é muito útil, incluindo questões que envolvem pessoas solteiras e casadas. E, também, vale o esforço para entender a cultura onde se está atuando. Ela recomenda convidar nacionais “para nos visitar e aceitar convites para visitar suas casas. Amizades maravilhosas podem se desenvolver e elas reduzem a possibilidade de mal-entendidos”.

Para Bediako (2010, p. 4), “os africanos tem uma forte consciência de sua jornada religiosa pré-cristã e devem ficar atentos a essa participação nas Escrituras”. Ele cita, como exemplo de aplicação de um evangelho contextualizado, um profeta liberiano, William Wadé Harris (1865-1929). Como o povo africano crê na interferência dos ancestrais na vida cotidiana, o profeta fez uma alegoria com os ancestrais de Jesus Cristo, na Bíblia, que também são nossos ancestrais, e nos deixaram ensinamentos.

Harris se separou de sua etnia Grebo e de sua família numa conversão radical, mas não ficou desprovido de ancestrais, nem de uma comunidade. Ele simplesmente trocou seus laços familiares por vínculos baseados na fé no Cristo revelado nas Escrituras. Sua espiritualidade era caracterizada por sua participação ativa na vida em comunidade, algo inerente à cultura africana. Harris não pensava em termos daquilo que Moisés fez ou Jesus disse na Bíblia, mas em como seus novos ancestrais, Moisés, Elias, e de forma suprema, Jesus Cristo, interagiram com ele. Foi assim que alcançou tantas pessoas para Cristo (BEDIAKO, 2010, p. 4).

A igreja, segundo August (2012, p. 100), ao reconhecer certos aspectos mais rígidos das normas e costumes instituídos, pode buscar novas possibilidades, tendo em vista a preocupação de Deus com as pessoas, expressa na Bíblia, consoante inclusive ao gesto de Jesus na cruz em favor da humanidade. Muito já se discutiu e já se repensou o modo de ser igreja ao longo de toda sua existência. Soluções encontradas no passado suprimiram necessidades de sua época e seu contexto através de experiências que deram certo ou não. Hoje não é diferente. Também há a necessidade de se inventar/produzir processos outros com vistas ao atendimento das demandas do tempo e contexto atuais. Nossa responsabilidade é ainda maior, visto que conhecemos as experiências do passado e seus resultados.

6.3 O ENVIO MISSIONÁRIO DE PESSOAS SOLTEIRAS

“O teólogo protestante John Stott e tantos outros homens e mulheres se dedicaram e se dedicam plena e totalmente para servir a Deus como pessoas solteiras”
(BEZERRA, 2017, p. 155).

Algumas missionárias declararam sobre a resistência, falta de estímulo e até proibição do envio de pessoas solteiras em missões transculturais, por parte de agências missionárias ou igrejas envolvidas em missões. Mas poucas souberam explicar as razões. A dificuldade de aceitação da pessoa solteira em algumas culturas, experiências anteriores de casamentos mal sucedidos com africanos, comportamento inadequado de namoro com nativos, e ações missionárias interrompidas por situações de casamentos inesperados, foram algumas razões apontadas nas entrevistas.

Por outro lado, nos relatos das missionárias apareceu, também, a forma concreta de resistência às próprias igrejas e agências com relação ao desejo de servir como missionária e atender ao chamado de Deus. Desse modo, nota-se que muitas missionárias fizeram o caminho de enfrentamento deste preconceito e, além disso, com suas experiências favoreceram o crescimento da consciência de que o foco deve ser colocado não na situação do simples estado civil, mas visto no contexto do chamado de Deus. O interessante é notar que tal situação gera um novo conhecimento, tal como se constata quando as missionárias deslocam a questão da solteirice para o âmbito da missão compartilhada.

É impressionante observar o teor das entrevistas nas quais emergem juízos desconcertantes do ponto de vista da fé destas missionárias. A narrativa da Ms6, por exemplo, que diz da necessidade de “guardar o coração em Deus” e acreditar que o sucesso da missão encontra-se mais “na fidelidade à palavra de Deus e a sua mensagem” do que propriamente no número de conversões realizadas. Esta perspectiva tem especial consonância com o que diz Karl Barth no seu famoso comentário ao Credo, quando afirma ter a igreja uma meta, que é o reino de Deus, a constituir uma inquietude permanente. Enfim, “a esperança do reino não impede a pessoa de permanecer como simples soldado na companhia de Deus e, assim, caminhar até a meta. E se realmente esperamos o reino de Deus, também podemos resistir às misérias presentes na igreja” (BARTH, 2000, p. 171).

Não obstante, é uma realidade o rechaço à solteirice, tanto na cultura africana, quanto por parte de equipes missionárias brasileiras e igrejas de origem das missionárias, que redundam em tensões como sentimentos de inadequação, de inferioridade e de pressão ao casamento. Essas tensões emocionais, às quais estão sujeitas as missionárias, encontram retaguarda na potência da fé que as mantém resistentes, e no desejo de fidelidade à convicção de um chamado divino, mas não sem algum tipo de sofrimento. É o caso do relato de Ms6 que tem de suportar comentários depreciativos, mas, ao mesmo tempo, não se cala e acredita em mudanças:

Falavam assim, que eu tenho um jugo. É um problema porque eu não sou casada. Eu ouvi muito isso. Às vezes em grupos, em reuniões com vários/as brasileiros/as. As pessoas chamam as solteiras para frente para orar porque elas, as coitadas, não são casadas. Vamos orar para Deus preparar marido para vocês. Então a maneira como era feita, eu me sentia meio inferiorizada. Mas eu verbalizei isso para eles. Até eles mudaram a forma de fazer (Ms6, 42 anos).

Sobre essa ótica, evidenciam-se “as pressões sociais ao casamento e a crença da plenitude da felicidade com o casamento o qual, para muitas pessoas solteiras, se apresenta como um mito inadequado”. Entretanto, o desejo de casamento torna instável aquilo que as pessoas têm construído para si como ideal de vida. Mas, enquanto não há o convencimento pleno de uma realização pessoal possível no casamento, “as pessoas permanecem solteiras por mais tempo e buscam ali a ruptura, a estabilização, um território exclusivo. Território onde se sentem seguras, considerando os conflitos que também ali estão” (AUGUST, 2012, p. 111).

O estranhamento no contexto de igrejas evangélicas, com relação à pessoa que está solteira, porém aberta a um casamento, tem permeado as atitudes em relação àquelas que desejam servir como missionárias. É como se houvesse um dever da igreja de ajudar a pessoa a resolver “seu problema”. Em muitos casos, não recomendam e até proíbem o envio ao campo missionário transcultural, como foi o caso de algumas entrevistadas. Contudo, não há evidências bíblicas sobre a obrigatoriedade do casamento para servir como missionária, que justifiquem essas posturas.

Como bem lembra Bezerra (2017, p. 155), Lutero combateu o celibato na Reforma e desde então a igreja protestante eliminou esse dom “e estranha quando o

Senhor escolhe algumas pessoas para não contraírem o casamento”. Infelizmente o entendimento do celibato e a concepção de pessoa solteira dentro de igrejas [evangélicas] e da missão, “ainda são anticristãos”. Dessa forma, a pessoa é considerada desfavorecida porque Deus não lhe deu um marido. “Ela é vulnerável porque vive na solidão; ela é carente porque sua sexualidade não foi satisfeita. Então, ela parece ser anormal, alguém sem identidade” (BEZERRA, 2017, p. 155).

Segundo Bornscheim (2014, p. 61), o celibato é uma opção de vida de alguém que se abstém, “tanto do casamento quanto de uma vida sexual ativa, visando a prática do serviço cristão dentro da multiplicidade de ministérios no Reino de Deus”. E pode ser por dom, ou por opção voluntária. “O celibato cristão tem em Jesus Cristo seu exemplo e referencial”, lembra o autor.

Quando, no Evangelho de Mateus (19.9-12), Jesus fala sobre a gravidade de se repudiar a esposa, os discípulos ficam tão impressionados que sugerem ser melhor não se casar. E Jesus foi categórico ao responder, no versículo 11: “Nem todos têm condições de aceitar esta palavra; somente aqueles a quem isso é dado”. E continua dizendo: “Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite” (Mt 19.12). Isso significa que Deus concede o dom de celibato a algumas pessoas. Outras decidem por si, para se dedicar ao Reino de Deus. Em nenhum dos casos, as pessoas são recriminadas por Jesus. Ele afirma: “Quem puder aceitar isso, aceite”.

Conclui-se que a igreja deveria ser o lugar onde as pessoas poderiam adiar seus projetos de casamento ou até abrir mão, sem serem constrangidas. Na verdade, deveriam ser vistas com temor e respeito, pois quanto da vontade de Deus pode estar por trás das questões de cada pessoa solteira? Assim, não se deve generalizar a regra como se as pessoas solteiras que esperam por casamento tivessem o dever de se casar. Muitas pessoas adultas adiam ou abrem mão do casamento por outras razões também. A questão aqui é respeitar a condição da pessoa solteira, para evitar um sofrimento desnecessário enquanto busca sua individuação e confirmação de seus propósitos de vida (AUGUST, 2013, p. 112).

Em sua fundamentação bíblica sobre o celibato, Bornscheim (2014, p. 66) aponta para o esclarecimento do texto de Mateus 19.11: “somente àqueles a quem isso é dado”, evidenciando o verbo na voz passiva. Portanto, “a capacidade de compreender e aceitar o conceito ‘de não se casar por amor ao reino dos céus’ é

algo dado por Deus a determinadas pessoas”. Além do mais, “a essa passagem sobre o carisma do celibato, o não se casar (v.11), o texto de Mateus acrescenta um dito de Jesus sobre os eunucos”.

Eles são mencionados em três sentidos: aqueles a quem fatalidades da natureza fizeram nascer com essa deficiência (“há eunucos de nascença”, v.12), pessoas que se tornaram eunucos pela violência dos homens (“há outros a quem os homens fizeram tais”, v.12) e outros “que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus” (v.12). Esta palavra é concluída com a observação de Jesus. “Quem é apto para admitir, admita” (BORNSCHEIN, 2014, p. 66).

De acordo com Bornschein (2014, p. 67), Mateus utiliza a palavra “eunuco” no sentido metafórico. “Os que se fazem eunucos por amor ao reino”, é uma “maneira figurada de Jesus se referir àqueles que renunciam ao casamento por amor ao reino de Deus”. E o autor poderia ter sido mais explícito no sentido de que renunciam o amor conjugal em detrimento do amor ao reino de Deus.

O apóstolo Paulo é outro exemplo de pessoa não casada na Bíblia. O texto de 1Coríntios 7.6-9 traz alguns esclarecimentos do apóstolo sobre a vida de solteiro/a e sobre a sexualidade no casamento.

Digo isso como concessão, e não como mandamento. Gostaria que todos os homens fossem como eu; mas cada um tem o seu próprio dom da parte de Deus; um de um modo, outro de outro. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas: é bom que permaneçam como eu. Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo (1Co 7.6-9).

No entender de Burns (2017, p. 186), o apóstolo Paulo estava tão satisfeito com sua vida de pessoa não casada que desejava que outros pudessem seguir seu exemplo. Em 1Coríntios 7.7 ele diz que “ser solteiro é um dom, algo positivo, não motivo de frustração ou de piadas. Em 1Coríntios 7.25-35,40, a pessoa solteira pode entregar-se ao serviço do Senhor com dedicação exclusiva (BURNS, 2017, p. 186).

A respeito do texto de 1Coríntios 7, McCulley (2008, p. 34) entende que Paulo “ratifica o casamento, enaltece as vantagens de ser solteiro/a, admite que nem todas as pessoas estão preparadas para permanecerem solteiras, reconhece a realidade das tensões sexuais e das paixões humanas” e ainda defende, segundo o contexto do texto bíblico, duas alternativas: “não se casar e ter autocontrole ou ser monógamo com apenas períodos limitados de abstinência sexual, de comum acordo entre o casal”. Estes são conselhos de Paulo, e não uma imposição de restrições,

como ele mesmo afirma no versículo 6: Digo isso como concessão, e não como mandamento. No versículo 7, Paulo faz uma referência sobre dom que é traduzido da palavra grega *charisma*, conforme McCulley (2008, p. 37).

Nesse sentido, pode-se concluir que a teologia bíblica não faz referência à obrigatoriedade do casamento para assumir trabalhos no reino de Deus, seja na igreja ou nos campos missionários, como apregoam algumas igrejas evangélicas. A recomendação para o casamento é para quem não consegue ser celibatário/a, o que não significa que as pessoas não possam conseguir, da forma como entendem algumas igrejas evangélicas que a pessoa solteira não consegue ser celibatária.

A não valorização do carisma do celibato em igrejas evangélicas é um empobrecimento eclesial e ministerial, afirma Bornscheim (2014, p. 94). “Deixa-se à margem pessoas que, se fossem compreendidas, acolhidas e tivessem recebido o devido suporte, se tornariam uma força apostólica e missionária no universo das igrejas evangélicas”. Além disso, “há que se valorizar as incontáveis pessoas que ao longo do cristianismo se consagraram como solteiras celibatárias para melhor servir à Deus em suas igrejas, em dedicação à comunidade e serviço social como estilo, vocação e significado de vida” (AUGUST, 2012, p. 17).

Para Esperandio (2001, p. 123), em relação ao que e vive e se pratica em muitas igrejas em relação ao sujeito, ou seja, “o modo de subjetivação” produzido na instituição religiosa, “evidencia a dificuldade em lidar com o outro como diferença constituinte de uma subjetividade sempre emergente. O outro é compreendido na sua individualidade, como “público alvo” para fazer dele/a o meu igual.” Seguindo esse pensamento, August (2012, p. 92) afirma que, na igreja, as pessoas percebem que devem se casar para serem recebidas como iguais. Assim, “diante da pessoa solteira se coloca a necessidade e o desafio de que cada uma se afirme na posição singular que ocupa [...]”. Isto significa ir para a Bíblia para nela embasar novas propostas afirmativas que valorizem o modo de vida de pessoas solteiras e proponham cuidados especiais com as pessoas sozinhas (AUGUST, 2012, p. 114).

Existem muitas mulheres solteiras de igrejas evangélicas desbravando trabalhos missionários transculturais, lutando contra preconceitos de suas igrejas e do próprio campo de missões, bem como com seu próprio desejo latente ou oculto de contrair matrimônio. Estão em vida celibatária provisória, convictas de que o chamado é de Deus, é válido e é bíblico. Mas, não é sem dificuldades que elas procuram cumprir sua missão.

Bezerra (2017) aponta algumas práticas para as pessoas solteiras que desejam se manter celibatárias:

Discernir o estilo de vida para o qual o Senhor nos chamou; Renovar o compromisso de decidir pela soberania divina; Concentrar-se nas tarefas e buscar plena realização em Deus; Vencer a solidão e as pressões sociais; exercitar a disciplina da solitude; viver cada dia sem antecipar o amanhã (Mt 6.34); ter bom senso e não concentrar-se em si mesma; fugir das tentações (2Tm 2.22); Programar férias e dias de descanso; desenvolver amizades saudáveis; manter uma relação profunda com Deus pela oração e meditação na Palavra; pertencer a um grupo; buscar mentoria; ler bons livros e programar atividades culturais (BEZERRA, 2017, p. 161-168).

Portanto, muitas ações podem ser implementadas para apoiar a atividade missionária realizada por pessoas solteiras em campos transculturais como a África, mas o principal é reconhecer a validade do chamado de pessoas solteiras por ser bíblico, autêntico e necessário para contribuir com a divulgação do Evangelho em todas as nações. E esse reconhecimento, na prática, deve acolher a pessoa solteira em suas necessidades da mesma forma que as casadas são acolhidas, e aceitar e reconhecer seus dons, lhe outorgando autoridade, estimando e provendo o sustento necessário.

6.4 O CUIDADO PASTORAL DE PESSOAS SOLTEIRAS

“Se a fé se consuma em atitudes, também a igreja deveria rever seus conceitos e hábitos no questionamento das premissas básicas em seus costumes com as pessoas solteiras adultas”
(AUGUST, 2012, p. 94).

A pesquisa tem demonstrado diversas demandas de cuidado pastoral específico para as missionárias solteiras em campos multiculturais. Surgiram vozes de anúncio de pressão ao casamento, pressões interculturais, solidão e até abandono no campo missionário por parte de igrejas enviadoras que causam tristeza para algumas das missionárias. Também se evidenciou falta de aconselhamento empático, especialmente em ouvir sobre as dificuldades práticas das missionárias que causam sofrimento para além das vantagens e desvantagens que justifiquem a atuação com solteira em um campo missionário africano.

Muitas expressões ditas às pessoas solteiras, mesmo com boa vontade, mas ao acaso, não lhes fazem bem. Como agir de modo que se possa demonstrar

acolhimento a elas? Clarke (2017, p. 210) diz que o ponto de partida para compreender as pessoas solteiras é ouvir ao invés de falar. “Ouça meu coração ao invés de dizer o que deve estar dentro dele”, enfatiza a autora. Para ela, algumas pessoas solteiras estão lutando com o fato de serem solteiras, outras alcançaram um lugar de contentamento, mas, “a maioria oscila entre esses dois pontos”. As pessoas solteiras são indivíduos que “reagem de forma diferente, sofrem de forma diferente e se expressam de forma diferente”, prossegue ela.

Eu não sou como você quando era solteira. Eu não sou como a outra missionária solteira que você conhece. Invista tempo em me conhecer em vez de fazer pressuposições sobre mim e você chegará muito perto de me ajudar a florescer como indivíduo [...]. Temos interesses, opiniões, atividades e sonhos que são parte de quem somos, independentemente se vamos nos casar ou não no futuro [...]. O que eu espero das pessoas que estão à minha volta não é pena, mas ser tratada como uma pessoa completa. Não sou simplesmente uma metade (e a metade menor) de alguma parceria futura que pode ou não se materializar. [...] Quando eu sofro, não preciso de sugestões ou conselhos, nem preciso que me digam que eu estou muito melhor assim como estou. Só preciso de um amigo que caminhe comigo em minha dor, sem me julgar e que permita que eu expresse o que eu sinto sem dar respostas banais para perguntas impossíveis. E alguém com quem eu possa relaxar ou me divertir ou fazer uma refeição. Alguém que possa me ajudar com coisas práticas que eu simplesmente não consigo fazer sozinha. (CLARKE, 2017, p. 210, 211).

O texto de 1 Tessalonicenses 3.12, “que o Senhor faça crescer e transbordar o amor que vocês têm uns para com os outros e para com todos, a exemplo do nosso amor por vocês” faz pensar no que tem movido o esforço das pessoas no âmbito de igrejas cristãs. Tem o amor Deus transbordado em nossas atitudes e práticas no exercício de nosso lugar na igreja de Cristo em relação às pessoas adultas solteiras?

O cuidado pastoral ocorre num trabalho de proximidade, no trato pessoal de irmãos e irmãs que demonstram o cuidado de Deus em meio às circunstâncias. O incentivo para o serviço no Reino de Deus em sua igreja ajuda a manter a vitalidade de pessoas solteiras adultas (AUGUST, 2012, p. 94).

Van der Meer (2017, p. 61), ao entrevistar missionárias, descobriu que o cuidado pastoral a elas é uma necessidade seriamente negligenciada. “Careciam também de oportunidades de descanso e apresentavam quadros de tristeza e depressão com mais frequência do que obreiras casadas”. Além disso, a autora reconhece que as missionárias “não são invulneráveis a tentações sexuais”. E indaga como podem ser esses assuntos tratados com mais responsabilidade na fase

de preparo missionário para se evitar “mal-entendidos, sofrimento, humilhação e até mesmo escândalo”. No seu entender, “espera-se que haja, ao menos, conversas muito francas, abertas” e a orientação de conselheiro/a e de preferência, psicólogo/a “para abordar esses assuntos com a devida maturidade” (VAN DER MEER, 2004, p. 276).

Allender e Crabb (2000, p.158) concordam que a vida cristã somente se torna completa no compartilhamento da vida, como no caso do supremo exemplo de Deus, que deu o Seu Filho único para que todo aquele que Nele crer não morra, mas tenha a vida eterna (Jo 3.16). É um desafio também gastar a vida em favor das outras pessoas.

Existe poder na comunidade. É o poder da conexão (com um grupo de pessoas e não apenas com um conselheiro), o poder de entrar na vida de uma pessoa com a energia de Cristo, de ver o coração da pessoa com a mente de Cristo, de tocar a sua alma com o amor de Cristo (ALLENDER; CRABB, 2000, p.158).

Os autores prosseguem afirmando que no meio de vidas complicadas, “o Evangelho de Jesus Cristo constrói uma ponte” entre as pessoas e Deus e entre elas próprias. “Ao aprendermos a atravessar a ponte, a nos conectarmos com Deus e com o seu povo, nós nos tornaremos mais vivos. As lutas continuarão, mas serão tiradas do centro de nossas vidas pela realidade dos significados de: alegria, perseverança e amor” (ALLENDER; CRABB, 2000, p. 164).

Quem gostaria mesmo de ajudar uma pessoa adulta solteira deve se envolver com ela e se propor a ouvir sem reservas, “não querendo entregar prontamente soluções aparentemente óbvias: “Saia mais!”; “Seja menos exigente!”; “Seja mais simpática, mais atraente, mais...”. Além disso, “seu conselho nessa hora, por mais bem-intencionado que seja, provavelmente já foi muito cogitado por ela e não encontra um lugar de coerência em seus propósitos de vida e sua história”. (AUGUST, 2013, p. 105).

Por outro lado, parece que em alguns casos, atitudes de negação de determinados sentimentos em relação à pressão da solteirice tem sido estratégia da pessoa solteira para lidar com suas questões mais íntimas. Assim, ela se expõe menos, considerando que não é fácil encontrar alguém que a ouça sem julgamentos ou que não queira logo ajudar a encontrar um casamento, sem tentar ao menos compreender as reais motivações da pessoa ao não casamento (AUGUST, 2013, p.

108). A mudança de atitude, em perceber e questionar as formas de tratar a situação de pessoa solteira, de não se curvar aos imperativos do casamento do tipo, “tem que casar!”, é uma forma de trabalhar um processo de individuação. “Existe a necessidade de buscar estratégias afirmativas, criando novas práticas discursivas que vão sendo assimiladas aos poucos para mudança de orientação sobre a tratativa das pessoas casadas em relação às solteiras” (AUGUST, 2012, p. 112).

Murray (2008, p. 220), a partir de sua experiência como solteira por 17 anos na Ásia, destacou a necessidade de crescimento espiritual para expandir a própria fé. Os textos de Hebreus 5.12 e 6.3 exortam a avançar para uma maturidade espiritual e entendimentos mais sólidos. Durante seu período no campo missionário, ela tirou proveito das lições decorrentes dos desafios que se apresentavam no convívio intercultural para aprender lições para seu próprio crescimento espiritual e capacidade de discernimento. Segundo ela, por sua natureza, a missão transcultural existe, não apenas para espalhar as boas novas de Cristo através da proclamação e demonstração, mas também para encorajar o crescimento espiritual e o desenvolvimento daquelas pessoas que ouviram e aceitaram a Cristo como seu salvador.

Nesse sentido, Murray precisou desenvolver uma rotina bíblico-devocional bem mais sólida, diferente daquela que necessitaria em seu país. Isso devido aos desafios da vivência numa cultura diferente. Ela precisava aprender a estar aberta e valorizar as formas alternativas de fazer as coisas, reexaminar e expandir as expectativas e limites, normalmente sem estruturas de apoio, bem como estar em constante avaliação dos valores culturais em suas forças e fraquezas nos aspectos que se aproximavam ou não da semelhança de Cristo. Assim ela desenvolveu sua própria vida devocional e relacionamento pessoal com Deus. Além disso, os relacionamentos de amizade e confiança numa fé compartilhada com outras pessoas, abrindo possibilidade de oração e conversas sobre problemas onde todos podiam aprender, foi importante para o seu crescimento espiritual (MURRAY, 2008, p. 222).

De acordo com Farias, as mulheres solteiras quando mais jovens vão para o campo missionário sem um senso de urgência na área da conjugalidade, e mais tarde, algumas delas têm muita dificuldade de lidar com isso. Algumas sentem que não podem mais continuar trabalhando na missão sem um marido. “Se esse sentimento não for compreendido adequadamente, elas, ou outras pessoas, podem

considerar um sinal de fraqueza, de fracasso, retrocesso ou desistência do ministério” (FARIAS, 2017, p. 65). Para a autora, “como um passarinho recém-nascido fora de seu ninho, as mulheres engajadas no trabalho missionário anseiam por proteção. Em vez disso, elas são alvo de críticas de várias fontes”.

Muitas culturas que recebem o trabalho missionário não compreendem porque uma mulher não se casa e a bombardeiam com perguntas desagradáveis e pressuposições. Pessoas bem-intencionadas de seu país natal, inclusive [...] [pessoas que aconselham], podem também fazer comentários insensíveis como: ‘você tem que se arrumar, precisa cuidar da aparência e ficar mais bonita para conseguir casar’; ‘Você está orando ou crendo o suficiente no poder de Deus, senão já teria arrumado um marido’; ‘Você é independente demais e ninguém vai se aproximar se você não mostrar que tem necessidades’ ou ‘por muitos anos você negligenciou essa área de sua vida exercendo seu ministério, agora está apenas colhendo as consequências’ (FARIAS, 2017, p. 65).

Obviamente, existem desafios para as pessoas solteiras. Tais desafios relacionam-se ao esforço pessoal de facilitar seu reconhecimento e aceitação/integração na família e igreja. Elas poderiam exercitar a iniciativa perdendo o temor de uma autoexposição, compreender suas reais motivações para o casamento ou não casamento, buscar escolhas afirmativas para sua vida, exercitar o perdão a si mesmo/a e aos outros e também compreender as necessidades e motivações das pessoas casadas (AMADOR E KIERSKY, 2003).

Discorrendo sobre a poimênica³⁷ no Novo Testamento, Schneider-Harpprecht (1998, p. 296) afirma que Jesus apresentava-se na sua pregação e prática como reconciliador entre Deus e os seres humanos, através do amor e perdão divinos. Para o autor, a poimênica convida o ser humano a se amar e se valorizar, resistindo contra as forças que destroem a vida e o motiva para viver o amor e fazer a sua parte na transformação de situações de sofrimento imposto por outros. “Ela ajuda no desenvolvimento de laços sociais (*networking*) na comunidade que integram e protegem as pessoas, as tornam mais fortes e menos vulneráveis em crises” (SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 313).

Para Van der Meer, “deixar a família para servir ao Senhor em um país distante significa pagar um preço muito alto, o que leva muitas missionárias solteiras a lutar contra uma carência afetiva e contra o sofrimento causado pela saudade”. E alerta que, se não forem bem preparadas, acompanhadas e cuidadas, “há uma

³⁷ Na visão de Schneider-Harpprecht (1998, p. 313), “a poimênica é uma dimensão da vida da comunidade cristã que encontra no aconselhamento pastoral em igrejas o seu campo principal de trabalho.”

grande possibilidade de que essas missionárias solitárias se tornem tão carentes ao ponto de se tornar vítimas fáceis de homens com vários tipos de interesse”. Ela conta ainda sobre uma missionária que se apaixonou no campo missionário por uma pessoa que fingia ser quem não era e felizmente a agência dela, quando soube do assunto, trouxe-a de volta ao Brasil, à casa de seus pais até que se curasse dessa paixão e depois “voltou a servir muito bem num campo missionário” (VAN DER MEER, 2004, p. 273). Nesses casos, a autora sugere que ajuda pastoral, retaguarda de oração e amizades maduras de pessoas em contato constante podem ajudar muito, além de pastorearem umas as outras no campo de missões, pastoreio de pessoas casadas, e amizades profundas com famílias nacionais (*Ibid.*, p. 274).

Da mesma forma que as missionárias, Azevedo (2017, p. 8), 47 anos, atuante a 17 em Moçambique como missionário solteiro, diz que ser exceção nunca é fácil. Ele conhece poucos missionários solteiros como ele. Sobre a vida de pessoa solteira, cita uma grande dificuldade: “é que você encontra poucas pessoas que realmente são capazes de entender seus dilemas, as que tentam entender ou ajudar tem sempre a mesma receita: então, porque você não se casa?” Ou seja, ele é confrontado todo o tempo com o questionamento externo, mas sente-se pouco ajudado, ou pelo menos, parece explicar pouco a elaboração própria, se foi alcançada.

Nesse contexto, a dependência de Deus torna-se maior. É nos momentos de maior angústia e solidão que tenho conhecido mais de perto o amor e o cuidado de Deus. Se alguém me perguntar se algum dia eu aconselharia alguém a permanecer solteiro como missionário, especialmente trabalhando em África, eu certamente negaria. Por outro lado, para aqueles a quem Deus tem dado uma convicção clara desse dom, eu diria com segurança, que sim, é possível ser solteiro no campo missionário e sentir-se realizado, respeitado e ver seu trabalho gerando frutos para a glória de Deus. Tem sido assim em minha vida (AZEVEDO, 2017, p. 8).

Além disso, o campo missionário tem vários desafios para a pessoa solteira. Pruitt (2017, p. 105-108) acredita ser a missão transcultural um alto risco em termos de desafios sexuais. A tentação sexual é provocada por convites de prostitutas em diversos lugares públicos, cartazes pornográficos e quando se passa muito tempo com alguém de quem se sente atraído/a. Outra razão apontada por ela é o anonimato que se vive em outro país, e “à medida que uma pessoa se torna parte de uma nova cultura não só o seu comportamento muda, mas também seus

pensamentos, crenças e padrões que são desafiados através da exposição a outros pontos de vista”.

O estresse ou tédio, tanto pode diminuir o impulso sexual, como podem também levar a uma frustração, e alguns sentem que a atividade sexual é a forma de reduzir sua frustração. Outra razão também é o isolamento e solidão numa cultura estrangeira, longe de sua rede de apoio familiar e de amigos, e falsas interpretações em amizades com o sexo oposto de outra cultura (PRUITT, 2017, p. 105-108).

Além disso, a autora aconselha as pessoas a se cuidarem com suas vestimentas, pois em numerosas culturas o homem acredita que tem o direito de aproveitar-se sexualmente de uma mulher que, através de sua forma de se vestir, demonstra baixos padrões de sexualidade. Ademais, em muitas culturas uma ação legal não aconteceria no caso de uma mulher ter sido estuprada.

A respeito do tipo de consolo por parte de pessoas bem intencionadas, que muitas mulheres solteiras recebem, Clark (2017, p. 199) fez uma lista com 21 frases ditas a ela durante a sua vida e as analisa, dizendo a razão de serem inúteis. Muitas delas soam como crítica ou julgamento tais como: “Deus quer lhe ensinar algo primeiro”; “Deus está aperfeiçoando você”; “um bom pai disciplina seus filhos”, as pessoas desejam encorajar a pessoa solteira com a ideia de que o casamento é um presente maravilhoso que chegará algum dia. “Não acho que o casamento torne a vida fácil, mas sei com certeza que ser solteira não é fácil” (CLARK, 2017, p. 218).

Não é sempre tão fácil falar de assuntos que, para muitas pessoas, ainda são controversos. Há questões na vida sentimental para as quais não se tem respostas e nunca se vai ter. Existem fatos que provocam sentimentos que não se explicam, simplesmente aparecem (AUGUST, 2013, p. 27).

Falo isso como alguém que vivenciou a solteirice por “intermináveis” anos. Demorei muito para compreender porque eu estava solteira. E durante os anos de solteira, na maioria das vezes que me perguntavam algo em relação ao meu estado civil eu não tinha respostas. Isso me causava um sentimento ruim, de incapacidade, de autopiedade, de vazio e de tristeza. Não gostava que me perguntassem, pois raramente tinha uma resposta convincente para mim mesma, quanto mais para os outros (AUGUST, 2013, p. 27).

Além disso, segundo a autora (*id.*), “soavam terríveis” os conselhos que vinham sem ao menos terem se importado com as suas motivações.

Então não sei o que era pior, as perguntas, para as quais eu não tinha respostas, ou os conselhos, sem se preocupar com as motivações. Esse

não saber, nos faz sentir cada vez mais estranhos e problemáticos. Aprendi que não é com uma breve conversa que se compreende a pessoa solteira adulta, mas com um convívio de verdadeira empatia onde a pessoa solteira pode falar repetidamente suas muitas “aparentes incoerências” sem se sentir uma problemática e alguém extremamente incomum (AUGUST, 2013, p. 27).

Nesse sentido, existem muitas razões para estar solteiro/a, e diálogos longos, persistentes e francos, de preferência especializados ajudam a descobrir essas motivações. Isso permite às pessoas fazerem escolhas mais afirmativas e terem respostas mais realistas para os seus questionamentos.

Enfim, a comunidade cristã precisa estar atenta a toda forma de cuidado das pessoas, inclusive daquelas que estão no campo missionário dando seu tempo e sua vida pelo trabalho no reino de Deus. As necessidades existem, como para as pessoas casadas, e não simplesmente porque estão solteiras. Elas têm sim, questões da conjugalidade em aberto que necessitam decifração. Mas, o apelo do alto lhes é caro. Conjugalidade e fé são duas forças tencionando a vida da pessoa solteira em celibato provisório. Há o desejo de casar, em algumas fases da vida mais forte do que em outras, mas a noção de importância em obedecer à vontade de Deus se sobrepõe, como em muitas falas destacadas das pessoas entrevistadas. O cuidado espiritual empático, por suas igrejas de origem no Brasil, no sentido de ouvir simplesmente e estar mais próxima é o que elas precisam e desejam e não respostas prontas sem compreensão da realidade emocional de cada uma delas individualmente. Esse cuidado pode e deve ser uma realidade para essas mulheres solteiras que vivem em contextos de sofrimento e privações, acrescidos de seus dilemas de conjugalidade e fé.

CONCLUSÃO

Esta análise, em base fenomenológica, pretendeu compreender a experiência de ser missionária solteira brasileira em missões na África, representada por três países de língua portuguesa, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Colaboraram com a pesquisa 25 missionárias e 20 pessoas nativas, através de entrevistas gravadas. Foram destacadas, das falas das missionárias solteiras, as questões de fé e conjugalidade, e a atuação como solteira, considerando o contexto cultural africano destacado também nas falas de pessoas africanas.

A pesquisa foi problematizada no questionamento se a fé e a mensagem de pessoas solteiras missionárias evangélicas atuantes em culturas africanas de língua portuguesa poderiam estar comprometidas, sem a compreensão da conjugalidade não resolvida para essas pessoas. A hipótese é de que o desejo de casar continua em aberto para as pessoas que não assumem o celibato definitivo como estilo e vocação de vida, gerando tensões que afetam sua vida de fé, sua mensagem e sua noção de êxito como missionária.

A pesquisa demonstrou que as expressões da fé destacadas nas declarações das entrevistas, aliadas ao cuidado nas atitudes para com a cultura local, constituíram um forte e eficaz modo de enfrentamento das tensões existentes da cultura em relação à conjugalidade e à atuação como missionária solteira em campo africano. Portanto, a fé não foi fragilizada por causa das tensões e sim se apresentou como potência no enfrentamento, por conta dos desafios nas mais diversas áreas. E também a mensagem e o ensino do Evangelho não são comprometidos ao serem transmitidos por uma missionária solteira.

Esta análise de abordagem fenomenológica sugere algumas implicações para os projetos de campos de missões quanto ao envio de missionárias solteiras. Em primeiro lugar, existe um contexto cultural diversificado a ser considerado. Entre outros aspectos, evidenciou-se o tratamento excludente às pessoas solteiras e às mulheres inférteis, nativas de culturas africanas, além da desigualdade de gênero que subjuga a mulher pela manutenção do machismo e poligamia. Para compreender esses comportamentos, é necessário considerar o fator sobrevivência e a perpetuação do grupo com suas regras aprendidas na oralidade, de geração em geração. A pessoa é dignificada ao aderir à estratégia econômica comumente usada

para sobrevivência do grupo: Quanto mais esposas, mais filhos, e quanto mais filhos, mais riqueza. Além disso, as mulheres constituem mão de obra para a agricultura. Também por essa razão, se estabelece a pressão social ao casamento.

A pressão ao casamento é seguida pela pressão à procriação obrigatoriamente necessária para validar a união conjugal, ao ponto de existirem povos onde se deve devolver o valor pago pelo dote caso a mulher não procrie, ou somente pagar o dote depois que a mulher gerou o primeiro filho. A devolução da mulher infértil é requerida pela família do homem, resultando em desprezo e exposição a situações humilhantes. Na maioria das situações, a postura de mulheres africanas comprovou ser de rendição consciente ao machismo intencional na forma de fazer valer os interesses do grupo em relação ao que acreditam ser necessário à sobrevivência.

Considerando que o casamento é a regra em sociedades africanas, existem muitas formas de repressão intencional e consciente da condição de pessoa solteira. Acontece através da desvalorização, ridicularização e cerceamento em culturas cuja consciência é orientada pela vergonha. E é esse o contexto que não pode passar despercebido para as missionárias solteiras. Isso demanda algumas posturas por parte de missionárias estrangeiras para poderem conquistar o respeito e realizar seu trabalho.

Em segundo lugar, a pessoa solteira estrangeira necessita de alguns anos para ganhar a confiança do povo e ser respeitada e aceita. Pessoas nativas precisam compreender o papel dessas pessoas para poder fazer sentido a elas, por ser estranho e sem sentido para culturas que reprimem o individualismo. Por outro lado, o rigor para com as pessoas solteiras estrangeiras não é o mesmo adotado para as pessoas nativas por entenderem que há diferenças culturais. Existe consideração positiva para com as pessoas estrangeiras, que em alguns contextos são vistas como superiores.

Em terceiro lugar, por mais que a mensagem do evangelho seja bem recebida, a maioria das missionárias sente dificuldade em tratar de assuntos para os quais o povo local considera ser mais adequado falar quem tem experiência prática (pessoas casadas), no caso, para os temas ligados a casais e famílias. Mas, elas acreditam aceitarem bem a mensagem do evangelho desde que conquistem a confiança, adquirida ao longo do tempo e conhecendo e aprovando as atitudes da missionária.

Em quarto lugar, as desvantagens de estar como solteira no campo missionário estão associadas aos sentimentos de solidão, saudade, vulnerabilidade, carência afetiva e sentimentos de inferioridade por causa de comentários diminuidores da pessoa solteira e das diferenças culturais. Por outro lado, foram apontadas vantagens como: liberdade de horário, autonomia, maior produtividade, facilidade e maior rapidez para atender ao chamado para missões, flexibilidade para viagens, adaptações a contextos mais difíceis, envolvimento na cultura de forma mais profunda.

Em quinto lugar, as restrições quanto ao envio de pessoas solteiras deveriam ser revistas por algumas igrejas e agências missionárias. Pois, constatou-se que é possível realizar a obra missionária em obediência fiel ao chamado, pelas próprias pessoas solteiras, mesmo muitas vezes não havendo acompanhamento da liderança com estímulo e prestação de contas.

Em sexto lugar, as questões da conjugalidade, agravadas com a pressão para o casamento, tanto da parte de pessoas brasileiras quanto de nativas, em detrimento da expectativa própria revelada por missionárias, requerem atitudes de enfrentamento, considerando que, para essas pessoas, “o Reino de Deus é maior do que sua escolha pessoal.”

Em sétimo lugar, o enfrentamento da pressão e da expectativa da conjugalidade depende de atitudes da própria pessoa no sentido de examinar suas prioridades e elaborar suas restrições, utilizando os meios presentes e possíveis, que estão à sua disposição. Expor seus questionamentos e indignações para Deus em forma de oração, súplicas e lágrimas, e também para pessoas dispostas a lhe ouvir sem reservas, são práticas positivas detectadas nas entrevistas. Também a busca de textos bíblicos, a oração, os conselhos expressos com sensibilidade e as reflexões sobre a própria convicção conduzem a respostas que vão ao encontro de seus projetos e chamado missionário.

Em oitavo lugar, em suas expressões da fé, missionárias se referem a Deus no enfrentamento das mais diversas situações. Essa fé é percebida na estratégia para tratar com as diferenças culturais, continuar desenvolvendo o trabalho iniciado, lidar com a pressão e desejo de casamento, com o sentimento de inferioridade, na proteção, suprimento e cuidado, e ao capacitar e dar condições para atender ao chamado.

A fé identificada das missionárias, que chama das mais diversas formas, para o campo de missões, é a mesma que sustenta, protege, direciona e permite se relacionarem em oração com Deus. Em nome dessa fé, há um caminho de resignação e entrega de todos os outros sonhos, pois, para missionárias, “seja feita a vontade de Deus”. E, todas as missionárias entrevistadas, de alguma forma, se consideram bem-sucedidas no campo africano.

Através da compreensão fenomenológica desse estudo, as igrejas e agências poderão avaliar seus projetos juntamente com as pessoas cujo chamado inicial não inclui o casamento. O valor do estudo também contempla o campo da missiologia e da etnografia, dos lugares de formação missionária. E pode servir de estímulo e inspiração para missionárias solteiras. Os achados da pesquisa demandam a ação da teologia na penetração das culturas, preservando sim, aquilo que valoriza a vida e desconstruindo para reconstruir os costumes que ferem a dignidade humana independentemente do gênero ou classe social. E demandam também ações de mais comunicação e cuidado entre as igrejas e suas missionárias enviadas.

Contudo, é possível reconhecer as limitações da pesquisa. Assim, futuras pesquisas poderiam incluir na amostra, pessoas que não se consideraram bem-sucedidas como solteiras no campo de missões, ou por não darem conta da pressão cultural, ou por terem se envolvido afetivamente no campo, ou ainda, as que tiveram casamentos não tão bem-sucedidos, principalmente com nacionais. Poderiam, ainda, serem estudadas as pessoas que retornaram do campo por não terem entendido o chamado, ou porque se desentenderam com sua igreja ou agência. Vários temas não puderam ser aprofundados como as considerações sobre o evangelho e a cultura como possibilidades para missão transformadora, bem como o cuidado pastoral de missionária solteira em campos transculturais.

Este estudo empodera a voz das missionárias, principalmente por terem vivenciado as exigências sentidas na prática, do machismo, do preconceito para com as solteiras e sem filhos, e da desconfiança, principalmente das mulheres. E a própria experiência de estarem solteiras no campo missionário lhes confere autoridade para falar às suas igrejas e agências. Muitas foram sozinhas, convictas de seu chamado, embora suas igrejas não aprovassem o envio de solteiras. Elas percebem e comprovam a visão reinocêntrica da missão em detrimento da eclesiocêntrica, reafirmando que é Deus, o Senhor da missão, quem envia. É a *Missio dei*, daquele que primeiro enviou o seu filho (João 3.16). Elas superam os

desafios culturais africanos e conquistam um lugar de atuação onde podem ser ouvidas e a mensagem transmitida. E percebem vantagens em estar como solteira para melhor atender ao chamado mesmo reconhecendo os desafios da solidão, da própria igreja de origem quando as deixa sozinhas. Por causa disso, as missionárias recomendam: “enviem equipes, não por ser solteira, mas por estar sozinha”.

Portanto, pelo fato de estarem as missionárias solteiras, abertas a um casamento, precisam lidar com o desejo de casar consoante a tudo o que isso implica, especialmente os sonhos, sentimentos de solidão, tentações, carência, e a contínua esperança de que o casamento um dia “vai chegar”. E segue se transformando num “pode chegar” e, em alguns casos, num consciente e desejado “é melhor não chegar”.

REFERÊNCIAS

- ABOIM, Sofia. **Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 24, n. 70, p.107-122, Jun 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3/5/2015.
- ADEYEMO, Tokunboh. Comentário de Daniel. In Tokunboh Adeyemo (Ed. Geral). **Comentário bíblico africano**. Um comentário em um volume escrito por 70 eruditos africanos. São Paulo. Mundo Cristão: 2010. 1625p.
- ALES BELLO, Angela. **Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica**. Bauru-SP: EDUSC, 1998.
- _____. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Bauru-SP: EDUSC, 2004.
- _____. **Il senso del sacro: dall'arcaicità alla desacralizzazione**. Roma: Castelvechi, 2014.
- _____. A mulher: história e problemas. As raízes cristãs do feminismo. In Clélia Peretti (org.). **Filosofia do gênero em face da teologia**. Espelho do passado e do presente em perspectiva do amanhã. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 291-338.
- ALLENDER, Dan; CRABB, Larry. **Esperança no Sofrimento**. São Paulo: Sepal, 2000.
- AMADOR, Xavier; KIERSKY Judith. **Ser solteiro (a) num mundo de casados**. São Paulo: Gente, 2003.
- AMATUZZI, Mauro Martins. **Fé e ideologia na compreensão psicológica da pessoa**. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v.16, n.3, p. 569-575, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23/4/2015.
- _____. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de psicologia** (Campinas), 26(1), 93-100. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a10v26n1.pdf>>. Acesso em: 9/5/2017.
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. 2010. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **In Estudos de Psicologia**. Campinas. 27(2) p. 259-268. abril – junho. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>>. Acesso em: 10/8/2017.
- ANDRADE, Darlane S. V. **'A solteirice em salvador': desvelando práticas e sentidos entre adultos/as de classes médias** ' 01/09/2012 312 f. Doutorado em Estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14307/1/Tese%20Darlane%20Andrade_A%0solteirice%20em%20Salvador.pdf>. Acesso em 9/4/2015.

ARTUSO, Vicente. Bíblia e Gênero: Fundamentos na teologia da criação e na prática de Jesus. In Clélia Peretti (org.). **Filosofia do gênero em face da teologia**. Espelho do passado e do presente em perspectiva do amanhã. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 99-118.

AUGUST, Mariluce Emerim de Melo; ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras de comunidades protestantes **In III Congresso Nacional da ANPTECRE**, 2011, São Paulo. III Simpósio Internacional de teologia e Ciências da Religião. São Paulo: Seth Design, 2011. p. 1 – 15.

AUGUST, Mariluce Emerim de Melo. Curitiba, 2012. **Processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras de comunidades protestantes**. 161 f. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Teologia Stricto Sensu. PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

_____. **Dilemas do Estado Civil**. Compreendendo pessoas solteiras. Curitiba: Esperança, 2013. 199p.

_____. 2015. **Pessoas adultas não casadas e práticas teológicas contemporâneas de reorientação da vida analisadas sob o texto bíblico de Jó**. Anais do I Congresso Lusófono de Ciências das religiões. V. XXIX, 2015, p. 5-18. Disponível em: <<http://cienciadasreligoes.ulusofona.pt/i-congresso-lusofono-de-ciencia-das-religoes-de-2015/>>. Acesso em: 1/12/2016.

AZEVEDO, Luciano. Missionário solteiro em Moçambique. In Antônia L. Van der Meer; Rúbia M. Moreira (org.). **Solteiros, mas não solitários**: Missionários solteiros no campo transcultural. Londrina: Descoberta, 2017. p. 77-83.

BARTH, Karl. **A Palavra de Deus e a palavra do homem**. Tradução: Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2004.

_____. **Esbozo de Dogmática**. Traducción: José Pedro Tosaus Abadía. Santander: Sal Terrae, 2000.

BEDIAKO, Kwame. As escrituras como intérpretes da cultura e da tradição. In Tokunboh Adeyemo (Ed.). **Comentário bíblico africano**. Um comentário em um volume escrito por 70 eruditos africanos. São Paulo. Mundo Cristão: 2010. 1625p.

BEZERRA, Durvalina. Aceitação do celibato, mantendo relacionamentos saudáveis. In Antonia L. Van der Meer; Rúbia M. Moreira (org.). **Solteiros, mas não solitários**: Missionários solteiros no campo transcultural. Londrina: Descoberta, 2017. p. 155-168.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BORGES, Carolina de Campos. **Permanências e mudanças: Individualismo, trajetórias de vida e família**. 2011. 236 f. Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <[HTTPS://www.google.com.br/search?q=Perman%C3%A2ncias+e+mudan%C3%A7as:+individualismo,+trajet%C3%B3rias+de+vida+e+fam%C3%ADlia&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&dcr=0&ei=jdJbWtGfEla9wATxjbDQAw](https://www.google.com.br/search?q=Perman%C3%A2ncias+e+mudan%C3%A7as:+individualismo,+trajet%C3%B3rias+de+vida+e+fam%C3%ADlia&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&dcr=0&ei=jdJbWtGfEla9wATxjbDQAw)>. Acesso em 9/4/2015.

BORGES, Carolina de Campos; MAGALHÃES, Andrea Seixas. **Individualismo, trajetórias de vida e projetos de constituir família.** *Estud. psicol. (Campinas)*; 30(2); 177-185; 2013-06. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000200004&lang=pt>. Acesso em: 3/5/2015.

BORNSCHEIN, Fred Roland. **Vida consagrada na perspectiva do celibato, diaconia e vida comunitária como um desafio para as igrejas evangélicas** ' 01/03/2011 148 f. mestrado acadêmico em teologia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1931>. Acesso em 9/4/2015.

_____. **Enviados para servir.** A vida consagrada na perspectiva da diaconia e da vida comunitária como um desafio para a igreja. Curitiba: Esperança, 2014. 142p.

BOSCH, David J. **Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission.** Maryknoll: Orbis Books, 1991.

_____. **Missão transformadora.** Mudanças de paradigma da teologia da missão. São Leopoldo: EST/ Sinodal, 2002. 690p.

BROWN, A. R. Radcliffe; FORDE, Daryll. **Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento.** Tradução: Teresa Brandão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1950.

BURNS, Bárbara. A vida de missionária solteira: Desafios, desavenças e deleite. In Antonia L. Van der Meer; Rúbia M. Moreira (org.). **Solteiros, mas não solitários: Missionários solteiros no campo transcultural.** Londrina: Descoberta, 2017. p.183-188.

CABAÇO, José Luiz de Oliveira. São Paulo, 2007. **Moçambique: Identidades, colonialismo e libertação.** 475 f. Tese de Doutorado. 2007. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo.

COMISSÃO DE FÉ E ORDEM. **The Nature and Mission of the Church.** A Stage on the Way to a Common Statement. Genebra: CMI, 2005.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão: edição século 21.** São Paulo: Vida Nova, 2004.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa – escolhendo entre cinco abordagens.** 3. ed. Tradução Sandra Malmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DJALÓ, Tchernó. **O Mestiço e o poder.** Identidades, dominações e resistências na Guiné. 2. ed. Lisboa: Nova Veja, 2013. 302 p.

D'SPÍNDULA Thereza Salomé; FRANÇA, Beatriz H. S. Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade. **In Revista Bioética** (impr.), Brasília, v. 24, n. 3, p. 495-502, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.

php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422016000300495&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 12/5/2017.

ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **A Produção da (In)visibilidade da Pessoa Portadora de Deficiência Mental – Cartografia de uma Comunidade Batista**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). EST, São Leopoldo, 2001.

_____. **Subjetividade Contemporânea e a Pesquisa em Teologia: Uma Religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro**. / organizadores Oneide Bobsin . (et al.). São Leopoldo: Oikos, 2008.

FARIAS, Verônica. Ansiando por proteção, como um passarinho recém-nascido. In Antonia L. Van der Meer; Rúbia M. Moreira (org.). **Solteiros, mas não solitários: Missionários solteiros no campo transcultural**. Londrina: Descoberta, 2017. p. 59-62.

FIOROTTI, Silas André. São Bernardo do Campo, 2012. **“Conhecer para converter” ou algo mais? Leitura crítica das etnografias missionárias de Henri-Alexandre Junod e Carlos Estermann**. 162f. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Disponível em: <[http://docs12.minhateca.com.br/297490149, BR,0,0,SILAS-ANDRE-FIOROTTI.pdf](http://docs12.minhateca.com.br/297490149_BR,0,0,SILAS-ANDRE-FIOROTTI.pdf)>. Acesso em: 20/9/2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOYLE, Marjorie. Lições aprendidas em 90 anos. In Antonia L. Van der Meer; Rúbia M. Moreira (org.). **Solteiros, mas não solitários: Missionários solteiros no campo transcultural**. Londrina: Descoberta, 2017. p. 19-25.

FRANKL, Viktor. **Em Busca do Sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da África anterior aos descobrimentos**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOUVEIA, Valdiney Veloso *et al.* **Correlatos valorativos de atributos desejáveis de um/a parceiro/a ideal**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2010, vol.23, n.1, pp.166-175. ISSN 0102-7972. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000100020&lang=pt>. Acesso em 1/5/2015.

HAUGHT, John F. **Mistério e promessa: teologia da revelação**. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1998. 311p.

HUSSERL, Edmund. Investigações lógicas: Sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). In **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

ILIFFE, John. **Os africanos – história dum continente da história**. Lisboa, Terramar, 1995.

JUNOD, Henri-Alexandre. (1863-1934). **The life of south african tribe. The social life** Vol. 1. Neuchatel: Imprimiere Attinger Freres. 1912. 500p. Disponível em: <https://archive.org/stream/lifeofsouthafric01junouoft#page/500/mode/2up>>. Acesso em 14/1/2018.

_____. (1863-1934). **The life of south african tribe. The psychique life**. Vol. 2. Neuchatel: Imprimiere Attinger Freres. 1912. 590p. / Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924012891135>>. Acesso em 14/1/2018.

KÄSER, Lothar. **Diferentes culturas**. Uma introdução à etnologia. Tradução: George Albert Fuchs. Londrina: Descoberta, 2004. 312 p.

KIRK, J. Andrew. **O que é missão?** Teologia Bíblica e Missão. Tradução: Cesar Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

KNITTER, Paul F. **Jesus e os Outros Nomes**. Missão cristã e responsabilidade global. Tradução: Leszek Lech. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

LÉVY-BRUHL, Lucien. **A mentalidade primitiva**. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2008. 460p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1908. **As Estruturas elementares do parentesco**. Tradução: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982. 540p.

MAIA, Claudia J. Brasília, 2007. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral—Minas Gerais (1890-1948)**. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em História. Universidade de Brasília (UNB). Disponível em: em <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2331/1/2007_ClaudiadeJesusMaia.PDF>. Acesso em 21/10/2017.

MBITI, John S. **African Religions and Philosophy**. 2.ed. Londres: Heinemann, 1989.

_____. **Introduction to African Religion**. 2.ed. Nairobi: Heinemann, 1991.

MC CULLEY, Carolyn. **Solteira e feliz – uma jornada em busca de si mesma**. São Paulo: Vida, 2008.

MC GRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica**. Uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. 664p.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina C. P.; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **In Texto contexto – enferm**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, dez. 2008.

MILFONT, Taciano L.; GOUVEIA, Valdiney V.; COSTA, José B. **Determinantes psicológicos na intenção de constituir família**. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica. v.19 n.1, Porto Alegre 2006, p. 25-33. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-797220060001_00005>. Acesso em 3/5/2015.

MOREIRA, José Mendes. **Fulas do Gabu**. Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. n. 6. Lisboa: CEGP, 1948.

MOUSTAKAS, C. **Phenomenological research methods**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.

MURRAY, Raquel. O desenvolvimento da vida espiritual de uma missionária solteira. In William D. Taylor (org.). **Dignos de cuidados** – Perspectivas globais na melhor prática de retenção missionária. Tradução: César Marques Lopes. p. 220-224. Londrina: Descoberta, 2008. 586 p.

NJOROGE, Nyamburra J. O papel das mulheres na igreja. In Tokunboh Adeyemo (Ed. Geral). **Comentário bíblico africano**. Um comentário em um volume escrito por 70 eruditos africanos. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. 1625p.

NKAFU HKEMNKIA, Martin Nkafu. **Vitalogie comme expression de la pensée africaine**. Paris: L'Harmattan, 2010. 286 p.

OLIVEIRA, Jairo. **Missões e culturas**. O que Igreja e missionários precisam saber antes de partir para o campo. 2 ed. São Paulo: Abba Press, 2008.

OMONISAYE, Henry. *Las llamadas Del Espiritu a La Iglesia em África*. In OLIVERAS, Carlos Martinez (Coord.). **Teologia para nuestra mission - Taller**. Misioneros claretianos – Taller Colmenar Viejo 2012. Colmenar Viejo: Prefectura General de Apostolado, 2012, p. 157-160.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Tradução: Walter O. Schlupp. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. 224 p.

PERETTI, Clélia. Apresentação. In _____ (org.). **Filosofia do gênero em face da teologia**. Espelho do passado e do presente em perspectiva do amanhã. Curitiba: Champagnat PUCPR, 2011. p. 13-17.

PINHO, Osmundo. A antropologia na África e o lobolo no sul de Moçambique. in **Afro-Ásia**, num. 43, 2011, p. 9-41. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77021122001>>. Acesso em: 26/11/2018.

POLKINGHORNE, Donald E (1989). Phenomenological research methods. In R.S. Valle; S. Halling (Ed.), **Existential-phenomenological perspectives in psychology** (p. 41-60). New York: Plenum. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232570351_Phenomenological_Research_Methods>. Acesso em: 2/2/2018.

PRUIT, Rhonda. Porque a missão transcultural é um alto risco em termos de desafios sexuais. In Antonia L. Van der Meer; Rúbia M. Moreira (org.). **Solteiros, mas não solitários**: Missionários solteiros no campo transcultural. Londrina: Descoberta, 2017. p. 105-108.

RICHARDSON, Steve. Equipes de terceira dimensão. In William D. Taylor (org.). **Dignos de cuidados** – Perspectivas globais na melhor prática de retenção missionária. Tradução: César Marques Lopes. p. 260-266. Londrina: Descoberta, 2008. 586 p.

RUSTON, Yvone de Rezende. **O simbolismo da individuação no castelo interior**. 2011. 220 f. doutorado em psicologia (Psicologia clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC/SP. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>. Palavras-chave: Processo de individuação, self, ego, símbolo>. Acesso em 9/4/2015.

SALDAÑA, Johnny. **The Coding Manual for Qualitative Researchers**. In: The University of Auckland – New Zealand. 2015. Disponível em: <<https://canvas.auckland.ac.nz/courses/1227/files/120502>>. Acesso em: 29/7/2017.

SANTIAGO, Emerson. Cultura Angolana. 2012. In Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cultura/cultura-angolana/>>. Acesso em: 25/1/2018.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Aconselhamento Pastoral**. In: Teologia Prática no Contexto da América Latina. Christoph Schneider-harpprecht. (Org.) São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 291– 332.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Isabela Machado da; MENEZES, Clarissa Corrêa; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. **Em busca da "cara-metade"**: motivações para a escolha do cônjuge. *Estud. psicol.*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 383-391, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24/4/2015.

SOUZA, Maria da Conceição F. E. **O papel da mulher no cristianismo primitivo: uma leitura do quarto evangelho**. 2012, 70f. Mestrado Profissional em Teologia. Escola Superior de Teologia – EST. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?CodArquivo=443>. Acesso em 9/4/2015.

TAIBO, Ruben Miguel Mario. **Lobolo (s) no Moçambique contemporâneo: mudança social, espíritos e experiências de união conjugal na cidade de Maputo**. 2012, 127 f. Mestrado acadêmico em antropologia social instituição de ensino: Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/28420>>. Acesso em 9/4/2015.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. 2. ed. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1980. 87p.

_____. **Teologia Sistemática**. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

VALENTE, Francisco. **A problemática do matrimônio tribal**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985.

VAN DER LEEUW, Gerardus. **Phänomenologie der Religion**. Tübingen: H. Laup Jr, 1956.

VAN DER MEER, Antonia Leonora. A Mulher solteira no ministério – Fragilidade e força. In Barbara Lamp (org.). **Mulheres no ministério cristão – Fragilidade e força**. João Pessoa: Betel, 2009. p. 52-57.

_____. Desafios para missionárias solteiras brasileiras. In Kelly O'donnell (org.). **Cuidado integral do missionário** - Perspectivas e práticas ao redor do mundo. Tradução Cesar M. Lopes e Enio C. Pinto. Londrina: Descoberta, 2004. p. 273 – 284.

_____. Cuidado pessoal de nossos missionários. In Rob Hay, Valerie Lim, Detlef Blöcher, Jaap Ketelaar e Sarah Hay (org.). **Dignos de Cuidado** - Perspectivas globais na melhor prática de Retenção Missionária. Tradução Cesar M. Lopes. Londrina: Descoberta, 2008. p. 243 – 246.

_____. Uma missionária solteira em tempos turbulentos. In Antonia L. Van der Meer; Rúbia M. Moreira (org.). **Solteiros, mas não solitários: Missionários solteiros no campo transcultural**. Londrina: Descoberta, 2017. p. 59-62.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Coleção Antropologia. Tradução: Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 2011. 184p.

APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ENTREVISTA COM MISSIONÁRIAS

A. DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

Data da entrevista: _____ Gênero: _____ Idade: _____ Profissão: _____
 Estado Civil: _____ Cidade e estado de procedência/ residência: _____
 Escolaridade: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Graduação Incompleta () Graduação Completa () Pós-Graduação () Fez Treinamento para missões, onde, por quanto tempo: _____
 Já trabalhou como pessoa solteira com mais de 25 anos de idade com missões em algum país da África de língua Portuguesa? _____. Qual? _____. Por quanto tempo? _____.
 É enviado/a de alguma igreja ou agência missionária? Qual? _____.
 Qual é sua igreja/ religião? _____. A quanto tempo? _____.
 De onde provêm os recursos para seu sustento no campo missionário? _____.

B. QUESTÕES SOBRE A COMPREENSÃO DA VIDA DE FÉ E DA SUBJETIVIDADE

1. Como você descreveria sua experiência como pessoa adulta solteira em campo missionário africano: Pontos positivos e negativos quanto ao fato de ser solteira.
2. Você já se sentiu pressionada ao casamento? Em qual faixa etária? Que tipos de conselhos ou comentários você recebe ou recebeu?
3. Você acredita que existe algum sentimento de inferioridade em pessoas pelo fato de serem solteiras? _____. Por quê?
4. Como você percebe a ação de Deus com relação ao seu estado civil?
6. Como aconteceu o seu chamado missionário?

ENTREVISTA COM PESSOAS DE CULTURA AFRICANA

Data da entrevista: _____ Gênero: _____ Idade: _____ Profissão: _____
 Estado Civil: _____ País de procedência na África: _____

- A) Qual é sua etnia, seu povo?
- B) Qual é o costume de seu povo sobre o casamento?
- C) Como é vista a pessoa que se casa, ou porque a pessoa deveria se casar?
- D) Qual é a idade considerada normal para casar? E se demorar para casar? Como é vista a pessoa que não casa?
- E) Existe alguma relação com o casamento e a fé, alguma força, prêmio ou algo a alcançar com o casamento?
- F) Como são vistas as pessoas solteiras – missionários ou missionárias - de outros costumes, como ocidentais que não se casam?

APÊNDICE B – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – GRUPO 1 - MISSIONÁRIAS

Eu, _____, Nacionalidade _____ Idade _____
 Estado civil _____, Profissão _____, CI _____,
 Endereço _____, estou sendo convidado/a a

participar de um estudo denominado **“PESSOAS SOLTEIRAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS EM MISSÕES NA ÁFRICA E SUAS QUESTÕES DE CONJUGALIDADE E FÉ – UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA”**.

Esta pesquisa está sendo realizada no programa de Pós-Graduação em Teologia – Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Tem como objetivo compreender como as pessoas solteiras evangélicas brasileiras em missões na África de língua portuguesa percebem a si mesmas, a sua fé, a fé das pessoas locais em campos missionários, a sua igreja/ agência de origem, a sua conjugalidade e a sua visão de sucesso no campo missionário como pessoa solteira. Os dados para análise serão obtidos de entrevistas semiestruturadas a serem realizadas com pelo menos 25 pessoas de diversas igrejas protestantes, que atuam ou já atuaram por mais de 3 anos como missionárias solteiras, com mais de 25 anos de idade, em países africanos de língua portuguesa.

Este estudo pretende ser compreendido também através de pelo menos 10 entrevistas semiestruturadas com pessoas adultas naturais de países africanos de língua portuguesa, ou naturais destes países, mas que residem no Brasil a menos de dez anos.

A análise do resultado deverá fornecer elementos relevantes para compreensão do que é uma vivência de pessoa solteira, missionária em outra cultura e ajudará as igrejas/ agências no cuidado dessas pessoas enviadas como missionárias solteiras. Além disso, fornecerá elementos importantes para as estratégias destas agências missionárias quanto ao envio de pessoas solteiras para campos missionários multiculturais.

O conteúdo da pesquisa proposta deverá ajudar o/a missionário/a a identificar seu processo de intenção de conjugalidade e suas reais necessidades, e compreender sua subjetividade. Também poderá avaliar sua autoaceitação, discernir sobre benefícios ou não da conjugalidade para seu estilo de vida, compreender as pressões sobre a conjugalidade, oriundas do campo missionário multicultural e analisar seu estilo de fé no enfrentamento.

Deverá também propor ações que ajudem a enxergar de maneira saudável os benefícios de sua condição para a realização de projetos pessoais que só seriam possíveis para solteiros/as, buscando seu espaço na sociedade/igreja/agência para exercer os trabalhos para o quais se sente vocacionado/a e mais satisfeito/a. Além disso, as igrejas/agências poderão compreendê-lo melhor buscando meios mais eficazes de apoio, ajuda e cuidado, sendo, mesmo de longe, a família/corpo de Cristo que promove vida/cura para missionários/as solteiros/as. Na oportunidade de voltar-se sobre si mesmo/a ao narrar a experiência pessoal, para o caso de sentir-se à vontade para isso, acredita-se que novas percepções do seu próprio processo contribuam para sua melhor compreensão benéfica de si mesmo.

Está sendo esclarecido sobre os riscos de constrangimento ao falar de si, de sua fé, da conjugalidade, de sua cultura, além de algum possível desconforto emocional. Para esses casos, a pesquisadora se dispõe a buscar e prover, para quem quiser, ajuda pastoral e/ou psicológica através do grupo de pesquisa deste trabalho.

A minha participação neste estudo será responder às perguntas da entrevista. Fui informado(a) que as entrevistas ficarão em poder da pesquisadora, em local protegido, não sendo, sob hipótese nenhuma, repassadas a terceiros. Devo levar em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Da mesma forma, fui informado/a da possibilidade de responder somente as perguntas das quais me sinto a vontade e que não sou obrigado a responder o que não me convém.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de que, se desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o projeto, com a qual eu poderei manter contato é: **Mariluce Emerim de Melo August**, Doutoranda do Programa de Pós-graduação da PUCPR, através dos telefones 96347163 e 33774816, email: marilucearq@gmail.com, Rua Padre Dehon, 3405 – Boqueirão, Curitiba-PR, sob orientação do prof. Dr. Marcio Luis Fernandes – PUCPR.

É garantido ainda o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o **CEP PUCPR (41) 3271-2292** ou mandar um email para nep@pucpr.br.

Curitiba, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do (a) colaborador (a) da pesquisa:

Pesquisadora responsável: MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – GRUPO 2 – NATIVOS E NATIVAS

Eu, _____, Nacionalidade _____ Idade _____
 Estado civil _____, Profissão _____, CI _____,
 Endereço _____,

estou sendo convidado/a a participar de um estudo denominado **“PESSOAS SOLTEIRAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS EM MISSÕES NA ÁFRICA E SUAS QUESTÕES DE CONJUGALIDADE E FÉ – UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA”**.

Este é o tema de estudo para a tese de doutorado na linha de pesquisa “Teologia e Sociedade” do programa de pós-graduação em teologia da PUCPR, no qual se pretende construir teorias sobre a vivência de fé com suas diferenças em relação a conjugalidade na comparação com costumes de outros povos, especialmente para pessoas solteiras missionárias.

A religiosidade está tão intimamente ligada ao modo de vida dos povos que é praticamente impossível desconsiderá-la, ainda mais quando se trata do comportamento humano em seus diversos valores. Qual é o valor da conjugalidade numa cultura africana? Em que ela é diferente da cultura ocidental? Como a religiosidade e fé nas várias culturas afeta e é afetada na questão da conjugalidade? Estas são perguntas essenciais para uma verdadeira compreensão da questão da solteirice de pessoas protestantes em campos missionários africanos.

Os dados para análise serão obtidos de entrevistas semiestruturadas a serem realizadas com pelo menos 25 pessoas de diversas igrejas protestantes, que atuam ou já atuaram por mais de 3 anos como missionárias solteiras, com mais de 25 anos de idade, em países africanos de língua portuguesa. O objeto deste estudo pretende ser compreendido também através de pelo menos 10 entrevistas semiestruturadas com pessoas adultas naturais de países africanos de língua portuguesa, ou naturais destes países, mas que residem no Brasil a menos de dez anos. A análise do resultado deverá compreender como é a vivência de pessoa solteira, missionária em outra cultura e ajudará as igrejas/ agências no cuidado dessas pessoas enviadas como missionárias solteiras.

A minha participação neste estudo será responder às perguntas da entrevista. Fui informado(a) que as entrevistas ficarão em poder da pesquisadora, em local protegido, não sendo, sob hipótese nenhuma, repassadas a terceiros.

Fui alertado(a) de que, esta pesquisa, pode contribuir com as pesquisas que estão sendo realizadas nessa área. Devo levar em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Fui informado/a da possibilidade de responder somente as perguntas das quais me sinto a vontade e que não sou obrigado a responder o que não me convém. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de que, se desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o projeto, com a qual eu poderei manter contato é: **Mariluce Emerim de Melo August**, Doutoranda do Programa de Pós-graduação da PUCPR, através dos telefones 96347163 e 33774816, email: **marilucearq@gmail.com**, Rua Padre Dehon, 3405 – Boqueirão, Curitiba-PR, sob orientação do prof. Dr. Marcio Luis Fernandes – PUCPR.

É garantido também o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientado(a) sobre o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o **CEP PUCPR (41) 3271-2292** ou mandar um email para **nep@pucpr.br**.

Curitiba, _____ de _____ de _____.

Nome e assinatura do (a) colaborador (a) da pesquisa:

Pesquisadora responsável: MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

“PESSOAS SOLTEIRAS PROTESTANTES BRASILEIRAS EM MISSÕES NA ÁFRICA E SUAS QUESTÕES DE CONJUGALIDADE E FÉ – UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA” é o título desta pesquisa que está sendo realizada no programa de Pós-Graduação em Teologia – Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Tem como objetivo compreender como as pessoas solteiras protestantes brasileiras em missões na África de língua portuguesa percebem a si mesmas, a sua fé, a fé das pessoas locais em campos missionários, a sua igreja/ agência de origem, a sua conjugalidade e a sua visão de sucesso no campo missionário como pessoa solteira.

A análise do resultado desta pesquisa deverá fornecer elementos relevantes para a compreensão do que é uma vivência de pessoa solteira, missionária em outra cultura e ajudará as igrejas/ agências no cuidado dessas pessoas enviadas como missionárias solteiras. Além disso, fornecerá elementos importantes para as estratégias destas agências missionárias quanto ao envio de pessoas solteiras para campos missionários africanos.

Deste modo, solicitamos a autorização dessa instituição para a aplicação de uma entrevista semi-estruturada junto a pessoas vinculadas a esta instituição que foram enviadas a campos missionários africanos de língua portuguesa.

Para evidenciar as experiências de pessoas em campos missionários, considerar-se-ão somente as pessoas que estão ou estiveram pelo menos três anos no campo missionário, independente do tempo em que voltaram ao Brasil. Num primeiro grupo pretende-se entrevistar pelo menos 25 pessoas brasileiras, de ambos os gêneros, que permaneceram solteiras na idade acima de 25 anos, enquanto atuavam, por pelo menos três anos, em campos missionários africanos. Serão convidadas as pessoas de igrejas/ agências de confissão evangélica/ protestante, e que estejam amparadas/ enviadas por uma igreja/ agência local brasileira a qual se solicita autorização por escrito ou via email. Para um segundo grupo, serão entrevistadas pelo menos 10 pessoas de ambos os gêneros, provenientes de países africanos e residentes no Brasil a menos de 10 anos. Serão contactadas também, via *Skype*, algumas pessoas residentes em países africanos, com entrevista gravada autorizada pelas mesmas. Os termos de consentimento livre e esclarecido serão lidos. Será solicitado uma autorização verbal gravada, quando não for possível colher assinatura.

Não serão selecionadas pessoas que não concordem com o teor da pesquisa. Não serão consideradas pessoas com menos de 25 anos de idade e que permaneceram menos de três anos solteiras, em campo missionário multicultural africano. As pessoas entrevistadas serão informadas de que as entrevistas gravadas e posteriormente transcritas ficarão em poder da pesquisadora, em local protegido, não sendo, sob hipótese nenhuma, repassadas a terceiros. Os riscos e benefícios da participação da pesquisa estão sendo esclarecidos nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido que serão assinados por cada participante.

É garantido à instituição, o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que a instituição quiser saber antes, durante e depois da pesquisa. Os participantes serão abordados e convidados a participarem da pesquisa voluntariamente, garantindo-lhes sigilo e orientando sobre todo o procedimento e a aplicação do instrumento. Desde já a pesquisadora agradece a colaboração neste projeto e se coloca à disposição para quaisquer esclarecimentos que forem necessários, tanto no que diz respeito ao conteúdo detalhado do projeto quanto os procedimentos teórico-metodológicos em relação à entrevista.

A pesquisadora envolvida com o projeto com a qual eu poderei manter contato é: **Mariluce Emerim de Melo August**, Mestranda do Programa de Pós-graduação da PUCPR, através dos telefones 96347163 e 33774816, marilucearq@gmail.com, Rua Padre Dehon, 3405 – Boqueirão, Curitiba-PR, sob orientação do prof. Dr. Marcio Luis Fernandes – PUCPR.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP PUCPR (41) 3271-2292 ou mandar um email para nep@pucpr.br.

Pesquisadora Responsável: MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a realização desta pesquisa sobre “**Pessoas solteiras protestantes brasileiras em missões na África e suas questões de conjugalidade e fé – uma análise fenomenológica**” com pessoas enviadas e/ ou vinculadas a esta instituição.

Nome Completo do Responsável: _____

Cargo: _____

Assinatura: _____ Data: ____ / ____ / ____.

Nome da Instituição: _____

Endereço: _____

Telefone : _____ - _____.

ANEXO 1 – SUBMISSÃO NA PLATAFORMA BRASIL



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: PESSOAS SOLTEIRAS PROTESTANTES BRASILEIRAS EM MISSÕES NA ÁFRICA E SUAS QUESTÕES DE CONJUGALIDADE E FÊZ UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA		2. Número de Participantes da Pesquisa: 35	
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST			
6. CPF: 380.927.000-87		7. Endereço (Rua, n.º): PADRE DEHON 3405 BOQUEIRAO CASA 1 CURITIBA PARANA 81670100	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: (41) 3377-4816	10. Outro Telefone:
		11. Email: marilucearq@gmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>5</u> / <u>10</u> / <u>2015</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Associação Paranaense de Cultura - PUCPR		13. CNPJ:	
		14. Unidade/Orgão: Pontifícia Universidade Católica do Parana - PUCPR	
15. Telefone:		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>KLEBER BEZ BIRILO CANDIOTTO</u>		CPF: <u>029.800.169-48</u>	
Cargo/Função: <u>DECANO</u>			
Data: <u>5</u> / <u>10</u> / <u>2015</u>		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			
		 Prof. Kleber B.B. Candiotto Decano Escola de Educação e Humanidades	

ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Título da Pesquisa: PESSOAS SOLTEIRAS PROTESTANTES BRASILEIRAS EM MISSÕES NA ÁFRICA E SUAS QUESTÕES DE CONJUGALIDADE E FÉ - UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Pesquisador: MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 50731215.4.0000.0020

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA EDUCACAO

DADOS DO PARECER Número do Parecer: 1.328.066

Apresentação do Projeto: O projeto visa compreender como as pessoas solteiras protestantes brasileiras em missões na África percebem a si mesmas, a sua fé, a sua igreja/ agência de origem, a sua conjugalidade e a sua compreensão de sucesso no campo missionário. A pesquisa qualitativa/ descritiva percebe o mundo social através dos fenômenos, buscando as vivências, as experiências e a cotidianidade e, utilizando-se da fenomenologia como método, compreenderá os processos observados que constituem os sujeitos e suas vivências.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral: Estabelecer um referencial teórico/prático a partir de levantamento em pesquisa de campo, sobre a subjetividade e intenção de casamento não resolvida para pessoas solteiras evangélicas protestantes brasileiras, atuantes em culturas africanas de língua portuguesa, suas consequências para a vida de fé e as formas de enfrentamento por parte do/a missionário/a e de sua igreja/agência.

Objetivos Específicos:

Identificar diversas formas de compreender a fé, e a relação destas formas de viver a fé em pessoas solteiras atuantes em campos missionários, com os aspectos que consideram êxito ou fracasso em sua atuação missionária.

Identificar questões de intenção de conjugalidade não resolvida em missionários/as brasileiras em outras culturas, compreendendo sua subjetividade e suas formas de enfrentamento;

Descrever e analisar através da fenomenologia os dados da pesquisa de campo sobre a conjugalidade e fé multiculturais e êxito missionário.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

3.1.5 Riscos

Para ambos o grupos, será esclarecido sobre os riscos de constrangimento ao falar de si, de sua fé, da conjugalidade, de sua cultura, além de algum possível desconforto emocional. Para esses casos, a pesquisadora esclarecerá que se dispõe a buscar e prover, para quem quiser, ajuda pastoral e/ou psicológica através do grupo de pesquisa correspondente a este trabalho.

3.1.6 Benefícios

O conteúdo da pesquisa proposta poderá ajudar o/a missionário/a a identificar seu processo de intenção de conjugalidade e suas reais necessidades, além de compreender sua subjetividade e expressão de fé. Também poderá avaliar sua autoaceitação, discernir sobre benefícios ou não da conjugalidade para seu estilo de vida, compreender as pressões sobre a conjugalidade, oriundas do campo missionário multicultural e analisar seu estilo de fé no enfrentamento.

Deverá também propor ações que ajudem a enxergar de maneira saudável os benefícios de sua condição para a realização de projetos pessoais que só seriam possíveis para solteiros/as, buscando seu espaço na sociedade/igreja/agência para exercer os trabalhos para o quais se sente vocacionado/a e mais satisfeito/a. Além disso, as igrejas/agências poderão compreendê-lo melhor buscando meios mais eficazes de apoio, ajuda e

cuidado, sendo, mesmo de longe, a família/corpo de Cristo que promove vida/cura para missionários/as solteiros/as. Na oportunidade de voltar-se sobre si mesmo/a ao narrar a experiência pessoal, para o caso de sentir-se à vontade para isso, acredita-se que novas percepções do seu próprio processo contribuam para sua melhor compreensão benéfica de si mesmo.

Além disso, a pesquisa pode trazer benefícios decorrentes da compreensão dos processos envolvidos na maneira de viver, que sendo evidenciados, poderão contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas solteiras e a dinâmica das comunidades, além de contribuir com pesquisas realizadas nessa área.

Para o grupo de africanos, será esclarecido sobre a importância de que eles tenham missionários estrangeiros em seu país que compreendam melhor seu modo de viver, e conseqüentemente respeitando a maneira como pensam e vivem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: Projeto muito bem desenvolvido, bastante claro e detalhado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Adequados.

Recomendações: Sugere-se que seja enviado e-mail aos entrevistados no exterior para obter a concordância em relação aos procedimentos de pesquisa, apenas a título de garantia e antecipação do entrevistado em relação aos termos da pesquisa e do que está sendo autorizado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP: Lembramos aos senhores pesquisadores que, no cumprimento da Resolução 466/12, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios anuais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê. Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do estudo. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP PUCPR de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificado e as suas justificativas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_602196.pdf	04/11/2015 22:15:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura - Investigador	PROJETO_CEP_V1.doc	04/11/2015 22:12:13	MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST	Aceito
Outros	AUTORIZ_V1.doc	04/11/2015 22:08:15	MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento Justificativa de Ausência	TERMO_V1.doc	04/11/2015 22:06:04	MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST	Aceito
Outros	Entrevista_V1.doc	06/10/2015 14:58:44	MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	06/10/2015 14:40:20	MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não
CURITIBA, 18 de Novembro de 2015.

Assinado por:
NAIM AKEL FILHO
(Coordenador)